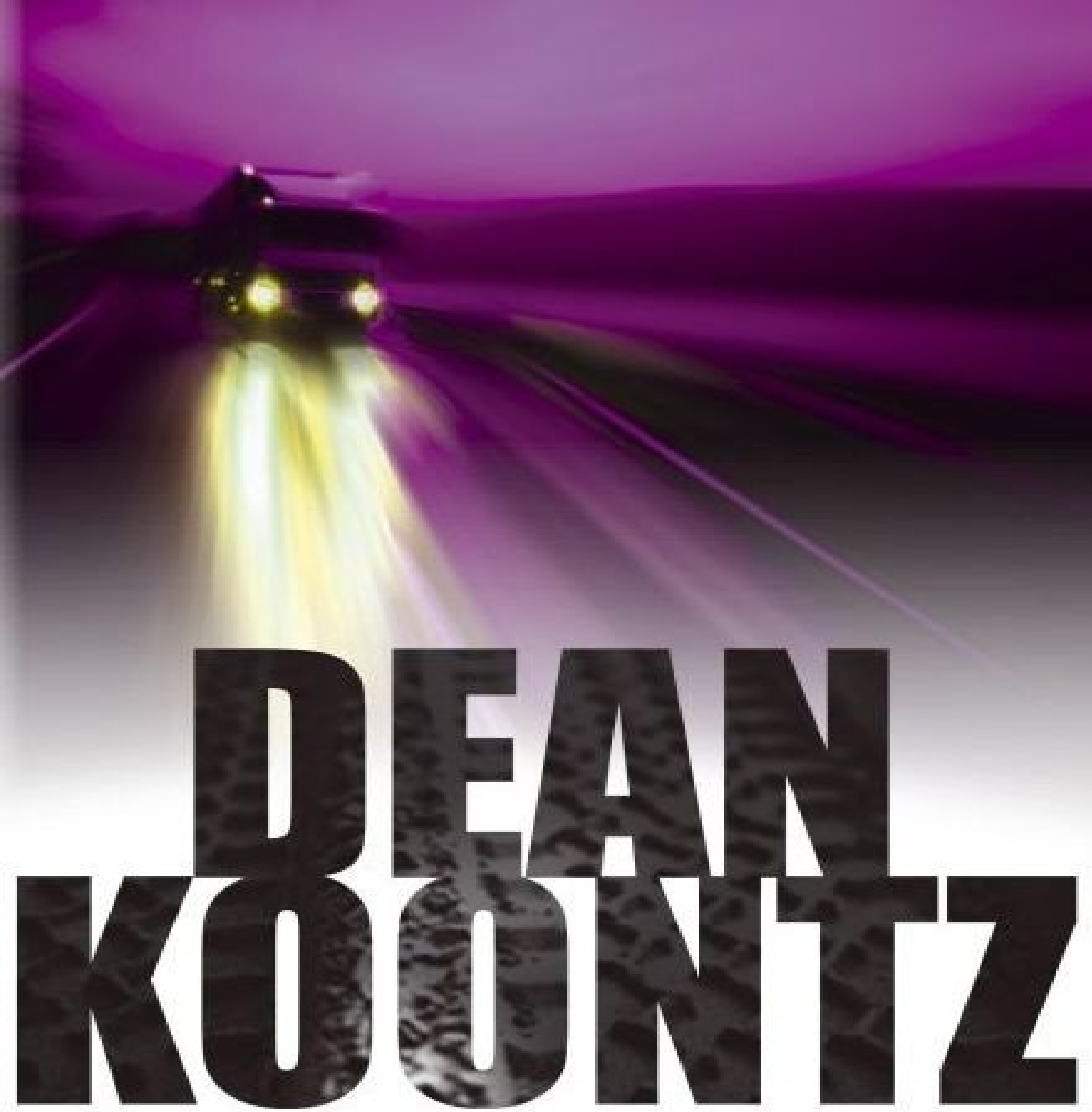


DEAN KOONTZ

BEST-SELLER INTERNACIONAL

VELOCIDADE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

VELOCIDADE

KONTZ

Dean R. Koontz
Velocidade
Título original: VELOCITY
Copyright © 2005 by Dean Koontz
Publicado por acordo com Lennart Sane Agency AB
EDIÇÃO: Izabel Aleixo
Jancy Medeiros
TRADUÇÃO: Alves Calado
REVISÃO DE TRADUÇÃO: Gisele Porto
REVISÃO: Antônio dos Prazeres
Maria Beatriz Branquinho
Diagramação Tatiana Tabak
PRODUÇÃO GRÁFICA: Ligia Barreto Gonçalves
PROJETO GRÁFICO
Guilherme Schneider
Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Todos os direitos reservados.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
K86v Koontz, Dean R. (Dean Ray), 1945- / Dean Koontz ; tradução Alves Calado.
Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006
Tradução de: Velocity
ISBN 85-209-1883-2 . Ficção policial. 2. Romance americano.
I. Alves-Calado, Ivanir, 1953-. I . Título.
CDD 813 CDU 821.111(73)-3
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 - Botafogo - 22251-050
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: (21) 2131-1111 - Fax: (21) 2537-265.9
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sinopse

Billy Wiles é um rapaz pacato e trabalhador que leva uma vida calma e comum. Mas isso está prestes a mudar.

Certa noite, após o seu turno de trabalho como barman, ele encontra no limpador de para-brisa de seu carro um bilhete datilografado: Se você não levar este bilhete à polícia, vou matar uma linda professora loura em algum lugar do condado de Napa. Se você levar este bilhete à polícia, matarei uma mulher idosa que faz obras de caridade.

Você tem seis horas pra decidir A escolha é sua.

Parece uma brincadeira doentia, e Lanny Olsen, um policial amigo de Billy, concorda com isso. Ele aconselha Billy a ir para casa e deixar aquilo de lado. Além do mais, o que eles poderiam fazer se levassem o bilhete a sério? Nenhum crime havia sido cometido. No entanto, menos de 24 horas depois, uma jovem e bela professora loura é encontrada morta, e Billy é o culpado: ele não fez com que a polícia se envolvesse no caso. Agora ele tem um outro bilhete, um outro prazo, um outro ultimato... e duas novas vidas por um fio.

De repente, a vida comum e aparentemente inócua de Billy ganha a dimensão e a de um pesadelo acelerado. Porque os bilhetes estão vindo mais depressa, os prazos estão ficando mais curtos e o assassino se tornando mais ousado e mais cruel a cada contato... até que Billy é acometido pela terrível noção de que ele sozinho tem o poder de vida e morte sobre as vítimas inocentes de um psicopata. Até que a luta entre o bem e o mal se torna intensamente pessoal. Até que as palavras mais arrepiantes sejam: A escolha é sua.

Este livro é dedicado a Donna e Steve Dunio, Vito e Lynn Cerra, Ross e Rosemary Cerra.

Nunca vou descobrir por que Gerda me disse sim.

Mas agora sua família tem um ramo louco.

Um homem pode ser destruído, mas não derrotado.

ERNEST HEMINGWAY, *O velho e o mar*

E agora viveis dispersos nas estradas que se esgalham,
E ninguém sabe ou cuida quem lhe pode ser o próximo,
A menos que seu vizinho promova muita algazarra,
Mas em seus carros, indo ou vindo, todos se despencam.
Íntimos das estradas e sem pouso em parte alguma.
T. S. ELIOT, refrão de *A rocha*

PARTE 1

A Escolha é sua

Capítulo 1

Com chope e um sorriso, Ned Pearsall brindou seu falecido vizinho, Henry Friddle, cuja morte lhe agradava tremendamente. Henry tinha sido morto por um anão de jardim. Caiu do telhado de sua casa de dois andares sobre aquela figura jovial. O anão era feito de concreto. Henry, não.

Pescoço partido, crânio rachado: morreu na hora. Essa morte por anão tinha acontecido havia quatro anos. Ned Pearsall ainda brindava o falecimento de Henry pelo menos uma vez por semana. Agora, num banco perto da curva do lustroso balcão de mogno, um forasteiro, o único outro freguês, estava curioso com a natureza persistente da animosidade de Ned.

— Até que ponto o coitado podia ser um vizinho tão ruim para você continuar com essa indignação contra ele? Normalmente, Ned teria ignorado a pergunta, Gostava ainda menos de turistas do que de donuts. O bar oferecia tigelas grátis de donuts porque eram baratas. Ned preferia manter sua sede com amendoins bem salgados.

Para que Ned continuasse dando gorjetas, Billy Wiles, que servia no balcão, ocasionalmente lhe dava um saco de amendoins salgados. Na maioria das vezes, Ned tinha de pagar pelos amendoins. Isso o deixava furioso, fosse por não conseguir entender as realidades econômicas de se manter um bar ou por gostar de ficar furioso — provavelmente, a segunda hipótese.

Apesar de ter uma cabeça que lembrava uma bola de squash e os ombros pesados e redondos de um lutador de sumo, Ned só era atlético se você achasse que papo furado de bar e ressentimentos se qualificavam como esportes. Nessas modalidades, ele era digno das Olimpíadas. Se o assunto era Henry Friddle, Ned podia ser tão falante com os forasteiros quanto com quem morava em Vineyard Hills desde

que nasceu. Quando, como agora, o único freguês além dele era um estranho, Ned achava o silêncio ainda menos agradável do que a conversa com um "diabo de um forasteiro".

O próprio Billy nunca fora muito falante, nunca fora daqueles barman que consideravam o balcão um palco. Só ficava escutando.

Ao forasteiro, Ned declarou: — Henry Friddle era um porco.

O estranho tinha cabelos pretos como carvão, com traços grisalhos nas têmporas, olhos cinzentos brilhando e voz suavemente ressonante.

— Esta é uma palavra forte: porco.

— Sabe o que o tarado estava fazendo em cima da casa? Tentando mijar na janela da minha sala de jantar.

Enxugando o balcão, Billy Wiles nem olhou para o turista.

Tinha ouvido a história tantas vezes que já sabia como as pessoas reagiam a ela.

— Friddle, o porco, achou que a altura daria mais distância ao jorro — explicou Ned.

— O que ele era? — perguntou o estranho. — Engenheiro aeronáutico? — Professor universitário. Ensinava literatura contemporânea.

— Talvez esse tipo de leitura o tenha levado ao suicídio — disse o turista, o que o tornou mais interessante do que Billy havia pensado a princípio.

— Não, não — reagiu Ned, impaciente. — A queda foi acidental.

— Estava bêbado? — Por que acha que ele estaria bêbado? — O estranho deu de ombros.

— Ele subiu num telhado para urinar na sua janela.

— O sujeito era doente — explicou Ned, batendo com um dedo no copo vazio para indicar que queria outra bebida.

Enquanto tirava o chope, Billy falou: — Henry Friddle era consumido pela vingança.

Depois de uma comunhão silenciosa com sua cerveja, o turista perguntou a Ned Pearsall: — Vingança? Então, você urinou na janela de Friddle primeiro? — Não foi a mesma coisa, de jeito nenhum — alertou Ned, num tom áspero que aconselhava o estranho a evitar julgamentos.

— Ned não fez isso de cima do telhado — explicou Billy.

— É mesmo. Fui até a casa dele, como homem, parei no gramado e mirei na janela da sala de jantar.

— Na hora, Henry e a mulher estavam jantando — completou Billy.

Antes que o turista pudesse exprimir repulsa pelo momento da agressão, Ned falou: — Estavam comendo codorna, pelo amor de Deus! — Você mijou na janela porque eles estavam comendo codorna? Ned bufou, exasperado.

— Não, claro que não. Eu pareço maluco? E revirou os olhos para Billy.

Billy ergueu as sobrancelhas como se dissesse: o que você espera de um turista? — Só estou tentando mostrar como eles eram pretensiosos — esclareceu Ned —, sempre comendo codorna, lesmas ou acelga.

— Sacanas metidos a besta — disse o turista, com um tempero tão leve de zombaria que Ned Pearsall não o detectou, mas Billy sim.

— Exato — confirmou Ned. — Henry Friddle tinha um Jaguar; e a mulher tinha um carro... você não vai acreditar: um carro feito na Suécia.

— Detroit era comum demais para eles — supôs o turista.

— Exato. Como é que alguém pode ser esnobe a ponto de trazer um carro lá da Suécia? — Aposto que eram apreciadores de vinho.

— É isso aí! Você conhecia os dois? — Só conheço o tipo. Tinham um monte de livros.

— Acertou na mosca. Eles ficavam sentados na varanda da frente, cheirando vinho, lendo livros.

— E em público. Imagine só. Mas, se você não mijou na janela da sala de jantar porque eles eram esnobes, por que fez isso? — Mil motivos — garantiu Ned. — O incidente do gambá.

O incidente do adubo de gramado. As petúnias mortas.

— E o anão de jardim — acrescentou Billy, enquanto lavava copos na pia do balcão.

— O anão de jardim foi a gota d'água — concordou Ned.

— Entendo que alguém seja levado à urinação agressiva por causa de flamingos de plástico rosa-choque — disse o turista. — Mas, francamente, por causa de um anão! Ned fez uma careta, lembrando-se da afronta.

— Ariadne fez o anão com a minha cara.

— Ariadne? — A mulher de Henry Friddle. Já ouviu nome mais pretensioso? — Bem, o sobrenome Friddle faz com que fique mais pé-no-chão.

— Ela era professora de arte na mesma faculdade. Esculpiu pessoalmente o anão, criou o molde, derramou o concreto e pintou.

— Ter uma escultura inspirada em você pode ser uma honra. A espuma de chope no lábio superior de Ned lhe deu uma aparência encolerizada quando ele protestou.

— Era um anão, meu chapa. Um anão bêbado. O nariz era vermelho como uma maçã. Ele segurava uma garrafa de cerveja em cada mão.

— E a braguilha estava aberta — acrescentou Billy.

— Muitíssimo obrigado por lembrar — resmungou Ned. — Pior, tinha uma cabeça e um pescoço de ganso morto saindo da calça.

— Que criativo! — comentou o turista.

— A princípio, eu não sabia que diabo aquilo significava...

— Simbolismo. Metáfora.

— É, é. Eu deduzi. Todo mundo que passava pela casa deles olhava aquilo e morria de rir às minhas custas.

— Nem seria preciso ver o anão para isso — observou o turista.

Entendendo mal, Ned concordou: — É mesmo. Só de ouvir dizer, as pessoas riam. Por isso, arrebentei o anão com uma marreta.

— E eles processaram você.

— Pior. Puseram outro anão. Achando que eu ia arrebentar o primeiro, Ariadne tinha moldado e pintado um segundo.

— E eu que achava que a vida era tranqüila aqui na região vinícola! — Aí — continuou Ned —, eles disseram que, se eu arrebentasse o segundo, iam colocar um terceiro no gramado, e além disso, iriam fazer um monte e vender a preço de custo a qualquer um que quisesse um anão Ned Pearsall.

— Parece uma ameaça inócua — disse o turista. — Haveria gente para comprar uma coisa dessas? — Dezenas de pessoas — garantiu Billy.

— Esta cidade virou um lugar ruim desde que o pessoal do patê-com-brie começou a vir de São Francisco — observou Ned, carrancudo.

— E como você não ousou dar marretadas no segundo anão, ficou sem outra saída além de mijar na janela deles.

— Exato. Mas não fui assim, de qualquer jeito. Pensei na situação durante uma semana. Depois, esguichei na casa deles.

— Em seguida, Henry Friddle subiu no telhado com a bexiga cheia, sedento de justiça.

— É. Mas esperou até eu fazer um jantar de aniversário para a minha mãe.

— Imperdoável — garantiu Billy.

— A máfia ataca membros inocentes da família dos outros? — perguntou Ned, indignado.

Ainda que a pergunta fosse retórica, Billy trabalhou pela gorjeta: — Não. A máfia tem classe.

— Uma palavra que esses professores nem sabem soletrar — disse Ned. — Mamãe estava fazendo 76 anos. Podia ter tido um ataque cardíaco.

— Então — insistiu o turista —, enquanto tentava urinar na janela de sua sala de jantar, Friddle caiu do telhado e quebrou o pescoço no anão Ned Pearsall. Bem irônico.

— Não sei se foi irônico — respondeu Ned. — Mas, sem dúvida, foi doce.

— Conte o que sua mãe disse — instigou Billy. Depois de um gole de chope, Ned contou: — Mamãe disse: querido, louve o Senhor. Isso prova que Deus existe.

Depois de um momento para absorver essas palavras, o turista observou: — Ela parece uma mulher bem religiosa.

— Nem sempre foi. Mas aos 72 anos pegou pneumonia.

— Sem dúvida, é conveniente ter Deus num momento assim.

— Mamãe achou que, se Deus existisse, talvez fosse salvá- la. Se não existisse, ela não perderia nada além de algum tempo rezando.

— O tempo é nosso bem mais precioso — alertou o turista.

— Certo. Mas mamãe não gastava muito tempo, porque conseguia rezar vendo televisão.

— Que história inspiradora! — O turista pediu uma cerveja.

Billy abriu uma pretensiosa garrafa de Heineken, pegou outro copo, gelado, e sussurrou: — Esta é por conta da casa.

— Gentileza sua. Obrigado. Estive pensando que, para um barman, você é discreto e tem fala mansa, mas agora talvez eu entenda por quê.

De seu posto solitário mais adiante no balcão, Ned Pearsall levantou o copo num brinde: — À Ariadne. Descanse em paz.

Embora possa ter sido contra a sua vontade, o turista se interessou de novo. Perguntou a Ned: — Não foi outra tragédia com um anão, foi? — Câncer. Dois anos depois de Henry cair do telhado. Eu gostaria que isso não tivesse acontecido.

Enquanto derramava a Heineken no copo inclinado, o estranho falou: — A morte tem a capacidade de colocar em perspectiva nossas pequenas questões mesquinhas.

— Sinto falta dela — disse Ned. — A dona tinha os peitões mais espetaculares, e nem sempre usava sutiã.

O turista se remexeu.

— Ela trabalhava no jardim ou ia passear com o cachorro — lembrou Ned, quase sonhador — e aquele belo par de tetas balançava e bamboleava de um jeito tão doce que era de tirar o fôlego.

O turista verificou o próprio rosto no espelho atrás do balcão, talvez para ver se aparentava estar tão pasmo quanto se sentia.

— Billy — perguntou Ned —, ela não tinha as tetas mais belas que a gente podia ter esperança de ver? — Tinha — concordou Billy.

Ned desceu do banco, cambaleou em direção ao banheiro masculino e parou junto ao turista.

— Mesmo quando o câncer acabou com ela, as mamas não encolheram. Quanto mais magra ficava, maiores pareciam, proporcionalmente. Perto de morrer, ela era um tesão. Que desperdício, hein, Billy? — Que desperdício — ecoou Billy, enquanto Ned se encaminhava para o banheiro.

Depois de um silêncio compartilhado, o turista disse: — Você é um sujeito interessante, Billy Barman.

— Eu nunca mijei na janela de ninguém.

— Você é como uma esponja, acho. Absorve tudo.

Billy pegou um pano de pratos e poliu alguns copos de cerveja que tinham sido lavados e enxugados.

— Mas também é uma pedra — continuou o turista. — Porque, se for espremido, não devolve nada.

Billy continuou polindo os copos.

Os olhos cinzentos, brilhando, iluminaram-se ainda mais.

— Você é um homem com uma filosofia, o que é incomum atualmente, quando a maior parte das pessoas não sabe quem é, em que acredita, nem por quê.

Esse também era um estilo de papo de bar com o qual Billy estava familiarizado, mas que não ouvia com freqüência.

Comparadas às arengas de Ned Pearsall, essas observações bêbadas podiam parecer eruditas; mas não passavam de psicanálise regada a cerveja.

Ficou desapontado. Por um breve instante, o turista parecera diferente dos bundões usuais que esquentavam o vinil dos bancos.

Sorrindo, balançando a cabeça, Billy falou: — Filosofia. Você me dá crédito demais. O turista tomou um gole de Heineken.

Ainda que não tivesse pretendido dizer mais, Billy ouviu-se continuando: — Fique na moita, fique quieto, mantenha a coisa simples, não espere muito, curta o que tem.

O estranho sorriu.

— Seja autossuficiente, não se envolva, deixe o mundo ir para o inferno, se quiser.

—Talvez — admitiu Billy.

— Digamos que não é Platão, mas é uma filosofia.

— Você tem alguma filosofia.

— Neste momento, acredito que minha vida será melhor e mais significativa se eu simplesmente evitar outras conversas com o Ned.

— Isso não é filosofia. É fato.

Às 16h10, Ivy Elgin veio trabalhar. Era uma garçonete boa como qualquer outra, e objeto de desejos sem igual. Billy gostava de Ivy, mas não sentia desejo por ela. A falta de tesão dele o tornava único entre os homens que trabalhavam ou bebiam no bar.

Ivy tinha cabelo cor de mogno, olhos límpidos cor de conhaque e o corpo que Hugh Hefner, fundador da Playboy, passara a vida procurando. Mesmo com 24 anos, parecia genuinamente não perceber que era a fantasia masculina essencial em carne e osso. Jamais era sedutora. Às vezes, podia flertar, mas só de modo cativante. A beleza e a sinceridade quase infantil formavam uma combinação tão erótica que seu sorriso já bastava para deixar um sujeito comum pegando fogo.

— Oi, Billy — disse Ivy, indo direto ao balcão. — Vi um gambá morto na Old Mill Road, a uns quatrocentos metros da Kornell Lane.

— Morto naturalmente ou atropelado? — Totalmente atropelado.

— O que você acha que isso significa? — Nada específico, por enquanto — respondeu ela, entregando a bolsa para ele guardar atrás do balcão. — É a primeira coisa morta que vejo em uma semana, portanto, depende de outros cadáveres aparecerem, se aparecer algum.

Ivy acreditava que era uma arúspice. Os arúspices, uma classe de sacerdotes na Roma antiga, adivinhavam o futuro nas entranhas de animais mortos nos sacrifícios. Eram respeitados, até mesmo reverenciados pelos outros romanos, mas provavelmente não recebiam muitos convites para festas. Ivy não era mórbida. A aruspicação não ocupava o centro de sua vida. Raramente falava sobre isso aos fregueses. E não tinha estômago para remexer entranhas. Para uma arúspice, era exageradamente sensível. Em vez disso, encontrava significados na espécie do cadáver, nas circunstâncias de sua descoberta, na posição deste em relação aos pontos cardeais e em outros aspectos ocultos de seu estado. Suas previsões raramente se confirmavam, se é que se confirmavam, mas Ivy persistia.

— O que quer que isso signifique — disse a Billy, enquanto pegava o bloco de pedidos e um lápis —, é mau sinal. Um gambá morto nunca indica boa sorte.

— Já notei isso.

— Especialmente quando o focinho está apontado para o norte e o rabo para o leste.

Homens sedentos passaram pela porta logo depois de Ivy, como se ela fosse a miragem de um oásis que eles tivessem perseguido o dia inteiro. Apenas alguns sentaram-se junto ao balcão; os outros a mantinham indo de mesa em mesa.

Ainda que a freguesia de classe média do bar não fosse gastadora, as gorjetas recebidas por Ivy excediam o que ela poderia ganhar se obtivesse um doutorado em economia.

Uma hora depois, às cinco, Shirley Trueblood, a segunda garçonete da noite, chegou para o trabalho. Com 56 anos, atarracada, usando perfume de jasmim, Shirley tinha seu próprio séquito. Certos homens nos bares sempre queriam uma figura materna. Algumas mulheres também. Ben Vernon, o cozinheiro do turno do dia, especializado em pedidos rápidos, foi para casa. O cozinheiro do turno da noite, Ramon Padillo, assumiu o posto. O local oferecia apenas

comida de bar: cheeseburgers, batatas fritas, asas de galinha com molho picante, quesadillas, nachos... Ramon tinha notado que, nas noites em que Ivy Elgin trabalhava, os pratos temperados eram vendidos em maior quantidade do que quando a garçonete não era ela. Os caras pediam muito mais coisas com molho apimentado, gastavam muito mais vidros de Tabasco e pediam jalapeños fatiados nos hambúrgueres.

— Acho — disse uma vez a Billy — que estão inconscientemente acumulando calor nas gônadas para estar preparados, caso ela ceda a eles.

— Ninguém nessa espelunca tem a menor chance com Ivy — garantiu Billy.

— Nunca se sabe — disse Ramon timidamente.

— Não diga que você também está comendo pimenta.

— Tanta, que às vezes tenho uma azia de matar, à noite.

Mas estou pronto.

Com Ramon, chegou o barman da noite, Steve Zillis, cujo turno se sobrepunha ao de Billy durante uma hora. Com 24 anos, era dez anos mais novo do que Billy, mas vinte anos menos maduro. Para Steve, o auge do humor sofisticado era qualquer versinho suficientemente obsceno para fazer homens adultos ruborizarem. Era capaz de dar nós num cabinho de cereja usando apenas a língua, encher a narina direita com amendoins e dispará-los, com precisão, num copoalvo, e soprar fumaça de cigarro pela orelha direita.

Como sempre, Steve pulou por cima da portinhola do balcão, em vez de empurrá-la.

— Como vão as coisas. Gafanhoto? — Falta uma hora para eu sair e pegar minha vida de volta — respondeu Billy.

— Isso aqui é vida — protestou Steve. — É o centro da ação. A tragédia de Steve Zillis era que falava a sério. Para ele, esse bar comum era um cabaré cheio de glamour.

Depois de amarrar um avental, pegou três azeitonas numa tigela, fez malabarismos com elas em espantosa e pegou uma de cada vez com a boca. Quando dois bêbados no balcão aplaudiram ruidosamente, Steve se deleitou com os aplausos como se fosse o principal tenor na Metropolitan Opera e tivesse obtido a adulação de uma platéia refinada e erudita.

Apesar da aflição da companhia de Steve Zillis, a última hora do turno de Billy passou depressa. O bar tinha movimento suficiente para manter dois barmen ocupados enquanto os beberrões de fim de tarde atrasavam a ida para casa e os bebuns da noite chegavam.

Na medida do possível, Billy gostava do local nessa hora de transição. Os fregueses estavam no auge da coerência e mais felizes do que ficariam mais tarde, quando o álcool os levasse à melancolia.

Como as janelas davam para o leste e o sol estava no oeste, a luz mais suave do dia pintava os vidros. As luminárias do teto davam um brilho acobreado aos lambris e aos reservados de mogno vermelho queimado. O ar fragrante estava cheio dos perfumes de piso de madeira ao molho de cerveja choca, cera de vela, cheeseburgers, cebola frita. Mas Billy não gostava do lugar o bastante para se demorar além do fim de seu turno.

Em vez disso, partia silencioso como um fantasma se desmaterializando para longe da casa assombrada.

Lá fora, restavam menos de duas horas de luz do verão. O céu era de um elétrico azul Maxfield Parrish no leste e de um azul mais claro no oeste, onde o sol ainda o descorava.

Enquanto chegava perto de seu Ford Explorer, notou um retângulo de papel branco sob o limpador de para-brisa do lado do motorista. Atrás do volante, com a porta ainda aberta, desdobrou o papel, esperando encontrar algum tipo de panfleto anunciando um lava-a-jato ou serviço de empregadas domésticas. Descobriu uma mensagem bem digitada: Se você não levar este bilhete à polícia nem envolvê-la, vou matar uma linda professora loura em algum lugar no condado de Napa. Se levar este bilhete à polícia, matarei uma mulher idosa que faz obras de caridade. Você tem seis horas para decidir. A escolha é sua.

Naquele instante, Billy não sentiu o mundo se inclinar debaixo dele, mas o mundo se inclinou. O mergulho ainda não tinha começado, mas começaria. Logo.

Capítulo 2

Mickey Mouse levou uma bala na garganta. A pistola 9mm estalou mais três vezes em rápida sucessão, despedaçando a cara do Pato Donald. Lanny Olsen, o atirador, morava no final de uma estrada de

asfalto rachado, perto de uma colina pedregosa onde as uvas jamais cresciam. Não tinha vista para o fabuloso Vale do Napa.

Como compensação pelo endereço deselegante, a propriedade era sombreada por lindas ameixeiras e olmos gigantescos, enfeitada por azaléias selvagens. E era isolada. O vizinho mais próximo vivia a uma distância tão grande que Lanny poderia dar festas 24 horas por dia, sete dias por semana, sem perturbar ninguém. Isso não era vantagem para Lanny porque, em geral, ele ia para a cama às nove e meia; sua ideia de festa era uma caixa de cervejas, um saco de batatas fritas e um jogo de pôquer.

Mas a localização de sua propriedade conduzia à prática do tiro ao alvo. Ele era o atirador mais treinado do distrito policial. Quando garoto, queria ser desenhista de animação.

Tinha talento. Os retratos de Mickey Mouse e do Pato Donald, perfeitos como se saídos da Disney e grudados nos fardos de feno, eram obra de Lanny.

Enquanto ejetava o pente vazio da arma, Lanny disse: — Você deveria estar aqui ontem. Acertei na cabeça de 12 Papaléguas, um depois do outro, sem perder um tiro.

— O Coiote ficaria empolgado — ironizou Billy. — Você por acaso atira em alvos comuns? — Qual seria a diversão? — Já atirou nos Simpsons? — Homer, Bart... todos, menos Marge. Marge, nunca.

Lanny poderia ter cursado a escola de artes se seu pai dominador, Ansel, não tivesse decidido que o filho seguiria seus passos entrando para a polícia, como o próprio Ansel tinha seguido os passos do pai.

Pearl, a mãe de Lanny, tinha apoiado na medida em que sua doença permitia. Quando Lanny estava com 16 anos, Pearl foi diagnosticada com linfoma não hodgkins. A radioterapia e os remédios acabaram com Pearl. Mesmo nos períodos em que o linfoma estava controlado, ela não recuperava completamente as forças.

Por medo de que o pai não fosse um bom enfermeiro, Lanny não foi para a escola de artes. Ficou em casa, seguiu carreira na polícia e cuidou da mãe. Inesperadamente, Ansel foi o primeiro a morrer. Parou um motorista que estava correndo demais e o motorista o parou com um 38 à queima- roupa.

Tendo contraído linfoma quando era mais jovem do que o comum, Pearl viveu por um tempo surpreendentemente longo. Tinha morrido havia dez anos, quando Lanny estava com 36. Na época, ainda era jovem o bastante para trocar de carreira e cursar artes. Mas a inércia se mostrou mais forte do que o desejo de uma vida nova. Herdou a casa, uma bela construção vitoriana com elaborados trabalhos de marcenaria e varanda em toda a volta, que ele mantinha em condição impecável. Com uma carreira que era emprego, mas não paixão, e sem família, ele tinha um bocado de tempo livre para a casa.

Enquanto Lanny colocava um pente novo na pistola, Billy pegou no bolso a mensagem datilografada.

— O que você acha disso? Lanny leu os dois parágrafos, enquanto, na calmaria depois dos tiros, os melros voltavam aos galhos altos dos olmos próximos. A mensagem não provocou testa franzida nem sorriso em Lanny, ainda que Billy tivesse esperado uma reação ou outra.

— Onde você pegou isso? — Alguém pôs embaixo do meu limpador de para-brisa.

— Onde o carro estava parado? — Perto do bar.

— Tinha envelope? — Não.

— Você viu alguém vigiando? Quero dizer, quando pegou o papel embaixo do limpador e leu? — Ninguém.

— O que você acha disso? — Foi a pergunta que fiz a você — lembrou Billy.

— Uma brincadeira. Uma piada sem graça.

Olhando as agourentas linhas datilografadas, Billy falou: — Essa foi a minha primeira reação, mas aí...

Lanny ficou de lado, alinhando-se com novos fardos que tinham desenhos de corpo inteiro do Gaguinho e do Pernalonga.

— Mas então você se perguntou: e se...? — Você não? — Claro. Todo policial faz isso, o tempo todo, caso contrário, acaba morto antes da hora. Ou atira quando não deve.

Não fazia muito tempo, Lanny tinha ferido um bêbado agressivo que ele supôs que estivesse armado. Em vez de um revólver, o sujeito estava com um celular.

— Mas a gente não pode ficar para sempre nessa de "e se" — continuou. — É preciso contar com o instinto. E o seu instinto é igual ao meu. É brincadeira. Além do mais, você tem uma ideia de quem fez isso.

— Steve Zillis — disse Billy.

— Bingo.

Lanny assumiu uma postura isósceles para o tiro, a perna direita um quarto atrás, para ter equilíbrio, o joelho esquerdo flexionado, duas mãos na pistola. Respirou fundo e acertou cinco vezes no Gaguinho, enquanto estilhaços de pássaros pretos explodiam dos olmos e partiam para o céu.

Contando quatro tiros mortais e um ferimento, Billy disse: — O negócio... é que isso não parece algo que alguém como Steve faria, ou que poderia fazer.

— Por quê? — Ele é um cara que anda com uma bexiga de borracha no bolso para fazer som de peido quando acha que isso pode ser engraçado.

— O que quer dizer...

Billy dobrou a mensagem datilografada e a enfiou no bolso da camisa.

— Que isso parece complexo demais para o Steve. Muito...

sutil.

— O jovem Steve é quase tão sutil quanto uma diarreia — concordou Lanny.

Retomando a pose, ele gastou a segunda metade do pente contra o Pernalonga, conseguindo cinco tiros mortais.

— E se for de verdade? — perguntou Billy.

— Não é.

— Mas, e se for? — Lunáticos homicidas só fazem jogos assim nos filmes. Na vida real, os assassinos simplesmente matam. O barato deles é o poder, o poder e algumas vezes sexo violento, e não provocar os outros com quebra-cabeças e charadas.

Os cartuchos ejetados cobriam a grama. O sol no oeste poliu os tubos de latão até um tom de ouro sangrento.

Sabendo que não havia aplacado a dúvida de Billy, Lanny continuou: — Mesmo que fosse de verdade, e não é, o que se pode fazer a partir desse bilhete? — Professoras louras, mulheres idosas.

— Em algum lugar do condado de Napa.

— É.

—O condado de Napa não é São Francisco — disse Lanny —, mas também não é uma área despovoada. Há um monte de gente num

monte de cidades. O distrito policial e todas as forças da polícia do condado juntos não têm homens suficientes para cobrir todos os pontos.

— Não é preciso cobrir todos. Ele classifica os alvos: uma professora loura e linda.

— Isso é uma avaliação pessoal — questionou Lanny. — Uma professora loura que você ache linda pode ser um bagulho para mim.

— Não sabia que seus padrões femininos eram tão altos. — Lanny sorriu.

— Sou seletivo.

— De qualquer modo, também há a mulher idosa que faz obras de caridade.

Colocando um terceiro pente na pistola, Lanny disse: — Um monte de mulheres idosas faz obras de caridade.

Elas são de uma geração que se importava com os vizinhos.

— Então, não vai fazer nada? — O que você quer que eu faça? Billy não tinha sugestões, só uma observação.

— Parece que a gente deveria fazer alguma coisa.

— Por natureza, a polícia é reativa, e não proativa.

— Então ele precisa assassinar alguém antes? — Ele não vai assassinar ninguém.

— Ele diz que vai — protestou Billy, — É uma brincadeira de mau gosto. Steve Zillis finalmente se formou na escola de humor de vômito de plástico e de flores que espirram água. — Billy assentiu.

— Provavelmente você está certo.

— Estou totalmente certo.

Indicando o resto das figuras coloridas fixas à parede tripla de montes de feno, Lanny disse: — Agora, antes que o pôr-do-sol estrague minha mira, quero matar o elenco de Shrek.

— Achei que fosse um bom filme.

— Não sou crítico — disse Lanny impaciente. — Só um cara se divertindo e melhorando suas habilidades profissionais.

— Certo, tudo bem, estou saindo. Vejo você no pôquer da sexta-feira.

— Traga alguma coisa.

— Tipo o quê? — José vai trazer o cozido de porco com arroz. Leroy vai trazer cinco tipos de molho e um monte de sacos de

salgadinho. Por que não faz sua torta de tamale? Enquanto Lanny falava, Billy se encolheu.

— Estamos parecendo um grupo de solteironas planejando um chá-de-panela.

— Nós somos patéticos, mas ainda não estamos mortos.

— Como é que dá para saber? — Se eu estivesse morto e no inferno, não me deixariam ter o prazer de desenhar personagens de desenho animado. E isto aqui, sem dúvida, não é o céu.

Quando Billy chegou ao seu Explorer, na entrada de veículos, Lanny Olsen tinha começado a destroçar Shrek, a princesa Fiona, o Burro e seus amigos. O céu do leste era safira. Na abóbada do oeste, o azul tinha começado a se desgastar, revelando ouro por baixo e a sugestão de uma tela vermelha sob o dourado.

Junto ao utilitário esportivo, nas sombras alongadas, Billy olhou por um momento, enquanto Lanny usava sua habilidade de atirador e, pela milésima vez, tentava matar o sonho não realizado de ser desenhista de animação.

Capítulo 3

Nem mesmo uma princesa encantada, dormindo na torre de um castelo, sonhando anos sem fim até ser despertada com um beijo, poderia ser mais adorável do que Barbara Mandell numa cama do Whispering Pines. Na carícia da luz do abajur, seu cabelo dourado se derramava no travesseiro, lustroso como ouro despejado do caldeirão de um fundidor.

Parado junto à cama, Billy Wiles nunca tinha visto uma boneca de biscuit com pele tão pálida ou impecável quanto a de Barbara. Parecia translúcida, como se a luz penetrasse na superfície e então iluminasse seu rosto por dentro. Se ele erguesse o fino cobertor e o lençol, iria expor uma indignidade que jamais visitara qualquer princesa encantada.

Um tubo de nutrição verde-esmeralda tinha sido enfiado cirurgicamente em seu estômago.

O médico ordenara a alimentação lenta e contínua. A bomba do equipamento ronronava baixinho, fornecendo um jantar perpétuo. Barbara estava em coma há quase quatro anos. Seu coma não era dos

mais graves. Algumas vezes ela bocejava, suspirava, levava a mão direita ao rosto, à garganta, ao seio.

Ocasionalmente falava, mas nada além de poucas palavras cifradas, e não para alguém que estivesse no quarto, e sim para algum fantasma da mente. Mesmo quando falava ou movia a mão, permanecia sem perceber qualquer coisa ao redor. Ela estava inconsciente, sem reagir a estímulos externos. No momento, estava quieta, a testa lisa como um pêssego, olhos imóveis por trás das pálpebras, lábios ligeiramente separados. Nem um fantasma respirava mais silenciosamente.

De um bolso do paletó, Billy tirou um caderninho espiral.

Preso nele, havia uma esferográfica com metade do tamanho comum. Colocou-os na mesinha-de-cabeceira. O quartinho era mobiliado com simplicidade: cama hospitalar, mesinha de cabeceira, poltrona. Há muito tempo, Billy acrescentara um banco de bar que lhe permitia sentar-se a uma altura suficiente para vigiar Barbara. A Casa de Repouso Whispering Pines oferecia bons cuidados, mas ambiente austero. Metade dos pacientes estava convalescendo; a outra metade estava sendo meramente armazenada.

Empoleirado no banco junto à cama, ele contou sobre o dia. Começou com uma descrição do nascer do sol e terminou na galeria de tiros de Lanny, com celebridades dos desenhos animados. Ainda que Barbara jamais tivesse reagido a qualquer coisa que ele dizia, Billy suspeitava que, em seu reduto profundo, ela podia ouvi-lo. Precisava acreditar que sua presença, sua voz e seu afeto a reconfortavam.

Quando não tinha mais o que dizer, continuava olhando-a.

Nem sempre a via como ela estava agora. Via-a como já fora — vivida, graciosa — e como poderia ser hoje, se o destino tivesse sido mais gentil. Depois de um tempo, tirou a mensagem dobrada de dentro do bolso da camisa e leu de novo.

Tinha terminado quando Barbara murmurou algo cujo significado se dissolveu quase mais rápido do que o ouvido podia escutar: — Quero saber o que diz...

Com um sobressalto, ele se levantou do banco. Inclinou-se sobre a proteção lateral da cama para olhá-la mais de perto.

Nunca antes qualquer coisa que ela havia dito, no coma, parecia ter qualquer relação com algo que ele dizia ou fazia durante as visitas.

— Ela.

Barbara permaneceu imóvel, olhos fechados, lábios entreabertos, aparentemente não mais viva do que um objeto de luto num catafalco.

— Está me ouvindo? Com as pontas dos dedos trêmulos, tocou o rosto dela.

Barbara não reagiu. Billy já havia contado o que dizia a mensagem estranha, mas agora leu-a, só para o caso de Barbara murmurar palavras que se referissem àquilo. Quando terminou, ela não reagiu. Billy falou seu nome, sem causar efeito. Sentando-se de novo no banco, pegou o caderninho na mesa-de-cabeceira. Com sua pequena caneta, registrou as cinco palavras e a data em que ela as havia falado.

Tinha um caderno para cada ano daquele sono não natural. Ainda que cada um contivesse apenas cem páginas de sete por dez centímetros, nenhum estava cheio, já que ela não falava em todas as visitas, nem mesmo na maioria.

"Quero saber o que diz" Depois de datar aquele comentário estranhamente completo, ele folheou páginas, examinando o caderno, lendo não as datas, mas apenas algumas palavras ditas por Barbara.

"cordeiros não poderiam perdoar" "meninos de rosto gorducho" "minha língua de bebê" "a autoridade de sua lápide" "papai, purê, perus, pêssegos, prisma" "temporada de trevas" "incha-se para a frente" "um enorme arfar" "tudo desaparece num clarão" "vinte e três, vinte e três" Naquelas palavras, Billy não podia encontrar coerência e nem mesmo pistas para isso. De vez em quando, através das semanas, dos meses, ela sorria debilmente. Por duas vezes, na experiência de Billy, Barbara havia rido baixinho.

Mas, em outras ocasiões, suas palavras sussurradas o perturbavam, algumas vezes o deixavam com arrepios.

"dilacerado, machucado, ofegando, sangrando" "sangue e fogo" "machados, facas, baionetas" "vermelho nos olhos deles, nos olhos frenéticos" Essas verbalizações consternadoras não eram feitas em tom abalado. Saíam no mesmo murmúrio sem inflexão com que ela dizia palavras menos perturbadoras.

Agora, a testa de Barbara se franziu e ela falou de novo: — O mar...

Quando Billy anotou isso, ela lhe deu mais: — O que ele...

O silêncio no quarto ficou mais profundo, como se incontáveis braças de atmosfera cada vez mais densa pressionassem todas as correntes de ar, fazendo com que sua voz suave chegasse até Billy.

A mão direita dela subiu até os lábios, como se para sentir a textura das próprias palavras.

— O que ele fica dizendo.

Era o mais coerente que ela já estivera, no coma, e raramente tinha falado tanto numa única visita.

— Barbara? — Quero saber o que diz... o mar.

Barbara baixou a mão ao seio. As rugas desapareceram da testa. Os olhos, que enquanto ela falava haviam se mexido sob as pálpebras, se fixaram de novo.

Com a caneta sobre o papel, Billy esperou, mas o silêncio de Barbara era igual ao do quarto. E o silêncio se aprofundava, e a imobilidade, até que ele sentiu que deveria ir embora para não ter o mesmo destino de uma mosca pré-histórica preservada em âmbar. Ela ficaria nesse silêncio durante horas, dias, ou para sempre. Billy beijou-a, mas não na boca. Seria uma violação. A bochecha era macia e fresca de encontro aos lábios.

Há três anos, dez meses e quatro dias que ela estava nesse coma, em que caíra apenas um mês depois de aceitar um anel de noivado de Billy.

Capítulo 4

Billy não tinha o isolamento desfrutado por Lanny, mas morava num terreno coberto por amieiros e cedros-do- himalaia, numa rua com poucas residências. Não conhecia os vizinhos. Talvez não conhecesse nem mesmo se morassem mais perto. Sentia-se grato pelo desinteresse deles.

O primeiro proprietário da casa e o arquiteto tinham negociado entre si até chegar a uma estrutura híbrida, meio bangalô, meio chalé elegante. As linhas eram de um bangalô. A forração externa, de cedro prateado pelo tempo, era de um chalé, bem como a varanda da frente, com colunas rústicas sustentando o teto.

Diferentemente da maioria das casas bipolares, esta parecia aconchegante. As janelas com vidros chanfrados, em forma de losango

— puro estilo bangalô —, pareciam cheias de jóias quando as luzes estavam acesas. Durante o dia, sobre o telhado, a ventoinha com o cervo saltitante girava com graça preguiçosa, mesmo nos vendavais mais turbulentos. A garagem separada, que também continha sua oficina de marcenaria, ficava atrás da casa.

Depois de Billy parar o Explorer e fechar o portão, enquanto atravessava o quintal dos fundos até a casa, uma coruja piou empoleirada na cumeeira da garagem. Nenhuma outra coruja respondeu. Mas Billy pensou ter ouvido camundongos chiarem, e quase pôde senti-los estremecendo nos arbustos, desejando o capim alto atrás do quintal.

Sua mente estava pantanosa, os pensamentos enlameados.

Parou e respirou fundo, saboreando o ar com cheiro da casca perfumada e das agulhas dos cedros. O perfume adstringente limpou sua cabeça. A clareza se mostrou indesejável. Ele não bebia muito, mas agora queria uma cerveja e uma dose de algo destilado.

As estrelas pareciam duras. Também estavam brilhantes, no céu sem nuvens, mas a sensação que recebeu delas foi de dureza. Nem os degraus dos fundos nem as tábuas do piso da varanda estalaram. Ele teve tempo suficiente para manter o local em ótimas condições. Depois de pôr abaixo a cozinha, ele mesmo havia construído os armários. Eram de cerejeira tingida de tom escuro. Tinha assentado o piso de lajotas: quadrados de granito preto. As bancadas de granito combinavam com o piso. Limpo e simples. Pretendia deixar toda a casa naquele estilo, mas então perdeu o rumo.

Derramou uma garrafa de Guinness numa caneca, batizou com bourbon. Quando bebia, queria força tanto na textura quanto no gosto. Estava fazendo um sanduíche de pastrami quando o telefone tocou.

— Alô? Ninguém respondeu, nem mesmo quando Billy disse alô de novo. Normalmente, pensaria que a linha estava muda. Esta noite, não. Ouvindo, pescou no bolso a mensagem datilografada. Desdobrou-a e alisou-a na bancada de granito preto. Oca como um sino, mas um sino sem badalo, a linha aberta não tinha qualquer chiado ou estática. Billy não conseguia ouvir a pessoa inalar ou exalar, como se o cara estivesse morto e não respirasse mais.

Quer fosse um gozador, quer um assassino, o objetivo do sujeito era provocar, intimidar. Billy não lhe deu a satisfação de um terceiro alô.

Ouviram-se mutuamente em silêncio, como se algo pudesse ser descoberto a partir do nada.

Depois de cerca de um minuto, Billy começou a se perguntar se estaria imaginando uma presença na outra ponta da linha. Se de fato estava ligado, ouvido a ouvido, com o escritor do bilhete, desligar primeiro seria um erro. Pareceria um sinal de medo ou pelo menos de fraqueza.

A vida tinha lhe ensinado a ter paciência. Além disso, sua auto-imagem incluía a possibilidade de ser presunçoso, por isso não se incomodou em parecer idiota. Esperou. Quando a pessoa desligou, o som nítido da desconexão provou que ela estivera ali, e em seguida veio o sinal da linha.

Antes de continuar a fazer o sanduíche, Billy caminhou pelos quatro cômodos e o banheiro. Baixou as persianas sobre todas as janelas. À mesa de refeições, na cozinha, comeu o sanduíche e dois pedaços de picles com ervas aromáticas.

Tomou uma segunda cerveja, desta vez sem batizar com bourbon. Não tinha TV. Os programas de entretenimento o entediavam, e ele não precisava dos noticiários. Seus pensamentos foram sua única companhia durante o jantar.

Não se demorou com o sanduíche de pastrami.

Livros cobriam uma das paredes da sala, do chão ao teto.

Durante a maior parte da vida, Billy fora um leitor voraz.

Perdera o interesse em ler há três anos, dez meses e quatro dias. Um amor mútuo pelos livros, de todos os gêneros de ficção, tinha-o unido a Barbara. Numa prateleira, havia uma coleção de Dickens com capas iguais, que Barbara lhe dera de Natal. Ela era apaixonada por Dickens.

Hoje em dia, Billy precisava se ocupar. Só ficar sentado numa poltrona com um livro deixava-o inquieto. Sentia-se meio vulnerável. Além disso, alguns livros continham ideias perturbadoras. Faziam-no começar a pensar em coisas que queria esquecer, e mesmo que os pensamentos ficassem intoleráveis, era impossível deixá-los de lado.

O teto em caixonetes na sala de estar era consequência de sua necessidade de se manter ocupado. Todos os caixonetes tinham acabamento em dentelos. No centro de cada um, havia um ramo de folhas de acanto entalhadas a mão em carvalho branco, tingido para

combinar com o mogno ao redor. O estilo daquele teto não servia a um chalé nem a um bangalô.

Ele não se importava. O projeto o mantivera ocupado por meses. Em seu escritório, o teto em caixonetes era ainda mais ornamentado do que o da sala de estar.

Não foi para a escrivaninha, onde o computador sem uso zombava dele. Em vez disso, sentou-se a uma mesa de trabalho onde estavam espalhadas as ferramentas de entalhe. Também havia pilhas de blocos de carvalho branco. Tinham um cheiro doce de madeira. Os blocos eram a matéria-prima para os ornamentos que iriam decorar o teto do quarto, que atualmente era apenas de reboco. Sobre a mesa, havia um aparelho de CD e dois pequenos alto-falantes. O CD era de música do sul da Louisiana. Ele ligou o som.

Entalhou até as mãos doerem e a visão ficar turva. Depois, desligou a música e foi para a cama. Deitado de costas no escuro, espiando um teto que não podia enxergar, esperou que seus olhos se fechassem. Esperou. Ouviu algo sobre o telhado. Algo raspando as telhas de cedro. A coruja, sem dúvida. A coruja não piou. Talvez fosse um guaxinim. Ou sei lá o quê. Olhou o relógio digital na mesinha-de-cabeceira. Meia- noite e vinte.

Você tem seis horas para decidir.

A escolha é sua.

De manhã, tudo estaria bem. Tudo sempre estava. Bom, não bem, mas suficientemente bom para estimulá-lo a perseverar.

Quero saber o que diz, o mar. O que ele fica dizendo.

Algumas vezes, fechava os olhos, mas não adiantava. Eles tinham de se fechar por vontade própria, para que o sono viesse. Olhou o relógio no momento em que passava de 12h59 para 01h00. O bilhete estava sob o limpador de pára-brisa quando ele saiu do bar às sete horas. Seis horas haviam se passado. Uma mulher fora assassinada. Ou não. Certamente, não. Sob as garras da coruja que raspava — se era uma coruja —, ele dormiu.

Capítulo 5

O bar não tinha nome. Ou melhor, seu nome era sua função. A placa em cima do poste, quando a gente virava da rodovia estadual para o estacionamento cercado de olmos, dizia apenas BAR.

Jackie O'Hara era o dono. Gordo, sardento, gentil, para todo mundo era um amigo ou um tio emprestado. Não tinha desejo de ver seu nome na placa. Quando garoto, Jackie quisera ser padre. Queria ajudar as pessoas. Queria levá-las até Deus. O tempo ensinou-lhe que talvez não conseguisse dominar os desejos. Ainda jovem, tinha chegado à conclusão de que seria um mau padre, o que não era da natureza de seu sonho. Encontrou o respeito próprio comandando um boteco limpo e amistoso, mas lhe parecia que a simples satisfação nas realizações se azedaria em vaidade se ele pusesse seu nome no bar.

Na opinião de Billy Wiles, Jackie teria sido um ótimo padre. Todo ser humano tem desejos difíceis de controlar, mas um número muito menor tem humildade, gentileza e consciência das próprias fraquezas. Bar Vineyard Hills. Bar Olmo Sombreado. Bar Luz de Velas. Bar Wayside. Os fregueses viviam oferecendo nomes para o estabelecimento. Jackie achava as sugestões desajeitadas ou inadequadas, ou as duas coisas.

Quando Billy chegou, às 10h45 de terça-feira, 15 minutos antes de o bar abrir, os únicos carros no estacionamento eram o de Jackie e o de Ben Vernon. Ben era o cozinheiro do turno do dia. Parado junto ao seu Explorer, examinou os morros baixos aglomerados à distância, do outro lado da rodovia.

Eram de um marrom-escuro em que tinham sido escalpelados pelas escavadeiras, de um marrom-claro em que o capim havia se desbotado pelo árido calor do verão.

A Peerles Properties, uma corporação internacional, estava construindo um balneário de classe mundial, que seria chamado de Vineland, em 360 hectares. Além de um hotel com campo de golfe, três piscinas, clube de tênis e outras cortesias, o projeto incluía 190 casas de

veraneio, de muitos milhões de dólares, para serem vendidas às pessoas que levavam o lazer a sério.

Os alicerces tinham sido colocados no início da primavera.

Paredes subiam. Muito mais próximo do que as estruturas palacianas nas colinas mais altas, a menos de trinta metros da rodovia, um mural dramático estava quase pronto numa campina. Com 21 metros de altura, 45 de comprimento, tridimensional, era de madeira pintada de cinza com sombras pretas. Na tradição art déco, o mural apresentava uma imagem de máquinas poderosas, inclusive as rodas propulsoras e as hastes de conexão de uma locomotiva. Também havia engrenagens gigantescas, armações estranhas e insondáveis formas mecânicas que não tinham nada a ver com um trem.

Uma gigantesca figura estilizada de um homem com roupas de trabalho ficava na seção que sugeria uma locomotiva. Com o corpo virado da esquerda para a direita, como se estivesse se equilibrando contra um vento forte, parecia empurrar uma das enormes rodas propulsoras, dando a impressão de que tinha sido apanhado pela máquina fazendo força com tanto pânico quanto determinação, como se, caso descansasse por um instante, fosse escorregar fora da sincronização e ser despedaçado.

Nenhuma das partes móveis do mural ainda estava funcionando; mesmo assim, o todo dava uma convincente ilusão de movimento, velocidade. Sob encomenda, um famoso artista com um só nome — Valis — tinha projetado aquela coisa e a construído com uma equipe de 16 pessoas. O mural deveria simbolizar o ritmo acelerado da vida moderna, com o indivíduo aflito esmagado pelas forças da sociedade. No dia em que o balneário fosse inaugurado, o próprio Valis poria fogo naquela coisa, incendiando-a totalmente para simbolizar a liberdade do ritmo louco da vida, proporcionada pelo novo balneário.

A maioria dos moradores de Vineyard Hills e do território ao redor zombava do mural, e quando as pessoas o chamavam de arte, pronunciavam a palavra fazendo sinal de aspas. Billy até que gostava daquela coisa enorme, mas incendiá-la não fazia sentido para ele.

O mesmo artista uma vez havia amarrado vinte mil balões vermelhos cheios de hélio numa ponte na Austrália, de modo que ela parecesse sustentada por eles. Com um controle remoto, estourou todos os vinte mil balões ao mesmo tempo.

Naquele caso, Billy não entendeu a "arte" nem o sentido de estourá-la. Mesmo não sendo crítico, sentia que esse mural era arte inferior ou artesanato superior. Queimá-lo não fazia mais sentido do que um museu jogar as pinturas de Rembrandt numa fogueira.

Tantas coisas na sociedade contemporânea o consternavam que ele não perderia o sono com essa questão menor. Mas também não viria assistir ao fogo na noite do incêndio. Entrou no bar.

O ar tinha um cheiro tão intenso que quase parecia um sabor. Ben Vernon estava cozinhando uma panela de molho picante. Atrás do balcão, Jackie O'Hara fazia um inventário das bebidas.

— Billy, você viu aquele especial no Canal Seis ontem à noite? — Não.

— Não viu aquele especial sobre óvnis, abdução alienígena? — Estava entalhando madeira e ouvindo música da Louisiana.

— Um cara disse que foi levado a uma nave-mãe em órbita da Terra.

— O que há de novo nisso? A gente ouve essas coisas o tempo todo.

— Ele disse que uns alienígenas fizeram exame proctológico nele.

Billy empurrou a portinhola do balcão.

— É o que todos dizem.

— Sei. Você está certo. Mas não entendo — Jackie franziu a testa. — Por que uma raça alienígena superior, mil vezes mais inteligente do que nós, atravessa trilhões de quilômetros no universo só para olhar nossa bunda? O que eles são, pervertidos? — Nunca olharam a minha — garantiu Billy. — E duvido que tenham olhado a do tal cara, também.

— Ele tem muita credibilidade. É autor de um livro. Quero dizer, mesmo antes desse livro, ele tinha publicado vários outros.

Pegando um avental numa gaveta, depois amarrando-o, Billy disse: — Só publicar um livro não dá credibilidade a ninguém.

Hitler publicou livros.

— Foi? — É.

— O Hitler? — Bem, não foi Bob Hitler.

— Você está tirando sarro com a minha cara.

— Procure saber.

— O que ele escreveu? Tipo histórias de espionagem ou algo assim? — Algo assim.

— Esse cara escreve ficção científica.

— Que surpresa! — Ficção científica — enfatizou Jackie. — O programa foi muito perturbador. — Pegando um pires branco no balcão, ele fez um som de impaciência e nojo. — Qual é, será que vou ter de começar a descontar os condimentos do salário do Steve? No pires, havia entre 15 e vinte cabos de cereja ao maraschino. Cada um deles tinha um nó.

— Os fregueses acham divertido — disse Billy.

— Porque estão de cara cheia. De qualquer modo, ele finge que é engraçado, mas não é.

— Cada um tem sua ideia do que é engraçado.

— Não. Quero dizer: ele finge ser um cara tranquilo, despreocupado, mas não é.

— Nunca vi o Steve de outro modo.

— Pergunte a Célia Reynolds.

— Quem é ela? — Vizinha do Steve.

— Vizinhos podem ter ressentimentos — sugeriu Billy. — Nem sempre dá para acreditar no que dizem.

— Célia diz que ele tem ataques de fúria no quintal dos fundos.

— O que você quer dizer com ataques de fúria? — Ele pira de vez, segundo ela. Arrebenta as coisas.

— Que coisas? — Tipo uma cadeira da sala de jantar.

— De quem? — Dele. Arrebentou até só restarem lascas.

— Por quê? — Ele estava xingando e com raiva. Parece que estava extravasando a raiva.

— Numa cadeira.

— É. E ele arrebenta melancias com um machado.

— Talvez ele goste de melancias — disse Billy.

— Ele não come. Só despedaça até não restar nada, só gosma.

— Xingando o tempo todo.

— Isso mesmo. Xingando, grunhindo, rosnando que nem um animal. Melancias inteiras. Umas duas vezes ele arrebentou bonecos.

— Bonecos, como? — Você sabe, que nem aquelas mulheres de vitrines.

— Manequins? — É. Acaba com eles usando um machado e uma marreta.

— Onde ele consegue os manequins? — Não faço a mínima idéia.

— Isso não parece verdade.

— Fale com a Célia. Ela vai lhe contar.

— Ela perguntou ao Steve por que ele faz isso? — Não. Tem medo.

— Você acredita nela? — Célia não é mentirosa.

— Você acha Steve perigoso? — perguntou Billy.

— Provavelmente não, mas quem sabe? — Talvez você devesse despedi-lo. Jackie levantou as sobrancelhas.

— E se ele for um daqueles caras que a gente vê no noticiário da TV? E se ele vem aqui com um machado para se vingar? — De qualquer modo — disse Billy —, isso não parece direito. Você não acredita de verdade.

— Acredito sim. Célia vai à missa três vezes por semana.

— Jackie, você vive brincando com o Steve. Está sempre relaxado com ele.

— Fico sempre meio vigilante.

— Nunca notei.

— Bem, eu fico. Mas não quero ser injusto com ele.

— Injusto? — Ele é um bom barman, faz o trabalho. — Uma expressão envergonhada dominou Jackie O'Hara. Suas bochechas gorduchas se avermelharam. — Eu não deveria estar falando dele assim. Foi por causa daqueles cabinhos de cereja. Isso me irritou um pouco.

— Vinte cerejas. Quanto custam? — Não é o dinheiro. É aquele truque com a língua, é meio obsceno.

— Nunca ouvi ninguém reclamar. Um monte de freguesas, particularmente, gosta de vê-lo fazer isso.

— E os gays — disse Jackie. — Não quero que isso aqui vire um bar de solteiros, seja um bar gay ou hétero. Quero que seja um bar de família.

— Isso existe? — Claro! — Jackie pareceu magoado. Apesar do nome genérico, o bar não era uma espelunca. — Nós servimos porções de batata frita e cebola à milanesa pra garotada, não é? Antes que Billy

pudesse responder, o primeiro freguês do dia passou pela porta. Eram 11h04. O cara queria um brunch: um bloody mary e um talo de aipo. Jackie e Billy cuidavam do balcão juntos durante o movimento do almoço, e Jackie servia comida nas mesas enquanto Ben ia tirando da grelha.

Estavam com mais movimento do que o usual porque terça-feira era dia de chili, mas ainda não precisavam de uma garçonete para o primeiro turno. Um terço dos fregueses almoçava num copo, e outro terço estava satisfeito com amendoins, salsichas do vidro de conserva no balcão ou donuts grátis.

Misturando bebidas e servindo cervejas, Billy Wiles sentia- se perturbado por uma imagem que persistia nos olhos de sua mente: Steve Zillis despedaçando um manequim, cortando, cortando.

Enquanto seu turno prosseguia, e como ninguém trazia notícias de uma professora morta a tiros ou de uma filantropa idosa morta a porrete, os nervos de Billy se acalmaram. Na sonolenta Vineyard Hills, no pacífico Vale do Napa, a notícia de um assassinato brutal viajaria depressa. O bilhete devia ter sido uma brincadeira de mau gosto.

Depois de uma tarde de pouco movimento, Ivy Elgin chegou para trabalhar às quatro horas, e nos seus calcanhares vieram homens sedentos, num estado que sugeria que abanariam o rabo, se tivessem rabo.

— Alguma coisa morta hoje? — perguntou Billy, e se pegou encolhendo-se diante da pergunta.

— Um louva-a-deus na minha varanda dos fundos, bem perto da porta.

— O que você acha que isso significa? — Aquele que reza morreu.

— Não entendi.

— Ainda estou tentando deduzir.

Shirley Trueblood chegou às cinco horas, matronal num uniforme amarelo-claro com lapelas e punhos brancos. Depois dela chegou Ramon Padillo, que sentiu o cheiro do chili e resmungou: —Precisa de uma pitada de cominho.

Quando Steve Zillis entrou, às seis horas, cheirando a uma loção pós-barba com perfume de verbena e a desinfetante oral de hortelã,

disse: — Como vão as coisas. Gafanhoto? — Você me ligou ontem à noite? — perguntou Billy.

— Quem, eu? Por que iria ligar? — Não sei. Recebi um telefonema, a ligação estava ruim, mas achei que talvez fosse você.

— Você me ligou de volta? — Não. Mal dava para escutar a voz. Só tive um pressentimento de que talvez fosse você.

Escolhendo três azeitonas gordas na bandeja de condimentos, Steve disse: — De qualquer modo, ontem eu saí com uma amiga.

— Você larga o trabalho às duas da madrugada e depois sai? Steve riu e piscou.

— Tinha lua, e eu sou um cachorro.

— Se eu saísse às duas da manhã, iria direto para a cama.

— Sem ofensa, peregrino, mas você não chega exatamente ao máximo no medidor de zing.

— O que isso quer dizer? Steve deu de ombros, depois começou a fazer malabarismo com as azeitonas escorregadias, com uma habilidade impressionante.

— As pessoas ficam perguntando por que um cara boa- pinta como você vive que nem uma velha solteirona.

Examinando os fregueses, Billy perguntou: — Que pessoas? — Um monte de gente. — Steve pegou a primeira azeitona na boca, a segunda, a terceira, e mastigou vigorosamente, sob aplausos da galeria dos bancos junto ao balcão.

Durante a última hora de seu turno, Billy ficou observando Steve Zillis muito mais do que o usual. Mas não viu nada suspeito. Ou não era o cara que havia pregado a peça ou era incomensuravelmente mais esperto e mentia muito melhor do que aparentava.

Bem, não fazia mal. Ninguém fora assassinado. O bilhete era uma piada de mau gosto; e mais cedo ou mais tarde, viria o desfecho. Quando Billy estava saindo do bar, às sete horas, Ivy Elgin foi até ele, com empolgação contida nos olhos cor de conhaque.

— Alguém vai morrer numa igreja.

— Como descobriu? — O louva-a-deus. Aquele que reza morreu.

— Que igreja? — Teremos de esperar e ver.

— Talvez não seja na igreja. Talvez seja somente que um pastor ou um padre da região vai morrer.

O olhar inebriante de Ivy sustentou o dele.

— Não tinha pensado nisso. Você pode estar certo. Mas como é que o gambá se encaixa? — Não faço a mínima ideia, Ivy. Não tenho talento para a aruspicação como você.

— Sei disso, mas você é legal. Sempre se interessa e nunca zomba de mim.

Mesmo trabalhando com Ivy cinco dias por semana, o impacto de sua beleza e sexualidade extraordinárias podia fazer com que ele esquecesse, às vezes, que em alguns sentidos ela era mais menina do que mulher, doce e inocente, virtuosa, mesmo que não pura, o sorriso dela era capaz de desequilibrar qualquer um.

— Vou pensar no gambá — disse Billy. — Talvez haja em mim um pouquinho de vidente e eu ainda não saiba disso.

— Obrigada, Billy. Algumas vezes, esse dom... é um fardo.

Seria bom ter ajuda.

Do lado de fora, o ar da tarde de verão estava amarelo- limão com o sol oblíquo, e as sombras dos olmos, arrastando- se para o leste, tinham um tom de púrpura quase preto.

Quando se aproximou do Explorer, viu um bilhete sob o limpador de para-brisa.

Capítulo 6

Ainda que nem uma loura morta nem o cadáver de uma idosa tivesse sido anunciado, Billy parou antes de chegar ao Explorer, hesitante em prosseguir, relutante em ler a segunda mensagem. Não queria nada além de sentar-se com Barbara por um tempo e depois ir para casa. Não a via sete vezes por semana, mas costumava visitá-la com frequência.

As idas ao Whispering Pines eram um dos blocos com que fora construído o alicerce de sua vida simples. Ele ansiava pelas visitas como ansiava pela hora de sair do trabalho e entalhar madeira. Mas não era um homem idiota, nem mesmo apenas esperto. Sabia que essa vida de reclusão poderia facilmente se deteriorar numa vida de solidão. Uma linha tênue separa o recluso cauteloso do eremita abominável. Uma linha ainda mais tênue existe entre o eremita e o misantropo amargo.

Tirar o bilhete debaixo do limpador, amassá-lo e jogar longe certamente constituiria cruzar a primeira dessas linhas.

E talvez não existisse volta.

Não tinha muito do que queria na vida. Mas por natureza era prudente o bastante para reconhecer que, se jogasse o bilhete fora, também estaria jogando tudo o que agora o sustentava. Sua vida não seria apenas diferente, seria pior.

Nesse transe de decisão, não tinha ouvido a radiopatrulha entrar no estacionamento. Ao pegar o bilhete no para-brisa, ficou surpreso com o súbito aparecimento de Lanny Olsen, uniformizado, ao seu lado.

— Outro — declarou Lanny, como se esperasse o segundo bilhete. Sua voz tinha um tom levemente rouco. O rosto mostrava rugas de pavor. Os olhos eram janelas para um lugar assombrado.

O destino de Billy era viver num tempo que negava a existência de abominações, que dava o nome desimportante de horror a cada abominação, que redefinia cada horror como crime, cada crime como ofensa, cada ofensa como mero incômodo. Mesmo assim, a aversão cresceu dentro dele antes de saber exatamente o que trouxera Lanny Olsen.

— Billy. Santo Deus, Billy.

— O que é? — Estou suando. Olhe só, estou suando.

— O quê? O que foi? — Não consigo parar de suar. E não está tão quente assim.

De repente, Billy sentiu-se pegajoso. Passou uma das mãos no rosto e olhou para a palma, esperando ver imundície. Aos olhos, ela parecia limpa.

— Preciso de uma cerveja — disse Lanny. — Duas cervejas.

Preciso sentar. Preciso pensar.

— Olhe para mim.

Lanny não queria encará-lo. Sua atenção estava fixa no bilhete na mão de Billy. O papel continuava dobrado, mas algo se desdobrou nas entranhas de Billy, brotou como uma flor lúbrica, oleosa e com muitas pétalas. Náusea nascida da intuição. A pergunta certa não era o quê. A pergunta certa era quem, e Billy perguntou.

Lanny lambeu os lábios.

— Giselle Winslow.

— Não conheço.

— Nem eu.

— Onde? — Era professora de inglês em Napa.

— Loura? — É.

— E linda — adivinhou Billy.

— Era. Alguém a espancou quase até a morte. Foi realmente arrebentada por alguém que sabia como fazer a coisa, como fazer demorar.

— Quase até a morte.

— Ele terminou estrangulando-a com a meia-calça dela.

As pernas de Billy ficaram fracas. Encostou-se no Explorer.

Não conseguia falar.

— A irmã encontrou-a há apenas duas horas.

O olhar de Lanny permaneceu fixo no papel dobrado na mão de Billy.

— O meu distrito policial não tem jurisdição lá — continuou Lanny. — De modo que o caso está por conta da polícia de Napa. Já é alguma coisa. Me dá espaço para respirar.

Billy encontrou a voz, mas estava rouca e não parecia a dele.

— O bilhete dizia que ele mataria uma professora se eu não procurasse a polícia, mas eu procurei você.

— Ele disse que não iria matá-la se você procurasse a polícia e a envolvesse.

— Mas eu procurei você, tentei. Quero dizer, pelo amor de Deus, eu tentei, não foi? Finalmente, Lanny o encarou. — Você me procurou informalmente. Não foi de fato à polícia. Procurou um amigo que, por acaso, é policial.

— Mas procurei você — protestou Billy, e se encolheu diante da negação que havia na própria voz, da auto justificativa.

A náusea se arrastava pelas paredes do estômago, mas ele trincou os dentes e lutou para se controlar.

— Nada parecia real naquilo — disse Lanny.

— Em quê? — No primeiro bilhete. Era uma piada. Uma piada sem graça. Não há um policial vivo que tenha instinto para farejar alguma coisa real naquilo.

— Ela era casada? — perguntou Billy.

Um Toyota entrou no estacionamento e parou a pouco mais de uns vinte metros do Explorer. Em silêncio, os dois olharam o motorista

sair do carro e ir para o bar. Àquela distância, a conversa não poderia ser ouvida. Mesmo assim, ficaram quietos. Música country saiu do bar quando a porta foi aberta. Na juke-box, Alan Jackson estava cantando sobre uma frustração amorosa.

— Ela era casada? — perguntou Billy de novo.

— Quem? — A mulher. A professora. Giselle Winslow.

— Não creio, não. Pelo menos por enquanto, não se falou em marido. Deixe-me ver o bilhete.

Ainda segurando o papel dobrado, Billy falou: — Ela tinha algum filho? — Isso importa? — Importa.

Billy percebeu que a mão vazia tinha se fechado com força.

Aquele à sua frente era um amigo, até o ponto em que ele se permitia ter amigos. No entanto, só relaxou o punho com esforço.

— Importa para mim, Lanny.

— Filhos? Não sei. Provavelmente não. Pelo que ouvi, ela devia morar sozinha.

Dois jorros de tráfego passaram na rodovia estadual; pequenos rufos de motores, a percussão suave do ar deslocado. No silêncio que se seguiu, Lanny disse, lamentoso: — Escute, Billy, potencialmente, eu estou encrencado nisso.

— Potencialmente? — Ele encontrou humor naquela escolha de palavras, mas não do tipo que o fizesse rir.

— Ninguém mais no departamento teria levado a porcaria daquele bilhete a sério. Mas vão dizer que eu deveria ter levado.

— Talvez eu devesse ter levado — disse Billy.

Agitado, Lanny discordou: — Isso é pensar no fato depois de acontecido. Besteira.

Não fale assim. Nós precisamos de uma defesa mútua.

— Defesa contra o quê? — Qualquer coisa. Billy, escute, eu não tenho uma ficha perfeita.

— Que ficha? — Minha ficha na polícia, minha ficha de desempenho.

Tenho uns relatórios negativos.

— O que você fez? Os olhos de Lanny se franziram quando ele se ofendeu.

— Droga, não sou um policial corrupto.

— Não falei que era.

— Tenho 46 anos, nunca aceitei um tostão sujo e nunca vou aceitar.

— Certo. Tudo bem.

— Eu não fiz nada.

A indignação de Lanny podia ser fingida; ele não conseguia sustentá-la. Ou talvez alguma feia imagem interna o amedrontasse, porque seus olhos apertados se arregalaram.

Mordeu o lábio inferior como se agarrasse um pensamento incômodo que ele quisesse mastigar, cuspir e nunca mais considerar. Apesar de ele ter olhado para o relógio de pulso, Billy esperou.

— O que é verdade — disse Lanny — é que algumas vezes sou um policial preguiçoso. Por puro tédio, você sabe. E talvez porque... nunca quis realmente esta vida.

— Você não me deve nenhuma explicação.

— Sei disso. Mas o negócio... é que, querendo essa vida ou não, é a que tenho agora. É tudo que tenho. Quero a chance de mantê-la. Preciso ler o que há neste bilhete, Billy. Por favor, me dê o bilhete.

Sentindo simpatia, mas não querendo entregar o papel, que agora estava úmido de seu suor, Billy desdobrou-o e leu.

Se você não for à polícia e envolvê-la, vou matar um homem solteiro cuja falta não será sentida pelo mundo. Se for à polícia, vou matar uma jovem mãe de dois filhos. Você tem cinco horas para decidir. A escolha é sua.

Na primeira leitura, Billy compreendeu cada detalhe terrível do bilhete; no entanto, leu de novo. Depois o entregou. A ansiedade, a ferrugem da vida, corroeu o rosto de Lanny Olsen enquanto ele examinava as linhas.

— Este cara é um filho-da-puta doente.

— Tenho de ir a Napa.

— Para quê? — Para dar os dois bilhetes à polícia.

— Espere, espere, espere. Você não sabe se a segunda vítima será de Napa. Pode ser em Santa Helena ou Rutherford...

— Ou em Angwin — interrompeu Billy. — Ou Calistoga.

Ansioso para defender seu ponto de vista, Lanny disse: — Ou Yountville, Circle Oaks ou Oakville. Você não sabe onde. Não sabe de nada.

— Sei de algumas coisas. Sei o que é o certo.

Piscando enquanto olhava o bilhete, afastando o suor dos cílios, Lanny falou: — Assassinos de verdade não fazem esse tipo de jogo.

— Este faz.

Dobrando o bilhete e enfiando-o no bolso do peito da camisa do uniforme, Lanny implorou: — Deixe-me pensar um minuto.

Billy recuperou o papel imediatamente do bolso de Lanny e disse: — Pense o quanto quiser. Eu vou a Napa.

— Ah, cara, isso é ruim. Não é certo. Não seja idiota.

— É o fim desse jogo, se eu não jogá-lo.

— Então, você vai simplesmente matar uma jovem mãe de dois filhos assim, é? — Vou fingir que você não disse isso.

— Então, vou dizer de novo. Você vai matar uma jovem mãe de dois filhos.

Billy balançou a cabeça.

— Não vou matar ninguém.

— "A escolha é sua" — citou Lanny. — Você vai optar por deixar duas crianças órfãs? O que Billy viu agora no rosto do amigo, nos olhos, não era algo que tivesse visto antes, em cima de uma mesa de pôquer ou em qualquer outro lugar. Parecia confrontado por um estranho.

— "A escolha é sua" — repetiu Lanny.

Billy não queria discussão. Vivia do lado mais amigável da linha entre recluso e eremita, e não queria se pegar atravessando esse limite. Talvez sentindo a preocupação do amigo, Lanny buscou uma abordagem mais suave: — Só estou pedindo que você me jogue uma corda. Estou em areia movediça.

— Pelo amor de Deus, Lanny.

— Eu sei. É uma merda. Não há como não ser.

— Não tente me manipular assim de novo. Não me pressione.

— Não vou. Desculpe. Só que o xerife é um pé no saco.

Você sabe. Com a minha ficha, ele só precisa disso para tirar meu distintivo, e ainda faltam seis anos para eu receber aposentadoria integral.

Enquanto encarasse Lanny e visse o desespero em seus olhos, e visse algo pior do que o desespero, algo a que não queria dar nome, não podia se comprometer com ele.

Precisava desviar os olhos e fingir que estava falando com o Lanny que conhecia antes desse encontro.

— O que você está me pedindo para fazer? Lendo a capitulação na pergunta, Lanny falou numa voz ainda mais conciliadora: — Você não vai se arrepender disso, Billy. Tudo vai ficar bem.

— Não falei que vou fazer o que você quer. Só preciso saber o que é.

— Entendo. Aprecio isso. Você é um amigo de verdade. Só estou pedindo uma hora. Uma hora para pensar.

Desviando o olhar do bar para o asfalto rachado aos seus pés, Billy disse: — Não há muito tempo. No primeiro bilhete eram seis horas. Agora são cinco.

— Só estou pedindo uma. Uma hora.

— Ele deve saber que saio do trabalho às sete da noite, provavelmente, é aí que começa a contagem. Meia-noite.

Então, antes do amanhecer ele mata um ou outro, e, por ação ou inação, eu terei feito uma escolha. O sujeito fará o que fizer, mas não quero pensar que decidi por ele.

— Uma hora — prometeu Lanny —, e então vou falar com o xerife Palmer. Só tenho de pensar na abordagem, num ângulo que salve o meu rabo.

Um guincho familiar, mas raramente ouvido nesse território, atraiu a atenção de Billy do asfalto para o céu. Em branco sobre safira, três gaivotas deslizavam contra o céu do leste. Elas raramente se aventuravam tão ao norte da baía de San Pablo.

— Billy, preciso daqueles bilhetes para o xerife Palmer.

Olhando as gaivotas, Billy disse: — Prefiro ficar com eles.

— Os bilhetes são provas — disse Lanny em tom lamentoso. — Aquele sacana do Palmer vai me fazer outro relatório negativo se eu não pegar as provas e protegê-las.

Enquanto a tarde de verão se desbotava até o escuro que sempre levava as gaivotas para os ninhos junto ao mar, aqueles pássaros estavam tão deslocados que pareciam um presságio.

Seus gritos penetrantes e frios provocaram um arrepio na nuca de Billy.

— Só tenho o bilhete que encontrei agora — disse ele.

— Onde está o primeiro? — Deixei na minha cozinha, perto do telefone.

Billy pensou em ir ao bar e perguntar a Ivy Elgin o significado daqueles pássaros.

— Certo. Tudo bem — disse Lanny. — Me dê esse aí.

Palmer vai querer falar com você. Aí, poderemos pegar o primeiro.

O problema é que Ivy dizia ser capaz de ler presságios só nos detalhes de coisas mortas.

Quando Billy hesitou, Lanny insistiu: — Pelo amor de Deus, olhe para mim. O que há com esses pássaros? — Não sei.

— Não sabe o quê? — Não sei o que há com os pássaros. — Relutante, Billy pegou o bilhete no bolso e entregou a Lanny. — Uma hora.

— Só preciso disso. Ligo para você.

Enquanto Lanny se virava, Billy pôs a mão no ombro dele, interrompendo-o.

— O que quer dizer com liga para mim? Você disse que traria o Palmer.

— Ligo para você primeiro, assim que tiver deduzido como torcer a história para salvar o meu lado.

— "Torcer" — disse Billy, resistindo à palavra.

Caindo em silêncio, as gaivotas em círculo rumaram na direção do sol no oeste.

— Quando eu ligar — disse Lanny —, digo o que vou contar ao Palmer, para estarmos em sintonia. Então, vou falar com ele. — Billy desejou não ter entregue o bilhete. Mas era uma prova, e a lógica ditava que ficasse com Lanny. — Onde você vai estar daqui a uma hora? No Whispering Pines? — Billy balançou a cabeça.

— Vou passar lá, mas só por 15 minutos. Depois, vou para casa. Ligue para minha casa. Mas tem mais uma coisa.

Impaciente, Lanny disse: — Meia-noite, Billy. Lembra? — Como é que esse psicopata vai saber que escolha eu fiz? Como ele soube que eu procurei você, e não a polícia? Como vai saber o que vou fazer nas próximas quatro horas e meia? Nenhuma resposta ocorreu a Lanny, além da testa franzida.

— A não ser que ele esteja me vigiando — sugeriu Billy.

Examinando os veículos no estacionamento, o bar e o arco de olmos ao redor, Lanny disse: — Tudo estava indo tão bem! — Estava?

— Como um rio. E agora esta pedra.

— Sempre uma pedra.

— Verdade. — Lanny se afastou para sua radiopatrulha.

O filho único da sra. Olsen parecia derrotado, com os ombros caídos e a bunda grande. Billy queria perguntar se tudo estava bem entre os dois, mas isso era direto demais. Não conseguia pensar em outro modo de verbalizar a frase. Então, ouviu-se falando: — Tem uma coisa que eu nunca lhe disse, e deveria ter dito. Lanny parou, olhou para trás e encarou-o cauteloso.

— Todos aqueles anos em que sua mãe esteve doente e você cuidou dela, abriu mão do que queria... isso exigiu muito mais hombridade do que o trabalho policial.

Sem graça, Lanny olhou as árvores de novo e disse, quase desconcertado: — Obrigado, Billy. — Ele parecia genuinamente sensibilizado ao ouvir o reconhecimento de seu sacrifício.

Então, como se um perverso sentido de vergonha o compelisse a diminuir sua virtude, se é que não zombar dela, acrescentou: — Mas nada disso me deixou uma aposentadoria. Billy ficou olhando-o entrar no carro e partir.

Num silêncio de gaivotas desaparecidas, o dia sem fôlego se esvaiu, enquanto as colinas, os campos e as árvores gradualmente atraíam mais sombras. Do lado mais distante da rodovia, o homem de madeira com 12 metros de altura lutava para se salvar das grandes rodas esmagadoras da indústria ou da ideologia brutal. Ou da arte moderna.

Capítulo 7

O rosto de Barbara sobre o travesseiro amassado era o desespero e a esperança de Billy, sua perda e sua expectativa.

Ela era uma âncora em dois sentidos: o primeiro, benéfico. A visão dela mantinha Billy firme e estável, independentemente de quais fossem os acontecimentos do dia.

De modo menos misericordioso, cada lembrança da época em que ela estivera não somente lúcida, mas também cheia de vitalidade,

era um elo de corrente que o envolvia. Se Barbara afundasse do coma para o esquecimento total, a corrente se esticaria e ele afundaria com ela nas águas mais escuras.

Vinha aqui não somente para lhe fazer companhia, na esperança de que ela reconhecesse sua presença mesmo naquela prisão interna, mas também para aprender a se importar e a não se importar, a ficar imóvel e talvez encontrar uma paz ilusória. Nessa noite, a paz estava mais ilusória do que o normal. Sua atenção mudava frequentemente do rosto dela para o relógio, e para a janela além da qual o dia amarelo ácido azedava lentamente para um crepúsculo amargo.

Segurou o caderninho. Folheou, lendo as palavras misteriosas que Barbara havia falado. Quando encontrou uma sequência que o intrigava particularmente, leu em voz alta: — ...garoa negra e suave...

— ...morte do sol...

— ...o espantalho de um terno...

— ...fígados de gansos gordos...

— ...rua estreita, casas altas...

— ...uma cisterna para guardar a névoa...

— ...formas estranhas... movimento fantasmagórico...

— ...sinos com sons claros...

Sua esperança era que, ouvindo suas enigmáticas falas em coma, lidas de volta, ela fosse levada a falar, talvez a expandir aquelas verbalizações e lhes dar mais sentido.

Em outras noites, sua performance provocara algumas vezes uma resposta dela. Mas ela jamais esclarecia o que tinha dito antes. Em vez disso, dava uma sequência nova e diferente de palavras igualmente inescrutáveis. Nesta noite, respondeu com silêncio e ocasionalmente um suspiro desprovido de emoção, como se fosse uma máquina que respirasse em ritmo raso, com exalações mais altas provocadas por descargas aleatórias de energia.

Depois de ler duas sequências em voz alta, Billy recolocou o caderno no bolso. Agitado, tinha lido as palavras com força demais, pressa demais. Num determinado ponto, ouviu-se e achou que parecia enraivecido, o que não seria bom para Barbara. Andou pelo quarto. A janela o atraiu.

O Whispering Pines ficava junto a um vinhedo numa encosta suave. Do outro lado da janela, estavam parreiras disciplinadas, com

folhas verde-esmeralda que ficariam carmesins no outono, com uvas pequenas e duras ainda à muitas semanas da maturidade. Os caminhos entre as fileiras de vinhas estavam pintalgados de preto pelas sombras da última hora do dia, púrpura com bagaço de uvas espalhado como fertilizante.

A cerca de trinta metros da janela, havia um homem parado num daqueles caminhos. Não tinha ferramentas e não parecia estar trabalhando. Se era um plantador ou produtor de vinho que saíra para passear, não devia ter pressa. Estava imóvel, com os pés bem separados, as mãos nos bolsos da calça. Parecia estudar a casa de repouso.

Dessa distância e nessa luz, nenhum detalhe da aparência do sujeito podia ser discernido. Ele estava no caminho entre as parreiras, de costas para o sol em declínio, o que o revelava apenas como uma silhueta. Ouvindo o som de passos correndo em escadas ocas, que na verdade era o trovejar de seu coração, Billy se pôs alerta contra a paranoia. Qualquer que fosse o problema que surgisse, ele precisaria de nervos acalmados e de mente limpa para enfrentá-lo.

Virou-se de costas para a janela. Foi até a cama. Os olhos de Barbara se moveram sob as pálpebras. Os especialistas diziam que isso indicava estado de sonho. Considerando que qualquer coma era um sono muito mais profundo do que o comum, Billy se perguntou se os sonhos dela seriam mais intensos do que os comuns — cheios de ação febril, estrondeando com uma tempestade de sons, encharcados de cor.

Preocupou-se com a hipótese de serem pesadelos, vividos e perpétuos. Quando beijou a testa dela. Barbara murmurou: — O vento está no leste...

Billy esperou, mas ela não falou mais, ainda que seus olhos saltassem e rolassem de fantasma em fantasma sob as pálpebras fechadas. Como aquelas palavras não continham ameaça e como nenhum sentimento de perigo sombreava a voz, ele optou por acreditar que o sonho atual, pelo menos, devia ser benigno.

Mesmo não querendo, pegou na mesinha-de-cabeceira um envelope quadrado, creme, em que seu nome fora escrito numa letra floreada. Enfiou-o num bolso, sem ler, porque sabia que fora deixado pelo médico de Barbara, Jordan Ferrier.

Quando questões médicas importantes precisavam ser discutidas, o médico sempre usava o telefone. Só deixava mensagens escritas quando passava da medicina para o trabalho da Morte.

De novo junto à janela, Billy descobriu que o observador no vinhedo tinha sumido. Instantes depois, quando saiu do Whispering Pines, ele de certo modo esperava encontrar um terceiro bilhete no para-brisa. Essa descoberta lhe foi poupada. Era mais provável que o homem entre as parreiras fosse alguém comum fazendo algo honesto. Nada mais, nada menos.

Foi direto para casa, parou na garagem, subiu a escada dos fundos e encontrou a porta da cozinha destrancada, escancarada.

Capítulo 8

Billy não fora ameaçado em nenhum dos dois bilhetes. O perigo que o confrontava não era de vida ou morte. Teria preferido um perigo físico ao risco moral que havia adiante.

Mesmo assim, quando achou a porta dos fundos escancarada, pensou em esperar no quintal até que Lanny chegasse com o xerife Palmer. Essa opção ocupou seu pensamento apenas por um instante. Não se importava se Lanny e Palmer o considerassem covarde, mas ele próprio não queria pensar assim. Entrou. Ninguém esperava na cozinha.

A desbotada luz do dia mais batia nas janelas do que penetrava. Cauteloso, acendeu as luzes enquanto seguia pela casa. Não achou intrusos em nenhum cômodo ou armário.

Curiosamente, também não viu sinais de invasão. Quando voltou à cozinha, começou a se perguntar se tinha mesmo fechado a porta quando saiu de casa, cedo. Essa possibilidade teve de ser descartada quando encontrou a chave extra numa bancada da cozinha, perto do telefone. Ela deveria estar grudada na parte de baixo de uma das vinte latas de tinta para madeira e verniz guardadas numa prateleira da garagem.

Billy tinha usado a chave extra pela última vez havia cinco ou seis meses. Não poderia estar sendo vigiado há tanto tempo. Suspeitando da existência de uma chave, o assassino devia ter intuído que a garagem

era o local mais provável para ela ser escondida. A oficina de Billy, com equipamento profissional, ocupava dois terços daquele espaço, apresentando numerosas gavetas, armários prateleiras em que uma coisa tão pequena assim poderia estar escondida. A busca devia ter demorado horas.

Se, depois de visitar a casa, o assassino pretendesse anunciar sua intrusão deixando a chave extra na cozinha, a lógica argumentava que ele deveria ter economizado o tempo da busca. Em vez disso, por que não tinha quebrado um dos quatro vidros da porta dos fundos? Enquanto pensava nesse enigma, Billy percebeu que a chave estava no local exato, sobre a bancada de granito, onde deixara o primeiro bilhete digitado pelo assassino. O papel havia sumido. Girando num círculo inteiro, não viu o bilhete no chão nem em qualquer outra bancada. Abriu as gavetas mais próximas, mas não estava nesta, nem nesta, nem nesta...

Foi então que se deu conta de que o assassino de Giselle Winslow não estivera ali. O invasor fora Lanny Olsen. Lanny sabia onde a chave extra ficava guardada. Quando pediu o primeiro bilhete, como prova, Billy lhe disse que ele estava li, na cozinha. Lanny também perguntou onde encontrá-lo dentro de uma hora, se ele iria direto para casa ou para o Whispering Pines.

Uma profunda apreensão dominou Billy, uma inquietação geral e uma dúvida que começaram a coalhar sua confiança. Se Lanny pretendia vir aqui e pegar o bilhete como prova essencial, não mais tarde, com o xerife Palmer, mas imediatamente, deveria ter dito isso. Sua mentira sugeria que ele não estava no clima para servir e proteger o público, ou mesmo apoiar um amigo, sim concentrado em primeiro salvar sua própria pele.

Billy não queria acreditar nisso. Procurou desculpas para Lanny. Talvez, depois de se afastar do bar em sua radiopatrulha, ele tivesse decidido que, afinal de contas, precisaria dos dois bilhetes antes de procurar o xerife Palmer.

E talvez não quisesse ligar para o Whispering Pines porque sabia como essas visitas eram importantes para Billy. Mas, nesse caso, teria escrito uma breve explicação para deixar no lugar do bilhete do assassino, quando o pegou. A não ser... Se sua intenção fosse destruir os dois bilhetes em vez de procurar Palmer, e mais tarde afirmar que

Billy nunca o havia procurado antes do assassinato de Winslow, esse aviso escrito serviria como prova para refutá-lo.

Lanny Olsen sempre havia parecido um homem bom, não livre de defeitos, mas basicamente bom, justo e honesto. Tinha sacrificado seus sonhos para ajudar a mãe doente durante muitos anos.

Billy pôs a chave extra no bolso da calça. Não pretendia grudá-la de novo ao fundo da lata na oficina. Perguntou-se quantos relatórios negativos haveria na ficha de Lanny, exatamente o quanto ele havia sido preguiçoso. Em retrospecto, ouviu um desespero muito maior na voz do amigo do que tinha escutado na hora. "Eu nunca quis realmente esta vida... Mas o negócio... é que, querendo ou não, é a que tenho agora. E tudo o que tenho. Quero a chance de mantê-la." Até mesmo a maioria dos homens bons tem um ponto de ruptura. Lanny devia estar mais perto do seu do que Billy poderia saber. O relógio na parede mostrou 20h09. Em menos de quatro horas, independentemente da escolha feita por Billy, alguém morreria. Queria tirar essa responsabilidade dos ombros. Lanny deveria ligar para ele às 20h30. Billy não tinha intenção de esperar. Pegou o telefone da parede e digitou o número do celular de Lanny.

Depois de cinco toques, foi passado para a caixa de mensagens. Falou: — Aqui é o Billy. Estou em casa. Que diabos aconteceu. O que você fez? Ligue para mim agora.

O instinto lhe disse que não tentasse encontrar Lanny através do despachante da delegacia. Estaria deixando uma pista que poderia ter consequências imprevistas. A traição do amigo, se é que era isso, tinha reduzido Billy aos cálculos prudentes de um homem culpado, mesmo não tendo feito nenhuma coisa errada.

Uma pontada passageira de dor e raiva misturadas teria sido compreensível. Em vez disso, o ressentimento inchou dentro dele, tão denso, tão depressa, que o peito ficou apertado e Billy teve dificuldade para engolir.

Destruir os bilhetes e mentir sobre eles poderia poupar a demissão de Lanny da polícia, mas a situação de Billy ficaria pior. Sem provas, acharia mais difícil convencer as autoridades de que sua história era verdadeira e de que ela poderia lançar luz sobre a psicologia do assassino. Se procurasse os policiais agora, arriscava-se a parecer

alguém procurando publicidade ou um barman que queria mostrar sua inteligência. Ou um suspeito.

Estimulado por esse pensamento, ficou imóvel por um minuto, explorando-o. Suspeito. Sua boca tinha ficado seca. A língua se grudava ao palato. Foi à pia da cozinha e pegou um copo d'água fria da torneira. A princípio, mal conseguiu tomar, mas depois bebeu todo o copo em três goladas. Fria demais, bebida depressa demais, a água provocou uma dor breve e aguda no peito e levou a náusea entranhas abaixo. Billy pôs o copo no escorredor. Apoiou-se na pia até o enjoo passar.

Jogou água fria no rosto oleoso, lavou as mãos com a quente.

Andou pela cozinha. Sentou-se brevemente à mesa, depois andou mais um pouco.

Às 20h30, parou junto ao telefone, olhando-o, apesar de ter todos os motivos para acreditar que ele não tocaria. Às h40, usou o celular para ligar para Lanny, deixando livre o telefone da casa. A ligação caiu na caixa de mensagens outra vez. A cozinha estava quente demais. Sentia-se sufocado. Às h45, saiu para a varanda dos fundos. Precisava de ar puro.

Com a porta escancarada atrás, poderia ouvir o telefone tocando.

Índigo no leste, o céu no alto e no oeste tremia de leve com as vibrações iridescentes de um pôr-do-sol laranja e verde. O bosque ao redor se arrepiava escuro, escurecendo ainda mais. Se um observador hostil estivesse junto às árvores, agachado entre samambaias e filodendros, ninguém, a não ser um cão de olfato aguçado, saberia que ele estava ali.

Cem sapos, todos invisíveis, tinham começado a cantar na escuridão que baixava, mas na cozinha, do outro lado da porta aberta, tudo era silêncio. Talvez Lanny só precisasse de um pouco mais de tempo para encontrar um modo de torcer a verdade. Sem dúvida, ele se importava com algo, além de si próprio. Não poderia ter sido tão absolutamente reduzido, tão depressa, ao mais básico interesse próprio. Ainda era um policial, preguiçoso ou não. Cedo ou tarde, iria perceber que não poderia viver consigo mesmo se, obstruindo a investigação, contribuísse para mais mortes.

O derramamento de nanquim no leste num instante saturou o céu acima, enquanto no oeste tudo era fogo e sangue.

Capítulo 9

Às 21h, Billy saiu da varanda dos fundos e entrou na casa.

Fechou a porta e trancou. Em apenas três horas, um destino seria decidido, uma morte ordenada, e se o assassino seguisse um padrão, alguém seria morto antes do amanhecer.

A chave do carro estava na mesa da cozinha. Billy pegou-a.

Pensou em procurar Lanny Olsen. O que tinha considerado ressentimento, antes, fora apenas exasperação. Agora conhecia o ressentimento verdadeiro, uma melancolia escura e amarga.

Queria tremendamente o confronto.

Preservai-me do inimigo que tem algo a conquistar; e do amigo que ainda tem o que perder.

Lanny tinha trabalhado no turno do dia. Agora, estava de folga. Provavelmente estaria entocado em casa. Se não estivesse em casa, havia apenas um punhado de restaurantes, bares e casas de amigos onde poderia ser achado. Um sentimento de responsabilidade e um estranho tipo de esperança desesperada mantiveram Billy prisioneiro em sua cozinha, perto do telefone. Não achava mais que Lanny fosse telefonar; mas talvez o assassino fizesse isso.

A pessoa que ficara ouvindo em silêncio na linha, na noite anterior, fora o assassino de Giselle Winslow. Billy não tinha provas, mas também não tinha dúvidas. Talvez o sujeito ligasse esta noite também. Se Billy pudesse falar com ele, algo poderia ser feito, algo poderia ser descoberto.

Billy não tinha a ilusão de que um monstro assim pudesse ser induzido a bater papo. Tampouco um sociopata homicida poderia ser levado a conversar ou ser persuadido a poupar uma vida. Mas ouvir o sujeito falar algumas palavras poderia ser valioso. Etnia, região de origem, formação, idade aproximada e outras coisas poderiam ser deduzidas a partir de uma voz.

Com sorte, o assassino poderia revelar involuntariamente algum fato importante sobre si mesmo. Uma pista, um pequeno broto de informação que florescesse sob análise cuidadosa, poderia dar a Billy algo crível para levar à polícia.

Confrontar Lanny Olsen poderia ser emocionalmente satisfatório, mas não tiraria Billy da situação na qual o assassino o pusera. Pendurou a chave do carro num gancho da parede. Na noite anterior, num momento de nervosismo, havia baixado as persianas de todas as janelas. De manhã, antes do café, tinha levantado a da cozinha. Agora fechou-a de novo.

Parou no meio da cozinha. Olhou o telefone. Pretendendo sentar-se à mesa, pôs a mão direita nas costas de uma cadeira, mas não a moveu. Só ficou ali parado, examinando o piso de granito preto e lustroso aos seus pés. Mantinha a casa imaculada. O granito era brilhante, sem qualquer mancha. O negrume sob seus pés parecia não ter substância, como se ele estivesse parado no ar, no alto da própria noite, com oito quilômetros de atmosfera por baixo, sem asas.

Afastou a cadeira da mesa. Sentou-se. Menos de um minuto se passou antes de ficar de pé. Nessas circunstâncias, Billy Wiles não tinha ideia de como agir, do que fazer. A simples tarefa de passar o tempo o incomodava, ainda que nos últimos anos não fizesse muita coisa além disso. Como não tinha jantado, foi até a geladeira. Não estava com fome. Nada naquelas prateleiras gélidas o atraía.

Olhou a chave do carro pendurada no gancho do chaveiro.

Foi até o telefone e ficou parado, olhando-o. Sentou-se à mesa.

Ensinai-nos o desvelo e o menosprezo. Ensinai-nos a estar postos em sossego.

Depois de um tempo, foi ao escritório, onde passava tantas noites entalhando ornamentos arquitetônicos numa mesa de canto. Pegou várias ferramentas e um pedaço de carvalho branco com o qual tinha entalhado pela metade um ramo de folhas de acanto. Voltou com tudo para a cozinha. O escritório tinha telefone, mas esta noite Billy preferiu a cozinha. O escritório também tinha um sofá confortável, e ele se preocupou com a hipótese de se sentir tentado a deitar, cair no sono e não ser acordado pelo telefonema do assassino — ou por qualquer coisa, para sempre.

Quer essa preocupação fosse realista, quer não, acomodou-se à mesa da cozinha com a madeira e as ferramentas. Sem um torno de entalhador, só podia trabalhar nos menores detalhes das folhas, o que era uma atividade parecida com um passatempo. A lâmina arrancava um som oco do carvalho, como se fosse osso, e não madeira.

Às 22h10, menos de duas horas antes do prazo final, decidiu abruptamente que iria procurar o xerife. A casa de Billy não ficava numa cidade; a jurisdição aqui era do xerife. O bar ficava em Vineyard Hills, mas a cidade era pequena demais para ter sua própria polícia; o xerife Palmer era a lei também lá.

Billy pegou a chave no gancho, abriu a porta, saiu para a varanda e parou.

Se você for à polícia, eu mato uma jovem mãe de dois filhos. Não queria escolher. Não queria que ninguém morresse. Em todo o condado de Napa, podia haver dezenas de jovens mães com dois filhos. Talvez cem, duzentas, talvez mais. Mesmo se tivessem cinco horas, eles não poderiam identificar e alertar todos os alvos possíveis. Teriam de usar a mídia para alertar o público. Isso poderia demorar dias. Agora, com menos de duas horas, nada significativo poderia ser feito.

Os policiais poderiam passar mais tempo do que isso apenas interrogando Billy.

A jovem mãe, obviamente pré-selecionada pelo matador, seria assassinada. E se os filhos acordassem? Como testemunhas, poderiam ser eliminados. O louco não tinha prometido matar apenas a mãe.

No ar úmido da noite, um cheiro almiscarado veio das grossas camadas de sementes e folhas no chão da floresta e chegou das árvores à varanda. Billy retornou à cozinha e fechou a porta.

Mais tarde, esculpindo detalhes de folhas, cortou o polegar. Não pegou um band-aid. O corte era pequeno; deveria se fechar rapidamente. Quando cortou o nó de um dos dedos, permaneceu envolvido demais com o entalhe para se incomodar com o ferimento. Trabalhou mais depressa e não notou quando sofreu um terceiro corte minúsculo.

Para qualquer observador, se houvesse um observador, poderia parecer que Billy queria sangrar. Porque suas mãos continuaram ocupadas, os ferimentos continuavam chorando.

A madeira se encharcou de sangue. Com o tempo, percebeu que o carvalho havia se descolorido totalmente. Largou o entalhe e pôs o formão de lado.

Ficou sentado um tempo, olhando as mãos, ofegando sem motivo. Com o tempo, o sangramento parou, e não recomeçou quando ele lavou as mãos na pia. Às 23h45, depois de enxugar as mãos num

pano de prato, pegou uma Guinness gelada e bebeu na garrafa. Terminou depressa demais. Cinco minutos depois da primeira cerveja, abriu uma segunda.

Virou-a num copo para se encorajar a tomar lentamente e fazer com que durasse. Ficou parado com a Guinness diante do relógio de parede. Vinte e três horas e cinquenta minutos.

Contagem regressiva. Por mais que quisesse mentir para si mesmo, não podia se enganar. Tinha feito uma escolha. A escolha é sua. Até a inação é uma escolha.

A mãe de dois filhos não morreria esta noite. Se o monstro homicida mantivesse sua parte da barganha, a mãe dormiria à noite e veria o amanhecer. Agora, Billy fazia parte daquilo.

Podia negar, podia fugir, podia deixar as persianas fechadas pelo resto da vida e atravessar a fronteira entre recluso e ermitão, mas não podia escapar ao fato fundamental de que fazia parte daquilo.

O assassino tinha lhe oferecido parceria. Billy não queria participação naquilo. Mas agora percebeu que era como um daqueles tratos comerciais, uma daquelas ofertas agressivas de ações na bolsa, que os redatores das páginas de finanças chamavam de tomada de controle acionário hostil.

Terminou a segunda Guinness quando a meia-noite chegou. Queria uma terceira. E uma quarta. Disse a si mesmo que precisava manter a cabeça limpa. Perguntou-se por quê, e não encontrou resposta crível. Sua parte no negócio estava feita por aquela noite. Tinha feito a escolha. O monstro realizaria o ato.

Nada mais aconteceria esta noite. Só que, sem a cerveja, Billy não poderia dormir. Poderia se pegar entalhando de novo. Suas mãos doíam. Não por causa dos três ferimentos insignificantes. Por ter segurado as ferramentas com força demais. Por ter segurado o pedaço de carvalho com um aperto mortal. Sem dormir, não estaria preparado para o próximo dia. Com a manhã, chegaria a notícia de outro cadáver.

Descobriria quem ele escolhera para a morte.

Pôs o copo na pia. Não precisava mais de copo porque não se importava em fazer com que a cerveja demorasse. Cada garrafa era um soco, e ele não queria nada além de se nocautear. Levou uma terceira cerveja para a sala de estar e se sentou na espreguiçadeira. Bebeu no

escuro. A fadiga emocional pode ser tão debilitante quanto a exaustão física.

Toda a força o havia abandonado.

À 1h44, o telefone o acordou. Billy voou da poltrona como se saltasse de uma catapulta. A garrafa de cerveja vazia rolou pelo chão. Esperando ouvir a voz de Lanny, pegou o telefone da cozinha no quarto toque.

— Alô.

Não obteve resposta. O ouvinte. O monstro. Pela experiência, Billy sabia que a estratégia do silêncio não o levaria a lugar nenhum.

— O que você quer de mim? Por que eu? A pessoa não respondeu.

— Não vou jogar o seu jogo — disse Billy, mas isso era uma bobagem, porque os dois sabiam que ele já estava envolvido. Ficaria satisfeito se o assassino tivesse respondido ao menos com um risinho de escárnio, mas não obteve nada.

— Você é doente, é virado. — Quando isso não inspirou resposta, Billy acrescentou: — Você é lixo humano.

Pensou que tinha parecido fraco e ineficaz, e, para a época em que vivia, esses insultos estavam longe de ser inflamatórios. Alguma banda de heavy metal provavelmente se chamava Doente e Virado, e sem dúvida havia outra chamada Lixo Humano.

O monstro não aceitou a provocação. Desligou. Billy fez o mesmo e percebeu que estava com as mãos tremendo. As palmas estavam úmidas, e ele as enxugou na camisa. Foi assolado por um pensamento que deveria ter lhe ocorrido, mas não ocorreu quando a pessoa ligou na noite anterior.

Voltou ao telefone, pegou o aparelho, ouviu o tom de discagem por um momento e digitou *69, fazendo uma chamada automática de retorno. Do outro lado da linha, o telefone tocou, tocou, tocou, mas ninguém atendeu. Mas o número no Bina era familiar. Era o de Lanny.

Capítulo 10

Graciosa à luz das estrelas com carvalhos, a igreja ficava perto da rodovia principal, a quatrocentos metros da saída para a casa de Lanny Olsen. Billy foi até o canto sul do estacionamento. Sob a cobertura de um enorme carvalho da Califórnia, desligou os faróis e o motor. Pitorescas paredes de estuque branco com contrafortes decorativos subiam até as telhas de um laranja queimado. Num nicho do campanário, ficava uma estátua de Nossa Senhora com os braços abertos, dando as boas-vindas à humanidade sofredora. Aqui, cada bebê batizado pareceria um santo em potencial. Cada casamento pareceria ter a promessa de felicidade eterna independentemente da natureza da noiva e do noivo.

Billy estava armado, claro. Ainda que fosse uma arma velha, não comprada recentemente, permanecia em ordem.

Mantinha-a limpa e conservada. Guardada junto ao revólver, havia uma caixa de cartuchos 38. Não mostravam qualquer sinal de corrosão.

Quando tirou a arma da caixa, ela pareceu mais pesada do que ele lembrava. Agora, ao pegá-la no banco do carona, ainda parecia pesada. Esse Smith & Wesson em particular pesava apenas um quilo, mas talvez o peso extra que ele sentia fosse de sua história. Saiu do Explorer e trancou as portas. Um carro solitário passou na rodovia. A extremidade lateral do facho do farol não chegou a menos de trinta metros de Billy. A residência paroquial ficava do outro lado da igreja. Mesmo que o padre sofresse de insônia, não teria ouvido o carro chegar.

Billy caminhou sob o carvalho, saiu de baixo da copa e entrou numa campina. O capim ia até os joelhos. Na primavera, cascatas de papoulas se derramavam por essa encosta suave, num vermelho-alaranjado como um fluxo de lava. Agora estavam mortas, tinham sumido. Parou para deixar que os olhos se acostumassem à escuridão sem luar. Imóvel, prestou atenção. O ar estava parado. Nenhum tráfego na rodovia distante. Sua presença tinha silenciado as cigarras e os sapos. Quase podia ouvir as estrelas.

Confiando na visão adaptada ao escuro, ainda que em nada mais, partiu pela campina ligeiramente inclinada, indo em direção à pista de asfalto rachado e esburacado que levava à casa de Lanny Olsen. Estava

preocupado com as cascavéis. Em noites de verão quentes como esta, elas caçavam ratos-do- mato e coelhos jovens. Sem ser mordido, Billy chegou à pista e começou a subir o morro, passando por duas casas, ambas escuras e silenciosas.

Na segunda casa, um cachorro corria solto no quintal cercado. Não latiu, mas ficou correndo de um lado para o outro ao longo das ripas altas, ganindo pela atenção de Billy. A casa de Lanny ficava seiscentos metros depois da casa com o cachorro.

Em cada janela, luz de uma natureza ou outra incendiava o vidro ou dourava as cortinas. No quintal, Billy se agachou ao lado de uma ameixeira. Podia ver o lado oeste da casa — que era a frente — e o lado norte. Existia a possibilidade de que toda aquela coisa tivesse sido uma peça, e de que Lanny a tivesse pregado.

Billy não tinha certeza de que uma professora loura havia sido morta na cidade de Napa. Aceitara a palavra de Lanny.

Não tinha visto notícias do homicídio no jornal. O assassinato supostamente fora descoberto tarde demais para sair na edição mais recente. Além disso, ele raramente lia jornal. Do mesmo modo, nunca assistia à TV. Ocasionalmente, ouvia a previsão do tempo no rádio, enquanto dirigia, mas contava principalmente com um aparelho de CD cheio de músicas country da Louisiana ou do oeste. Um criador de desenho animado também poderia ser um pregador de peças. No entanto, o lado engraçado de Lanny fora reprimido por tanto tempo que era menos um lado e mais um traço. Ele era uma companhia razoavelmente boa, mas não daquelas de provocar risos.

Billy não pretendia apostar a vida — ou um centavo sequer — na hipótese de que Lanny Olsen tinha lhe pregado uma peça. Lembrou-se de como o amigo estivera suado, ansioso e perturbado no estacionamento do bar, na noite anterior. Em Lanny, o que você via era o que existia. Se ele quisesse ser ator em vez de desenhista de animação, e sua mãe nunca tivesse tido câncer, mesmo assim acabaria como um policial com ficha problemática.

Depois de examinar o local, com a certeza de que ninguém o estava vigiando de uma janela, Billy atravessou o gramado, passou pela varanda da frente e deu uma olhada no lado sul da casa. Ali também todas as janelas estavam fracamente iluminadas. Circulou até os fundos, ficando a distância, e viu que a porta de trás estava aberta. Uma mancha

de luz parecia um tapete no chão escuro da varanda, dando as boas-vindas aos visitantes através da soleira. Um convite tão ousado parecia sugerir uma armadilha. Billy esperou encontrar Lanny Olsen morto lá dentro.

Se você não for à polícia e não a envolver, vou matar um homem solteiro que não fará muita falta ao mundo.

O enterro de Lanny não teria milhares de pessoas, talvez nem mesmo cem, ainda que algumas fossem sentir sua falta.

Não o mundo, mas algumas pessoas. Quando Billy fizera a escolha de poupar a mãe de dois filhos, não tinha percebido que havia condenado Lanny. Se soubesse, talvez tivesse feito uma escolha diferente. Escolher a morte de um amigo seria mais difícil do que a de uma desconhecida sem nome. Mesmo que a estranha fosse mãe de dois filhos. Não queria pensar nisso.

Perto do fim do quintal dos fundos havia um toco de carvalho doente que fora cortado havia muito tempo. Com 1,20m de grossura e sessenta centímetros de altura. No lado leste do toco havia um buraco aberto pelo tempo e pela podridão. No buraco, tinha sido enfiado um saco plástico. O saco continha uma chave extra da casa.

Depois de pegar a chave, Billy circulou cautelosamente até a frente. Voltou ao abrigo da ameixeira. Ninguém havia apagado nenhuma luz. Nenhum rosto podia ser visto em qualquer janela, e nenhuma cortina se movia de modo suspeito. Parte dele queria ligar para o 911, conseguir ajuda depressa e contar a história. Suspeitava que seria um gesto imprudente.

Não entendia as regras daquele jogo bizarro e não podia saber como o assassino definia a vitória. Talvez o monstro achasse divertido acusar um barman inocente pelos dois crimes. Billy tinha sobrevivido uma vez a ser suspeito. A experiência o transformou. Profundamente. Resistiria a ser transformado de novo. Tinha perdido muito de si mesmo na primeira vez.

Saiu do abrigo da ameixeira. Subiu em silêncio os degraus da frente e foi direto à porta. A chave funcionou. A fechadura não fez barulho, as dobradiças não guincharam, e a porta se abriu em silêncio.

Capítulo 11

Essa casa vitoriana tinha um saguão com piso de madeira escura. Um corredor forrado de lambri levava aos fundos, e uma escada oferecia o andar de cima. Numa das paredes, fora colado um pedaço de papel de 20x25cm em que havia uma mão desenhada. Parecia a mão do Mickey Mouse: polegar gorducho, três dedos e um rolo no pulso, sugerindo uma luva.

Dois dedos estavam dobrados contra a palma. O polegar e o indicador formavam uma arma apontada para a escada.

Billy captou a mensagem, certo, mas optou por ignorá-la por enquanto. Deixou a porta da frente aberta, para o caso de precisar sair rapidamente. Segurando o revólver com o cano apontado para o teto, passou por um arco à esquerda do saguão. A sala de estar permanecia exatamente como quando a sra. Olsen era viva, dez anos atrás. Lanny não a usava muito. O mesmo acontecera à sala de jantar. Lanny fazia a maior parte das refeições na cozinha ou na sala íntima, assistindo à TV.

No corredor, colada à parede, outra mão de desenho animado apontava para o saguão e a escada, na direção oposta à que ele havia seguido. Ainda que a TV estivesse escura na sala íntima, chamas flutuavam na lareira a gás, e num leito de cinzas falsas, brasas falsas luziam como se fossem de verdade.

Na mesa da cozinha, havia uma garrafa de Bacardi, uma garrafa plástica de dois litros de Coca-Cola e um balde de gelo.

Num prato ao lado da Coca, brilhava uma pequena faca com lâmina serrilhada e uma lima da qual tinham sido cortadas algumas fatias. Ao lado do prato, estava um copo alto, suado, com um líquido escuro até a metade. No copo, flutuavam uma fatia de lima e algumas finas lascas de gelo derretendo-se.

Depois de roubar o primeiro bilhete do assassino na cozinha de Billy e destruí-lo com o segundo, para salvar seu emprego e sua esperança de aposentadoria, Lanny tinha tentado afogar a culpa com uma série de doses de rum e Coca- Cola.

Se a garrafa de Coca-Cola e a de Bacardi estavam cheias quando ele se sentou para a tarefa, tinha feito um progresso considerável na direção de uma bebedeira suficiente para apagar a memória e entorpecer a consciência até a manhã.

A porta da despensa estava fechada. Mesmo duvidando que o maluco espreitasse ali entre os enlatados, Billy não iria se sentir

confortável dando-lhe as costas sem investigar. Com o braço direito colado ao corpo e o revólver apontado para a frente, virou a maçaneta depressa e puxou a porta com a mão esquerda. Ninguém esperava na despensa. Numa gaveta da cozinha, pegou um pano de prato limpo. Depois de limpar o puxador da gaveta e a maçaneta da porta da despensa, enfiou uma das pontas do pano sob o cinto e a deixou pendurada do lado do corpo, como se fosse um dos trapos que usava no bar.

Numa bancada perto do fogão estavam a carteira, as chaves do carro, dinheiro trocado e o celular de Lanny. Ali também estava sua pistola 9mm, de serviço, com o coldre Wilson Combat em que ele a carregava. Billy pegou o celular, ligou e acessou a caixa de mensagens. A única mensagem gravada era a que ele próprio tinha deixado mais cedo.

Aqui é o Billy. Estou em casa. Que diabos está acontecendo? O que você fez? Ligue para mim agora.

Depois de ouvir a própria voz, apagou a mensagem. Talvez fosse um erro, mas não via como ela poderia provar sua inocência. Pelo contrário, estabeleceria que ele tinha esperado ver Lanny durante a noite, e que estava com raiva dele. O que o tornaria um suspeito. Tinha pensado na caixa de mensagens durante a ida até o estacionamento da igreja e durante a caminhada pela campina. Apagá-la parecia ser o caminho mais sensato, se encontrasse o que esperava encontrar no andar de cima.

Desligou o celular e usou o pano de prato para limpar as digitais. Recolocou-o na bancada onde o havia encontrado. Se alguém estivesse observando naquele momento, teria considerado Billy um sujeito calmo e frio. Na verdade, estava quase doente de pavor e ansiedade. Um observador também poderia ter pensado, a julgar pela meticulosa atenção aos detalhes, que Billy já havia encoberto crimes. Não era o caso, mas a experiência brutal tinha aguçado sua imaginação e ensinado os perigos das provas circunstanciais.

Uma hora antes, à 1h44, o assassino havia ligado para Billy desta casa. A companhia telefônica teria um registro desse breve telefonema. Talvez a polícia achasse que isso provava que Billy não poderia estar ali na hora do assassinato. Mais provavelmente, suspeitaria que o próprio Billy tinha dado o telefonema a um cúmplice em sua casa, com o objetivo

tortuoso de tentar estabelecer sua presença em outro local na hora do assassinato. Os policiais sempre suspeitavam o pior de todo mundo. A experiência deles havia ensinado isso.

No momento, não conseguia pensar em nada que pudesse ser feito em relação aos registros da companhia telefônica.

Tirou isso da cabeça. Questões mais urgentes exigiam sua atenção. Como encontrar o cadáver, se ele existisse. Não pensou que deveria perder tempo procurando os dois bilhetes do assassino. Se ainda estivessem intactos, provavelmente os teria encontrado na mesa em que Lanny estivera bebendo, ou no balcão, junto à carteira, ao dinheiro trocado e ao celular. As chamas na lareira da sala íntima, nesta quente noite de verão, levavam a uma conclusão lógica sobre os bilhetes.

Colada à lateral de um armário da cozinha, havia uma mão de desenho animado apontando para a porta de vaivém e o corredor do andar de baixo. Finalmente, Billy estava disposto a aceitar a orientação, mas um medo ansioso, que fazia encolher-se, imobilizou-o. A posse de uma arma de fogo e a disposição de usá-la não lhe davam coragem suficiente para ir adiante. Não esperava encontrar o monstro. De certo modo, o assassino teria sido menos intimidador do que o que ele esperava encontrar.

A garrafa de rum o tentava. Não havia sentido o efeito das três garrafas de Guinness. O coração estivera trovejando durante quase uma hora, com o metabolismo disparado. Para alguém que não bebia muito, recentemente tivera de se lembrar disso com frequência suficiente para sugerir que um viciado profissional vivia dentro dele, ansiando por se libertar.

A coragem de ir em frente veio do medo de não conseguir ir adiante e de uma percepção aguda das consequências de entregar a cartada ao monstro. Saiu da cozinha e seguiu pelo corredor até o saguão. Pelo menos a escada não estava escura; havia luz aqui embaixo, no patamar e no topo. Subindo, não se incomodou em chamar o nome de Lanny. Sabia que não teria resposta e, de qualquer modo, duvidava que pudesse encontrar a própria voz.

Capítulo 12

Dando para o corredor de cima, havia três quartos, um banheiro e um closet. Quatro dessas cinco portas estavam fechadas. Nos dois lados da entrada do quarto principal, havia mãos de desenho animado apontando para a porta aberta.

Relutando em ser guiado, pensando em animais empurrados por uma rampa no matadouro, Billy deixou para o fim o quarto principal. Primeiro, verificou o banheiro do corredor.

Depois, o closet e os outros dois quartos, num dos quais Lanny mantinha uma prancheta de desenho.

Usando o pano de prato, limpou todas as maçanetas depois de tocá-las. Restando apenas um espaço onde procurar, parou no corredor, prestando atenção. Nem um alfinete caiu. Algo tinha agarrado em sua garganta, e ele não conseguia engolir aquilo. Não conseguia porque não era mais real do que a lasca de gelo que lhe escorria pelas costas.

Entrou no quarto principal, onde havia dois abajures acesos. O papel de parede com estampa de rosas escolhido pela mãe de Lanny não fora removido depois da morte dela, e nem mesmo alguns anos depois, quando Lanny se mudou de seu antigo quarto para este. O tempo havia escurecido o fundo até um tom agradável que fazia lembrar uma leve mancha de chá. A colcha era uma das prediletas de Pearl Olsen: rosa com flores bordadas ao longo das bordas.

Frequentemente, durante a doença da sra. Olsen, após as sessões de quimioterapia e depois de seus debilitantes tratamentos com radiação, Billy havia se sentado com ela neste quarto. Algumas vezes, simplesmente conversavam ou ele a olhava dormindo. Frequentemente, lia para ela. A sra. Olsen gostava de histórias de aventuras cheias de estripulias.

Histórias durante o Raj na índia. Histórias com gueixas, samurais, guerreiros chineses e piratas do Caribe. Pearl se fora, e agora Lanny também. Uniformizado, ele estava sentado numa poltrona, pernas apoiadas num banco, mas mesmo assim tinha ido embora. Tinha levado um tiro na testa.

Billy não queria ver isso. Morria de medo de ficar com essa imagem na memória. Queria sair. Mas fugir não era opção.

Nunca fora, nem há vinte anos nem agora, nem em qualquer momento intermediário. Se fugisse, seria caçado e destruído.

A caçada estava acontecendo e, por motivos que não entendia, ele era a caça definitiva. A da fuga não iria salvá-lo.

A nunca salvava a raposa. Para escapar dos cães e dos caçadores, a raposa precisava de inteligência e de um gosto pelo risco. Billy não se sentia como uma raposa. Sentia- se como um coelho, mas não correria como um coelho.

A falta de sangue no rosto de Lanny, a falta de algo escorrendo da ferida sugeria duas coisas: que a morte fora instantânea e que sua nuca havia explodido. Nenhuma mancha de sangue ou matéria cerebral sujava o papel de parede atrás da poltrona. Lanny não tinha sido morto onde estava sentado, não levara o tiro em nenhum lugar deste quarto.

Como Billy não tinha encontrado sangue em nenhum outro lugar da casa, presumiu que o assassinato tivesse ocorrido do lado de fora. Talvez Lanny tivesse se levantado da mesa da cozinha, do seu rum com Coca, meio bêbado ou bêbado, precisando de ar puro, e tivesse saído. Talvez tivesse percebido que sua mira não seria suficientemente boa para o banheiro e portanto tivesse ido ao quintal dos fundos para se aliviar. O maluco devia ter usado uma lona plástica ou algo assim para transportar o corpo pela casa sem fazer sujeira.

Mesmo que o assassino fosse forte, levar o morto do quintal dos fundos para o quarto principal, considerando a escada, devia ter sido um trabalho difícil. Difícil e aparentemente desnecessário. Mas para fazê-lo devia ter um motivo importante. Os olhos de Lanny estavam abertos.

Ambos ligeiramente arregalados. O esquerdo meio torto, como se em vida tivesse sido vesgo. Pressão. Porque no instante em que a bala atravessou o cérebro, a pressão dentro do crânio subiu tremendamente, antes de ser aliviada.

Um romance de algum clube do livro estava no colo de Lanny, um volume menor e mais barato do que a bela edição do mesmo título que havia saído nas livrarias. Pelo menos duzentos livros semelhantes estavam na estante no canto do quarto. Billy podia ver o título, o nome do autor e a ilustração de capa. A história era sobre a busca de um tesouro e um amor verdadeiro no Pacífico Sul. Há muito tempo, lera o romance para Pearl Olsen. Ela tinha gostado, mas, afinal de contas, a sra. Pearl gostava de todos.

A mão direita de Lanny, frouxa, pousava no livro. Ele parecia ter marcado o lugar da leitura com uma foto, da qual uma pequena parte se

projetava das páginas. O psicopata tinha arrumado tudo isso. O quadro geral o satisfazia e possuía significado emocional para ele. Ou era um recado — uma charada, uma provocação. Antes de interferir na cena, Billy estudou-a. Nada parecia intrigante ou inteligente, nada que pudesse ter excitado o assassino a ponto de motivá-lo a fazer um esforço tão grande em sua criação.

Billy lamentava a morte de Lanny; mas com maior intensidade odiava o fato de Lanny não ter recebido qualquer dignidade nem mesmo na morte. O monstro o arrastou pela casa e o arrumou como se fosse um manequim, um boneco, como se ele existisse apenas para sua diversão e manipulação.

Lanny tinha traído Billy; mas isso não importava mais. Na borda do Escuro, à beira do Vazio, poucas ofensas valiam ser lembradas. A única coisa que valia isso eram os momentos de amizade e riso. Se no último dia de Lanny os dois haviam se alterado, agora estavam no mesmo time, com o mesmo adversário singular.

Billy pensou ter ouvido um ruído no corredor. Sem hesitação, segurando o revólver com as duas mãos, saiu do quarto passando rapidamente pela porta, girando o 38 da esquerda para a direita, procurando um alvo. Ninguém. As portas do banheiro, do closet e dos outros quartos estavam fechadas, como ele deixara. Não sentiu uma necessidade premente de revistar aqueles cômodos de novo. Poderia não ter ouvido nada além de um som comum, de acomodação, enquanto a casa antiga protestava contra o peso do tempo, mas com quase certeza não fora o som de uma porta se abrindo ou fechando.

Enxugou a palma úmida da mão esquerda na camisa, passou a arma para ela, enxugou a mão direita, voltou a arma para ela e foi até o topo da escada. Do andar de baixo, da varanda do outro lado da porta aberta, nada vinha além de um silêncio de noite de verão, um silêncio da madrugada.

Capítulo 13

Parado no topo da escada, prestando atenção, a dor tinha começado a latejar nas têmporas de Billy. Ele percebeu que seus dentes estavam mais trincados do que as engrenagens de um torno. Tentou relaxar e respirar pela boca. Girou a cabeça de um lado para o outro,

aliviando a rigidez dos músculos do pescoço. A tensão poderia ser benéfica se você a usasse para ficar concentrado e alerta. O medo podia paralisar, mas também aguçar o instinto de sobrevivência. Voltou ao quarto principal.

Ao se aproximar da porta, pensou subitamente que o corpo e o livro teriam sumido. Mas Lanny ainda estava sentado na poltrona. Numa caixa sobre uma das mesinhas-de- cabeceira, Billy pegou dois lenços de papel. Usando-os como uma luva improvisada, afastou a mão do morto do livro.

Deixando o livro no colo do cadáver, abriu-o no lugar marcado pela foto. Esperava que frases ou parágrafos tivessem sido destacados do mesmo modo: outra mensagem. Mas o texto estava límpido. Ainda usando o lenço de papel, pegou a foto.

A mulher era jovem, loura e bonita. Nada na foto indicava sua profissão, mas Billy sabia que era professora. O assassino devia ter achado a foto na casa dela, lá em Napa. Antes ou depois de encontrá-la, arrancou brutalmente a beleza da jovem. Sem dúvida, o monstro havia deixado a foto no livro para confirmar às autoridades que os dois assassinatos tinham sido obra do mesmo homem. Estava contando vantagem.

Queria o crédito merecido. A única sabedoria a que podemos aspirar é a sabedoria da humildade: a humildade é infinita.

O monstro não tinha aprendido essa lição. Talvez seu fracasso em aprendê-la o levasse à queda. Se fosse possível sentir um sofrimento genuíno pela morte de um estranho, a foto daquela jovem teria feito o serviço, caso Billy a olhasse por muito tempo. Recolocou-a no livro e fechou as páginas amareladas. Depois de pôr a mão do morto sobre o livro, como estava antes, embolou o lenço de papel na mão. Foi ao banheiro que fazia parte da suíte principal, apertou a descarga com o lenço e o jogou na água que girava no vaso.

No quarto, parou junto à poltrona, sem saber o que deveria fazer. Lanny não merecia ser deixado ali sozinho, sem o benefício de uma oração ou de justiça. Se não tinha sido um amigo íntimo, mesmo assim era um amigo. Além do mais, era filho de Pearl Olsen, e isso deveria contar muito. Mas telefonar para o distrito policial, ainda que anonimamente, e informar o crime podia ser um erro. Eles iriam querer uma explicação pelo telefonema que fora dado desta casa para a de Billy

logo depois do assassinato; ele ainda não tinha decidido o que contar. Outras questões, coisas que ele não saberia, poderiam apontar a suspeita em sua direção. Provas circunstanciais.

Talvez a intenção definitiva do assassino fosse acusar Billy por aqueles crimes e por outros.

Inegavelmente, o monstro via isso como um jogo. As regras, se é que havia alguma, só eram de conhecimento dele.

Do mesmo modo, a definição de vitória só era conhecida por ele. Ganhar o bolão, capturar o rei, marcar o último gol poderia significar, nesse caso, mandar Billy para a prisão perpétua não por qualquer motivo racional, não para que o monstro escapasse da justiça, mas pela pura diversão.

Considerando que não podia discernir a forma do campo de jogo, Billy não queria ser interrogado pelo xerife Palmer.

Precisava de tempo para pensar. Pelo menos algumas horas.

Até o amanhecer.

— Desculpe — disse a Lanny.

Apagou um dos abajures ao lado da cama, depois o outro.

Se a casa ficasse acesa como um bolo de aniversário de cem anos durante toda a noite, alguém poderia notar. E ficar imaginando. Todo mundo sabia que Lanny Olsen era um cara que ia cedo para a cama. A casa ficava no ponto mais elevado e mais solitário da rua sem saída. Praticamente ninguém vinha aqui em cima, a não ser para visitar Lanny, e provavelmente ninguém visitaria Lanny nas próximas oito ou dez horas.

A meia-noite tinha transformado terça-feira em quarta-feira.

Quarta e quinta eram os dias de folga de Lanny. Ninguém sentiria falta dele no trabalho até a sexta. Mesmo assim, Billy voltou aos outros cômodos do andar de cima, um a um, e apagou também aquelas luzes. Apagou as luzes do corredor e desceu a escada, inquieto quanto à escuridão às suas costas.

Na cozinha, fechou a porta da varanda e trancou. Pretendia levar a chave extra de Lanny.

Enquanto seguia de novo para a frente, pelo andar de baixo, apagou todas as luzes, inclusive as toras de cerâmica alimentadas a gás na lareira da sala íntima, usando o cabo da arma para desligar os

interruptores. Parado na varanda da frente, trancou também a porta principal e limpou a maçaneta.

Sentia-se vigiado enquanto descia a escada. Examinou o gramado, as árvores, olhou de novo para a casa. Todas as janelas estavam negras, a noite estava negra, e Billy se afastou daquela escuridão fechada dentro da casa indo pela escuridão aberta sob um céu de nanquim onde as estrelas pareciam flutuar, pareciam tremer.

Capítulo 14

Desceu rapidamente o morro, pelo acostamento da estradinha, pronto para procurar abrigo nos arbustos caso surgissem faróis. Frequentemente, olhava para trás. Pelo que podia ver, ninguém o seguia. Sem lua, a noite favorecia um perseguidor. Deveria ter favorecido Billy também, mas ele se sentia exposto pelas estrelas.

Junto à casa com a cerca alta, o cão parcialmente visto correu de novo de um lado para o outro ao longo das ripas, chamando Billy com um gemido. Parecia desesperado. Billy simpatizou com o animal e entendeu sua condição. Mas a dificuldade e a necessidade de planejar o deixaram sem tempo para fazer uma pausa e consolar o animal. Além disso, cada expressão de amizade desejada tem uma mordida potencial.

Cada sorriso revela os dentes. Por isso, continuou pela estrada e olhou para trás, segurou firme o revólver, e depois virou à esquerda para a campina onde vadeou pelo capim com medo de cobras.

Uma questão era mais premente do que as outras. Seria o assassino alguém que ele conhecia ou um estranho? Se o monstro já existisse na vida de Billy muito antes do primeiro bilhete, um sociopata secreto que não podia mais manter engarrafadas suas ânsias homicidas, identificá-lo poderia ser difícil, mas possível. A análise de relacionamentos e uma busca na memória com atenção para anormalidades poderiam desenterrar pistas. O raciocínio dedutivo e a imaginação certamente pintariam um rosto, revelariam um motivo deturpado.

No caso de o monstro ser um estranho que escolheu Billy aleatoriamente para tormento e destruição eventual, o trabalho de detetive seria mais difícil. Imaginar um rosto jamais visto e sondar motivos do nada não seria fácil. Há não muito tempo na história do

mundo, a violência cotidiana — excluindo a devastação das nações em guerra — tomara uma natureza bastante pessoal. Ressentimentos, ofensas à honra, adultério, disputas por dinheiro disparavam o impulso assassino.

No mundo moderno, ainda mais no pós-moderno, muita violência havia se tornado impessoal. Terroristas, gangues de rua, sociopatas solitários, sociopatas em grupos e ligados a uma visão utópica matavam pessoas desconhecidas, contra quem não tinham reclamação realista, com o objetivo de atrair atenção, fazer uma declaração ou mesmo pelo simples barato da coisa. O monstro, conhecido ou desconhecido de Billy, era um adversário temível. A julgar por todas as, evidências, era ousado mas não imprudente, psicopata mas controlado, inteligente, engenhoso, esperto, com uma mente grotesca e maquiavélica. Por contraste, Billy Wiles seguia pelo mundo do modo mais simples e direto que podia. Sua mente não era grotesca. Seus desejos não eram complexos. Só esperava viver, e vivia numa esperança acautelada.

Seguindo rapidamente pelo capim alto e claro que chicoteava suas pernas e parecia emitir sussurros conspiratórios de folha para folha, ele sentia ter mais em comum com um rato-do-mato do que com uma coruja de bico afiado.

O grande carvalho surgiu. Enquanto Billy passava por baixo, presenças invisíveis agitaram os galhos no alto, testando as asas, mas nenhuma delas alçou voo. Do outro lado do Ford Explorer, a igreja parecia uma escultura de gelo feita a partir de água com traços de fósforo. Aproximando-se, destrancou o carro usando o controle remoto da chave e foi recebido por dois chiados eletrônicos e um piscar duplo das luzes de freio.

Entrou, fechou a porta e trancou-a de novo. Largou o revólver no banco do carona.

Quando tentou colocar a chave na ignição, algo o atraiu.

Um pedaço de papel dobrado fora posto na barra de direção, com um pedaço de fita adesiva. Um bilhete. O terceiro bilhete.

O assassino devia ter parado perto da rodovia e observado a estrada que ia até a casa de Lanny Olsen, para ver se Billy morderia a isca. Devia ter notado o Explorer parando nesse estacionamento. O veículo estivera trancado. O monstro só poderia entrar quebrando uma

janela; mas não havia janela quebrada. O alarme do carro não fora disparado.

Até agora, cada momento desse pesadelo em vigília parecera profundamente real, tão verdadeiro quanto o fogo para a mão que o testasse. Mas a descoberta desse terceiro bilhete pareceu jogar Billy através de um portal do mundo verdadeiro para um mundo de fantasia.

Com pavor onírico, Billy pegou o bilhete e desdobrou-o. A luz interna, ativada automaticamente quando ele entrou no carro, ainda estava acesa, porque Billy fechara a porta havia pouco tempo. A mensagem — uma pergunta — era claramente visível e sucinta.

Preparado para o seu primeiro ferimento?

Capítulo 15

Preparado para o seu primeiro ferimento? Como se um interruptor einsteiniano tivesse colocado o tempo em câmera lenta, o bilhete escorregou de seus dedos e pareceu flutuar, flutuar como uma pena até seu colo. A luz se apagou. Num transe de terror, estendendo a mão direita para o revólver no banco do carona, Billy se virou lentamente para a direita, pretendendo olhar por cima do ombro para o banco de trás.

Pareceria haver muito pouco espaço ali atrás para um homem se esconder; mas Billy tinha entrado no Explorer com pressa, sem prestar atenção. Tateou procurando a arma escondida, as pontas dos dedos roçaram no cabo — e a janela do lado do motorista implodiu.

Enquanto o vidro de segurança desmoronava numa massa pinicante em seu peito e nas coxas, o revólver escorregou de seus dedos e caiu no chão. Ao mesmo tempo que o vidro caía, antes que Billy pudesse se virar para encarar o agressor, o monstro enfiou a mão no veículo e segurou um punhado de seu cabelo, no cocuruto, torceu e puxou com força.

Preso pelo volante e o console, puxado implacavelmente pelos cabelos, incapaz de se esticar para procurar o revólver no banco do carona, ele deu uma unhada na mão que o segurava, mas sem eficácia, porque uma luva de couro a protegia. O monstro era forte, maligno, implacável.

O cabelo de Billy já deveria ter sido arrancado. A dor era insuportável. Sua visão ficou turva. O assassino queria puxá-lo pela cabeça, de costas, pela janela quebrada. A nuca de Billy raspou com força na borda da janela. Outra batida fez seus dentes se chocarem uns contra os outros e arrancou um grito rouco. Ele agarrou o volante com a mão esquerda e o apoio de cabeça do banco do motorista com a direita, resistindo. O cabelo iria se soltar num grande punhado. O cabelo sairia e ele estaria livre. Mas o cabelo não saiu, ele não ficou livre, e pensou na buzina. Se tocasse a buzina, se socasse a buzina, chegaria ajuda, e o monstro fugiria. Imediatamente, percebeu que somente o padre na residência paroquial ouviria, e se o padre viesse o assassino não fugiria. Não. Atiraria na cara do padre, como tinha feito com Lanny.

Talvez dez segundos tivessem se passado desde que a janela se despedaçara, e a nuca de Billy estava sendo raspada inexoravelmente pela borda da janela. Rapidamente, a dor ficou tão intensa que as raízes dos cabelos pareciam se estender pela carne do rosto — porque o rosto doía também, ardendo como se estivesse queimado — e pareciam se estender pelos ombros e braços, porque, enquanto as raízes tenazes se soltavam, perdia a força dos músculos.

Sua nuca se arrepiava ao contato com a borda da janela.

Pedaços do vidro raspavam sua pele. Agora sua cabeça estava sendo dobrada para trás. Com que rapidez a garganta exposta poderia ser cortada, com que facilidade a coluna poderia ser partida! Soltou o volante. Levou a mão às costas, tentando segurar a maçaneta da porta.

Se pudesse abrir a porta e empurrar com força suficiente, talvez desequilibrasse o agressor, derrubasse-o, e o fizesse soltar ou finalmente perdesse o cabelo. Para alcançar a maçaneta — escorregadia em seus dedos suados —, precisou torcer o braço para trás de modo tão torturante e dobrar a mão num ângulo tão sério que não tinha o alcance de movimento para virar a alavanca. Como se sentisse a intenção de Billy, o monstro pôs todo o peso do corpo contra a porta.

A cabeça de Billy estava quase toda fora do carro, e de repente surgiu um rosto acima dele, de cabeça para baixo com relação ao seu rosto. Uma face sem feições. Um fantasma encapuzado. Piscou para clarear a visão. Não era um capuz.

Era uma máscara de esquiador, escura. Mesmo com essa luz fraca, Billy podia ver o olhar febril luzindo por trás dos buracos feitos para os olhos.

Algo foi borrifado na metade inferior de seu rosto, do nariz para baixo. Molhado, frio, pungente e doce, um cheiro medicinal. Billy ofegou em choque, depois tentou prender o fôlego, mas aquele simples ofegar acabou com ele. O vapor adstringente queimou suas narinas. Sua boca se encheu de saliva. O rosto mascarado pareceu se abaixar na direção do dele, como uma lua escura descendo, com olhos como crateras.

Capítulo 16

O efeito do sedativo passou, então a dor gradualmente tirou Billy da inconsciência. O gosto na boca fazia parecer que tinha bebido calda para waffle acompanhado de água sanitária.

Doce e amargo. A própria vida.

Por um tempo, não soube onde estava. Inicialmente, não se importou. Levantado de um mar de torpor, sentiu-se saturado com o sono não natural e ansiou por retornar a ele.

Por fim, a dor implacável o obrigou a se importar, a manter os olhos abertos, a analisar a sensação e se orientar. Estava deitado de costas numa superfície dura — o estacionamento da igreja. Podia sentir os cheiros fracos de asfalto, óleo, gasolina. A vaga fragrância de nozes e mofo do carvalho se esparramando acima, no escuro. Seu próprio suor azedo.

Lambendo os lábios, sentiu gosto de sangue.

Quando enxugou o rosto, descobriu-o pegajoso com uma substância viscosa que provavelmente era mistura de suor e sangue. No escuro, não podia ver o que fora transferido para sua mão. A dor era principalmente no couro cabeludo.

Primeiro, presumiu que fosse o efeito tardio de ter tido o cabelo quase arrancado. Uma dor lenta e pulsante, pontuada por uma série de pontadas mais agudas, irradiava-se pela cabeça, mas não do cocuruto, onde o cabelo fora seriamente posto à prova, e sim da testa.

Quando levantou uma das mãos e explorou a fonte, hesitante, descobriu algo duro, parecido com arame, se projetando da testa, dois centímetros abaixo da linha dos cabelos. Apesar de ter tocado com cuidado, o gesto provocou um espasmo de dor mais aguda que o fez gritar.

Preparado para o seu primeiro ferimento? Deixou para mais tarde a exploração da ferida, até que pudesse ver o dano. O ferimento não seria mortal. O monstro não pretendia matá-lo, apenas ferir, talvez deixar uma cicatriz.

O respeito relutante de Billy pelo adversário havia crescido a ponto de não esperar que o sujeito cometesse erros, pelo menos erros grandes. Sentou-se. A dor se expandiu por sua testa, e de novo quando ficou de pé. Ficou parado, cambaleando, examinando o estacionamento. O agressor tinha sumido.

No alto da noite, um agrupamento de estrelas móveis, as luzes de um jato, rosnou em direção ao oeste. Nessa rota, era provavelmente um transporte militar indo a uma zona de guerra. Outra zona de guerra, diferente desta aqui embaixo.

Abriu a porta do Explorer. O vidro de segurança estilhaçado cobria o banco. Billy pegou uma caixa de lenços de papel no console e a usou para espanar os cacos do estofado.

Procurou o bilhete que fora preso acima da ignição.

Evidentemente, o assassino o havia levado. Achou a chave caída sob o pedal do freio. No piso diante do banco do carona, pegou o revólver. Tivera a permissão de manter a arma para o jogo adiante. O monstro não teve medo.

A substância que fora borrifada em Billy — clorofórmio ou algum outro anestésico — tinha um efeito demorado. Quando ele se curvou, ficou tonto. Atrás do volante, com a porta fechada, o motor ligado, ele temeu não estar em condições de dirigir. Ligou o ar-condicionado e virou duas saídas de ar em direção ao rosto.

Enquanto avaliava a tontura passageira, as luzes do interior se apagaram automaticamente. Acendeu-as de novo. Inclinou o retrovisor para inspecionar o rosto. Parecia um demônio pintado: vermelho-escuro, mas os dentes brilhantes; vermelho-escuro, e os brancos dos olhos exageradamente brancos. Quando ajeitou o espelho de novo, viu a fonte da dor. Ver não significou imediatamente acreditar. Preferiu pensar que a tontura residual do anestésico estivesse acompanhada de uma alucinação. Fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes. Lutou para tirar da mente a imagem vista no espelho, e esperou que, quando olhasse de novo, não visse a mesma coisa.

Nada tinha mudado. Enfileirados na testa, dois centímetros abaixo da linha dos cabelos, três grandes anzóis atravessavam sua carne. A ponta e a farpa de cada anzol se projetavam da pele. O aro também se projetava. A parte curva de cada anzol estava embaixo da carne da testa. Estremeceu e desviou o olhar do espelho.

Há dias de dúvida, mais frequentemente noites solitárias, em que até mesmo os devotos se perguntam se são herdeiros de um reino maior do que esta terra e se conhecerão misericórdia — ou se, em vez disso, são apenas animais como qualquer outro, sem herança além do vento e

do escuro. Para Billy, era uma dessas noites. Ele conhecera outras assim.

Sempre a dúvida havia recuado. Disse a si mesmo que ela recuaria de novo, ainda que desta vez fosse mais fria e parecesse que certamente deixaria uma marca maior.

A princípio, o monstro parecera um jogador para quem o assassinato era um esporte. Mas os anzóis em sua testa não tinham sido colocados meramente como uma jogada; e isso não era nenhum jogo. Para o monstro, aquelas mortes eram algo mais do que assassinato, porém o algo mais não era uma forma de xadrez ou o equivalente ao pôquer. Para ele, o homicídio tinha um significado simbólico, e ele o realizava com um propósito mais sério do que a diversão. Tinha algum objetivo mais misterioso além da própria matança, um propósito que ele esperava realizar. Se jogo era a palavra errada, Billy precisava descobrir a certa. Enquanto não soubesse qual era a palavra correta, jamais entenderia o assassino e não iria encontrá-lo.

Com um lenço de papel, limpou gentilmente o sangue coagulado nas sobrancelhas, enxugou a maior parte do que estava nas pálpebras e nos cílios. A visão dos anzóis havia clareado sua mente. Não estava mais tonto. Os ferimentos precisavam de cuidados. Acendeu os faróis e saiu do estacionamento da igreja.

Qualquer que fosse o objetivo final do monstro, qualquer que fosse o simbolismo que ele pretendia com os anzóis, também devia ter esperado que Billy fosse procurar um médico. Este exigiria uma explicação para os ganchos, e qualquer resposta de Billy complicaria sua situação. Se contasse a verdade, iria se ligar ao assassinato de Giselle Winslow e ao de Lanny Olsen. Seria o principal suspeito. Sem os três bilhetes, não poderia provar que o monstro existia. As autoridades não considerariam os anzóis uma prova digna de crédito, iriam imaginar se não seria um caso de automutilação.

Um ferimento infligido a si mesmo era um ardil que assassinos usavam algumas vezes para se fazer passar por vítimas e afastar suspeitas.

Conhecia o cinismo com que alguns policiais veriam seus ferimentos dramáticos, bizarros mas superficiais. Conhecia com precisão. Além disso, Billy gostava de pescar. Pescava trutas e outros peixes de água doce. Aqueles anzóis eram do tamanho necessário para

pegar peixes grandes usando iscas vivas. Em sua caixa de pesca, em casa, havia anzóis idênticos àqueles que agora tiravam seu sangue.

Não ousaria ir a um médico. Teria de cuidar pessoalmente dos ferimentos. Às 3h30 da madrugada, as estradas rurais eram apenas dele. A noite estava calma, mas o utilitário fazia seu próprio vento, que penetrava forte na janela quebrada. Nos faróis halógenos, vinhedos planos, vinhedos em colinas e morros cobertos de árvores permaneciam familiares ao olhar, mas, quilômetro a quilômetro, tornavam-se tão estranhos ao seu coração quanto qualquer deserto estrangeiro.

PARTE 2

Preparado para o segundo ferimento?

Capítulo 17

Em fevereiro, depois da extração de um molar com raízes unidas ao maxilar, o dentista de Billy tinha lhe dado uma receita de Vicodin, um analgésico geralmente indicado para quem se recupera de cirurgia ou reclama de dores intensas, conhecido por causar dependência após constante uso. Ele só havia usado dois dos dez comprimidos.

O rótulo da farmácia especificava que o medicamento deveria ser ingerido com comida. Ele não tinha jantado — e continuava sem fome. Precisava que o remédio fosse eficaz. Na geladeira, pegou uma fôrma com sobras de lasanha feita em casa.

Ainda que os furos da testa estivessem tampados com coágulos e que o sangramento tivesse parado, a dor continuava implacável e tornava cada vez mais difícil pensar com coerência. Optou por não se atrasar com os poucos minutos necessários para esquentar a lasanha no microondas.

Colocou-a fria na mesa da cozinha.

Um adesivo cor-de-rosa no frasco de comprimidos aconselhava a não consumir bebida alcoólica com analgésicos.

Foda-se. Não tinha intenção de dirigir um carro nem operar máquinas pesadas nas próximas horas. Jogou o comprimido e uma garfada de lasanha na boca, ajudando tudo a descer com cerveja Elephant, uma marca dinamarquesa que alardeava conteúdo alcoólico maior do que as outras.

Enquanto comia, pensou na professora morta, em Lanny sentado na poltrona do quarto, no que o assassino poderia fazer em seguida. Essas linhas de pensamento não conduziam ao apetite ou à digestão. A professora e Lanny não podiam ser resgatados, e não havia como prever o próximo passo do monstro. Em vez disso, pensou em Barbara Mandell, principalmente em como Barbara tinha sido, e não como estava agora no

Whispering Pines. Inevitavelmente, essas reminiscências levaram ao momento atual, e Billy começou a se preocupar com o que aconteceria com ela caso ele morresse. Lembrou-se do pequeno envelope quadrado do médico. Pegou-o no bolso e abriu.

O nome DR. JORDAN FERRIER estava impresso em relevo no cartão creme. Ele tinha uma letra precisa: Caro Billy, quando você começa a escolher o horário das consultas a Barbara para me evitar durante as rondas regulares, sei que chegou a hora de nossa revisão semestral do estado dela. Por favor, ligue para o meu consultório e marque uma visita.

O suor cobria de gotas a garrafa de cerveja Elephant. Billy usou o cartão do dr. Ferrier como descanso de copo, para proteger a mesa.

— Por que o senhor não liga para o meu escritório para marcar uma visita? — perguntou.

A fôrma estava com lasanha até a metade. Apesar de estar sem apetite, Billy comeu tudo, jogando a comida na boca e mastigando vigorosamente. Comia como se pudesse saciar a raiva com tanta facilidade quanto a fome. Com o tempo, a dor na testa diminuiu substancialmente.

Foi à garagem, onde ficava o material de pesca. Na caixa de ferramentas, pegou um alicate de bico. De novo dentro de casa, depois de trancar a porta dos fundos, foi ao banheiro, onde examinou o rosto no espelho. A máscara de sangue tinha secado. Parecia um aborígine do inferno. O monstro tinha inserido os três anzóis com cuidado. Aparentemente, havia tentado causar o mínimo de dano possível. Para a polícia cheia de suspeitas, esse cuidado iria apoiar a teoria de que os ferimentos tinham sido infligidos por ele mesmo.

Numa das extremidades do gancho ficavam a curva e a farpa. Na outra, ficava o aro para amarrar a linha. Puxar a farpa ou o aro pelo furo rasgaria mais ainda a carne. Usou o alicate para cortar o aro de um dos anzóis. Com o polegar e o indicador, puxou pelo lado da farpa e extraiu o anzol cortado.

Quando tinha retirado os três, tomou um banho de chuveiro tão quente quanto pôde suportar.

Depois do banho, esterilizou os furos do melhor modo possível, com álcool medicinal e água oxigenada. Aplicou Neosporin, um curativo de silicone com uma solução para cicatrizes, e cobriu os ferimentos com

gaze e esparadrapo. Às h27, segundo o relógio da mesinha-de-cabeceira, foi para a cama. Cama de casal, com dois jogos de travesseiros. A cabeça num travesseiro macio, o revólver duro embaixo do outro.

E que a sentença por demais não pese sobre nós.

Enquanto as pálpebras se fechavam pelo próprio peso, ele viu Barbara na mente, os lábios pálidos formando declarações inescrutáveis.

Quero saber o que diz, o mar. O que ele fica dizendo.

Estava dormindo antes que o relógio marcasse a passagem de meia hora. No sonho, estava em coma, incapaz de se mexer ou de falar, mas mesmo assim percebendo o mundo ao redor.

Médicos de jaleco branco e máscaras pretas de esquiador pairavam acima dele, trabalhando em sua carne com bisturis de aço, entalhando ramos de sangrentas folhas de acanto.

A dor que sempre voltava, opaca mas persistente, acordou- o às 8h40 de quarta-feira. A princípio, não conseguia lembrar qual de suas recentes experiências de pesadelo era sonhada, qual era real. Depois, conseguiu. Queria outro Vicodin. Em vez disso, no banheiro, pegou duas aspirinas num frasco.

Pretendendo tomar as aspirinas com suco de laranja, foi à cozinha. Tinha esquecido de pôr a fôrma com restos de lasanha na máquina de lavar pratos. A garrafa vazia de cerveja Elephant estava sobre o cartão do dr. Ferrier.

A luz da manhã inundava o cômodo. As persianas tinham sido levantadas. As janelas estavam cobertas quando ele foi para a cama. Afixado na geladeira, havia um pedaço de papel dobrado, a quarta mensagem do assassino.

Capítulo 18

Sabia, sem qualquer dúvida, que tinha passado a tranca na porta dos fundos ao voltar da garagem com o alicate. Agora, ela estava destrancada. Saindo à varanda, examinou o bosque a oeste. Alguns olmos no primeiro plano, pinheiros atrás.

O sol da manhã curvava todas as sombras das árvores no bosque e sondava aquelas regiões crepusculares sem iluminá- las exatamente. Enquanto seu olhar viajava pelo verde, procurando o brilho revelador da

luz do sol em lentes de binóculo, viu movimento. Formas misteriosas se esgueiravam rapidamente entre as árvores, fluidas como sombras de pássaros no voo, tremulando palidamente quando a luz do sol batia nelas.

Um sentimento de estranheza dominou Billy. Então, as formas se separaram das árvores e eram apenas cervos: um macho, duas fêmeas, um filhote. Pensou que alguma coisa devia tê-los assustado no mato, mas eles deram apenas alguns passos no gramado antes de parar. Serenos como animais no Éden, pastaram na grama tenra.

De volta a casa, e deixando os cervos fazendo o desjejum, Billy trancou a porta dos fundos mesmo não se sentindo seguro com a tranca. Se o assassino não tinha chave, tinha gazuas e era experiente em usá-las.

Deixando o bilhete onde estava, abriu a geladeira. Pegou uma caixa de suco de laranja. Enquanto bebia o suco ainda na caixa, ajudando as aspirinas a descer, olhou o papel grudado na geladeira. Não tocou nele. Pôs dois bolinhos ingleses na torradeira. Quando estavam crocantes, passou creme de amendoim e comeu na mesa da cozinha. Se não lesse o bilhete, se o queimasse na pia e fizesse as cinzas descerem pelo ralo, estaria se retirando do jogo. O primeiro problema com essa ideia era o mesmo que incomodava sua consciência antes: a inação era uma escolha. O segundo problema é que ele próprio tinha se tornado vítima de agressão. E recebera a promessa de mais.

Preparado para o seu primeiro ferimento? O monstro não havia sublinhado nem posto o primeiro em itálico, mas Billy entendia onde estava a ênfase. Tinha defeitos, mas enganar a si mesmo não era um deles. Se não lesse o bilhete, se tentasse sair daquilo, teria ainda menos condição do que agora de imaginar o que poderia vir. Quando o machado caísse sobre ele, nem mesmo ouviria a lâmina cortando o ar acima de sua cabeça.

Além do mais, de jeito nenhum isso era um jogo para o assassino, coisa que Billy tinha percebido na noite anterior.

Sem um companheiro de partida, o monstro não iria simplesmente pegar a bola e ir embora. Faria com que a coisa chegasse ao fim que tinha em mente. Billy gostaria de entalhar folhas de acanto. Queria resolver um jogo de palavras cruzadas. Era bom nisso. Lavar roupa,

trabalhar no quintal, limpar as calhas, pintar a caixa de correio: poderia se perder nas tarefas comuns da vida cotidiana e sentir consolo nelas.

Queria trabalhar no bar e deixar que as horas passassem num borrão de tarefas repetitivas e conversas idiotas.

Todo o mistério de que precisava — e todo o drama — seria encontrado em suas visitas ao Whispering Pines, nas palavras cifradas que Barbara falava algumas vezes e em sua crença persistente de que havia esperança para ela. Não precisava de mais nada. Não tinha mais nada. Não tinha mais nada até acontecer isto, algo de que ele não precisava e que não queria — mas do qual não podia escapar.

Depois de comer os bolinhos, levou o prato e a faca para a pia. Lavou, secou e guardou-os. No banheiro, tirou o curativo da testa. Cada anzol tinha-o rasgado duas vezes. Os seis furos estavam vermelhos e pareciam em carne viva.

Delicadamente lavou os ferimentos, depois reaplicou o álcool, a água oxigenada e o Neosporin. Fez um novo curativo.

A testa estava fria ao toque. Se os anzóis estivessem sujos, suas precauções não poderiam impedir uma infecção, em especial se as pontas e as farpas tivessem raspado o osso. Estava a salvo do tétano. Há quatro anos, reformando a garagem para acomodar a oficina de marcenaria, tinha sofrido um corte fundo na mão esquerda, de uma dobradiça que a ferrugem havia tornado quebradiça e afiada. Recebeu uma tremenda dose de vacina antitetânica. Isso não o preocupava. Não morreria de tétano. Também não morreria de ferimentos de anzol infeccionado. Essa era uma preocupação falsa para fazer sua mente descansar de ameaças verdadeiras e maiores.

Na cozinha, arrancou o bilhete da geladeira. Amassou-o e levou à lata de lixo. Em vez de jogar fora, alisou-o na mesa e leu.

Fique em casa esta manhã. Um colega meu irá vê-lo às h. Espere por ele na varanda da frente. Se você não ficar em casa, eu mato uma criança. Se informar à polícia, eu mato uma criança. Você parece estar com tanta raiva! Eu não lhe estendi a mão da amizade? Sim, estendi.

Colega. A palavra perturbou Billy. Ele não gostou nem um pouco dessa palavra. Em casos raros, os sociopatas homicidas trabalhavam em pares. Os policiais os chamavam de amigos de morte. O Estrangulador de Hillside, em Los Angeles, acabou se revelando ser um

par de primos. O Atirador de Washington eram dois homens. A Família Manson tinha mais de duas pessoas.

Um simples barman podia esperar racionalmente suplantar um psicopata implacável. Dois, não. Billy não pensou em ir à polícia. O monstro tinha provado sua sinceridade por duas vezes; se fosse desobedecido, mataria uma criança. Nesse caso, pelo menos, havia uma escolha que não implicava selecionar alguém para a morte.

Ainda que as primeiras quatro linhas do bilhete fossem diretas, o significado das duas últimas não podia ser facilmente interpretado.

Eu não lhe estendi a mão da amizade? A zombaria era evidente. Billy também detectou uma qualidade provocadora, sugerindo que ali estava sendo oferecida uma informação que poderia ser útil, se ao menos ele pudesse entendê-la. Reler a mensagem seis vezes — oito, dez — não trouxe clareza. Apenas frustração.

Com esse bilhete, Billy tinha uma prova de novo. Ainda que não significasse muita coisa e não fosse impressionar a polícia, pretendia mantê-la em segurança. Na sala de estar, examinou a coleção de livros. Nos últimos anos, aquilo não fora nada para ele, a não ser algo a ser espanado. Escolheu In Our Time. Enfiou o bilhete do assassino entre a página da ficha catalográfica e a da dedicatória, e recolocou o volume na prateleira. Pensou em Lanny Olsen sentado morto numa poltrona com um livro de aventuras no colo. No quarto, tirou o Smith &C Wesson 38 de debaixo do travesseiro. Enquanto manuseava o revólver, lembrou-se da sensação de quando ele era disparado. O cano queria subir. O cabo forçava contra a carne da palma da mão e o coice viajava pelos ossos da mão e do braço, parecendo sacudir o tutano como um cardume de peixes agitando a água. Numa gaveta da penteadeira, havia uma caixa de munição aberta. Colocou três balas extras em cada bolso da calça.

Isso pareceu ser segurança suficiente. O que quer que estivesse vindo, não seria uma guerra. Seria violento e maligno, mas breve. Alisou a roupa de cama para espantar a noite. Mesmo não usando colcha, afofou os travesseiros e esticou os lençóis até estarem retesados como uma pele de tambor. Quando pegou a arma na mesinha-de-cabeceira, lembrou-se não somente do coice, mas também de como era matar um homem.

Capítulo 19

Jackie O'Hara atendeu o celular com uma frase que às vezes usava quando trabalhava atrás do balcão.

— O que posso fazer por vós?

— Chefe, é o Billy.

— Ei, Billy, sabe do que estavam falando no bar ontem à noite?

— Esportes?

— Claro que não. Isso aqui não é um bar de fãs de esportes. Olhando por uma janela da cozinha para o gramado de onde os cervos tinham desaparecido, Billy disse: — Desculpe.

— Os caras dos bares de esportes... a bebida não significa nada para eles.

— É só um modo de ficar doidão.

— Isso mesmo. É o mesmo que fumar um baseado ou até tomar uma caneca de café. Nós não somos um bar de esportes.

Já tendo ouvido isso, Billy tentou levar a conversa adiante: — Para nossos fregueses, beber é uma espécie de cerimônia.

— Mais do que cerimônia. É um cumprimento do dever, uma solenidade, quase um tipo de sacramento. Não para todos, mas para a maioria. É uma comunhão.

— Certo. Então, eles estavam falando do Pé Grande?

— Gostaria. As melhores conversas de bar, as realmente intensas, costumavam ser sobre o Pé Grande, discos voadores, o continente perdido de Atlântida, o que aconteceu com os dinossauros...

— ...o que há no lado escuro da lua — exclamou Billy —, o monstro do Lago Ness, o Sudário de Turim...

— ...fantasmas, o Triângulo das Bermudas, todas as coisas clássicas. Mas não é mais assim.

— Eu sei — reconheceu Billy.

— Eles estavam falando de uns professores de Harvard, Yale e Princeton, uns cientistas que dizem que vão usar clonagem, células-tronco e engenharia genética para criar uma raça superior.

— Mais inteligente, mais rápida e melhor do que nós.

— Muito melhor do que nós — disse Jackie. — Não serão humanos. Saiu na Time ou talvez na Newsweek, uns cientistas sorrindo e todos orgulhosos de si mesmos, numa revista.

— Chamam isso de futuro pós-humano.

— O que vai acontecer com a gente quando formos pós? Pós é o rabo deles. Uma raça superior? Esses caras não ouviram falar em Hitler? — Eles acham que são diferentes.

— Esses caras não têm espelho? Uns idiotas estão cruzando genes humanos com genes de animais para criar novas... coisas. Um deles quer criar um porco com cérebro humano.

— Imagine só.

— A revista não diz por que é um porco, como se fosse óbvio um porco e não um gato, uma vaca ou um porquinho- da-índia. Pelo amor de Deus, Billy, já não é difícil o bastante ser um cérebro humano num corpo humano? Que tipo de inferno seria um cérebro humano num corpo de porco? — Talvez a gente não viva para ver isso.

— A não ser que você esteja planejando morrer amanhã, vai ver. Eu preferia o Pé Grande. Gostava muito mais do Triângulo das Bermudas e fantasmas. Agora, toda essa merda maluca é real.

— Eu liguei para avisar que não vou poder trabalhar hoje — disse Billy. Com preocupação genuína, Jackie perguntou: — Ei, o que foi, está doente?

— Meio enjoado.

— Você não parece que pegou gripe.

— Acho que não é gripe. É um negócio de estômago.

— Às vezes, uma gripe de verão começa assim. Melhor tomar zinco. Tem um zinco em gel que a gente espreme no nariz. Funciona mesmo. Para com a gripe no ato.

— Vou tomar.

— É tarde demais para vitamina C. É preciso ficar tomando direto.

— Vou tomar zinco. Liguei cedo demais? Você fechou o bar ontem à noite?

— Não. Fui para casa às dez. Com todo aquele papo de porcos com cérebro humano, fiquei com vontade de ir para casa.

— Então Steve Zillis fechou o bar?

— É. Ele é um garoto confiável. Aquela coisa que eu contei a você, gostaria de não ter contado. Se o cara quiser despedaçar manequins e melancias no quintal, é problema dele, desde que faça o serviço.

A noite de terça-feira costumava ser calma no ramo de bares. Se o movimento ficasse fraco, Jackie preferia fechar o bar antes da hora

normal, duas da madrugada. Um bar aberto com poucos fregueses ou sem fregueses de madrugada é uma tentação para um assaltante, colocando os empregados em risco.

— Noite movimentada? — perguntou Billy.

— Steve disse que depois das onze foi como se o mundo tivesse acabado. Teve de abrir a porta da frente e olhar lá fora, para ver se o bar não tinha sido teletransportado para a lua ou sei lá onde. Apagou as luzes antes da meia-noite. Graças a Deus não há duas terças-feiras na semana.

— As pessoas gostam de passar algum tempo com a família. Essa é a maldição de um bar familiar.

— Você é um cara engraçado, não é?

— Em geral, não.

— Se puser o tal gel de zinco no nariz e não se sentir melhor, ligue de novo, e eu digo outro lugar onde você pode enfiar.

— Acho que você teria sido um ótimo padre. Acho mesmo.

— Fique bom, certo? Os fregueses sentem sua falta quando você não está.

— É mesmo?

— Na verdade, não. Mas pelo menos não dizem que estão felizes porque você sumiu.

Nas circunstâncias, talvez somente Jackie O'Hara pudesse fazer Billy entreabrir um sorriso. Desligou. Olhou o relógio.

Dez e trinta e um. O "colega" chegaria em menos de meia hora. Se Steve Zillis tinha saído da taverna pouco antes da meia-noite, teria tempo suficiente para ir à casa de Lanny, matá-lo e levar o corpo para a poltrona no quarto principal.

Se Billy estivesse avaliando os suspeitos, as chances de Steve ser o assassino seriam baixíssimas. Mas, às vezes, um azarão vence a corrida.

Capítulo 20

Na varanda da frente havia duas cadeiras de balanço, de teca, com almofadas verde-escuras. Billy raramente precisava da segunda cadeira. Naquela manhã, usando camiseta e calça de sarja, ocupou a que ficava mais distante dos degraus da varanda. Não se balançou. Permaneceu praticamente imóvel.

Ao lado, havia uma mesinha de teca. Sobre a mesa, num descanso de cortiça, estava um copo de refrigerante.

Não tinha bebido nem um gole do refrigerante. Tinha-o preparado como um adereço, para desviar os olhos da caixa de salgadinhos Ritz. A caixa continha apenas o revólver de cano curto. Os únicos três salgadinhos formavam uma pilha sobre a mesa, ao lado da caixa.

Luminoso, límpido e quente, o dia estava seco demais. Mas para Billy estava bom. Da varanda, entre os cedros-do- himalaia, podia ver um longo trecho da estrada rural que serpenteava subindo em direção à sua casa e mais além. Não havia muito tráfego. Reconheceu alguns dos veículos, mas não sabia a quem pertenciam.

Erguendo-se do asfalto queimado pelo sol, trêmulos fantasmas de calor assombravam a manhã. Às 10h53, uma figura apareceu à distância, a pé. Billy não esperava que o colega viesse andando para a reunião. Presumiu que aquele não fosse o sujeito. A princípio, a figura poderia ser uma miragem. O calor de fornalha o distorcia, fazia-o ondular como se fosse um reflexo na água. Uma vez, pareceu se evaporar, depois ressurgiu.

À luz dura, ele parecia alto e magro, de uma magreza pouco natural, como se tivesse sido recentemente pendurado numa cruz numa plantação de milho, espantando os pássaros com seus olhos de botão. Saiu da estrada rural e pegou a entrada de veículos. Trocou a entrada de veículos pela grama e, às 10h58, chegou à base dos degraus da varanda.

— Sr. Wiles? — perguntou ele.

— Sim.

— Imagino que esteja me esperando.

O sujeito tinha a voz áspera e rouca de alguém que houvesse marinado a laringe em uísque e cozido-a em fogo baixo em anos de

fumaça de cigarro.

— Qual é o seu nome? — perguntou Billy.

— Ralph Cottle, senhor.

Billy tinha pensado que a pergunta seria ignorada. Se o sujeito estivesse se escondendo atrás de um nome falso, John Smith teria sido bastante bom. Ralph Cottle parecia real.

Cottle era tão magro quanto o calor que distorcia imagens o fazia parecer a distância, mas não tão alto. Seu pescoço esquelético parecia a ponto de se partir com o peso da cabeça.

Usava tênis branco, escurecido pelo tempo e pela sujeira.

Brilhante em alguns lugares e esgarçado nos punhos, o terno de verão marrom-chocolate pendia com tão pouca graça quanto se estivesse num cabide. A camisa de poliéster era frouxa, manchada e sem um dos botões. Eram roupas de brechó, da gôndola mais barata; e ele as usara muito.

— Sr. Wiles, posso ir para a sombra? Parado na base dos degraus, era como se o peso do sol pudesse esmagar Cottle. Ele parecia frágil demais para significar ameaça, mas nunca se sabe.

— Ali está uma cadeira — disse Billy.

— Obrigado, senhor. Agradeço a gentileza. Billy ficou tenso quando Cottle subiu a escada, mas relaxou um pouco quando ele se acomodou na outra cadeira de balanço. Cottle também não se balançou, como se fazer com que a cadeira se mexesse fosse uma tarefa mais extenuante do que ele podia executar.

— Senhor, importa-se se eu fumar? — perguntou.

— Sim, me importo.

— Entendo. É um vício imundo.

De um bolso interno do paletó, Cottle pegou uma garrafinha de Seagram's e desatarraxou a tampa. Suas mãos ossudas tremeram. Não perguntou se podia beber.

Simplesmente tomou um gole. Aparentemente, tinha bastante controle sobre o desejo de nicotina para ser educado em relação a isso. A birita, por outro lado, dizia-lhe quando ele precisava dela, e Cottle não conseguia desobedecer à sua voz líquida.

Billy suspeitou que havia outras garrafinhas em outros bolsos, além de cigarros e fósforos, e possivelmente uns dois baseados enrolados a mão. Isso explicava o terno no calor do verão: era não

somente uma vestimenta, mas também um armário transportável para seus vários vícios. A birita não melhorou a cor do rosto. A pele já estava escura de tanto sol e vermelha de uma teia intricada de vasos capilares estourados.

— O senhor andou muito? — perguntou Billy.

— Só do cruzamento para cá. Até ali, peguei uma carona.

— Billy deve ter parecido cético, porque Cottle acrescentou: — Um monte de gente me conhece por aí. Sabem que sou inofensivo, descuidado, mas não sujo.

De fato, seu cabelo louro parecia limpo, ainda que despenteado. Tinha feito a barba, também, e o rosto duro era forte o bastante para resistir a ser cortado até mesmo com a lâmina usada por uma mão tão insegura. A idade era difícil de determinar. Poderia ter quarenta ou sessenta anos, mas não trinta ou setenta.

— Ele é um homem muito mau, sr. Wiles.

— Quem? — O que me mandou.

— Você é colega dele.

— Não mais do que sou um macaco.

— Colega, foi como ele o chamou.

— Eu pareço um macaco? — Qual é o nome dele? — Não sei. Não quero saber.

— Como ele é? — Não vi o rosto dele. Espero nunca ver.

— Máscara de esquiador? — perguntou Billy.

— Sim, senhor. E olhos espiando frios como olhos de cobra. — A voz de Cottle tremeu em ressonância com as mãos, e ele levou a garrafinha à boca de novo.

— Qual era a cor dos olhos dele? — Pareciam amarelos que nem gemas de ovo, mas era só o reflexo da luz.

Lembrando-se do encontro no estacionamento da igreja, Billy disse: — Havia muito pouca luz para eu ver a cor... só um brilho quente.

— Não sou um homem tão ruim, sr. Wiles. Não como ele.

O que sou é fraco.

— Por que veio aqui? — Uma coisa foi o dinheiro. Ele me pagou 140 dólares, tudo em notas de dez.

— Cento e quarenta? Por que, você barganhou quando ele ofereceu cem? — Não senhor. Essa foi a quantia exata que ele ofereceu.

Disse que eram dez dólares para cada ano de sua inocência, sr.

Wiles.

Em silêncio, Billy o encarou. Os olhos de Ralph Cottle podiam já ter sido de um azul vibrante. Talvez todo o álcool os tivesse desbotado, porque eram os olhos azuis mais claros que Billy já vira, o leve azul do céu em altitude elevada, onde há muito pouca atmosfera para fornecer cor intensa e onde o vácuo que começa mais além mal está escondido.

Depois de um momento, Cottle afastou o olhar, virou-se para o quintal, as árvores, a estrada.

— Você sabe o que isso significa? — perguntou Billy. — Meus 14 anos de inocência? — Não, senhor. E não é da minha conta. Ele só queria que eu fizesse questão de lhe dizer isso.

— Você disse que o dinheiro era uma coisa. E a outra? — Ele disse que ia me matar se eu não viesse ver o senhor.

— Foi isso que ele ameaçou fazer? — Ele não ameaça, sr. Wiles.

— Isso parece uma ameaça.

— Ele só diz o que é, e a gente sabe que é verdade. Eu vinha ver o senhor ou estava morto. E não seria uma morte rápida, mas muito dura.

— Você sabe o que ele fez? — perguntou Billy.

— Não, senhor. E não me conte.

— Agora somos dois que sabemos que ele é real. Podemos confirmar a história um do outro.

— Nem fale nisso.

— Você não vê? Ele cometeu um erro.

— Eu gostaria de ser erro dele, mas não sou. O senhor pensa muitas coisas sobre mim, mas não deveria.

— Mas ele tem de ser impedido.

— Não por mim. Não sou herói de ninguém. Não diga o que ele fez. Não ouse.

— Por que não deveria dizer? — Esse mundo é seu. Não é meu.

— Só há um mundo.

— Não, senhor Há um bilhão de mundos. O meu é diferente do seu, e é assim que vai ficar.

— Estamos sentados aqui, na mesma varanda.

— Não, senhor. Parece uma varanda, mas são duas, são mesmo. O senhor sabe que é verdade. Vejo isso no senhor.

— Vê o quê? — Vejo como o senhor é um pouco parecido comigo. — Arrepiado, Billy disse: — Você não vê nada. Nem quer olhar para mim. — Ralph Cottle encarou os olhos de Billy outra vez.

— O senhor viu o rosto da mulher no pote de vidro, como uma água-viva? De repente, a conversa tinha saído do trilho principal para um desvio estranho.

— Que mulher? — Cottle tomou outro gole da garrafinha.

— Ele disse que está com ela no pote há três anos.

— Pote? É melhor parar de beber esse negócio, Ralph.

Você está dizendo coisas sem sentido.

Cottle fechou os olhos e fez uma careta, como se pudesse ver o que agora descrevia.

— É um vidro de dois litros, talvez maior, com boca larga.

Ele troca o formol regularmente para não ficar turvo.

Sobre a varanda, o céu estava cristalino. Lá no alto, na luz transparente, um gavião circulava solitário, limpo como uma sombra.

— O rosto tende a se dobrar — prosseguiu Cottle —, de modo que a princípio a gente não vê um rosto. É como uma coisa do mar, fechado mas ao mesmo tempo ondulado. Por isso, ele balança o pote levemente, faz o conteúdo girar aos poucos, e o rosto... floresce.

A grama é doce e verde no quintal, depois maior e mais dourada onde a natureza sozinha toma conta. As duas gramas produzem fragrâncias distantes, cada uma delas nítida e agradável ao seu modo.

— A gente reconhece primeiro uma orelha — disse Ralph Cottle. — As orelhas estão presas, e a cartilagem dá forma. Há cartilagem no nariz também, mas ele não manteve a forma muito bem. O nariz é só um calombo.

Das alturas luminosas, o gavião desceu num giro cada vez mais estreito, descrevendo curvas quietas e harmoniosas.

— Os lábios são cheios, mas a boca é só um buraco, e os olhos são buracos. Não tem cabelo, porque ele cortou o rosto só de uma orelha até a outra, do topo da testa até a parte de baixo do queixo. Não dá para dizer que é um rosto de mulher, nem de homem. Ele diz que ela era linda, mas não há beleza naquele pote.

— É só uma máscara de látex, um truque.

— Ah, é de verdade. É tão de verdade quanto um câncer terminal. Ele diz que foi o segundo ato de uma das suas melhores performances.

— Performance? — Ele tem quatro fotos do rosto da mulher. Na primeira, ela está viva. Depois, morta. Na terceira, o rosto está parcialmente arrancado. No quarto, a cabeça está lá, o cabelo, mas o tecido mole do rosto sumiu, nada além de ossos, do crânio arreganhado.

De um giro gracioso ao mergulho súbito, o gavião virou uma faca em direção à grama alta.

A garrafinha disse a Ralph Cottle que ele precisava se fortificar, e ele bebeu um novo alicerce para sua coragem que desmoronava. Depois de uma exalação de vapores, disse: — Na primeira foto, enquanto ela estava viva, talvez fosse bonita como ele diz. Não dá para ver porque... é puro terror.

Está feia de tanto terror.

A grama alta, anteriormente imóvel pelo calor abrasivo, agitou-se brevemente num único lugar, onde penas sacudiam as folhas.

— O rosto naquela primeira foto — disse Cottle — é pior do que o do vidro. Muito pior.

O gavião saiu da grama e alçou voo. As garras seguravam alguma coisa, algo pequeno, talvez um rato-do-mato, que lutava aterrorizado, ou não. A essa distância, não dava para ter certeza.

A voz de Cottle era como uma faca raspando madeira antiga.

— Se eu não fizer exatamente o que ele mandar, o sujeito promete colocar meu rosto num pote. E enquanto ele cuidar do pote, vai me manter vivo. E consciente.

No luminoso céu de pelúcia, o gavião que subia era todo preto e límpido, de novo como uma sombra. Suas asas partiam o ar brilhante — e as termais elevadas eram as correntes puras de um rio através do qual ele nadava, e minguava, e desaparecia, tendo matado apenas aquilo de que precisava para sobreviver.

Capítulo 21

Estático na cadeira de balanço, Ralph Cottle disse que vivia numa velha cabana à beira do rio. Com dois cômodos e varanda com vista, o lugar fora construído nos anos 1930 e vinha despencando desde então. Há muito tempo, indivíduos desconhecidos e rudes tinham usado a cabana para férias de pescaria. Não tinha luz elétrica. Uma casinha

externa servia como latrina. A única água corrente era a que passava no rio.

— Acho que era principalmente um lugar para eles se afastarem das mulheres — disse Cottle. — Um lugar para beber e ficar bêbado. Ainda é.

Uma lareira fornecia calor e permitia fazer comidas simples. Tudo o que Cottle comia era tirado de latas esquentadas. A propriedade já fora particular. Agora era do condado, talvez tomada para pagar impostos atrasados. Como boa parte das terras do governo, era mal administrada.

Nenhum fiscal ou guarda havia incomodado Ralph Cottle desde o dia, há 11 anos, em que ele limpou o barracão, esticou seu saco de dormir e se acomodou como posseiro.

Nenhum vizinho morava à vista ou a distância de se ouvir um grito. A cabana era um posto avançado recluso, o que servia muito bem a Cottle. Até as 3h45 da madrugada anterior, quando fora despertado pelo cutucão de um visitante usando máscara de esquiador. Então, o que parecia uma aconchegante privacidade se transformou em um aterrorizante isolamento.

Cottle tinha caído no sono sem apagar o lampião a óleo, à luz do qual lia romances de faroeste e bebia até dormir.

Apesar dessa luz, não tinha absorvido qualquer detalhe útil sobre a aparência do assassino. Não podia avaliar a altura ou o peso do sujeito. Afirmou que a voz do louco não tinha características memoráveis.

Billy achou que Cottle sabia mais, porém temia dizer. A ansiedade que agora ardia em fogo brando em seus olhos azuis desbotados era pura e intensa, mas não tão imediata quanto o terror descrito na fotografia da mulher desconhecida de quem o monstro tinha "colhido" um rosto. A julgar pelo tamanho de seus dedos esqueléticos e dos ossos formidáveis nos pulsos nodosos, Cottle já fora fisicamente equipado para se defender.

Agora, segundo sua própria afirmação, era fraco, não apenas emocional e moralmente, mas do ponto de vista físico.

Mesmo assim, Billy se inclinou à frente na cadeira e tentou de novo atraí-lo para o seu lado.

— Me apoie com a polícia. Me ajude...

— Não posso ajudar nem a mim mesmo, sr. Wiles.

— Você já deve ter sabido como.

— Não quero lembrar.

— Lembrar o quê? — Qualquer coisa. Eu lhe disse: sou fraco.

— Parece que quer ser.

Levando a garrafinha aos lábios, Cottle deu um sorriso débil e, antes de tomar um gole, falou: — O senhor não ouviu dizer: os humildes herdarão a terra? — Se não quer fazer por si mesmo, faça por mim.

Lambendo os lábios, que estavam rachados pelo calor e pelo efeito desidratante do uísque, Cottle disse: — Por que eu faria isso? — Os humildes não ficam parados vendo outro homem ser destruído. Humilde não é o mesmo que covarde. São duas coisas diferentes.

— O senhor não pode conseguir minha cooperação com insultos. Eu não insulto. Não me importo. Sei que não sou nada, e para mim isso está bom.

— Só porque você veio aqui fazer o que ele quer, não significa que esteja em segurança lá na sua cabana.

Atarraxando a tampa da garrafa, Cottle disse: — Em mais segurança do que o senhor.

— De jeito nenhum. Você é uma ponta solta. Escute, a polícia vai lhe dar proteção.

Um riso seco escapou do bebum.

— É por isso que o senhor foi tão rápido em correr até ela, em busca de proteção? Billy ficou quieto.

Encorajado pelo silêncio, Cottle encontrou uma voz mais aguda que era menos má do que presunçosa: — Exatamente como eu, o senhor não é nada, mas ainda não sabe. O senhor não é nada, eu não sou nada, todos nós somos nada, e, para mim, se ele me deixar em paz, aquele merda psicopata pode fazer o que quiser com qualquer pessoa, porque ele também não é nada.

Olhando Cottle destampar a garrafinha que tinha acabado de tampar, Billy disse: — E se eu chutar seu rabo por essa escada abaixo e expulsá-lo da minha propriedade? Às vezes, ele liga só para me encher o saco. E se quando ele ligar eu disser que você estava bêbado, incoerente, e que eu não consegui entender nada do que você disse? O rosto queimado de sol e cheio de sangue de Cottle não podia ficar pálido, mas sua boca pequena como uma bolsinha de trocados,

apertada com a auto-satisfação depois da discussão, agora se afrouxou e deixou sair as foscas moedas de um contrafeito pedido de desculpas.

— Sr. Wiles, por favor, não se ofenda com essa minha boca ruim. Não consigo controlar o que sai dela, assim como não consigo controlar o que ponho dentro.

— Ele queria se certificar de que você falaria do rosto no pote, não é? — Sim, senhor.

— Por quê? — Não sei. Ele não me consultou, senhor. Só colocou palavras na minha boca, para trazer ao senhor, e aqui estou porque quero ficar vivo.

— Por quê? — Senhor? — Olhe para mim, Ralph. — Cottle o encarou.

— Por que você quer viver? — perguntou Billy.

Como se Cottle nunca tivesse pensado nisso, a pergunta pareceu alfinetar alguma coisa que flutuava em sua mente — como uma mariposa rara num quadro de espécimes —, algum aspecto sempre inquieto, sempre contencioso e sempre amargo de si mesmo que por um momento ele pareceu finalmente disposto a considerar. Então, seus olhos ficaram evasivos, e ele apertou as duas mãos em volta da garrafinha de uísque.

— Por que você quer viver? — insistiu Billy.

— O que mais existe? — Evitando os olhos de Billy, Cottle levantou a garrafa com as duas mãos, como se fosse um cálice de igreja. — Eu gostaria de tomar só um gole — falou, como se pedisse permissão.

— Vá em frente.

Cottle tomou um gole pequeno, mas depois tomou outro.

— O monstro fez você me falar do rosto no pote porque ele quer que essa imagem fique na minha cabeça.

— Se o senhor diz...

— Isso tem a ver com intimidação, para me manter desequilibrado.

— O senhor está? Em vez de responder, Billy disse: — O que mais ele mandou você dizer? Como se fosse passar aos negócios, Cottle tampou a garrafinha de novo e desta vez colocou-a no bolso do paletó.

— O senhor vai ter cinco minutos para tomar uma decisão.

— Que decisão? — Tire o relógio e ponha no corrimão da varanda.

— Por quê? — Para contar os cinco minutos.

— Posso contar com o relógio no pulso.

— Colocar no corrimão é para ele o sinal de que a contagem começou.

Árvores ao norte, sombreadas e frescas no dia quente.

Gramado verde, depois capim dourado e alto, em seguida alguns carvalhos bem coroados, depois umas duas casas morro abaixo, a leste. A oeste ficava a estrada rural, com árvores e campos mais além.

— Ele está vigiando agora? — perguntou Billy.

— Ele prometeu que estaria, sr. Wiles.

— De onde? — Não sei, senhor. Por favor, tire o relógio e coloque no corrimão.

— E se eu não fizer isso? — Sr. Wiles, não fale assim.

— Mas e se eu não fizer? O tom de barítono se afinou até um registro mais agudo quando Cottle disse: — Eu falei: ele vai tirar o meu rosto, e eu vou estar acordado quando ele fizer isso. Eu falei.

Billy ficou de pé, tirou seu Timex e colocou no corrimão, de modo que o mostrador pudesse ser visto das duas cadeiras de balanço. Enquanto se aproximava do meio do céu, o sol penetrou a paisagem e dissolveu sombras em toda parte, menos na floresta. As árvores conspiratórias, encobertas de verde, não revelavam segredos.

— Sr. Wiles, o senhor tem de sentar.

A luminosidade caiu do ar, e uma claridade amarelo-cromo enevoou os campos e as depressões, obrigando Billy a forçar a vista para os incontáveis lugares onde um homem poderia estar deitado, efetivamente camuflado por nada mais do que as lantejoulas do sol.

— O senhor não vai vê-lo — disse Cottle —, e ele não vai gostar se o senhor tentar fazer isso. Volte, sente-se.

Billy continuou de pé junto ao corrimão.

— O senhor desperdiçou meio minuto, Sr. Wiles, quarenta segundos.

Billy não se mexeu.

— O senhor não sabe a sinuca em que está — disse Cottle ansioso. — Vai precisar de cada minuto que ele deu para pensar.

— Então, fale da sinuca.

— O senhor precisa estar sentado. Pelo amor de Deus, sr. Wiles. — Cottle torceu a voz como uma velha preocupada poderia torcer as mãos. — Ele quer o senhor sentado na cadeira.

Billy voltou à cadeira de balanço.

— Só quero acabar com isso — disse Cottle. — Só quero fazer o que ele mandou e ir embora daqui.

— Agora é você que está perdendo tempo. Um dos cinco minutos tinha se passado.

— Certo, tudo bem. Agora é ele falando. O senhor entende. É ele.

— Ande logo.

Cottle lambeu os lábios, nervoso. Tirou a garrafinha do paletó, no momento não querendo beber, em vez disso apertando-a com força, como se fosse um talismã com poder oculto de levantar a névoa de uísque que borrava sua memória, garantindo que desse a mensagem com clareza suficiente para impedir seu rosto de virar picles num pote.

— Vou matar alguém que você conhece. Você vai escolher o alvo para mim, dentre as pessoas da sua vida — citou Cottle.

— Esta é sua chance de livrar o mundo de algum escroto inútil.

— Filho-da-puta pervertido — disse Billy, e descobriu que seus dois punhos estavam fechados, sem nada para socar.

— Se não escolher o alvo para mim — continuou Cottle citando —, eu vou escolher alguém de sua vida para matar.

Você tem cinco minutos para decidir. A escolha é sua, se tiver colhões para isso.

Capítulo 22

O esforço para lembrar as palavras exatas da mensagem reduziu Cottle a uma colmeia de nervos zumbindo.

Ansiedades incontáveis o atravessavam como enxames e eram vislumbradas nos olhos agitados, no rosto que se retorcia, nas mãos trêmulas; Billy quase podia ouvir as asas do pavor batendo à sua volta.

Enquanto Cottle recitava o desafio e as condições do monstro, com a pena de morte pairando sobre sua cabeça caso errasse, a garrafinha fora um talismã com poder de inspirar, mas agora ele precisava do seu conteúdo. Olhando o relógio de pulso no corrimão da

varanda, Billy disse: — Não preciso de cinco minutos. Nem preciso dos três que restam.

Sem intenção, não indo à polícia e envolvendo-a, ele já havia contribuído para a morte de uma pessoa que fazia parte de sua vida: Lanny Olsen. Por sua inação, tinha poupado a mãe de duas crianças, mas havia condenado o amigo. O próprio Lanny fora em parte, se é que não em grande parte, responsável pela própria morte. Tinha levado e destruído os bilhetes do assassino para salvar o emprego e a aposentadoria, ao custo da vida.

Mesmo assim, parte da culpa era de Billy. Ele podia sentir o peso; e sempre sentiria. O que o monstro exigia dele era algo novo e mais terrível do que qualquer coisa anterior. Desta vez não por inação, não por inadvertência, mas por intenção consciente, Billy deveria condenar à morte alguém que conhecia.

— Não farei isso — disse ele.

Tendo tomado um ou dois goles, Cottle estava deslizando o gargalo molhado da garrafa para um lado e para o outro dos lábios, como se fosse dar um beijo de língua, em vez de beber mais. Pelo nariz, inalava ruidosamente os vapores que subiam.

— Se o senhor não fizer isso, ele fará — disse Cottle.

— Por que eu escolheria? Estou ferrado de qualquer modo, não estou? — Não sei. Não quero saber. Não é da minha conta.

— O diabo que não é.

— Não é da minha conta — insistiu Cottle. — Eu tenho de ficar aqui sentado até o senhor tomar a decisão, depois conto a ele e não faço mais parte disso. O senhor só tem mais dois minutos.

— Vou procurar a polícia.

— É tarde demais.

— Estou atolado em merda até o quadril — admitiu Billy —, porém só logo vou afundar mais.

Quando Billy se levantou da cadeira de balanço, Cottle falou incisivo: — Sente-se! Se sair desta varanda antes de mim, leva um tiro na cabeça.

O bebum guardava garrafas nos bolsos, e não armas.

Mesmo que Cottle tivesse uma arma, Billy achava que conseguiria tirá-la dele.

— Eu não — disse Cottle. — Ele. Ele está olhando agora pela mira de um fuzil de alta potência.

A escuridão da floresta ao norte, o sol ofuscante na encosta a leste, as formações rochosas e os terrenos pantanosos no lado sul da estrada rural...

— Ele pode praticamente ler nossos lábios — disse Cottle.

— É o melhor fuzil de elite, e o cara é qualificado para isso.

Pode acertar a gente a mil metros.

— Talvez seja isso que eu queira.

— Ele está disposto a ceder. Mas não acha que o senhor esteja preparado. Diz que com o tempo vai estar. No fim, segundo ele, o senhor vai pedir a ele que o mate. Mas, por enquanto, não.

Mesmo com a culpa lhe pesando, Billy Wiles sentiu-se subitamente como uma pluma e temeu um vento repentino.

Acomodou-se na cadeira de balanço.

— O motivo para ser tarde demais para procurar a polícia é que ele colocou provas na casa dela, no corpo dela.

O dia permaneceu imóvel, mas lá vinha o vento.

— Que provas? — Para começar, um pouco do seu cabelo na mão dela e embaixo das unhas.

A boca de Billy ficou entorpecida.

— Como ele iria conseguir meu cabelo? — No ralo do banheiro.

Antes que o pesadelo tivesse começado, quando Giselle Winslow ainda estava viva, o monstro já estivera nesta casa. A sombra na varanda não mantinha mais o calor do sol a distância. Era como se Billy estivesse sentado no asfalto ao sol.

— O que mais, além dos cabelos? — Ele não disse. Mas não é nada que a polícia vá ligar ao senhor... a não ser que, por algum motivo, o senhor passe a ser suspeito.

— Coisa que ele pode fazer com que aconteça.

— Se os policiais começarem a pensar que talvez devam pedir uma amostra de seu DNA, o senhor está acabado.

Cottle olhou o relógio de pulso. Billy também.

— Falta um minuto — avisou Cottle.

Capítulo 23

Um minuto. Billy Wiles olhou o relógio de pulso como se fosse uma bomba-relógio fazendo a contagem regressiva até a detonação. Não estava pensando nos segundos fugazes ou na prova colocada no local do assassinato de Giselle Winslow nem que estava na mira de um fuzil de alta potência. Em vez disso, compunha uma lista mental das pessoas de sua vida.

Rostos passavam rapidamente por seu pensamento. Pessoas de quem gostava. Pessoas que lhe eram indiferentes. Pessoas de quem não gostava.

Eram águas turvas. Podia afundar nelas. Mas afastar a mente desses pensamentos era tão difícil quanto ignorar uma faca encostada na garganta. Uma faca de outro tipo — uma faca de culpa — finalmente o soltou dessas considerações.

Percebendo com que seriedade estivera calculando o valor comparativo das pessoas de sua vida, avaliando qual delas tinha menos direito a viver do que as outras, não conseguiu reprimir um tremor de nojo.

— Não — disse segundos antes de seu tempo acabar. — Não, nunca vou escolher. Ele pode ir para o inferno.

— Então, ele vai escolher pelo senhor — lembrou Cottle.

— Ele pode ir para o inferno.

— Certo. O senhor é que sabe. Está nos seus ombros, Sr. Wiles. Não é da minha conta.

— E agora? — Fique na cadeira, senhor, onde está. Eu devo ir até o telefone da cozinha, esperar a ligação dele, e dizer qual é sua decisão.

— Eu vou entrar. Vou atender o telefone.

— O senhor está me deixando maluco. Vai fazer com que nós dois sejamos mortos.

— A casa é minha.

Quando levou a garrafinha à boca, as mãos de Cottle tremiam tanto que o vidro fez barulho contra os dentes. O uísque escorreu pelo queixo. Sem enxugar a bebida derramada no rosto, Cottle disse: — Ele quer o senhor nesta cadeira. Se tentar entrar, ele vai explodir seu cérebro antes que chegue à porta.

— Qual é o sentido disso? — Aí, ele vai explodir meu cérebro também, porque não consegui fazer o senhor me ouvir.

— Ele não vai fazer isso — discordou Billy, começando a intuir algo da perspectiva do monstro. — Ele não está preparado para acabar com a coisa, não desse modo.

— O que o senhor sabe? O senhor não sabe. Não sabe nada.

— Ele tem um plano, um propósito, algo que pode não fazer sentido para você nem para mim, mas que faz sentido para ele.

— Não passo de um bêbado inútil, mas até eu sei que o senhor é cheio de merda.

— Ele quer ir até o fim do que concebeu — disse Billy mais para si mesmo do que para Cottle — e não terminar no meio, com dois tiros na cabeça.

Examinando ansioso o dia ofuscado pelo sol fora da varanda, espalhando cuspe enquanto falava, Ralph Cottle disse: — Seu filho-da-puta imbecil, você não me ouve! Você não me ouve! — Estou ouvindo.

— Mais do que qualquer coisa, ele quer as coisas do jeito dele. Não quer falar com o senhor. Entendeu? Talvez não queira que o senhor ouça a voz dele.

Isso fazia sentido, se o monstro fosse algum conhecido de Billy. Cottle prosseguiu: — Ou talvez ele não queira ouvir seu papo furado, assim como eu. Não sei. Se quiser atender o telefone para mostrar que o senhor é que manda, só para deixá-lo puto, e ele explodir o seu cérebro, não ligo a mínima. Mas aí ele vai me matar também, e o senhor não pode escolher por mim. Não pode escolher por mim! Billy sabia que seus instintos estavam certos: o monstro não iria atirar neles.

— Seus cinco minutos acabaram — disse Cottle preocupado, sinalizando para o relógio no corrimão. — Seis minutos. Já se passaram seis minutos. Ele não vai gostar disso.

Na verdade, Billy não sabia que o monstro deixaria de atirar. Suspeitava que seria assim, intuía, mas não sabia.

— Seu tempo acabou. Já são quase sete minutos. Sete minutos. Ele espera que eu saia da varanda e entre.

Os olhos azuis desbotados de Cottle ferviam de medo. Ele tinha muito pouca coisa por que viver, no entanto, era desesperado por viver. "O que mais existe?", tinha dito.

— Vá — disse Billy.

— O quê? — Entre. Vá atender o telefone.

Saltando da cadeira de balanço, Cottle largou a garrafinha aberta. Um bocado de uísque se derramou do gargalo destampado. Cottle não parou para recuperar o tesouro. De fato, na pressa de chegar à porta, chutou a garrafa e mandou-a girando pelo piso da varanda. Na entrada da casa, olhou para trás e disse: — Não sei se ele vai ligar logo.

— Simplesmente, lembre cada palavra que ele disser instruiu Billy. — Lembre-se exatamente de cada palavra.

— Certo, senhor. Vou lembrar.

— E de cada inflexão. Lembre-se de cada palavra e de como ele diz, e venha me contar.

— Vou fazer isso, Sr. Wiles. Cada palavra — prometeu Cottle, e entrou na casa.

Billy ficou sozinho na varanda. Talvez ainda na mira telescópica de um fuzil.

Capítulo 24

Três borboletas, gueixas aéreas, dançaram saindo da luz do sol para a sombra da varanda. Seus quimonos de seda chamejando e se dobrando em graciosos redemoinhos de cor, acanhadas como rostos escondidos atrás das dobras de leques pintados a mão voaram, depressa, para a claridade de onde tinham vindo. Performance.

Talvez essa fosse a palavra que definia o assassino, que levaria a uma explicação de seus atos, e que, se entendida, revelaria seu calcanhar-de-aquiles. Segundo Ralph Cottle, o monstro tinha se referido ao assassinato de uma mulher e dito que havia retirado o rosto dela como "o segundo ato" de uma de suas "melhores performances".

Ao presumir que o psicopata considerava o assassinato um jogo empolgante, Billy errara. O esporte poderia fazer parte, mas esse homem não era totalmente — nem mesmo primariamente — motivado por um perverso sentimento de diversão.

Billy não sabia o que pensar da palavra performance.

Talvez, para sua nêmesis, o mundo fosse um palco, a realidade, uma fraude, e tudo fosse um artifício. Billy não sabia como essa visão poderia explicar — ou prever — esse comportamento homicida, não podia adivinhar. Nêmesis representava o pensamento errado. Nêmesis

era um inimigo que não poderia ser derrotado. A melhor palavra era adversário. Billy não tinha abandonado a esperança.

Com a porta da frente aberta, o toque do telefone seria ouvido da varanda. Ele ainda não ouvira. Balançando preguiçosamente a cadeira, não para se tornar um alvo mais difícil, mas para disfarçar a ansiedade e assim roubar ao assassino a chance de tirar disso alguma satisfação, Billy examinou o carvalho da Califórnia mais próximo, depois o mais perto do mais próximo.

Eram árvores gigantescas e velhas, com copas amplas. Os troncos e os galhos pareciam pretos ao sol brilhante. Naqueles bosques sombreados, um atirador poderia achar uma forquilha nos galhos que servisse como plataforma para acomodar a si mesmo e a um tripé para o fuzil.

As duas casas mais próximas, morro abaixo, uma deste lado da estrada, a outra do outro, estavam dentro do alcance de mil metros. Se ninguém estivesse em casa, o monstro poderia ter invadido uma das duas; poderia estar numa janela do andar de cima.

Performance. Billy não conseguia pensar em nenhuma pessoa em sua vida para quem a palavra pudesse ter uma relevância maior do que para Steve Zillis. O bar era um palco para Steve. Mas seria lógico que o monstro, um maligno assassino em série com gosto por mutilação, tivesse um senso de humor tão simples e um conceito de teatro tão pueril a ponto de se divertir com amendoins lançados pelo nariz, cabos de cereja amarrados com a língua e piadas sobre louras burras? Repetidamente, Billy olhava o relógio de pulso no corrimão da varanda. Três minutos era uma espera razoável, até mesmo quatro. Mas quando cinco se passaram, isso pareceu demais. Começou a se levantar mas ouviu a voz de Cottle na memória "Você não pode escolher por mim!" e um peso de responsabilidade o comprimiu de volta na cadeira.

Como Billy tinha mantido Cottle na varanda além do prazo de cinco minutos, talvez o monstro estivesse brincando de se vingar, fazendo-os esperar até que seus nervos ficassem um pouco esfrangalhados, para ensinar-lhes a não sacanear o chefão. Esse pensamento confortou Billy por um minuto.

Depois, uma possibilidade mais agourenta lhe ocorreu.

Como Cottle não entrara na casa imediatamente, na marca dos cinco minutos, e Billy atrasou dois ou três minutos, o assassino talvez

tivesse tomado a falta de pontualidade como significando que Billy se recusara a escolher uma vítima, o que era o caso. Tendo suposto isso, o monstro podia ter decidido que não precisava ligar para Ralph Cottle. Nesse momento, podia ter pegado seu fuzil e saído pelo mato ou de uma das casas morro abaixo.

Se havia escolhido uma vítima antes de ouvir a resposta de Billy, coisa que certamente fizera, podia estar ansioso para realizar seus planos. Uma das pessoas na vida de Billy, a mais importante, era, claro. Barbara, impotente no Whispering Pines.

Independentemente de qualquer experiência ou conhecimento que justificasse sua confiança, Billy sentiu que esse drama bizarro ainda era o primeiro de três atos. Seu antagonista desgraçado não estava nem um pouco pronto para concluir essa performance; portanto. Barbara não corria risco imediato.

Se o monstro sabia algo sobre o que o atormentava — e parecia saber muita coisa —, perceberia que a morte de Barbara tiraria instantaneamente todo o ímpeto de luta de Billy. A resistência era essencial ao drama. Conflito. Sem Billy não haveria segundo ato.

Deveria fazer preparativos para proteger Barbara. Mas precisava pensar intensamente em como, e tinha tempo para isso. Se estivesse errado, se Barbara fosse a próxima, este mundo estava para se tornar um breve e amargo purgatório antes que ele se mudasse rapidamente para um quarto no inferno.

Sete minutos tinham se passado desde que Cottle entrara.

Sete, e o relógio continuava correndo. Billy se levantou da cadeira de balanço. Suas pernas estavam fracas. Tirou o revólver da caixa de salgadinhos Ritz. Não se importava se o monstro o visse.

Na soleira da porta aberta, gritou: — Cottle? — E não recebeu resposta. E disse: — Cottle, que merda! Entrou na casa, atravessou a sala de estar e chegou à cozinha. Ralph Cottle não estava lá. A porta dos fundos estava aberta, e Billy tinha certeza de que a deixara fechada, trancada.

Foi à varanda dos fundos. Cottle também não estava lá, nem no quintal. Tinha ido embora.

O telefone não havia tocado. No entanto, Cottle se fora.

Como não houve o telefonema, Cottle talvez tivesse tomado o silêncio como sinal de que o assassino o considerava um fracasso.

Podia ter entrado em pânico e fugido. Voltando em casa e fechando a porta, Billy varreu a cozinha com o olhar, procurando algo fora do lugar. Não tinha ideia do que poderia ser. Tudo parecia como antes, como deveria estar. Mas a incerteza deu lugar à dúvida, e a dúvida se transformou em suspeita. Cottle poderia ter levado alguma coisa, trazido alguma coisa, feito alguma coisa. Da cozinha à sala de estar, no escritório, Billy não encontrou nada fora do comum, mas, no banheiro, achou Ralph Cottle. Morto.

Capítulo 25

A dura luz fluorescente pintava uma película de geada falsa nos olhos abertos de Cottle. Tendo falecido, e não desmaiado por causa da bebida, o bêbado estava sentado na tampa do vaso, encostado na caixa de descarga, cabeça inclinada para trás, boca frouxa. Dentes amarelos podres emolduravam a língua que parecia de um rosa leitoso e vagamente fissurada pela desidratação da embriaguez perpétua.

Billy ficou sem fôlego, atordoadamente estúpido, depois recuou do banheiro para o corredor, olhando o cadáver pela porta. Não recuou por causa de nenhum fedor. Cottle não tinha esvaziado as entranhas nas garras da morte. Permaneceu desarrumado, mas não sujo — a única coisa da qual parecia ter algum orgulho.

Billy simplesmente não conseguia respirar no banheiro, como se todo o ar tivesse sido sugado daquele espaço, como se o sujeito tivesse sido morto por um vácuo súbito que agora ameaçava sufocá-lo. No corredor, conseguiu respirar de novo.

Conseguiu começar a pensar. Pela primeira vez, notou o cabo do canivete que prendia o paletó amarrotado em Cottle. Um cabo amarelo brilhante. A lâmina fora enfiada num ângulo de baixo para cima, entre as costelas, do lado direito, cravada até o cabo. O coração fora cortado, e parou. Billy sabia que a lâmina cravada media 15 centímetros. O canivete amarelo pertencia a ele. Mantinha-o em seu kit de pesca, na garagem.

Era uma faca de pesca, afiada para estripar peixes e fazer filé de truta.

O assassino não estivera no mato nem numa depressão da campina, nem na casa de um vizinho vigiando-os pela mira telescópica de um fuzil. Era mentira, e o bêbado tinha acreditado.

Enquanto Cottle se aproximava da varanda, o monstro devia ter entrado pela porta dos fundos. Enquanto Billy e o visitante conversavam nas cadeiras de balanço, o adversário estava dentro de casa, a poucos metros deles. Billy tinha se recusado a escolher alguém de sua vida para ser a próxima vítima. Como prometido, o assassino fizera a escolha com rapidez espantosa. Ainda que Cottle fosse quase um estranho,

inegavelmente fazia parte da vida de Billy. E agora estava em sua casa. Morto.

Em pouco mais de um dia e meio, em apenas 41 horas, três pessoas tinham sido assassinadas. No entanto, para Billy, isso ainda parecia o primeiro ato; talvez fosse o fim do primeiro ato, mas seu instinto lhe dizia existirem desdobramentos significativos adiante. A cada virada dos acontecimentos, ele fizera o que parecia a coisa mais sensata e cautelosa, especialmente dada a sua história pessoal.

Mas seu bom senso e sua cautela tinham atuado a favor do assassino. Hora a hora, Billy Wiles estava se afastando de um porto seguro. Lá em Napa, provas que poderiam incriminá-lo tinham sido postas na casa onde Giselle Winslow fora assassinada. Cabelos tirados do ralo do banheiro. Não sabia o que mais.

Sem dúvida, tinham sido deixadas provas na casa de Lanny Olsen também. Para começar, o marcador de livro sob a mão morta de Lanny era certamente uma foto de Giselle Winslow, ligando os dois crimes. Agora, em seu banheiro, estava um cadáver do qual se projetava um canivete que lhe pertencia.

Aqui no verão, Billy sentiu-se como se estivesse escorregando por uma encosta gelada, a descida invisível por causa de uma névoa fria, deslizando loucamente, ainda de pé, mas ganhando uma que, segundo a segundo, ameaçava seu equilíbrio.

Inicialmente, a descoberta do cadáver de Cottle havia chocado Billy, deixando-o numa imobilidade mental e física.

Agora, vários caminhos lhe ocorriam, e ele ficou cambaleando na indecisão. A pior coisa que poderia fazer era agir precipitadamente. Precisava pensar direito, tentar prever as consequências de cada uma das suas opções. Não podia se dar ao luxo de cometer mais erros. Sua liberdade dependia de inteligência e coragem. Assim como a sua sobrevivência.

Entrando no banheiro de novo, notou que não havia sangue. Talvez isso significasse que Cottle fora morto na banheira. Billy não tinha visto evidências de violência em qualquer outro lugar da casa. Essa percepção o fez se concentrar no cabo do canivete. Ao redor do ponto de penetração, sangue escuro encharcava o paletó de verão, mas a mancha não era tão grande quanto ele esperaria.

O assassino tinha matado Cottle com apenas um golpe.

Sabia exatamente onde enfiar a lâmina fina entre as costelas. O coração tinha parado uma ou duas batidas depois de ser furado, o que minimizava o sangramento.

As mãos de Cottle estavam no colo, uma virada para cima e a outra em concha sobre ela, como se tivesse morrido aplaudindo o assassino. Quase totalmente escondido, havia algo preso entre suas mãos. Quando Billy pegou uma ponta do objeto e o puxou do morto, descobriu um disquete vermelho, da mesma marca que ele usava na época em que trabalhava no seu computador.

Examinou o corpo de diferentes ângulos. Girou num círculo completo, examinando o banheiro em busca de qualquer pista que o assassino pudesse ter deixado, intencional ou inadvertidamente. Cedo ou tarde, deveria revistar os bolsos do paletó e da calça de Cottle. O disquete lhe deu uma desculpa para adiar essa tarefa desagradável. No escritório, depois de colocar o revólver e o disquete na escrivaninha, tirou a capa de vinil do computador abandonado. Não usava a máquina havia quase quatro anos.

Curiosamente, nunca havia tirado a tomada da parede.

Achava que isso talvez fosse uma expressão inconsciente de sua esperança teimosa — ainda que frágil — de que Barbara Mandell pudesse se recuperar um dia.

No segundo ano da faculdade, quando percebeu que pouca coisa aprendida ali iria ajudá-lo a se tornar o escritor que queria ser, abandonou a universidade. Tinha feito vários tipos de trabalho manual, escrevendo diligentemente no tempo livre. Aos 21 anos, pegara o primeiro trabalho como barman. Parecia ideal para um escritor. Via material para histórias em cada frequentador. Desenvolvendo pacientemente seu talento, vendeu mais de vinte contos bem recebidos por várias revistas. Quando tinha 25 anos, uma grande editora quis reuni-los num livro.

O livro vendeu modestamente, mas recebeu elogios da crítica, sugerindo que o trabalho de barman não seria para sempre sua ocupação principal. Quando Barbara entrou em sua vida, trouxe não apenas encorajamento, mas também inspiração. Só de conhecê-la, amá-la, ele encontrou uma voz mais verdadeira e mais clara em sua prosa.

Escreveu o primeiro romance, e o editor reagiu empolgado. As revisões sugeridas eram pequenas, trabalho de um mês. Então, perdeu

Barbara para o coma. A voz mais verdadeira e mais clara em sua prosa não se perdera com ela.

Billy ainda conseguia escrever. Mas o desejo de escrever escorreu para longe, assim como a vontade de escrever, e todo o interesse em contar histórias. Não queria mais explorar a condição humana em ficção, porque a conhecera muito bem na realidade.

Durante dois anos, o editor teve paciência. Mas o trabalho de um mês no original tinha se tornado para ele mais do que a obra de toda uma vida. Não conseguia fazê-lo. Devolveu o dinheiro do adiantamento e cancelou o contrato.

Ligar o computador, mesmo que só para ver o que o assassino tinha deixado nas mãos de Ralph Cottle, parecia uma traição a Barbara, ainda que ela tivesse desaprovado esse pensamento — e até mesmo zombado dele. Ficou um pouco surpreso quando a máquina, há tanto tempo sem uso, reviveu imediatamente. A tela se iluminou e o sistema operacional logo apareceu, enquanto o som de harpa simulado da música de inicialização brotou dos alto-falantes.

Talvez o computador tivesse sido usado mais recentemente do que ele pensava. O fato de o disquete ser da mesma marca dos não utilizados que estavam numa das gavetas sugeria que, de fato, era dele, e que o monstro tinha feito sua última mensagem neste teclado. Estranhamente, Billy ficou mais arrepiado com essa percepção do que quando descobriu o cadáver no banheiro.

Há muito não visto, mas familiar, o menu do programa apareceu. Como tinha escrito suas obras de ficção no Microsoft Word, testou-o primeiro. A escolha se mostrou correta. O assassino tinha escrito a mensagem no Word também; e o programa a abriu imediatamente. O disquete continha três documentos. Antes que Billy pudesse ver o texto, o telefone tocou.

Achou que devia ser o monstro.

Capítulo 26

Billy atendeu o telefone.

— Alô? Não era o monstro. Uma mulher disse: — Com quem estou falando? — Com quem eu estou falando? Você ligou para mim.

— Billy, está parecendo você. Aqui é Rosalyn Chan.

Rosalyn era amiga de Lanny Olsen. Trabalhava no departamento policial do condado de Napa. Ia ao bar de vez em quando.

Antes que Billy pudesse decidir o que faria com o corpo de Lanny, este devia ter sido descoberto. No instante em que ele percebeu que não tinha respondido, Rosalyn sondou.

— Você está bem? — Eu? Estou ótimo. Tudo bem. Mas esse calor está me deixando louco.

— Há alguma coisa errada aí? Billy teve uma imagem mental do cadáver de Cottle no banheiro, e a culpa revirou sua mente em ângulos de desorientação.

— Errado? Não. Por que haveria? — Você acabou de ligar para cá e desligou sem dizer nada? — Nuvens de perplexidade se adensaram por um momento e abruptamente se evaporaram. Por um instante, havia esquecido o que Rosalyn fazia no departamento policial. Era telefonista do 911. O nome e o endereço de cada pessoa que ligava para o 911 apareciam em seu monitor assim que ela atendia o telefone.

— Foi há... o quê?... Foi há um minuto? — perguntou ele, pensando rápido, ou tentando.

— Faz um minuto e dez. Você...

— É que eu digitei 911 quando queria ligar para pedir auxílio à lista telefônica.

— Você queria ligar para o 411 ?

— Queria ligar para o 411, mas apertei o 911. Percebi na hora o que tinha feito e desliguei.

O monstro ainda estava na casa. O monstro tinha ligado para o 911. Por que tinha feito isso, o que esperava conseguir? Billy não podia imaginar, pelo menos não sob essa pressão.

— Por que não ficou na linha e disse que o telefonema foi engano? — perguntou Rosalyn Chan.

— Eu percebi o erro na hora e desliguei tão depressa que não achei que a ligação tinha sido completada. Foi estupidez.

Desculpe, Rosalyn. Eu queria ligar para o 411.

— Então, você está bem?

— Estou. É só esse calor infernal.

— Você não tem ar-condicionado?

— Tenho, mas quebrou.

— É uma merda.

— Total.

O revólver sobre a mesa. Billy pegou-o. O monstro estava na casa.

— Ei, talvez eu dê uma passada no bar lá pelas cinco — disse Rosalyn.

— Bem, eu não estarei lá. Estou meio enjoado e pedi uma folga.

— Achei que você tinha dito que estava bem.

Era tão fácil tropeçar! Precisava procurar o intruso, mas para Rosalyn deveria parecer bem.

— Estou legal. Tudo certo. Não é nada sério. Só uma coisa no estômago. Talvez seja uma gripe de verão. Estou botando aquele negócio de gel de nariz.

— Que negócio?

— Você sabe, aquele gel de zinco, a gente espreme no nariz e ele acaba com a gripe.

— Acho que já ouvi falar.

— É bom. Funciona. Jackie O'Hara me deu a dica. Você deveria ter um à mão.

— Então está tudo bem por aí?

— A não ser pelo calor e por eu me sentir meio enjoado.

Mas você não pode fazer grande coisa a respeito disso. O 911 não pode curar gripe nem consertar ar-condicionado.

Desculpe, Rosalyn. Estou me sentindo um idiota.

— Tudo bem. Metade dos telefonemas que a gente recebe não é emergência.

— Não? — As pessoas ligam dizendo que o gato subiu na árvore, que os vizinhos estão dando uma festa barulhenta, coisas assim.

— Isso faz com que eu me sinta melhor. Pelo menos, não sou o maior idiota da área.

— Cuide-se, Billy.

— Vou me cuidar. Você também, cuide-se.

— Tchau.

Billy desligou o telefone e se levantou da cadeira.

Enquanto Billy estivera no banheiro com o cadáver, o monstro tinha voltado para dentro da casa. Ou talvez já estivesse dentro, escondido num armário ou em algum lugar que Billy não havia examinado. O cara tinha colhões. Enormes, de aço.

Sabia do 38, mas voltou para a casa e ligou para o 911 enquanto Billy estava tirando a capa de vinil do computador O monstro ainda devia estar ali. Fazendo o quê? Alguma coisa. Billy atravessou o escritório até a porta, que deixou aberta, passou depressa, segurando o revólver com as duas mãos, girando-o para a esquerda, depois para a direita. O monstro não estava no corredor. Estava em algum lugar.

Capítulo 27

Mesmo sem o relógio de pulso, Billy Wiles sabia que o tempo estava correndo tão depressa quanto água por uma peneira. No quarto, puxou de lado uma das portas do armário. Ninguém. O espaço embaixo da cama era apertado demais. Ninguém optaria por se esconder ali porque não seria possível sair depressa. Além disso, não havia uma colcha que cobrisse aquele espaço.

Olhar embaixo da cama seria perda de tempo. Billy foi para o corredor. Voltou à cama, apoiou-se sobre um dos joelhos.

Perda de tempo. O monstro tinha ido embora. Era louco, mas não o bastante para ficar depois de ter ligado para o 911 e desligado sem dizer nada. No corredor de novo, Billy foi rapidamente até a porta do banheiro. Cottle permanecia sentado sozinho. A cortina do chuveiro estava aberta. Se estivesse fechada, seria um lugar básico para olhar.

Um grande armário no corredor abrigava a fornalha a óleo.

Não oferecia opções. A sala de estar. Um espaço aberto, fácil de examinar com uma passada de olhos.

Dentre os armários da cozinha, havia um alto e estreito, de vassouras. Não servia. Abriu a porta da despensa. Enlatados, caixas de macarrão, garrafas de molho picante, materiais domésticos. Nenhum lugar onde esconder um homem adulto.

Na sala de novo, enfiou o revólver embaixo de uma almofada do sofá. Não deixou um calombo visível, mas qualquer um que se sentasse sobre a arma iria senti-la. Tinha deixado a porta da frente aberta. Um convite. Antes de ir rapidamente ao banheiro de novo, fechou-a.

Cottle com a cabeça inclinada para trás e a boca aberta, as mãos juntas no colo como se aplaudisse, podia estar cantando música country e marcando o ritmo. O canivete raspou no osso quando Billy arrancou-o do ferimento. Sangue manchava a lâmina.

Com alguns lenços de papel tirados de uma caixa ao lado da pia, limpou o canivete. Embolou os lenços e pôs em cima da caixa de descarga do vaso sanitário. Dobrou a lâmina no cabo amarelo e pôs o canivete ao lado da pia. Quando virou o corpo de lado sobre o vaso, a cabeça caiu para a frente e um perdigoto gasoso escapou dos lábios, como se Cottle tivesse morrido durante uma inalação, como se sua última respiração, até então, estivesse presa na garganta.

Billy passou os braços sob os do morto. Tentando evitar a parte encharcada de sangue no paletó, tirou-o do vaso. Magro devido à dieta de álcool, Cottle pesava pouco mais do que um adolescente. Mas seria muito difícil carregá-lo, porque era comprido, com as pernas longas. Felizmente, a rigidez cadavérica ainda não havia começado a se instalar. Cottle estava frouxo, flexível.

Arrastando os pés para trás, Billy puxou o corpo para fora do banheiro. Os calcanhares dos tênis do morto guinchavam e gaguejavam no chão de cerâmica. Protestaram contra o piso de mogno do corredor e do escritório, até rodear a escrivaninha, onde Billy baixou o cadáver no chão.

Billy se ouviu respirando ofegante, não tanto do esforço, mas da ansiedade. O tempo passou correndo, veloz como um rio descendo uma cachoeira. Depois de empurrar com seu corpo a cadeira do escritório, enfiou o cadáver sob a escrivaninha. Teve de dobrar as pernas para fazer com que coubesse.

Pôs a cadeira na frente do computador outra vez.

Empurrou-a ao máximo que o espaço para os joelhos permitia.

A escrivaninha era funda e tinha um painel para manter a privacidade na frente. Qualquer um que entrasse no cômodo teria de ir até atrás da mesa de trabalho e espiar de propósito na área dos joelhos para ver o cadáver.

Mesmo assim, por causa da cadeira e dependendo do ângulo de visão, um olhar casual poderia não revelar esse segredo medonho. As sombras ajudariam. Billy apagou a luz.

Deixou acesa apenas a luminária da escrivaninha.

De novo no banheiro, viu uma mancha de sangue no chão.

Ninguém estivera lá antes de ele ter retirado Cottle. Seu coração era um cavalo dando coice, batendo nas divisórias do peito. Um erro. Se cometesse um erro aqui, seria o fim. Sua percepção de tempo estava

distorcida. Ele sabia que apenas alguns minutos tinham se passado desde que começara a revistar a casa, mas sentia como se dez minutos tivessem fugido.

Desejou estar com o relógio de pulso. Não se importou em gastar o tempo necessário para pegá-lo no corrimão da varanda. Com um chumaço de papel higiênico, enxugou o sangue do chão. Os ladrilhos ficaram limpos, mas permanecia uma leve descoloração num trecho do rejunte. Parecia ferrugem, e não sangue. Era no que ele queria acreditar. Jogou no vaso sanitário o chumaço de papel higiênico e o lenço de papel com que tinha limpado a lâmina do canivete. Deu descarga.

A arma do crime estava na bancada junto à pia. Enfiou-a nos fundos de uma gaveta, atrás de frascos de loção pós-barba e óleo de bronzear. Quando fechou a gaveta com tanta pressa e tanta força a ponto de parecer o barulho de um tiro, soube que precisava se controlar.

Ensinai-nos o desvelo e o menosprezo. Ensinai-nos a estar postos em sossego.

Permaneceria calmo caso se lembrasse de seu verdadeiro objetivo, que não era o ciclo interminável de ideia e ação, não era a preservação de sua liberdade e nem mesmo da vida.

Devia viver como podia, desamparado, mas seguro, desamparado, dormindo e sonhando, mas sem estar sujeito a qualquer indignidade, a qualquer mal.

Era um homem raso. Frequentemente, tinha provado essa verdade a si mesmo. Diante do sofrimento, não possuíra a força de vontade para seguir o dom da palavra escrita. Rejeitou o dom não somente uma, mas um número desgraçado de vezes, já que os dons conferidos pelo poder que os concedeu são oferecidos perpetuamente e só podem dar em nada se forem para sempre rejeitados.

Em seu sofrimento, sentira-se humilhado pelas limitações de linguagem, o que deveria ter acontecido. Fora derrotado também pelas limitações de linguagem, coisa que não deveria ter acontecido. Era um homem raso que não possuía a capacidade de se preocupar profundamente com multiplicidades, de aceitar cada vizinho no coração sem julgar.

O poder da compaixão era nele apenas uma capacidade, e seu potencial parecia ser preenchido cuidando apenas de uma mulher.

Por ser tão raso, acreditava-se fraco, talvez não tão fraco quanto Ralph Cottle, mas não forte. Sentira-se arrepiado, mas jamais surpreso quando o bebum disse: ' Vejo que o senhor é um pouco parecido comigo." Dormir em segurança e sonhando era seu verdadeiro objetivo e também sua única esperança de redenção. Para isso, precisava aprender o desvelo e o menosprezo; precisava estar posto em sossego.

Mais calmo do que quando tinha batido a gaveta, Billy examinou o banheiro mais uma vez. Não viu qualquer evidência do crime. O tempo ainda era um rio correndo, uma roda girando. Com pressa, mas meticulosamente, refez o caminho por onde havia arrastado o morto, procurando manchas adicionais de sangue como a do banheiro. Não descobriu nenhuma.

Duvidando de si mesmo, percorreu rapidamente o quarto, a sala de estar e a cozinha, mais uma vez. Tentava enxergar tudo pelos olhos de autoridades suspeitosas.

Só a situação na varanda da frente ainda precisava ser consertada. Tinha deixado essa tarefa para o fim porque era menos urgente do que a necessidade de esconder o cadáver.

Para o caso de não ter tempo de cuidar da varanda, pegou num armário da cozinha a garrafa de bourbon com que havia batizado sua cerveja na noite de segunda-feira. Bebeu direto do gargalo. Em vez de engolir, bochechou o uísque entre os dentes, ao redor da boca, como se fosse um colutório. Quanto mais tempo segurava o álcool, mais ele queimava as gengivas, a língua, as bochechas. Cuspiu na pia antes que se lembrasse de gargarejar. Enxaguou a boca com outro gole, mas também deixou-o borbulhar na garganta por vários segundos.

Com um chiado, mas sem engasgar, cuspiu esse segundo bocado na pia exatamente quando a batida esperada soou na porta da frente, alta e demorada. Talvez quatro minutos tivessem se passado desde que ele desligara o telefone depois da conversa com Rosalyn Chan. Talvez cinco. Parecia uma hora; pareciam dez segundos.

Enquanto a batida soava, Billy abriu a torneira quente para lavar o fedor de bebida na pia. Deixou-a ligeiramente aberta.

No silêncio depois da batida, tampou o bourbon e o recolocou no armário. De novo junto à pia, fechou a torneira enquanto a batida soava de novo. Atender imediatamente, à primeira batida, poderia fazer com que ele parecesse ansioso.

Esperar uma terceira poderia parecer que havia pensado em não atender. Atravessando a sala de estar, pensou em examinar as mãos. Não viu nenhum sangue.

Capítulo 28

Quando abriu a porta da frente, Billy Wiles encontrou um agente policial parado a três passos cautelosos da soleira, de lado. A mão direita do policial repousava sobre a pistola no coldre do quadril — não como se ele estivesse preparado para sacá-la, e sim tão casualmente quanto qualquer pessoa ficaria com a mão no quadril. Billy esperava conhecê-lo. Não conhecia.

O crachá do policial dizia: SGT. V. NAPOLITINO.

Aos 46 anos, Lanny Olsen mantivera o mesmo posto com que entrara no serviço, ainda jovem: cabo. Com vinte e poucos anos, V. Napolitino já fora promovido a sargento.

Tinha olhos límpidos e a expressão bem clara, inteligente e aplicada de alguém que chegaria a tenente aos 25 anos, capitão aos trinta, coronel aos 35 e delegado antes dos quarenta.

A preferência de Billy teria sido por um espécime gordo, amarrotado, cansado e cínico. Talvez esse fosse um daqueles dias em que a gente deve ficar longe da roleta, porque cada aposta no preto garantiria um número vermelho.

— Sr. Wiles?

— É. Sou eu.

— William Wiles?

— Billy, sim.

O sargento Napolitino transferia a atenção, indo e vindo, entre Billy e a sala de estar atrás dele. O rosto do sargento permanecia inexpressivo. Seus olhos não revelavam apreensão, nem inquietação, nem mesmo cautela: eram apenas atentos.

— Sr. Wiles, poderia ir até meu carro comigo? A radiopatrulha do departamento policial estava na entrada de veículos.

— O senhor quer entrar? — perguntou Billy.

— Não necessariamente. Vamos só ao carro por um ou dois minutos, se não se importa. — Isso quase pareceu um pedido, mas não era.

— Claro — respondeu Billy. — Tudo bem.

Uma segunda radiopatrulha saiu da estrada do condado, pegou a entrada de veículos e parou três metros atrás da primeira. Quando Billy estendeu a mão para a maçaneta para fechar a porta da frente, o sargento Napolitino disse: — Por que não a deixa aberta, senhor? O tom de voz do policial não significava uma pergunta nem uma sugestão. Billy deixou a porta aberta. Claramente, Napolitino esperava que ele fosse na frente. Billy passou por cima da garrafinha de uísque, depois pelo Seagram's derramado.

Ainda que a poça tivesse pelo menos 15 minutos, menos da metade havia se evaporado no calor. No ar imóvel, a varanda fedia a bebida. Billy desceu os degraus até o gramado.

Não fingiu estar tonto. Não era um ator suficientemente bom para bancar o bêbado, e qualquer tentativa de fazer isso colocaria em dúvida sua sinceridade.

Pretendia contar com o hálito potente para sugerir embriaguez funcional e dar crédito à história que pretendia contar. Quando um policial saiu da segunda radiopatrulha, Billy o reconheceu. Sam Sobiesky. Também era sargento, talvez cinco anos mais velho do que Napolitino.

Sobiesky ia ao bar de vez em quando, em geral com companhia feminina. Aparecia lá para algo mais do que a bebida, até porque duas cervejas eram seu limite.

Billy não o conhecia bem. Não eram amigos, mas conhecê- lo era melhor do que lidar com dois estranhos. No gramado da frente, Billy se virou para olhar a casa. Napolitano ainda estava na varanda. Ele conseguiu ir até os degraus e começar a descer sem virar totalmente as costas para a porta aberta ou as janelas, ao mesmo tempo que parecia despreocupado. Agora, assumiu a liderança e levou Billy até a radiopatrulha, colocando-a entre eles e a casa.

O sargento Sobiesky se juntou a eles.

— Oi, Billy.

— Sargento Sobiesky. Como vai? Todo mundo chamava os barmen pelo primeiro nome. Em alguns casos, dava para saber que a familiaridade era esperada em troca. Neste, não.

— Ontem foi dia de chili, e eu esqueci — disse Sobiesky.

— Ben faz o melhor chili — respondeu Billy.

— Ben é um deus do chili — corrigiu Sobiesky.

O carro era um ímã para o sol, queimando o ar em volta e sem dúvida causando bolhas na pele apenas ao tocá-lo.

Primeiro a chegar ao local, Napolitino assumiu a ponta: — Sr. Wiles, o senhor está bem?

— Claro. Estou bem. Isso foi por causa da merda que eu fiz, acho.

— O senhor ligou para o 911 — disse Napolitino.

— Queria ligar para o 411. Falei isso a Rosalyn Chan.

— O senhor só disse isso quando ela ligou de volta.

— Desliguei tão depressa que não percebi que a ligação tinha se completado.

— Sr. Wiles, o senhor está em alguma situação difícil? — Difícil? Não. Quer dizer, se alguém estava apontando uma arma para minha cabeça quando eu estava falando com Rosalyn pelo telefone? Uau. É uma ideia bem doida. Sem ofensa, sei que esse tipo de coisa acontece, mas não comigo.

Billy se pôs alerta para dar respostas curtas. As mais longas podiam parecer blablablá nervoso.

— O senhor ligou para o trabalho e pediu folga dizendo que estava doente?

— É.

— Fazendo careta, mas não muito dramaticamente, ele pôs a mão no abdome. — Estou com uma coisa no estômago.

Esperava que sentissem seu hálito. Ele próprio conseguia.

Se eles pudessem senti-lo, pensariam que seu pedido de folga era uma tentativa canhestra de esconder o fato de que estava meio de pileque.

— Sr. Wiles, quem mais mora aqui?

— Ninguém. Só eu. Moro sozinho.

— Tem mais alguém na casa agora?

— Não. Ninguém.

— Nenhum amigo ou parente?

— Não. Nem mesmo um cachorro. Às vezes, penso em arranjar um cachorro, mas nunca fiz isso.

Bisturis não eram mais afiados do que os olhos escuros do sargento Napolitino.

— Senhor, se há algum bandido aí...

— Não há nenhum bandido — garantiu Billy.

— Se alguém de quem o senhor gosta está sendo mantido lá, contra a vontade, o melhor a fazer é me contar.

— Claro. Sei disso. Quem não sabe? O calor intenso que vinha do carro esquentado pelo sol deixou Billy com um certo enjoo. Seu rosto parecia ressequido. Nenhum dos dois sargentos parecia se incomodar com o ar fervilhante.

— Sob pressão, intimidadas — disse Sobiesky —, as pessoas tomam decisões ruins, Billy.

— Santo Deus — exclamou Billy. — Eu realmente banquei o idiota desta vez, desligando na cara do 911, e depois com o que eu disse a Rosalyn.

— O que o senhor disse a ela? Billy tinha certeza de que eles sabiam os pontos essenciais do que ele havia dito, assim como ele próprio se lembrava de cada palavra com clareza penetrante, mas esperava convencê- los de que estava confuso demais pela birita para se lembrar exatamente de como tinha caído naquela encrenca.

— O que quer que eu tenha dito, deve ter sido bem estúpido se lhe dei a ideia de que alguém estava me incomodando. Sob pressão. Cara. Isso é de dar vergonha.

Ele balançou a cabeça diante da própria idiotice, esboçou um riso seco e balançou a cabeça de novo. Os sargentos só ficaram olhando.

— Não há ninguém aqui, além de mim. Ninguém vem aqui há dias. Ninguém nunca está aqui, além de mim. Eu fico bastante sozinho, é o modo como vivo.

Isso bastava. Ele estava perigosamente perto de se enrolar de novo. Se os dois sabiam sobre Barbara, sabiam como ele era. Se não soubessem, Rosalyn contaria. Tinha corrido um risco dizendo que ninguém o visitava havia dias. Certo ou errado, sentira que devia enfatizar sua vida reclusa. Se alguém nas casas mais próximas, morro abaixo, tivesse visto Ralph Cottle chegando à entrada de veículos ou se o tivesse notado na varanda, e se os sargentos decidissem conversar com os vizinhos, Billy seria apanhado numa mentira.

— O que aconteceu com sua testa? — perguntou Napolitino.

Até esse momento, Billy tinha esquecido dos ferimentos de anzol na testa, mas uma dor fraca e latejante surgiu quando o sargento fez a pergunta.

Capítulo 29

— Isso não é um curativo? — insistiu o sargento Napolitino. Mesmo caído na testa, o cabelo grosso de Billy não escondia totalmente a gaze e o esparadrapo.

— Tive um pequeno acidente com a serra — disse ele, agradavelmente surpreso com a rapidez com que uma resposta adequada lhe ocorreu.

— Parece sério — disse o sargento Sobiesky.

— Não é. Não é nada. Eu tenho uma oficina de carpintaria na garagem. Construo todos os armários da casa. Ontem à noite, estava trabalhando numa coisa, cortando uma tábua de nogueira e havia um nó. A lâmina partiu o nó e algumas farpas se cravaram na minha testa.

— Desse jeito, o senhor pode perder um olho — disse Sobiesky.

— Eu uso óculos de segurança. Sempre uso óculos.

— O senhor procurou um médico? — perguntou Napolitino.

— Não. Não precisou. Eram só umas farpas. Tirei com uma pinça. Droga, o único motivo para precisar de curativo é que causei mais danos com a pinça, para arrancar as farpas, do que elas fizeram entrando.

— Tenha cuidado com infecção.

— Encharquei o ferimento com álcool, água oxigenada.

Coloquei um Neosporin. Vou ficar bem. Essas coisas acontecem.

Billy sentiu que tinha satisfeito as preocupações deles. Ao seu ouvido, não parecera sob pressão, com um problema de vida ou morte. O sol era uma fornalha, uma forja, e o calor que vinha do carro o cozinhava com mais eficácia do que um forno de microondas, mas ele estava calmo. Quando o interrogatório teve uma virada negativa e mais agressiva, a princípio Billy não reconheceu a mudança.

— Sr. Wiles — disse Napolitino —, depois o senhor ligou para auxílio à lista?

— Eu o quê?

— Depois de ter discado 911 por engano, o senhor ligou para 411, como pretendia?

— Não. Só fiquei sentado um minuto, pensando no que tinha feito.

— O senhor ficou sentado um minuto pensando em como tinha ligado para o 911 por engano?

— Bem, não um minuto inteiro. Não sei quanto tempo.

Não queria fazer merda de novo. Estava me sentindo meio tonto. Como falei, é o estômago. Então, Rosalyn me ligou de volta.

— Antes que o senhor pudesse ligar para o 411 pedindo informação, ela ligou de volta?

— Isso mesmo.

— Depois de sua conversa com a telefonista do 911...

— Rosalyn.

— Isso. Depois da conversa com ela, o senhor ligou para o ? A companhia telefônica cobrava as ligações para o 411. Se ele tivesse ligado, haveria um registro.

— Não — respondeu Billy. — Fiquei me sentindo um imbecil. Precisava de uma bebida.

A referência à bebida veio naturalmente, não como se ele estivesse tentando convencê-los da suposta embriaguez. Achou que tinha parecido tranquilo, convincente.

— Que número o senhor ia pedir, se tivesse ligado? — perguntou Napolitino.

Billy percebeu que as perguntas não estavam mais relacionadas ao seu bem-estar e segurança. Um antagonismo velado coloria as perguntas de Napolitino, sutil mas inconfundível. Billy se perguntou se deveria reconhecer abertamente essa virada e questionar a intenção deles. Não queria parecer culpado.

— Steve — respondeu. — Eu precisava do número de Steve Zillis.

— Ele é...

— Trabalha no bar, é barman.

— Ele cobre o seu turno quando você está doente? — perguntou Napolitino.

— Não. Ele trabalha no turno depois do meu. Por que isso importa?

— Por que o senhor precisava ligar para ele?

— Só queria dizer que eu não iria, e que quando ele chegasse teria sujeira para limpar, porque Jackie ia cuidar do bar sozinho.

— Jackie? — perguntou Napolitino.

— Jackie O'Hara. É o dono. Está cobrindo o meu turno.

Jackie não limpa o balcão de serviço e o de baixo o tempo todo, como deveria. O entulho e a bebida derramada vão se acumulando até

que o cara que vem depois precisa de uns 15 minutos frenéticos para deixar tudo em condições de trabalho de novo.

Cada vez que precisava dar uma resposta mais longa, mais explicativa, Billy ouvia um tremor na voz. Não achava que estivesse imaginando esse tremor; na verdade, acreditava que os sargentos também podiam ouvi-lo. Talvez todo mundo ficasse assim quando falava com policiais de serviço durante um longo tempo. Talvez a inquietação fosse natural.

Mas a grande quantidade de gestos não era natural, especialmente para Billy. Durante as respostas mais longas, ele se via usando demais as mãos, e não conseguia controlá-las.

Na defensiva, mas tentando parecer casual, enfiou as mãos nos bolsos da calça. Em cada bolso, os dedos encontraram três balas calibre 38, a munição de reserva.

— Então, o senhor queria avisar a Steve Zillis que ele ia encontrar uma bagunça — disse Napolitino.

— Isso mesmo.

— O senhor não sabe o número do sr. Zillis?

— Não telefono muito para ele.

Não estavam mais engajados numa inocente troca de perguntas e respostas. Ainda não haviam chegado ao nível de um interrogatório, mas estavam descendo a escada rolante.

Billy não entendia o motivo — a não ser que talvez suas respostas e sua postura não oferecessem tanta justificativa quanto ele pensava.

— O número do sr. Zillis não está na lista telefônica?

— Acho que sim. Mas às vezes é mais fácil ligar para o 411.

— A não ser que a gente digite 911 por engano — disse Napolitino.

Billy decidiu que não responder seria melhor do que se culpar por idiotice, como fizera antes. Se a situação se deteriorasse a ponto de eles decidirem revistá-lo, encontrariam as balas em seus bolsos.

Imaginou se conseguiria explicar as balas com outra mentira fácil e convincente. No momento, não conseguia pensar em nenhuma. Mas não conseguia acreditar que a coisa chegaria a esse ponto. Os policiais se encontravam ali porque se preocuparam com a hipótese de ele estar correndo perigo.

Só precisava convencê-los de que estava em segurança, e eles iriam embora. Algo que tinha dito — ou não tinha dito — os deixara com dúvidas. Se pudesse encontrar as palavras certas, as palavras mágicas, os sargentos iriam embora.

Mas, nesse ponto, impacientou-se de novo com as limitações de linguagem. Por mais real que parecesse a mudança na atitude de Napolitino, parte de Billy argumentava que estava imaginando-a. O esforço para disfarçar a ansiedade havia distorcido suas percepções, deixando-o meio paranoico.

Aconselhou-se a ficar imóvel, a ter paciência.

— Sr. Wiles — disse Napolitino. — Tem certeza absoluta de que o senhor mesmo ligou para o 911?

Ainda que pudesse analisar a frase, Billy não a entendeu plenamente. Não conseguiu captar a intenção por trás da pergunta, e, considerando tudo o que havia contado até agora, não sabia que resposta eles esperavam.

— Há alguma possibilidade de que outra pessoa em sua casa tenha dado o telefonema para o 911? — pressionou Napolitino.

Por um instante, Billy achou que, de algum modo, eles sabiam sobre o monstro, mas então entendeu. Entendeu. A pergunta do sargento Napolitino era verbalizada pensando em eventuais questionamentos jurídicos aos procedimentos da polícia. O que ele queria perguntar a Billy era mais direto: "Sr.

Wiles, o senhor está mantendo alguém em sua casa sob pressão, e será que ela se livrou por tempo suficiente para digitar 911, então o senhor arrancou o telefone da mão dela e desligou, esperando que a ligação não tivesse sido completada?" Para fazer a pergunta de modo mais direto, primeiro Napolitino teria de informar a Billy seu direito constitucional de permanecer em silêncio e de ter um advogado presente durante o interrogatório.

Billy Wiles tinha virado suspeito. Estavam na beira. Um precipício. A mente de Billy jamais havia calculado opções e consequências de modo tão febril, sabendo que cada segundo de hesitação o fazia parecer mais culpado. Felizmente, não precisou fingir uma expressão aparvalhada. Seu maxilar devia estar solto.

Sem confiar na capacidade de fingir raiva ou mesmo indignação que tivesse qualquer chance de convencimento, Billy aproveitou sua

surpresa genuína.

— Santo Deus, o senhor não acha...? O senhor acha que eu... Santo Deus. Sou o último cara que esperaria ser confundido com Hannibal Lecter.

Napolitino ficou quieto. Sobiesky também. Os olhos dos dois eram firmes como o eixo de um giroscópio rodando.

— Claro que os senhores teriam de considerar a possibilidade — disse Billy. — Entendo. Entendo mesmo. Entrem, se quiserem. Deem uma olhada por aí.

— Sr. Wiles, o senhor está nos convidando a revistar sua casa em busca de algum intruso? Com as pontas dos dedos apoiadas nas balas dentro dos bolsos, a mente pousando na forma sombria de Cottle embaixo da escrivaninha...

— Procurem qualquer coisa — falou em tom afável, como se aliviado por entender finalmente o que desejavam dele. — Vão em frente.

— Sr. Wiles, eu não estou pedindo para revistar sua residência. O senhor entende a situação?

— Claro. Eu sei. Tudo bem. Podem ir.

Se fossem convidados a entrar, qualquer prova que encontrassem poderia ser usada no tribunal. Se, em vez disso, entrassem sem ser convidados, sem mandado ou sem motivo adequado para acreditar que alguém lá dentro poderia estar em dificuldade, o tribunal recusaria a mesma prova.

Os sargentos veriam a cooperação de Billy, dada de boa vontade, como algo altamente indicativo de inocência. Sentiu- se relaxado o bastante para tirar as mãos dos bolsos. Se parecesse aberto, relaxado, suficientemente encorajador, eles poderiam decidir que não tinha o que esconder. Poderiam ir embora sem se incomodar em fazer a revista.

Napolitino olhou para Sobiesky e este assentiu.

— Sr. Wiles, já que o senhor iria se sentir melhor se eu fizesse isso, vou dar uma olhada rápida na casa.

O sargento Napolitino deu uma volta na frente da radiopatrulha e foi para a escada da varanda, deixando Billy com Sobiesky.

Capítulo 30

"A culpa se derrama no medo de ser derramada", disse alguém, talvez Shakespeare, talvez O.J. Simpson. Billy não conseguia lembrar quem havia posto esse pensamento tão bem em palavras, mas percebeu a verdade no aforismo e sentiu-a com intensidade.

Na casa, o sargento Napolitino subiu os degraus da frente e atravessou a varanda, passando por cima da garrafinha de bebida e do uísque que ainda não tinha se evaporado.

— Ele é o próprio Kojak — disse Sobiesky.

— O quê?

— O Vince. É cara-de-pau demais. Fica espiando com aqueles olhos chapados, aquela cara de concreto, mas na verdade não é tão durão quanto parece.

Ao usar o primeiro nome de Napolitino, Sobiesky parecia estar atraindo a confiança de Billy. Alerta a qualquer engano ou manipulação, Billy suspeitou que o sargento estivesse atraindo sua confiança tanto quanto uma aranha receberia um besouro com gentileza e fraternidade.

Na casa, Vince Napolitino desapareceu pela porta da frente.

— Vince ainda está com muita coisa da academia — continuou Sobiesky. — Quando tiver um pouco mais de experiência, não vai pegar tão pesado.

— Ele só está fazendo seu serviço — disse Billy. — Eu entendo. Sem problema.

Sobiesky permaneceu na entrada de veículos porque tinha uma leve suspeita de que Billy houvesse cometido um crime. Caso contrário, os dois policiais teriam revistado a casa juntos.

O sargento Sobiesky tinha ficado ali para agarrar Billy, caso ele tentasse fugir.

— Como está se sentindo? — Bem — respondeu Billy. — Só me sinto idiota por ter dado todo esse trabalho a vocês.

— Estou falando do seu estômago.

— Não sei. Talvez tenha comido alguma coisa meio estragada.

— Não pode ter sido o chili de Ben Vernon. Aquele negócio é tão quente que cura quase qualquer doença conhecida da ciência.

Percebendo que um inocente, sem ter o que temer, não ficaria olhando ansioso para a casa esperando que Napolitino terminasse a busca, Billy se virou de costas para ela e olhou o vale, os vinhedos encolhendo-se numa claridade dourada, em direção às montanhas que se erguiam numa névoa azul.

— Caranguejo faz isso — disse Sobiesky.

— O quê? — Caranguejo, camarão, lagosta, se estiver meio estragado, pode causar um tremendo tumulto.

— Ontem à noite, comi lasanha.

— Parece bem seguro.

— Talvez não a minha lasanha — disse Billy, tentando acompanhar a aparente casualidade de Sobiesky.

— Anda logo, Vince — disse o sargento com um traço de impaciência.

— Sei que você é meticuloso, compadre. Não precisa me provar nada. — Então, perguntou a Billy; — Você tem sótão? — Tenho.

O sargento suspirou.

— Ele vai querer revistar o sótão.

Do oeste, veio um bando de pássaros pequenos, voando baixo e depois subindo, baixando de novo. Eram pica-paus do oeste, numa atividade incomum para tanto calor.

— Está procurando uma dessas? — perguntou Sobiesky. O policial ofereceu-lhe pastilhas de hortelã.

Por um instante, Billy ficou perplexo, até perceber que suas mãos estavam nos bolsos outra vez, remexendo as balas.

Tirou-as.

— Acho que é meio tarde para isso — falou, mas aceitou a pastilha.

— É doença ocupacional, acho — disse Sobiesky. — Como barman você fica perto desse tipo de coisa o dia inteiro.

Chupando a pastilha, Billy respondeu: — Na verdade, não bebo muito. Acordei às três da madrugada, não consegui afastar a mente de coisas que não consigo controlar mesmo e achei que um gole ou dois iriam me apagar.

— Todo mundo tem noites assim. Eu chamo de noites do baixo-astral. Uma caneca de chocolate cura quase qualquer insônia, mas nem isso dá certo com o baixo-astral.

— Quando a birita não funcionou, ainda assim pareceu um modo de passar a noite. E a manhã.

— Você aguenta bem.

— É?

— Não parece chapado.

— Não estou. Nas últimas horas, estive curando o porre, tentando sair de leve, para não ter ressaca.

— É esse o truque? — É um dos truques.

Era fácil conversar com o sargento Sobiesky: fácil demais.

Os pica-paus voaram baixo na direção deles, de novo giraram abruptamente, subiram e giraram outra vez, trinta ou quarenta, voando como se tivessem uma mente única.

— Eles são uma chatice — disse Sobiesky sobre os pássaros. Com bicos pontudos, os pica-paus do oeste preferiam casas estábulos e igrejas do condado de Napa para escavar elaborados padrões de renda em cornijas, arquitraves, beirais, empenas e acabamentos de cantos.

— Eles nunca incomodam na minha casa — disse Billy. — É de cedro.

Muitas pessoas achavam o trabalho destrutivo dos pica- paus tão lindo que o acabamento danificado nem sempre era substituído até que o tempo e o desgaste os derrubasse.

— Eles não gostam de cedro?

— Não sei. Mas não gostam do meu.

Tendo entalhado sua renda, o pica-pau do oeste enfia bolotas de carvalho em muitos dos buracos, na parte alta da construção onde o sol possa esquentá-las. Depois de alguns dias, o pássaro volta para ouvir as bolotas. Se escutar barulho em algumas e não em outras, ele abre as bolotas ruidosas para comer as larvas que moram dentro. Tudo pela santidade do lar. Os pica-paus e os sargentos fazem seu trabalho. Lenta, implacavelmente, fazem.

— Não é uma casa tão grande — disse Billy, permitindo-se revelar um pouco de impaciência, como imaginava que um inocente faria.

Quando o sargento Napolitino voltou, não saiu pela porta da frente. Veio pelo lado sul da casa, da direção da garagem.

Não se aproximou com uma das mãos pousada casualmente na arma. Talvez fosse bom sinal. Como se devido à visão de Napolitino, os pássaros foram expulsos para um lado mais distante do céu.

— É uma bela oficina de carpintaria — disse a Billy. — O senhor poderia fazer praticamente qualquer coisa ali.

De algum modo, o jovem sargento fez parecer que Billy poderia ter usado as ferramentas elétricas para desmembrar um cadáver. Olhando para o outro lado do vale, Napolitino continuou: — A vista daqui é fantástica.

— É boa — respondeu Billy.

— É um paraíso.

— É mesmo.

— Estou surpreso ao ver que o senhor mantém todas as persianas fechadas.

Billy tinha relaxado cedo demais. Disse apenas meio coerente: — Quando está tão quente assim, eu as fecho. Por causa do sol.

— Mesmo nos lados da casa onde o sol não bate.

— Num dia tão claro assim — respondeu Billy —, tentando se livrar de uma ressaca de uísque, a gente quer um lugar escuro.

— Ele está curando a bebedeira a manhã inteira — disse Sobiesky a Napolitino. — Tentando sair do porre devagar para evitar uma ressaca.

— O truque é esse? — perguntou Napolitino.

— É um deles — respondeu Billy.

— Aqui é bem legal e fresco.

— O fresco ajuda também.

— Rosalyn disse que você está sem ar-condicionado.

Billy tinha se esquecido dessa mentira, um filamento tão pequeno em sua enorme teia de logro.

— Ele pifa durante algumas horas, depois funciona de novo, depois pifa de novo. Não sei, talvez seja problema no compressor.

— Amanhã o calor vai ser de rachar — disse Napolitino, ainda olhando para o vale. — Melhor chamar um técnico, se eles já não estiverem com agenda lotada até o Natal.

— Eu mesmo vou ter de dar uma olhada mais tarde. Sou bom em mexer nas coisas.

— Não vá cutucar nenhum aparelho enquanto não estiver totalmente sóbrio.

— Não vou. Vou esperar.

— Especialmente equipamento elétrico.

— Vou preparar alguma coisa para comer. Isso vai ajudar.

Talvez até ajude o estômago.

Finalmente, Napolitino olhou para Billy.

— Desculpe ter mantido o senhor aqui fora, ao sol, com a dor de cabeça e tudo.

O sargento parecia sincero, conciliador pela primeira vez, mas seus olhos eram frios, escuros e autoritários como os canos de um par de pistolas.

— É tudo minha culpa — disse Billy. — Vocês só estavam fazendo seu trabalho. Já falei um monte de vezes que sou um idiota. Não há outro modo de dizer. Realmente, lamento ter desperdiçado seu tempo.

— Estamos aqui para "servir e proteger" — Napolitino deu um sorriso apertado. — É o que está escrito na porta do carro.

— Eu gostava mais quando dizia "os melhores policiais que o dinheiro pode comprar" — disse o sargento Sobiesky, provocando um riso surpreso em Billy, mas atraindo apenas um olhar vagamente irritado de Napolitino. — Billy, talvez esteja na hora de parar de curar o porre e passar para a comida.

Billy assentiu.

— Está certo.

Enquanto ia até a casa, sentiu que eles o estavam vigiando.

Não olhou para trás.

Seu coração estivera de algum modo calmo. Agora, martelava de novo. Não podia acreditar na própria sorte.

Temia que ela não se sustentasse. Na varanda, pegou o relógio no corrimão, pôs no pulso. Inclinou-se para pegar a garrafa.

Não viu a tampa. Devia ter rolado da varanda ou para baixo de uma das cadeiras de balanço.

Junto à mesa ao lado da cadeira de balanço, jogou os três salgadinhos na caixa vazia, que por um tempo havia guardado o revólver 38. Apanhou o copo de refrigerante. Esperou ouvir os motores das radiopatrulhas sendo ligados. Não ouviu. Sem olhar para trás, levou o copo, a caixa e a garrafa para dentro.

Fechou a porta e se encostou nela. Lá fora, o mundo continuou imóvel, os motores em silêncio.

Capítulo 31

Uma súbita superstição alertou Billy de que, enquanto esperasse encostado à porta, os sargentos Napolitino e Sobiesky não iriam embora. Prestando atenção, foi para a cozinha. Jogou a caixa de salgadinhos na lata de lixo.

Prestando atenção, derramou as últimas gotas de uísque da garrafinha na pia, depois acompanhou-a com o refrigerante do copo. Pôs a garrafa no lixo, o copo na lavadora de pratos.

Quando, nesse meio tempo, Billy continuou sem ouvir os motores sendo ligados, a curiosidade o incomodou com uma persistência irritante. A casa fechada ficou cada vez mais claustrofóbica. Talvez porque Billy soubesse que ali havia um cadáver, ela parecia estar se encolhendo até as dimensões de um caixão.

Entrou na sala de estar, tremendamente tentado a levantar uma das persianas, todas elas. Mas não queria que os sargentos pensassem que tinha levantado as persianas para observá-los e que sua presença contínua o preocupava.

Cautelosamente, dobrou a ponta de uma das persianas para longe da janela. Não estava num ângulo em que desse para ver a entrada de veículos. Foi até outra janela, tentou de novo e viu os dois homens parados junto ao carro de Napolitino, onde os havia deixado. Nenhum dos policiais estava virado diretamente para a casa.

Pareciam imersos em alguma conversa. Provavelmente, não estavam discutindo beisebol. Imaginou se Napolitino tinha pensado em examinar a garagem procurando a tábua de nogueira meio cortada, com o buraco de nó. O sargento não a teria encontrado, claro, porque não existia. Quando Sobiesky virou a cabeça para a casa, Billy soltou imediatamente a persiana. Esperava ter sido suficientemente rápido. Até que eles saíssem, Billy não podia fazer nada além de se preocupar.

Mas com tudo o que tinha a incomodá-lo, era estranho que sua envolvente névoa de ansiedade se condensasse rapidamente na ideia bizarra de que o corpo de Ralph Cottle não estava mais sob a escrivaninha no escritório, onde o havia deixado.

Para ter mexido no cadáver, o assassino teria de ter voltado à casa enquanto os dois policiais estivessem conversando com Billy na

entrada de veículos, antes que ele próprio retornasse.

O monstro provara sua ousadia; mas isso teria sido imprudência, se é que não a pior das temeridades.

Mas se o cadáver tivesse sido transportado, Billy precisaria achá-lo. Não podia se dar ao luxo de esperar até que ele aparecesse de surpresa, num momento inconveniente e incriminatório. Tirou o revólver 38 de debaixo da almofada do sofá. Quando deslocou o tambor e verificou que todas as balas estavam intactas e carregadas, garantiu a si mesmo que esse era um ato de suspeita válida, e não um sinal de paranoia se esgueirando.

Seguiu pelo corredor enquanto a inquietação que ressoava baixinho ao longo dos nervos se acelerava e, quando atravessou a soleira para o estúdio, inchava com um clamor alarmante. Empurrou a cadeira do escritório para fora do caminho. Abraçado em três lados pelo espaço para pôr os joelhos, nas dobras suaves de seu terno largo e amarrotado, Ralph Cottle parecia a carne de uma noz aninhada na casca.

Alguns minutos antes, Billy não poderia imaginar que ficaria aliviado ao encontrar um cadáver em casa. Suspeitou que várias provas sutis mas diretas ligando-o a Cottle teriam sido colocadas no corpo do sujeito. Mesmo que se demorasse para uma inspeção meticulosa do cadáver, certamente deixaria escapar uma ou outra peça incriminatória. O corpo deveria ser destruído ou enterrado onde nunca pudessem encontrá-lo.

Billy ainda não tinha decidido como se livrar dele; mas ao mesmo tempo que enfrentava os desdobramentos crescentes da crise atual, cantos escuros de sua mente compunham cenários horripilantes.

Quando encontrou o corpo como havia deixado, também descobriu a tela do computador acesa e esperando. Tinha aberto o disquete que encontrara nas mãos mortas de Cottle, mas antes que pudesse ver o conteúdo, Rosalyn Chan tinha ligado para perguntar se ele acabara de ligar para o 911.

Empurrou a cadeira de novo para a frente da escrivaninha.

Sentou-se diante do computador, enfiando as pernas sob a cadeira, longe do cadáver.

O disquete continha três documentos. O primeiro era intitulado POR QUE, sem ponto de interrogação. Quando acessou o documento,

descobriu que era curto: Porque eu também sou pescador de homens.

Billy leu a frase três vezes. Não sabia o que pensar a respeito, mas os ferimentos de anzol na testa queimaram de novo. Reconheceu a referência religiosa. Cristo fora chamado de pescador de homens. A dedução fácil era que o assassino poderia ser um fanático religioso que acreditava escutar vozes divinas insistindo para que matasse, mas as deduções fáceis geralmente estavam erradas. O bom raciocínio dedutivo exigia mais do que uma particularidade a partir da qual fazer generalizações. Além disso, o monstro possuía uma queda pela duplicidade, um dom de ofuscação, um talento para o engano e um gênio para o enigma cuidadosamente tramado.

Preferia o oblíquo ao objetivo, o tortuoso ao direto.

PORQUÊ.

Porque eu também sou pescador de homens.

O verdadeiro significado integral dessa declaração não poderia ser deduzido, quanto mais certificado, em cem leituras, nem no tempo limitado que Billy poderia dedicar à sua análise naquele momento.

O segundo documento se chamava COMO. Era não menos misterioso do que o primeiro: Crueldade, violência, morte. Movimento, velocidade, impacto. Carne, sangue, osso.

Mesmo sem rima ou métrica, esse terceto quase parecia uma estrofe. Como acontecia com os poemas mais recônditos, o significado não estava na superfície. Billy tinha a sensação estranha de que as três linhas eram três respostas, e que se ao menos soubesse as perguntas, também conheceria a identidade do assassino.

No momento, não tinha tempo para considerar se essa impressão poderia ser uma intuição confiável ou uma ilusão.

O corpo de Lanny ainda esperava que se desse um fim nele, assim como o de Cottle. Billy estava meio convencido de que, se consultasse o relógio de pulso, veria os ponteiros dos minutos e das horas girando como se contassem meramente segundos.

O terceiro documento no disquete se chamava QUANDO, e no momento em que Billy o acessou, o morto no espaço para os joelhos agarrou seu pé. Se Billy pudesse respirar, teria gritado. Mas quando a exalação presa explodiu da garganta, ele percebeu que a explicação era menos sobrenatural do que parecera a princípio. O morto não o havia

agarrado; em sua agitação, Billy tinha encostado os pés no cadáver. Enfiou-os embaixo da cadeira de novo.

Na tela, o documento chamado QUANDO ofereceu uma mensagem que exigia menos interpretação do que o POR QUÊ e o COMO.

Minha derradeira matança: meia-noite de quinta-feira.

Seu suicídio: logo depois.

Capítulo 32

Minha derradeira matança: meia-noite de quinta-feira.

Seu suicídio: logo depois.

Billy Wiles olhou para o relógio. Alguns minutos depois do meio-dia. Quarta-feira. Se o monstro falava a sério, essa performance, ou o que quer que fosse, iria se concluir em 36 horas. O inferno era eterno, mas, por definição, qualquer inferno na terra deve ser finito.

A referência a uma "última" matança não significava necessariamente que só havia um assassinato adiante. No último dia e meio, o monstro tinha matado três pessoas, e no próximo dia e meio poderia ser não menos criminoso.

Crueldade, violência, morte. Movimento, velocidade, impacto. Carne, sangue, osso.

Dessas nove palavras do segundo documento, uma pareceu a Billy mais pertinente do que as outras. Velocidade. O movimento havia começado quando o primeiro bilhete foi deixado sob o limpador de para-brisa do Explorer. O impacto viria com a derradeira matança, destinada a fazer com que ele pensasse em suicídio.

Enquanto isso, num ritmo que se acelerava cada vez mais, novos desafios estavam sendo lançados a Billy, mantendo-o desequilibrado. A palavra parecia prometer que os mergulhos mais profundos dessa montanha-russa ainda estavam por vir.

Ele não desacreditava na promessa de crescente nem descartava a afirmação confiante de que iria cometer suicídio. O suicídio era um pecado mortal, mas Billy sabia ser um homem raso, fraco em certos sentidos, cheio de falhas.

Nesse ponto, não era capaz da autodestruição; mas corações e mentes podem ser partidos. A morte de Barbara Mandell, sozinha, não

iria levá-lo ao suicídio. Por quase quatro anos, ele havia se preparado para o falecimento dela. Tinha se endurecido ante a ideia de viver sem sequer a esperança de sua recuperação.

Mas as circunstâncias do assassinato poderiam causar uma fatal rachadura de tensão na arquitetura mental de Billy. No coma, ela poderia não ter muita percepção do que o assassino lhe fizesse. Mesmo assim, presumindo que fosse submetida a dor, a um abuso maligno, a indignidades grosseiras, Billy poderia imaginar um peso de horror tão grande que o faria se quebrar.

Esse era um homem que espancava professoras lindas e jovens até a morte e arrancava rostos de mulheres. Além disso, se o monstro pretendia engendrar circunstâncias em que parecesse que o próprio Billy havia matado não somente Giselle Winslow, Lanny e Ralph Cottle, mas também Barbara, então Billy não iria querer suportar meses sendo a sensação da mídia ou os refletores do julgamento, nem a suspeita duradoura com que seria visto, mesmo que fosse considerado inocente num tribunal.

O monstro matava por prazer, mas também com um objetivo e um plano. Qualquer que fosse o objetivo, o plano poderia ser convencer a polícia de que Billy cometera os homicídios que levavam ao assassinato de Barbara em sua cama no Whispering Pines, que sua intenção fora estabelecer que um brutal serial killer estava atuando no condado, com isso afastando a suspeita de si mesmo para o psicopata inexistente. Se o monstro fosse inteligente — e era —, as autoridades engoliriam essa teoria como se fosse uma colherada de sorvete de baunilha. Afinal de contas, aos olhos deles, Billy tinha um motivo forte para acabar com Barbara. Os cuidados médicos eram cobertos pelos juros dos investimentos de um fundo de pensão de sete milhões de dólares estabelecido num acordo legal com a empresa responsável pelo coma. Billy era o principal de três administradores do fundo.

Se Barbara morresse em coma, Billy era o único herdeiro de seus bens. Billy não queria o dinheiro, nenhum, e não ficaria com ele, caso o recebesse. Nessa triste situação, sempre pretendera doar os milhões. Claro que ninguém acreditaria que essa fosse sua intenção. Em especial, depois que o monstro terminasse de montar a armadilha, se de fato era isso que estava fazendo. A ligação para o 911 certamente parecia significar essa intenção. Ela havia atraído a atenção do

departamento policial para Billy num contexto que eles recordariam... e no qual pensariam.

Agora, Billy combinou os três documentos e os imprimiu numa única folha de papel.

Porque eu também sou pescador de homens.

Crueldade, violência, morte. Movimento, velocidade, impacto. Carne, sangue, osso.

Minha derradeira matança: meia-noite de quinta-feira.

Seu suicídio: logo depois.

Com uma tesoura, recortou o bloco de texto, pretendendo dobrá-lo e pôr na carteira, onde poderia revê-lo facilmente. Ao terminar, percebeu que esse papel parecia aquele em que tinha recebido as primeiras quatro mensagens do assassino. Se o disquete nas mãos de Cottle fora preparado neste computador, talvez as primeiras quatro mensagens tivessem sido escritas ali também. Saiu do Microsoft Word e abriu o programa de novo. Acessou o diretório. A lista de documentos não era longa. Ele havia usado esse programa apenas para escrever ficção. Reconheceu as palavras-chave de seu único romance e dos contos que havia terminado, bem como das histórias que jamais completara. Apenas um documento não era familiar: MORTE. Quando abriu o documento, descobriu o texto das quatro primeiras mensagens do monstro. Hesitou, lembrando-se dos procedimentos. Depois, batucou as teclas, pedindo a data em que o documento fora criado, e apareceu :09 da manhã da sexta-feira anterior.

Naquele dia, Billy tinha saído para o trabalho 15 minutos mais cedo do que o normal. Tinha passado no correio para enviar algumas contas. Os dois bilhetes deixados no para- brisa, o colado na barra de direção do Explorer e até mesmo o que ele havia encontrado na geladeira esta manhã tinham sido preparados neste computador mais de três dias antes da entrega do primeiro, antes que o pesadelo começasse, na tarde de segunda-feira.

Se Lanny não tivesse destruído os dois primeiros para salvar seu emprego, se Billy os tivesse oferecido à polícia como prova, cedo ou tarde as autoridades verificariam este computador. Chegariam à conclusão inevitável de que o próprio Billy tinha escrito os bilhetes. O monstro havia se preparado para todas as contingências. Acima de tudo,

era meticuloso. E tivera confiança de que seu roteiro seria encenado do modo como ele pretendera.

Billy apagou o documento intitulado MORTE, que ainda poderia ser usado como prova contra ele, dependendo de como os acontecimentos se desdobrassem dali em diante.

Suspeitava que apagá-lo do diretório não iria removê-lo do disco rígido. Teria de achar um jeito de perguntar a alguém que entendesse de computadores.

Quando desligou a máquina, percebeu que ainda não tinha ouvido os motores das radiopatrulhas sendo ligados.

Capítulo 33

Puxando de lado a persiana de uma das janelas do escritório, Billy descobriu que a entrada de veículos estava vazia, ao sol forte. Tinha ficado tão concentrado com o disquete que não ouviu o motor dos carros. Os sargentos haviam partido. Tinha esperado encontrar outro desafio no disquete: uma escolha entre duas vítimas inocentes, um prazo curto para tomar uma decisão. Sem dúvida, outro viria logo, mas por enquanto estava livre para lidar com coisas urgentes.

Tinha um monte delas.

Foi à garagem e voltou com um pedaço de corda e um dos grandes pedaços de lona de poliuretano com que havia coberto os móveis ao pintar o interior da casa na primavera.

Desdobrou o plástico no chão do escritório, diante da escrivaninha. Depois de arrancar o corpo de Cottle de onde estava e arrastá-lo em volta da mesa, rolou-o sobre o plástico.

A perspectiva de revistar os bolsos do defunto o enojava. Mas mesmo assim, foi em frente.

Billy não estava procurando provas colocadas ali, que pudessem incriminá-lo. Se o monstro havia batizado o corpo, fora com sutileza; Billy não encontraria nada. Além disso, pretendia se livrar do cadáver num lugar onde jamais seria achado. Por esse motivo, não se preocupou se estava deixando impressões digitais no plástico.

O paletó do terno tinha dois bolsos do lado de dentro. No primeiro, Cottle guardava a garrafinha de uísque que havia derramado. Do segundo, Billy tirou uma garrafinha de rum, e pôs de volta. Nos dois

bolsos externos do paletó, havia cigarros, um isqueiro a gás, barato, e uma embalagem de dropes de caramelo. Nos bolsos da frente da calça, encontrou centavos em moedas, um baralho e um apito na forma de um canário de plástico.

A carteira de Cottle continha seis notas de um dólar, uma de cinco e 14 notas de dez dólares. Essas últimas deviam ter vindo do monstro. ' Dez dólares para cada ano de sua inocência, Sr. Wiles.'' Basicamente frugal, Billy não queria enterrar o dinheiro com o corpo. Pensou em deixá-lo na caixa de coleta para os pobres da igreja onde havia estacionado — e sido agredido — na noite anterior.

Seus escrúpulos fizeram a frugalidade tropeçar. Billy deixou o dinheiro na carteira. Como os faraós mortos que eram mandados para o Outro Lado com sal, cereais, vinho, ouro e serviçais sacrificados, Ralph Cottle atravessaria o Estige com dinheiro para gastar.

Dentre os poucos outros itens na carteira, havia dois interessantes. O primeiro era uma foto velha e rachada de Cottle na juventude. Parecia bonito, viril, radicalmente diferente do homem arrasado dos últimos anos, mas reconhecível. Com ele, havia uma mulher linda. Estavam sorrindo. Estavam felizes. O segundo item era uma carteira de sócio da Sociedade Americana dos Céticos, de 1983. RALPH THURMAN COTTLE, SÓCIO DESDE 1978. Billy ficou com a foto e a carteira e recolocou todo o resto no bolso de Cottle.

Enrolou o cadáver apertadamente no plástico. Dobrou as pontas e prendeu o embrulho com metros de fita adesiva. Sua expectativa fora que, dentro de múltiplas camadas de poliuretano opaco, o corpo poderia parecer um tapete embrulhado em plástico protetor. Parecia um cadáver numa lona plástica. Usando a corda, fez uma alça bem presa numa das extremidades do cadáver embrulhado, pela qual pudesse arrastá-lo.

Só pretendia se livrar de Cottle depois do anoitecer. O espaço de carga em seu Explorer era rodeado de janelas. Os utilitários esportivos eram veículos úteis, mas se você fosse transportar cadáveres à luz do dia, era melhor ter um carro com porta-malas grande.

Como tinha começado a sentir que essa casa estava sendo tão livremente percorrida quanto um terminal de ônibus, Billy levou o corpo do escritório para a sala de estar, onde o deixou atrás do sofá. Ali não podia ser visto da porta da frente nem da porta da cozinha.

Na pia da cozinha, lavou vigorosamente as mãos com múltiplas aplicações de sabão líquido com água quase escaldante. Depois, fez um sanduíche de presunto. Morrendo de fome, imaginou como podia estar com apetite depois da tarefa medonha que acabara de concluir.

Não pensaria que a vontade de sobreviver tivesse permanecido tão forte durante os anos de reclusão. Imaginou que outras qualidades, boas e ruins, redescobriria ou descobriria em si mesmo nas próximas 36 horas.

Um dentre vós se recorda de como alcançar-lhe a porta: Podeis iludir a Vida, mas da Morte sois vassalos.

Capítulo 34

Enquanto Billy terminava o sanduíche de presunto, o telefone tocou. Não queria atender. Não recebia muitos telefonemas de amigos, e Lanny estava morto. Sabia quem era.

Já estava farto. No 7º toque, empurrou a cadeira para longe da mesa. O monstro nunca havia dito nada ao telefone. Não queria revelar a própria voz. Não faria nada além de ouvir Billy num silêncio zombeteiro. No 11º toque, Billy se levantou da mesa. Aqueles telefonemas tinham o objetivo único de intimidar. Não fazia sentido atender.

Billy parou junto ao telefone, olhando-o. No 16º toque, levantou o fone. O mostrador digital não mostrava a identificação da chamada. Billy não disse alô. Ouviu. Depois de alguns segundos de silêncio na outra ponta, um estalo mecânico foi seguido por um sibilo. Estalos e chiados pontuavam o sibilo: o som de uma fita de áudio vazia passando por uma cabeça de reprodução.

Quando as palavras chegaram, foi numa série de vozes, algumas de homens, outras de mulheres. Nenhum indivíduo falava mais do que três palavras, frequentemente, apenas uma.

A julgar pelos níveis de volume inconstantes e outras indicações, o monstro havia construído a mensagem pegando amostras de áudio existentes, talvez de gravações de livros lidos por pessoas diferentes.

"Eu vou... matar uma... ruiva bonita. Se você... disser... dane-se a vaca... eu vou... matá-la... depressa. Caso contrário... ela vai... sofrer...

muita... tortura. Você... tem... um minuto... para... dizer... dane-se a vaca. A escolha... é... sua."

De novo o sibilo, os estalos e chiados de uma fita em branco... A charada fora construída com perfeição. Não permitia a um homem evasivo espaço para evasão. Antes, Billy havia sido moralmente cooptado apenas no sentido de que a escolha das vítimas fora feita por causa de sua inação, e, no caso de Cottle, por causa da recusa em agir.

Na escolha entre uma professora linda e uma velha caridosa, as mortes pareciam igualmente trágicas, a não ser que você fosse tendencioso com relação à linda e contra a idosa. Tomar uma decisão ativa não resultaria numa tragédia menor nem maior do que a inação.

Quando as vítimas possíveis eram um homem solteiro "cuja falta não será sentida pelo mundo" ou uma jovem mãe de dois filhos, a tragédia maior parecia ser a morte da mãe. Nesse caso, a escolha fora montada de modo que se Billy não procurasse a polícia estaria garantida a sobrevivência da mãe, recompensando assim a inação dele e se aproveitando de sua fraqueza.

De novo, era pedido que ele escolhesse entre dois males, portanto tornando-se colaborador do monstro. Mas desta vez a inação não era uma opção viável. Ao não dizer nada, ele estaria condenando a ruiva à tortura, a uma morte demorada e hedionda. Ao responder, estaria lhe garantindo um pouco de misericórdia. Não podia salvá-la. Nos dois casos, a morte. Mas uma morte seria mais limpa do que a outra.

A fita de áudio produziu mais duas palavras: "... trinta segundos...' Billy sentia-se como se não pudesse respirar, mas podia. Sentia-se como se fosse engasgar caso tentasse engolir, mas não engasgou. "... quinze segundos... Sua boca estava seca. A língua ficou grossa. Não acreditava que poderia falar, mas falou: — Dane-se a vaca. O monstro desligou. Billy também. Colaboradores. O presunto mastigado, o pão e a maionese se reviraram no estômago. Se suspeitasse que o monstro poderia se comunicar pelo telefone, teria se preparado para gravar a mensagem. Tarde demais. De qualquer modo, essa gravação de uma gravação não seria persuasiva para os policiais, a não ser que o corpo de uma ruiva aparecesse. E se esse cadáver fosse encontrado, provas colocadas nele provavelmente iriam ligá-lo a Billy. O ar- condicionado funcionava bem, e no entanto a atmosfera da cozinha parecia

escaldante, sufocante, e se coagulava na garganta, caindo pesada nos pulmões. Dane-se a vaca.

Sem qualquer lembrança de ter saído de casa, Billy se viu descendo os degraus da varanda dos fundos. Não sabia aonde estava indo. Sentou-se nos degraus. Olhou o céu, as árvores, o quintal dos fundos. Olhou as próprias mãos. Não as reconheceu.

Capítulo 35

Saiu da cidade por um caminho tortuoso e não viu ninguém seguindo-o. Sem nenhum enroladinho de cadáver no Explorer, Billy se arriscou a ultrapassar o limite de na maior parte do caminho até a extremidade sul do condado.

Um vento quente se pronunciava pela janela quebrada na porta do motorista enquanto ele atravessava os arredores da cidade de Napa às 13h52.

Napa é uma cidade singular e fantástica, bastante pitoresca.

Na maior parte, isso é natural, e não por ação de políticos e corporações conspirando para reconcebê-la como parque temático seguindo o modelo da Disneylândia, destino de muitos lugares na Califórnia.

Harry Avarkian, advogado de Billy, tinha escritório no centro, não longe do tribunal, numa rua ladeada por oliveiras antigas. Estava esperando Billy e o recebeu com um abraço largo e amigável. Com cerca de cinquenta anos, alto e troncudo, como um tiozão, rosto elástico e sorriso rápido, Harry parecia o anunciante de um produto milagroso para restauração de cabelos. Tinha uma juba preta e grossa, tão densa que parecia que o barbeiro precisava cortá-la diariamente, um bigode de morsa e um tremendo telhado de pelos ásperos e grossos nas costas das mãos grandes, a ponto de ele parecer capaz de hibernar no inverno.

Trabalhava numa antiga escrivaninha simples, de modo que quando Billy sentou-se diante dele, o relacionamento não parecia de advogado e cliente, e sim de amigos engajados num empreendimento de negócios.

Depois dos cumprimentos usuais e de comentários sobre o calor, Harry disse: — Então, o que é tão importante que a gente não podia falar por telefone? — Não é que eu não quisesse falar por telefone — mentiu Billy. O resto foi bastante verdadeiro. — Eu precisei vir aqui para fazer umas outras coisas, e achei que seria bom me sentar com você pessoalmente e fazer umas perguntas sobre uma coisa que está me perturbando.

— Então, mande as perguntas, e vejamos se eu sei alguma coisa sobre a lei.

— E sobre o fundo de pensão que mantém Barbara.

Harry Avarkian e Gi Minh "George" Nguyen, contador de Billy, eram os outros dois curadores do conselho de três membros.

— Há dois dias, revi o extrato do segundo quadrimestre — disse Harry. — Os juros foram de 14 por cento. Excelente neste mercado. Mesmo depois das despesas de Barbara, o principal está crescendo constantemente.

— Nós investimos com inteligência — concordou Billy. — Mas eu fico acordado à noite me preocupando com a hipótese de alguém poder meter a mão no baú. — No baú? Quer dizer, no dinheiro de Barbara? Se você tiver de se preocupar com alguma coisa, preocupe-se com um asteróide se chocando contra a Terra.

— Eu me preocupo. Não consigo evitar.

— Billy, eu redigi os documentos do fundo, e eles são mais apertados do que o cu de um mosquito. Além disso, com você guardando o cofre para ela, ninguém vai pegar um tostão.

— Quero dizer, se alguma coisa acontecer comigo.

— Você só tem 34 anos. Segundo minha perspectiva, mal passou da puberdade.

— Mozart morreu com menos de 34 anos.

— Não estamos no século XVIII, e você nem toca piano. De modo que a comparação não faz sentido. — Ele franziu a testa.

— Você está doente, ou algo assim? — Já me senti melhor — admitiu Billy.

— O que é esse curativo na testa? Billy contou a história do nó na tábua de nogueira.

— Nada sério.

— Você está muito pálido para o verão.

— Não tenho pescado muito. Olha, Harry, não tenho câncer nem nada, mas sempre posso ser atropelado por um caminhão.

— Os caminhões têm passado por cima de você ultimamente? Você andou se desviando de alguns? Desde quando você se tornou pessimista? — Que tal Dardre? Dardre era irmã de Barbara. Eram gêmeas, mas fraternas, e não idênticas. Não eram nem um pouco parecidas, e eram pessoas radicalmente diferentes, também.

— O tribunal não somente puxou a tomada dela, como também cortou o fio e tirou as pilhas.

— Sei disso, mas...

— Ela é um Coelhinho Duracell do Mal, sem dúvida, mas está tão no passado quanto o pão com queijo que eu comi há uma semana.

Cecily, a mãe de Barbara e Dardre, tinha sido viciada em drogas. Nunca havia identificado o pai das duas, e nas certidões de nascimento as gêmeas tinham o nome de solteira da mãe. Cecily foi parar num centro psiquiátrico quando as duas tinham dois anos, e elas foram retiradas da custódia da mãe e postas num lar substituto. Cecily morreu 11 meses depois. Até fazer cinco anos, as irmãs passaram por uma série de lares substitutos. Depois, foram separadas. Barbara nunca mais tinha visto Dardre. Na verdade, aos 21 anos, quando encontrou a irmã e tentou restabelecer o relacionamento, foi rejeitada.

Ainda que não fosse tão autodestrutiva quanto Cecily, Dardre tinha adquirido o gosto da mãe por substâncias químicas ilegais e pela vida de festas. Achava que a irmã limpa e sóbria era chata, não era maneira. Oito anos mais tarde, depois da ampla atenção dada pela mídia ao caso, quando a companhia de seguros entregou milhões para o longo tratamento de Barbara, Dardre desenvolveu uma profunda ligação emocional com a irmã.

Como única parente conhecida de Barbara, ela abrira um processo jurídico para ser declarada única curadora do fundo.

Felizmente, por instância do bom Harry, logo depois do noivado, Billy e Barbara tinham redigido e assinado, neste escritório, testamentos simples, cada um indicando o outro como único herdeiro e executor. A história, a tática e a avareza explícita de Dardre renderam-lhe o escárnio do juiz. Seu processo fora descartado com preconceito. Ela havia tentado conseguir que outro tribunal reabrisse o processo. Não obteve sucesso. Não tinham notícia dela havia dois anos. Agora, Billy disse: — Mas se eu morresse...

— Você escolheu curadores substitutos. Se for atropelado por um caminhão, um deles vai ficar no seu lugar.

— Entendo. Mesmo assim...

— Se você, eu e George Nguyen formos atropelados por caminhões, na verdade se cada um de nós for atropelado por três caminhões, candidatos dispostos a serem curadores, aceitáveis para o tribunal, estão a postos para assumir. Até que eles pudessem ser

nomeados, as questões cotidianas do fundo estariam nas mãos de uma empresa de administração garantida por documentos.

— Você pensou em tudo.

Com o enorme bigode sendo levantado pelo sorriso, Harry disse: — De todas as minhas realizações, meu maior orgulho é nunca ter perdido o direito de advogar.

— Mas se algo me acontecesse...

— Você está me deixando louco.

— ...há alguém, além de Dardre, com quem deveríamos nos preocupar? — Como quem, por exemplo? — Qualquer pessoa.

— Não.

— Tem certeza? — Tenho.

— Ninguém que pudesse pegar o dinheiro de Barbara? Inclinando-se para a frente, com os braços sobre a mesa, Harry disse: — Que negócio é esse, afinal? Billy deu de ombros.

— Não sei. Ultimamente ando... desconfiado. Depois de um silêncio, Harry observou: — Talvez esteja na hora de você ter uma vida outra vez.

— Eu tenho uma vida — disse Billy, com um tom afiado demais, considerando que Harry era amigo e um sujeito decente.

— Você pode cuidar de Barbara, ser fiel à memória dela, e mesmo assim ter uma vida.

— Ela não é apenas uma memória. Ela está viva. Harry, você é a última pessoa em quem eu quero ter de dar um soco na boca. Harry suspirou.

— Você está certo. Ninguém pode lhe dizer o que seu coração deve sentir.

— Diabos, Harry, eu nunca lhe daria um soco na boca.

— Eu aparentei medo? — Rindo baixinho, Billy disse: — Você aparentou você. Você aparentou ser um Muppet.

As sombras graciosas das oliveiras ensolaradas se moveram no vidro da janela e na sala. Depois de um silêncio, Harry Avarkian disse: — Há casos de pessoas que saíram de um coma de botulismo com a maior parte das faculdades intactas.

— São raros — admitiu Billy.

— Raro não é o mesmo que nunca.

— Tento ser realista, mas, na verdade, não quero ser.

— Antigamente, eu gostava de vichyssoise. Agora, se por acaso vejo numa prateleira de supermercado, sinto enjoo.

Num sábado, enquanto Billy trabalhava no bar. Barbara tinha aberto uma lata de sopa para o jantar. Vichyssoise. E também fez um sanduíche de queijo derretido. Quando Barbara não atendeu o telefone na manhã de domingo, Billy foi ao apartamento dela e entrou usando sua chave. Achou-a inconsciente no chão do banheiro.

No hospital, foi tratada com antitoxina a tempo de ser poupada da morte. E agora dormia. E dormia. Até que acordasse, caso acordasse, a extensão dos danos cerebrais não poderia ser determinada com precisão. O fabricante da sopa, uma empresa de renome, tirou instantaneamente todo um lote de vichyssoise das prateleiras das lojas. Dentre mais de três mil latas, apenas seis estavam contaminadas. Nenhuma das seis mostrava sinais evidentes de dilatação; portanto, de certo modo, o sofrimento de Barbara tinha poupado pelo menos seis outras pessoas de um destino semelhante.

Billy jamais conseguiu encontrar qualquer consolo nisso.

— Ela é uma mulher maravilhosa — disse Harry.

— Está pálida e magra, mas para mim continua linda. E lá dentro, em algum lugar, está viva. Diz coisas. Eu lhe contei. Ela está viva lá dentro, e pensando.

Ficou olhando as sombras das oliveiras projetadas na mesa pelos vidros da janela. Não olhou para Harry. Não queria ver pena nos olhos do advogado. Depois de um tempo, Harry falou mais um pouco sobre o clima, e então Billy disse: — Você ouviu falar que em Princeton, ou talvez seja em Harvard, cientistas estão tentando fazer um porco com cérebro humano? — Fazem merdas assim em todo lugar. Eles nunca aprendem. Quanto mais inteligentes, mais imbecis ficam.

— O horror que há nisso.

— Eles não veem o horror. Só a glória e o dinheiro.

— Eu não vejo a glória.

— Que glória alguém poderia ter visto em Auschwitz? Mas alguns viam.

Depois de um silêncio mútuo, Billy encarou Harry.

— Eu sei ou não sei animar uma ocasião? — Não rio tanto desde Abbot e Costello.

Capítulo 36

Numa loja de produtos eletrônicos em Napa, Billy comprou uma filmadora compacta e um gravador de imagens num disco rígido. O equipamento poderia ser usado do modo comum ou compilar uma série de imagens estáticas, feitas a intervalos de alguns segundos. No segundo modo, carregado com o disco especial, o sistema podia proporcionar uma semana de vigilância gravada, semelhante à de uma loja de conveniências.

Considerando que a janela quebrada do Explorer não lhe permitia trancar qualquer coisa valiosa no veículo, pagou as compras e combinou voltar para buscá-las em meia hora. Saiu da loja de produtos eletrônicos e foi procurar uma máquina de vender jornais. Achou-a diante de uma farmácia.

A matéria principal falava de Giselle Winslow. A professora tinha sido assassinada nas primeiras horas da manhã de terça- feira, mas o corpo só foi encontrado no fim da tarde, há menos de 24 horas. A foto dela no jornal era diferente da que estava enfiada no livro no colo de Lanny Olsen, mas eram fotos da mesma mulher bonita.

Levando o jornal, Billy foi até a biblioteca do condado.

Possuía um computador em casa, mas não tinha mais acesso à Internet; a biblioteca oferecia as duas coisas. Estava sozinho na bancada de computadores. Outras pessoas liam em mesas ou examinavam as estantes. Talvez a "alternativa aos livros" não fosse o futuro das bibliotecas, afinal de contas.

Quando escrevia ficção, usava a Internet para pesquisas.

Mais tarde, ela havia se mostrado uma distração, uma fuga.

Havia dois anos que não navegava na rede. Enquanto isso, as coisas haviam mudado. O acesso era mais rápido. As buscas também eram mais rápidas e fáceis.

Billy digitou palavras para fazer uma busca. Quando não obteve respostas, modificou as palavras, depois modificou de novo. As leis sobre a idade em que era permitido beber álcool variavam de estado para estado. Em muitas jurisdições, Steve Zillis não poderia ter começado a ser barman antes dos 21 anos. Por isso, Billy retirou barman das palavras da busca.

Steve trabalhava no bar havia apenas cinco meses. Ele e Billy nunca haviam trocado biografias. Billy se lembrava vagamente de que Steve tinha cursado faculdade. Não lembrava onde. Acrescentou estudante às palavras. Talvez a palavra assassino fosse muito limitante. Substituiu-a por suspeita. Conseguiu uma resposta. Do Denver Post.

A matéria datava de cinco anos e oito meses. Ainda que Billy se pusesse alerta para não ler nesta descoberta mais do que ela continha, a informação lhe pareceu relevante. Naquele mês de novembro, na Universidade do Colorado, em Denver, uma aluna de escola mista chamada Judith Sarah Kesselman, de 18 anos, tinha sumido. Pelo menos inicialmente, não havia sinais de crime. No que parecia ser a primeira matéria de jornal sobre a jovem desaparecida, outro aluno da UCD, Steven Zillis, de 19 anos, teria dito que Judith era "uma garota maravilhosa, compassiva e interessada pelos outros, amiga de todo mundo". Ele se preocupava porque "Judi é responsável demais para sumir durante dois dias sem contar seus planos a ninguém".

Outra busca relacionada a Judith Sarah Kesselman produziu uma enorme quantidade de respostas. Billy se preparou para a descoberta de que o cadáver da jovem fora encontrado sem rosto. Examinou as matérias, a princípio lendo com atenção. À medida que o material foi ficando repetitivo, passou a fazer uma leitura superficial. A avaliar pela quantidade de material disponível, nenhum traço de Judith fora encontrado. Ela desapareceu tão completamente quanto se tivesse saltado deste universo para outro.

A frequência da cobertura jornalística diminuiu durante o período de Natal daquele ano. Caiu significativamente com o ano-novo. A mídia prefere os cadáveres aos desaparecidos, o sangue ao mistério. Sempre há violência nova e empolgante. O último artigo era datado do quinto aniversário do desaparecimento de Judith. Sua cidade natal era Laguna Beach, Califórnia, e a matéria saiu no Orange County Register.

Um colunista, simpático à tristeza sem solução da família Kesselman, escreveu em tom comovido sobre a esperança contínua de que Jdith ainda estivesse viva. De algum modo.

Em algum lugar. E que um dia voltaria para casa. Ela havia se formado em música. Tocava piano bem, e violão. Gostava de música gospel. De cães. E de longas caminhadas pela praia. A imprensa recebera duas fotos. Nas duas ela parecia travessa, divertida e gentil.

Mesmo não tendo conhecido Judith Kesselman, Billy não suportava a promessa de seu rosto jovem. Evitou olhar as fotos. Imprimiu alguns artigos selecionados para ler depois.

Dobrou-os dentro do jornal que havia comprado na máquina.

Enquanto saía da biblioteca, ao passar pelas mesas de leitura, um homem disse: — Billy Wiles. Há quanto tempo! Numa cadeira junto a uma das mesas, estava o xerife John Palmer.

Capítulo 37

Mesmo usando uniforme, sem chapéu, o xerife parecia menos um agente da lei do que um político. Como estava num cargo eletivo, na verdade era policial e político ao mesmo tempo. Com o cabelo tão bem cuidado a ponto de afetar sua masculinidade, barbeado até ficar macio como um pêssego, dentes polidos até uma brancura perfeita, feições adequadas à cara de um imperador cunhado em uma moeda romana, parecia dez anos mais novo do que era — e pronto para aparecer na televisão.

Apesar de estar sentado a uma mesa de leitura, não havia uma revista, um jornal ou um livro diante dele. Parecia já saber de tudo. Palmer não se levantou. Billy continuou de pé.

— Como vão as coisas em Vineyard Hills? —perguntou Palmer.

— Muitos vinhedos e morros.

— Ainda trabalha no bar? — É sempre necessário. É a terceira profissão mais antiga do mundo.

— Qual é a segunda, depois das prostitutas? — Os políticos.

O xerife pareceu achar divertido.

— Anda escrevendo ultimamente? — Um pouco — mentiu Billy.

Um de seus contos publicados tinha um personagem que era um retrato ligeiramente velado de John Palmer.

— Fazendo pesquisas para escrever? De onde estava sentado, o xerife tinha visão direta do computador onde Billy estivera trabalhando, ainda que não da tela. Talvez Palmer tivesse um modo de descobrir o que Billy estivera fazendo na sua plataforma de trabalho. Um computador público talvez guardasse um registro das teclas acionadas pelo usuário. Não. Provavelmente não. Além disso, havia leis de privacidade.

— É — respondeu Billy. — Umas pesquisas.

— Um policial meu viu você estacionando na frente do escritório de Harry Avarkian.

Billy ficou quieto.

— Três minutos depois de você sair do escritório do Harry, o tempo do seu parquímetro acabou. — Podia ser verdade.

— Coloquei cinquenta centavos nele para você.

— Obrigado.

— A janela do lado do motorista está quebrada. — Um pequeno acidente.

— Não é uma violação da lei, mas você deveria consertar.

— Marquei hora na sexta-feira — mentiu Billy.

— Isso não incomoda você, incomoda? — perguntou o xerife.

— O quê? — Nós dois conversando assim. — Palmer examinou a biblioteca. Ninguém estava perto deles. — Só nós dois.

— Não me incomoda.

Billy tinha todo o direito e os motivos para se afastar. Em vez disso ficou, decidido a não dar sequer a aparência de intimidação. Vinte anos atrás, com 14 anos, Billy Wiles havia suportado interrogatórios realizados de um modo que deveria ter destruído a carreira de John Palmer na polícia.

Em vez disso, Palmer fora promovido de tenente a capitão, mais tarde a chefe. Por fim, fez campanha para o cargo de xerife e foi eleito. Duas vezes. Harry Avarkian dava uma explicação sucinta para a ascensão de Palmer e afirmava que a ouvira de policiais do departamento: merda flutua.

— Como vai a srta. Mandell? — perguntou Palmer. — Na mesma.

Billy se perguntou se Palmer sabia sobre o telefonema para o 911. Napolitino e Sobiesky não tinham motivo para fazer um relatório a respeito, em especial porque fora um alarme falso.

Além disso, os dois sargentos trabalhavam pela subdelegacia de Santa Helena. Ainda que o xerife Palmer percorresse sua jurisdição, o escritório ficava aqui na sede do condado.

— Que coisa triste foi aquela — disse Palmer. Billy não respondeu.

— Pelo menos com todo aquele dinheiro ela vai ter os melhores cuidados pelo resto da vida.

— Ela vai ficar bem. Vai sair dessa.

— Acha realmente? — Acho.

— Todo aquele dinheiro... espero que você esteja certo.

— Estou.

— Ela deveria ter chance de desfrutar todo aquele dinheiro.

Com rosto pétreo, Billy não deu o menor sinal de que entendia o que Palmer queria dizer. Bocejando, espreguiçando-se, tão relaxado e

casual em sua cadeira, Palmer provavelmente se via como um gato brincando com um rato.

— Bem, as pessoas vão ficar felizes quando souberem que você não está acabado, que está escrevendo um pouco.

— Que pessoas? — As pessoas que gostam dos seus textos, claro.

— O senhor conhece alguma? Palmer deu de ombros.

— Eu não ando nesses círculos. Mas tenho certeza de uma coisa...

Como o xerife queria que ele perguntasse de quê?, Billy não perguntou. No silêncio de Billy, Palmer disse: — Tenho certeza de que seu pai e sua mãe ficariam muito orgulhosos.

Billy se afastou dele e saiu da biblioteca.

Depois do ar-condicionado, o calor de verão o agrediu. Ele se sentiu sufocando ao inalar, sendo estrangulado ao exalar.

Ou talvez não fosse o calor, e sim o passado.

Capítulo 38

Acelerando para o norte pela autoestrada 29, saindo e entrando na faixa onde o sol bate, com o vale fértil e famoso estreitando-se imperceptivelmente a princípio e perceptivelmente depois, Billy se preocupava em proteger Barbara. O fundo de pensão poderia contratar segurança 24 horas por dia, até que Billy encontrasse o monstro ou até que o monstro acabasse com ele. Dinheiro não era problema. Mas esta não era uma cidade grande. O catálogo telefônico não continha páginas e mais páginas de empresas de segurança particular. Explicar aos guardas por que era necessário seria arriscado. Toda a verdade ligaria Billy aos três assassinatos que provavelmente tinham pistas destinadas a incriminá-lo.

Se escondesse uma grande parte da verdade, os guardas não saberiam o que esperar. Billy estaria arriscando a vida deles. Além disso, a maioria dos seguranças nessa região era de ex-policiais ou policiais que faziam bico nas horas de folga.

Muitos tinham trabalhado — ou ainda trabalhavam — para ou com John Palmer.

Billy não queria que Palmer soubesse que Barbara estava sendo vigiada por guarda-costas contratados. O xerife ficaria imaginando o motivo. Teria perguntas. Depois de ter ficado alguns anos sob o radar de Palmer, agora estava de novo na mira. Não ousava atrair mais atenção. Não podia pedir a amigos que o ajudassem a vigiar Barbara. Eles correriam grande risco.

De qualquer modo, não tinha amigos íntimos com quem se sentisse confortável para fazer o pedido. As pessoas em sua vida eram principalmente conhecidas. Tinha feito as coisas desse modo. Não existe vida que não seja em comunidade. Ele sabia disso. Sabia. No entanto, não tinha semeado direito e agora não podia colher. O vento na janela quebrada falava de caos. Nas horas de maior perigo para Barbara, Billy teria de protegê-la sozinho. Se pudesse. Ela merecia algo melhor do que ele. Com sua história, ninguém que precisasse de um guardião iria procurá-lo em primeiro lugar, nem em segundo, nem em lugar nenhum.

Minha derradeira matança: meia-noite de quinta-feira.

Se Billy entendia o monstro — e tinha praticamente certeza de que entendia —, o assassinato de Barbara seria o clímax sobre o qual a cortina dessa "performance" cruel seria fechada.

Seu suicídio: logo depois.

Amanhã à noite, muito antes da meia-noite, iria se posicionar ao lado da cama dela. Nesta noite não podia ficar com ela. As tarefas urgentes em sua agenda provavelmente iriam mantê-lo ocupado até o alvorecer. Se estivesse errado, se o assassinato dela fosse uma surpresa de segundo ato, este vale ensolarado iria se tornar para ele, dali em diante, escuro como os vazios espaços interestelares.

Dirigindo mais rápido, impulsionado por um desejo de redenção, com o sol se inclinando à esquerda e o grande monumento do vale, o monte Santa Helena, adiante e parecendo jamais se aproximar, Billy usou o celular para ligar para o Whispering Pines, apertando o 1 e a discagem rápida.

Como Barbara tinha um quarto particular com banheiro anexo, as regras normais de horário de visita não se aplicavam.

Com aprovação antecipada, um membro da família poderia até mesmo passar a noite lá. Esperava passar no Whispering Pines a caminho de casa e combinar para ficar com Barbara da noite de quinta até pelo menos a manhã de sexta. Tinha concebido uma história que poderia ser aceita sem que suspeitassem.

A recepcionista que atendeu o telefonema informou que a sra. Norlee, a gerente, estaria em reuniões até as cinco e meia, mas que depois disso poderia recebê-lo. Billy marcou o encontro. Pouco antes das quatro, chegou em casa, meio que esperando ver radiopatrulhas, um furgão da perícia, incontáveis policiais do condado e o sargento Napolitino na varanda da frente, parado junto a uma cadeira de balanço onde estaria o corpo de Ralph Cottle, desembrulhado. Mas estava tudo quieto.

Em vez de usar a garagem, Billy parou na entrada de veículos, perto dos fundos da casa. Entrou e revistou cada cômodo. Não achou qualquer indicação de um intruso ter estado ali durante sua ausência. O cadáver continuava encasulado atrás do sofá.

Capítulo 39

Acima do forno de micro-ondas, atrás de duas portas de armário, um espaço fundo continha fôrmas de bolo, duas fôrmas redondas para pizza e outros itens estreitos guardados verticalmente. Billy tirou as fôrmas — e o suporte removível em que estavam — e as colocou na despensa. No fundo do espaço agora aberto, havia uma tomada elétrica dupla. Uma tomada macho ocupava o receptáculo de baixo, e o fio desaparecia por um corte na parede dos fundos do armário. A tomada era do microondas. Billy desconectou-a.

Subindo numa escada e usando uma furadeira elétrica, fez um buraco na base do armário de cima, atravessando o topo do forno. Isso acabou com o microondas. Ele não se importou. Usou a broca da furadeira simultaneamente movendo-a ao redor e para cima e para baixo, alargando o furo. O barulho era horrendo. Surgiu um leve cheiro de borracha queimada, mas ele terminou o serviço antes que o calor da fricção se tornasse um problema. Limpou a sujeira do microondas. Pôs a filmadora dentro.

Depois de plugar na filmadora o conector de saída de um cabo de transmissão de vídeo, passou a outra ponta pelo buraco que tinha feito no topo do forno. Fez o mesmo com uma extensão elétrica. No armário que anteriormente guardava panelas e fôrmas, Billy pôs o gravador de imagens em um disco rígido. Seguindo as instruções impressas, enfiou a ponta livre do cabo de transmissão no gravador. Ligou o fio elétrico da câmera na tomada de cima, no fundo do armário.

O gravador foi conectado à de baixo, onde o micro-ondas estivera ligado. Pôs um disco de sete dias. Ajustou o sistema segundo as instruções e ligou.

Quando fechou a porta do forno, a superfície interna do vidro se encostou à borda da lente. A câmera estava apontada para a porta dos fundos, do outro lado da cozinha. Com a luz do forno desligada, Billy só podia ver a câmera se encostasse o rosto no vidro. O monstro não iria descobri-la, a não ser que decidisse fazer pipocas no microondas.

Como a porta do forno continha um fino laminado entre as camadas de vidro, Billy não sabia se a câmera teria visão limpa. Precisava testar. As persianas das janelas da cozinha estavam fechadas. Abriu-as e acendeu a luz do teto. Ficou um momento junto à porta dos fundos. Depois, atravessou o cômodo sem pressa. O gravador tinha uma pequena tela para revisão rápida. Quando Billy subiu na

escada e passou a gravação com delay, viu uma figura meio escura. Enquanto ela atravessava o cômodo, a resolução melhorou e ele pôde reconhecer a si mesmo. Não gostou de se ver. Pálido, carrancudo e inseguro, cheio de ação determinada, mas com objetivo hesitante.

Para ser justo consigo mesmo, a imagem era em preto-e-branco e meio granulada. Sua postura aparentemente curvada era efeito da gravação com delay. Descontando tudo isso, ainda via uma imagem pouco convincente: com forma e sombras, mas sem mais substância do que uma aparição. Era como um estranho em sua própria casa.

Reajustou a máquina. Fechou as portas do armário e guardou a escada. No banheiro, trocou o curativo da testa. Os ferimentos dos anzóis estavam num tom vermelho furioso, mas não piores do que antes. Pôs uma camiseta preta, jeans pretos, tênis preto. Faltavam menos de quatro horas para o pôr-do-sol, e depois do crepúsculo, Billy precisaria mover-se o mais invisivelmente possível numa noite hostil.

Capítulo 40

Gretchen Norlee preferia conjuntos sérios e escuros, não usava jóias, penteava o cabelo puxando-o para trás, a partir da testa, via o mundo através de óculos com armação de aço — e decorava o escritório com brinquedos de pelúcia. Um ursinho, um sapo, um pato, um coelhinho e um gatinho azul-escuro estavam arrumados em prateleiras, numa coleção que consistia principalmente em cachorros que recebiam os visitantes com uma luminosidade de línguas desenroladas, de veludo cor-de- rosa e vermelho. Gretchen administrava a Casa de Repouso Whispering Pines, de leitos, com eficiência militar e máxima compaixão. Seus modos calorosos negavam a aspereza da voz cortante.

Não encarnava em si mais contradições do que qualquer pessoa que encontrasse um equilíbrio temporário neste mundo tremendamente temporário. As suas eram apenas mais imediatamente visíveis — e mais cativantes. Saindo da mesa para sinalizar que considerava esta uma questão pessoal, e não de negócios, Gretchen sentou-se numa poltrona posta diagonalmente em relação à ocupada por Billy.

— Como Barbara ocupa um quarto particular — disse Gretchen —, ela pode ter companhia fora do horário normal de visitas sem incomodar outros pacientes. Não vejo problema, se bem que, em geral, a família só passa a noite quando o paciente acaba de voltar de uma transferência hospitalar.

Ainda que Gretchen tivesse classe demais para exprimir sua curiosidade diretamente, Billy sentiu-se obrigado a dar uma explicação, mesmo que cada palavra fosse uma mentira.

— Meu grupo de estudos da Bíblia andou conversando a respeito do que as Escrituras dizem sobre o poder da oração.

— Então você está num grupo de estudos da Bíblia — disse ela, como se intrigada, como se ele não fosse um homem que Gretchen pudesse visualizar facilmente numa busca tão piedosa.

— Houve um importante estudo médico mostrando que, quando amigos e parentes rezam ativamente por uma pessoa amada, o paciente costuma se recuperar, e se recupera mais rápido.

O estudo controvertido tinha dado gás para inflar debates no bar quando saiu nos jornais. As lembranças daqueles papos de bebum, e

não de um sério grupo de estudos da Bíblia, tinham inspirado Billy a criar essa história.

— Acho que me lembro de ter lido a respeito — disse Gretchen Norlee. Claro que eu rezo por Barbara todo dia.

Claro.

— Mas percebi que a oração é mais significativa quando envolve algum sacrifício.

— Sacrifício — repetiu ela pensativamente. Ele sorriu.

— Não falo de matar um cordeiro.

— Ah. Isso vai agradar aos funcionários da limpeza.

— Mas uma oração antes de dormir, desde que sincera, não é inconveniente.

— Entendo.

Sem dúvida, a oração será mais significativa e eficaz se implicar algum custo pessoal, como a perda de uma noite de sono.

— Nunca pensei na coisa por esse lado.

— De vez em quando eu gostaria de ficar a noite toda ao lado dela, rezando. Se não ajudá-la, pelo menos vai ajudar a mim.

Ouvindo-se, ele achou que parecia tão falso quanto um evangelizador de TV proclamando a virtude da abstinência depois de ser apanhado nu com uma prostituta no banco traseiro de sua limusine.

Evidentemente, Gretchen Norlee o ouvia de modo diferente. Por trás dos óculos de aro de aço, seus olhos estavam úmidos devido à sua simpatia. Sua habilidade recém- descoberta deixou Billy consternado e preocupado. Quando um mentiroso se tornava muito hábil no engodo, podia perder a capacidade de discernir o que era verdadeiro, e podia ser enganado com mais facilidade.

Esperava que houvesse um preço por enganar uma mulher boa como Gretchen Norlee, assim como havia um preço para tudo.

Capítulo 41

Enquanto Billy seguia pelo corredor principal até o quarto na ala oeste, o Dr. Jordan Ferrier, médico de Barbara, saiu do quarto de outro paciente. Os dois quase trombaram.

— Billy! — Olá, Dr. Ferrier.

— Billy, Billy, Billy.

— Estou vendo um sermão chegando.

— Você andou me evitando.

—Me esforcei ao máximo — admitiu Billy.

O Dr. Ferrier parecia ter menos do que seus 42 anos. Tinha cabelos cor de areia, olhos verdes perpetuamente animados e era um dedicado vendedor da morte.

— Já deveríamos ter tido nossa revisão semestral há semanas.

— A revisão semestral é idéia sua. Estou muito feliz com uma revisão a cada década.

— Vamos ver Barbara.

— Não — disse Billy. — Não vou falar disso na frente dela.

— Certo. — Pegando Billy pelo braço, o Dr. Ferrier o guiou até a sala onde os funcionários tiravam seus momentos de folga.

Estavam sozinhos na sala. Máquinas de venda de salgadinhos e refrigerante zumbiam, prontas para entregar petiscos e bebidas com altas taxas de caloria, gordura e cafeína a trabalhadores da área médica que sabiam das consequências de seus desejos, mas tinham o bom senso de não pegar pesado consigo mesmos.

Ferrier puxou uma cadeira de plástico branco de perto de uma mesa de fórmica laranja. Quando Billy não o acompanhou, o médico suspirou, empurrou a cadeira para baixo da mesa e permaneceu de pé.

— Há três semanas completei uma avaliação de Barbara.

— Eu completo uma todos os dias.

— Não sou seu inimigo, Billy.

— É difícil saber, nesta época do ano.

Ferrier era um médico inteligente, talentoso, bem- intencionado e que trabalhava duro. Infelizmente, a universidade que o produziu o infeccionou com o que chamavam de "ética utilitária".

— Ela não melhorou — disse o dr. Ferrier.

— Também não piorou.

— Qualquer chance de Barbara recuperar as funções cognitivas elevadas...

— Às vezes ela fala — interrompeu Billy. — O senhor sabe disso.

— Alguma vez faz sentido? Ela é coerente? — De vez em quando.

— Dê-me um exemplo.

— Não lembro, assim de cara. Preciso verificar nos cadernos. Ferrier tinha olhos afetuosos. Sabia como usá-los.

— Barbara era uma mulher maravilhosa, Billy. Ninguém, além de você, tinha mais respeito por ela do que eu. Mas agora ela não tem uma qualidade de vida significativa.

— Para mim, é muito significativa.

— Não é você que está sofrendo, e sim ela.

— Ela não parece estar sofrendo.

— Não podemos ter certeza, não é? — Exatamente.

Barbara gostava de Ferrier. Esse era um motivo para Billy não tê-lo substituído. Em algum nível profundo, ela podia perceber o que estava acontecendo ao redor. Nesse caso, poderia se sentir mais segura ao saber que estava sendo tratada por Ferrier, e não por um médico estranho que ela nunca havia visto antes.

Às vezes, essa ironia era uma pedra de amolar que afiava o senso de injustiça de Billy até parecer uma navalha. Se ela soubesse da infecção de bioética de Ferrier, se soubesse que ele acreditava possuir a sabedoria e o direito de determinar se um bebê com Síndrome de Down, ou uma criança deficiente, ou uma mulher em coma desfrutava de qualidade de vida para continuar vivendo, ela teria trocado de médico. Mas não sabia.

— Ela era uma pessoa tão vibrante e interessada! — disse Ferrier. — Não iria querer simplesmente continuar assim, ano após ano.

— Ela não está simplesmente continuando — disse Billy.

— Não está perdida no fundo de um mar. Está flutuando perto da superfície. Está bem ali.

— Entendo sua dor, Billy. Acredite, entendo. Mas você não tem conhecimento médico para avaliar a condição dela. Ela não está ali. Nunca estará.

— Lembro de uma coisa que ela disse um dia desses.

"Quero saber o que diz... o mar, o que ele fica dizendo." Ferrier olhou-o com níveis iguais de ternura e frustração.

— Este é o seu melhor exemplo de coerência? — "Em primeiro lugar, não causar mal" — disse Billy.

— O mal é feito a outros pacientes quando gastamos recursos limitados em casos sem esperança.

— Barbara não é um caso sem esperança. Às vezes ela ri.

Ela está bem ali, e tem recursos suficientes.

— Que poderiam fazer muito bem se fossem adequadamente aplicados.

— Eu não quero o dinheiro.

— Sei disso. Você é o tipo de cara que não gastaria nem um centavo dele consigo mesmo. Mas poderia direcionar esses recursos para pessoas que têm maior potencial para uma qualidade de vida aceitável do que ela, pessoas que teriam mais possibilidade de ser ajudadas.

Billy também tolerava Ferrier porque o médico fora tão eficaz nos depoimentos anteriores ao julgamento que o fabricante de sopa havia optado por um acordo muito antes de chegarem a um tribunal.

— Só estou pensando em Barbara — continuou Ferrier. — Se eu estivesse na situação dela, não iria querer ficar aí deitado, ano após ano.

— E eu respeitaria seus desejos. Mas não sabemos quais são os desejos dela.

— Deixá-la ir não exige dar passos ativos. Só precisamos ser passivos. Retirar o tubo de alimentação. No coma.

Barbara não tinha reflexo de engasgo e não podia engolir direito. A comida iria parar nos pulmões.

— Retirar o tubo de alimentação e deixar a natureza seguir seu curso. — prosseguiu o dr. Ferrier.

— Morrer de fome.

— É simplesmente a natureza.

Billy a mantinha aos cuidados de Ferrier também porque o médico era direto quanto à sua crença na bioética utilitária.

Outro profissional poderia acreditar na mesma coisa, mas esconder a crença... e imaginar-se um anjo — ou agente — da misericórdia. Duas vezes por ano, Ferrier defendia esse argumento, mas não agiria sem a aprovação de Billy.

— Não — disse Billy. — Não vamos fazer isso. Vamos continuar como estamos.

— Quatro anos é um tempo muito longo.

— A morte é mais.

Capítulo 42

O sol das seis da tarde nos vinhedos enchia a janela com verão, vida e generosidade. Atrás das pálpebras lívidas, os olhos de Barbara Mandell seguiam a ação de sonhos vividos.

Sentado no tamborete ao lado da cama, Billy disse: — Vi o Harry hoje. Ele ainda sorri quando se lembra de que você o chamava de Muppet. Disse que a maior realização dele é não ter perdido o direito de advogar.

Não contou mais nada sobre o dia. O resto não iria animá- la. Em termos de defesa, os dois pontos fracos do quarto eram a porta do corredor e a janela. O banheiro anexo não tinha janelas. A janela tinha veneziana e trinco. A porta não podia ser trancada. Como toda cama hospitalar, a de Barbara tinha rodas. Na noite de quinta-feira, à medida que a meia-noite se aproximasse, Billy poderia empurrá-la para fora dali, onde o assassino esperava encontrá-la, e colocá-la em outro quarto, em algum lugar mais seguro. Ela não estava ligada a sistemas de suporte de vida ou a monitores. O suprimento de comida e a bomba pendiam de um suporte preso à estrutura da cama.

Do posto de enfermagem na metade do corredor principal, ninguém podia ver nada nesta ala oeste além da esquina. Com sorte, ele talvez pudesse transportar Barbara no penúltimo instante sem ser visto, e depois voltar para esperar o monstro.

Presumindo que a coisa chegasse a um ponto de crise.

Suposição segura, ainda que não satisfatória.

Deixou Barbara sozinha e andou pela ala oeste, olhando os quartos de outros pacientes, verificando um armário de suprimentos, um banheiro, avaliando possibilidades. Quando voltou ao quarto, ela estava falando: — ...encharcada de água... coberta de lama... mutilada por pedras...

Suas palavras sugeriam um pesadelo, mas o tom de voz, não. Falava baixo, como se estivesse encantada.

— ...cortada por lascas... furada por espinheiros... rasgada por urzes...

Billy tinha esquecido o caderninho e a caneta. Mesmo que houvesse lembrado, não tinha tempo para sentar-se e registrar essas palavras.

— Depressa! — disse ela.

Parado junto à cama, Billy pôs a mão reconfortante no ombro de Barbara.

— Deixe falar! — sussurrou ela, ansiosa.

No fundo, Billy esperou que os olhos dela se abrissem e se fixassem nele, mas isso não aconteceu. Quando Barbara ficou quieta, Billy se agachou para procurar o fio que alimentava o mecanismo do colchão ajustável da cama. Se precisasse movê- la na noite seguinte, teria de tirar essa tomada.

No chão, logo abaixo da cama alta, estava uma foto tirada por uma câmera digital. Billy pegou a foto e se levantou para examiná-la a uma luz melhor.

— ...rasteje e rasteje ... — sussurrou Barbara.

Billy virou a foto de três modos diferentes até perceber que mostrava um louva-a-deus, aparentemente morto, pálido sob tábuas pintadas de uma cor pálida.

— ...rasteje e rasteje... e abra-o com um rasgo...

De repente, sua voz que sussurrava se retorceu como um louva-a-deus agonizante descendo pelas câmaras espiraladas dos ouvidos de Billy, inspirando um tremor e um arrepio.

Durante as horas normais de visita, parentes e amigos de pacientes passavam pela porta da frente e iam aonde quisessem, sem que precisassem assinar uma ficha de entrada.

— ...mãos dos mortos... — sussurrou ela.

Como Barbara exigia menos atenção do que os pacientes conscientes com suas incontáveis reclamações e exigências, as enfermeiras não cuidavam dela com tanta frequência quanto dos outros.

— ...pedras grandes... vermelho-furioso...

Um visitante silencioso poderia ficar aqui durante meia hora e não ser visto ao lado da cama — ou entrando, ou saindo. Não queria deixar Barbara sozinha, falando para um quarto vazio, ainda que ela talvez tivesse feito isso em incontáveis ocasiões. A noite de Billy, já totalmente programada, fora complicada pelo acréscimo de uma tarefa mais urgente.

— ... correntes pendendo... terríveis...

Billy enfiou a foto no bolso. Curvou-se para Barbara e beijou sua testa. Estava fresca, como sempre. Na janela, fechou a veneziana. Relutante em sair, ficou junto à porta aberta, olhando para ela. Barbara

disse alguma coisa que ressoou dentro dele, ainda que Billy não tivesse idéia do motivo.

— Sra. Joe — disse ela. — Sra. Joe.

Billy não conhecia uma Sra. Joe, Sra. Joseph ou Sra.

Johanson, ou Sra. Jonas, ou qualquer pessoa com nome semelhante ao que Barbara tinha falado. No entanto, de algum modo... achou que conhecia. O louva-a-deus fantasma se retorceu no seu ouvido de novo. Ao longo da coluna vertebral.

Com uma oração tão verdadeira quanto aquelas sobre as quais havia mentido para Gretchen Norlee, deixou Barbara sozinha nesta última noite em que ela poderia estar segura.

Menos de três horas de luz do dia restavam num céu seco demais para suportar um fiapo de nuvem, o sol era de um brilho ofuscante, o ar tornado imóvel como se antecipasse uma explosão cataclísmica.

Capítulo 43

O quintal da frente, limitado pela cerca de ripas, não tinha grama que precisasse ser cortada, mas em vez disso havia um tapete luxuriante de sempre-verdes e, sob os galhos graciosos de pimenteiras, flor de renda. Sombreando o caminho da frente, um túnel arbóreo era coberto de trombeteiras.

Orquestras de silenciosas trompas escarlates erguiam seus sinos chamejantes para o céu. O túnel de trepadeiras, uma prévia da escuridão, levava a um ensolarado pátio com vasos cheios de granadas vermelhas, valerianas vermelhas. A casa era um bangalô espanhol. Modesto, mas gracioso, cuidado com carinho. A silhueta negra de um pássaro fora pintada na porta da frente, que era vermelha. As asas estavam erguidas, o pássaro num ângulo de ascensão.

Enquanto Billy batia, a porta se abriu, como se ele fosse esperado, e esperado com ansiosa antecipação.

Ivy Elgin disse: — Oi, Billy. — Sem surpresa, como se o visse por uma janelinha na porta. A porta não tinha janela.

Descalça, usava short caqui, pelo conforto, e uma larga camiseta vermelha que não estampava nada. Com capuz e capa, Ivy pareceria uma lâmpada para qualquer mariposa que voasse.

— Eu não tinha certeza de que você estaria aqui — disse ele.

— Tiro folga às quartas. — Ela se afastou da porta.

Hesitando do lado ensolarado da entrada, Billy disse: — É. Mas você tem uma vida.

— Estou descascando pistache na cozinha.

Ela se virou e entrou na casa, deixando-o para segui-la como se tivesse estado ali mil vezes. Era sua primeira visita.

Cortinas que escondiam a luz do sol e um abajur de pé, com cúpula de seda safira enfeitada de galões, acomodavam as sombras na sala de estar. Billy vislumbrou o piso escuro de abeto, mobília de angorá azul-escuro, um tapete estilo persa.

As obras de arte pareciam da década de 1930. Fez algum barulho no piso de abeto escuro, mas Ivy não. Ela atravessou a sala como se uma camada de ar separasse as solas dos pés das tábuas de abeto, como uma mosca sílfide pode andar num lago sem ondular a tensão superficial da água.

Nos fundos da casa, a cozinha era do mesmo tamanho da sala e continha uma área para jantar. Lambris cor de canela, portas de armários envidraçadas, piso de ladrilhos brancos com pequenos losangos pretos engastados e uma qualidade inefável fizeram-no pensar nos pântanos e no encanto de Nova Orleans. As janelas entre a cozinha e a varanda dos fundos estavam abertas para ventilação. Numa das janelas havia um grande pássaro preto. A perfeita imobilidade da criatura sugeria que era empalhada. Então, ela inclinou a cabeça.

Ainda que Ivy não dissesse nada, Billy sentiu-se convidado à mesa, e, enquanto se sentava, ela pôs um copo com gelo diante dele. Pegou uma jarra na mesa e serviu chá. Na toalha de oleado xadrez vermelho e branco havia outro copo de chá, um prato com cerejas frescas, uma fôrma de bolo com uma pilha de pistaches com casca e uma tigela pela metade com pistaches descascados.

— Você tem uma bela casa — disse Billy.

— Era da minha avó. — Ivy pegou três cerejas no prato. — Ela me criou.

Ivy falava baixo, como sempre. Mesmo no bar, jamais erguia a voz, no entanto, jamais deixava de ser ouvida. Não sendo intrometido, Billy ficou surpreso ao se ouvir perguntando, numa voz suavizada para combinar com a dela: — O que aconteceu com sua mãe? — Morreu no

parto — respondeu Ivy, enfileirando cerejas na janela ao lado do pássaro. — Meu pai simplesmente foi embora.

O chá fora adoçado com néctar de pêssego, um leve toque de menta. Enquanto Ivy retornava à mesa, sentava-se e continuava a descascar os pistaches, o pássaro ficou olhando Billy e ignorou as cerejas.

— Ele é de estimação? — perguntou Billy.

— Nós somos donos um do outro. Ele raramente passa da janela, e quando passa, respeita minhas regras de limpeza.

— Qual é o nome dele? — Ele ainda não me disse. Um dia vai dizer.

Jamais na vida, até agora, Billy havia se sentido totalmente à vontade e vagamente desorientado ao mesmo tempo. Caso contrário, poderia não se pegar fazendo uma pergunta tão estranha: — O que veio primeiro, o pássaro de verdade ou o da porta da frente? — Os dois chegaram juntos — respondeu ela, dando uma resposta não menos estranha do que a pergunta.

— O que ele é, uma gralha? — É mais nobre do que isso. É um corvo, e quer que acreditemos que não é nada mais.

Billy não soube o que dizer, por isso ficou quieto. Sentia-se confortável com o silêncio, e aparentemente ela também.

Percebeu que tinha perdido o sentimento de urgência com que havia deixado o Whispering Pines. O tempo não parecia estar mais correndo; na verdade, o tempo parecia não ter importância aqui.

Por fim, o pássaro se virou para as cerejas, usando o bico para separar a polpa do caroço com rápida eficiência. Os dedos compridos e ágeis de Ivy pareciam trabalhar lentamente, ainda que ela rapidamente acrescentasse pistaches descascados à tigela.

— Esta casa é tão quieta! — disse Billy.

— Porque as paredes não absorveram anos de conversa inútil.

— Não? — Minha avó era surda. Nós nos comunicávamos pela língua de sinais e pela palavra escrita.

Mais além da varanda dos fundos, havia um canteiro em que todas as flores eram vermelhas, de um azul profundo ou roxo real. Se uma folha se agitava, se um grilo se ocupava, se uma abelha circulava uma rosa, nenhum som abria caminho pelas janelas abertas.

— Talvez você goste de um pouco de música — disse Ivy —, mas eu prefiro não ter.

— Você não gosta de música? — Tenho suficiente no bar.

— Eu gosto de música da Louisiana. E country do oeste.

The Texas Top Hands. Bob Wills and the Texas Playboys.

— De qualquer modo, já há música — disse ela — se você ficar quieto o bastante para ouvir.

Ele não devia estar suficientemente quieto. Pegando a foto do louva-a-deus morto no bolso e pondo-a sobre a mesa, Billy disse: — Achei isso no chão do quarto de Barbara no "Whispering Pines.

— Pode ficar com ela, se quiser. Billy não soube o que deduzir.

— Você a visitou? — Às vezes me sento com ela.

— Eu não sabia.

— Ela era gentil comigo.

— Você só começou a trabalhar no bar um ano depois de ela entrar em coma.

— Eu a conhecia antes.

— Verdade? — Ela era gentil comigo quando vovó estava morrendo no hospital.

Barbara era enfermeira, e das boas.

— Com que frequência você a visita? — Uma vez por mês.

— Por que nunca me contou, Ivy? — Aí nós teríamos de falar sobre ela, não é? — Falar sobre ela? — Falar sobre como ela está, o que ela sofreu. Isso te dá paz? — Paz? Não. Como poderia? — Lembrar-se de como ela era, antes do coma, te dá paz? Ele pensou nisso.

— Às vezes.

O olhar dela se afastou dos pistaches, e seus extraordinários olhos de conhaque encontraram os dele.

— Então não fale sobre o agora. Só se lembre daquela época. — Depois de acabar com duas cerejas, o corvo parou para esticar as asas. Em silêncio, elas se abriram e se fecharam.

Quando Billy olhou para Ivy outra vez, a atenção dela havia retornado às mãos que descascavam.

Ele perguntou: — Por que você levou a foto quando a visitou? — Eu levo as fotos a todo lugar, as fotos mais recentes de coisas mortas.

— Mas por quê? — Aruspicação. Eu as leio. Elas preveem. — Billy tomou um gole de chá.

O corvo o observava, bico aberto, como se estivesse gritando. Não fazia qualquer som.

— O que elas preveem sobre Barbara? A serenidade e o jeito predestinado de Ivy escondiam se ela estava calculando a resposta ou se, em vez disso, hesitava apenas porque os pensamentos estavam divididos entre aqui e outro lugar.

— Nada.

— Absolutamente nada? Ela tinha dado a resposta. Não possuía outra. Sobre a mesa, na foto, o louva-a-deus não dizia nada a Billy.

— De onde você tirou essa idéia de ler coisas mortas? De sua avó? — Não. Ela desaprovava. Era uma católica devota antiquada. Para ela, acreditar no oculto é pecado. Coloca em risco a alma imortal.

— Mas você discorda.

— Discordo e não discordo — disse Ivy, mais baixo do que o usual.

Depois de o corvo terminar com a terceira cereja, os caroços nus foram deixados lado a lado no parapeito, como se num reconhecimento das regras domésticas de limpeza e ordem.

— Nunca escutei a voz da minha mãe — disse Ivy.

Billy não sabia o que pensar dessa declaração, e então se lembrou de que a mãe dela tinha morrido durante o parto.

— Desde muito pequena — continuou Ivy —, eu soube que minha mãe tem uma coisa terrivelmente importante para me dizer.

Pela primeira vez, ele notou o relógio de parede. Não tinha ponteiros de segundo, minuto ou de horas.

— Esta casa sempre foi tão silenciosa! — disse Ivy. — Tão quieta. Aqui a gente aprende a ouvir.

Billy ouviu.

— Os mortos têm coisas a nos dizer — disse Ivy.

Com brilhantes olhos de antracito, o corvo olhava para a dona.

— Aqui a parede é mais fina — disse ela. — A parede entre os mundos. Um espírito poderia falar, se quisesse muito.

Empurrando de lado as cascas vazias, largando os pistaches na tigela, ela produziu a mais suave sinfonia de sons, mais silenciosos ainda do que o gelo derretendo e se movendo nos copos de chá.

— Às vezes — disse Ivy —, à noite ou num momento particularmente calmo de uma tarde, ou no crepúsculo, quando o horizonte engole o sol e o silencia totalmente, eu sei que ela está me chamando. Quase posso ouvir o som da voz dela... mas não as palavras. Ainda não.

Billy pensou em Barbara falando do abismo do sono não natural, as palavras sem significado para todas as outras pessoas, no entanto carregadas de sentido enigmático para ele. Achava Ivy Elgin tão perturbadora quanto atraente. Se sua inocência às vezes parecia se aproximar do imaculado, Billy se alertou de que, no coração dela, como no de cada homem e mulher, devia haver uma câmara onde a luz não chegava, onde um silêncio calmante não poderia ser alcançado.

Mesmo assim, independentemente do que ele próprio pudesse acreditar sobre a vida e a morte, apesar de quaisquer motivações impuras que Ivy pudesse abrigar, se de fato abrigasse alguma, Billy sentia que ela era sincera na crença de que sua mãe estava tentando se comunicar, que continuaria tentando e por fim conseguiria.

Mais importante, ela o impressionava muito, não pela razão, mas pela avaliação de seu inconsciente adaptativo, o que fazia com que não pudesse descartá-la como uma simples excêntrica. Nesta casa, as paredes entre os mundos podiam muito bem ter sido lavadas até ficar finas, enxaguadas por incontáveis anos de silêncio.

As previsões dela baseadas na aruspicação raramente eram corretas em qualquer detalhe. Ivy culpava sua incompetência para ler os sinais, e não admitiria as sugestões de que a aruspicação, em si, era inútil.

Agora Billy entendia a obstinação dela. Se não pudéssemos ler o futuro nas condições únicas de cada coisa morta, talvez também fosse verdade que os mortos não têm nada a nos dizer e que uma criança que espera escutar a voz da mãe perdida talvez nunca a ouça, não importando o quanto tentasse ouvir ou quão silenciosa e atenta permanecesse. E assim ela estudava as fotos de gambás mortos nas estradas, de louva-adeus mortos, de pássaros caídos do céu.

Caminhava em silêncio pela casa, descascava pistaches sem fazer barulho, falava baixinho com o corvo ou não falava, e às vezes o silêncio se tornava a calma perfeita. Uma calma havia baixado sobre eles agora, mas Billy rompeu-a. Interessado menos na análise do que na

reação de Ivy, observando-a com mais atenção do que o pássaro jamais fizera, disse: — Às vezes, os assassinos psicopatas guardam objetos que os façam lembrar as vítimas.

Como se o comentário de Billy não tivesse sido mais estranho do que uma referência ao calor, Ivy parou para tomar um gole de chá, depois voltou a descascar pistaches. Ele suspeitou de que qualquer coisa que alguém dissesse a Ivy jamais provocaria uma reação de surpresa, como se ela sempre soubesse que palavras seriam, antes mesmo de serem ditas.

— Ouvi falar de um caso — continuou ele — em que um assassino em série arrancou o rosto da vítima e guardou num vidro com formol.

Ivy pegou cascas de pistache na mesa e colocou numa lata de lixo ao lado de sua cadeira. Não as jogou, colocou-as na lata para não fazer barulho. Observando Ivy, Billy não podia dizer se ela já ouvira falar do ladrão de rosto ou se isso era novidade.

— Se você encontrasse aquele corpo sem rosto, o que leria nele? Não sobre o futuro, mas sobre ele, o assassino.

— Teatro — disse ela sem hesitação.

— Não sei bem o que você quer dizer.

— Ele gosta de teatro.

— Por que diz isso? — O drama de cortar fora um rosto.

— Não consigo fazer essa conexão. Ela pegou uma cereja no prato raso — Teatro é mentira — disse Ivy. — Nenhum ator representa a si mesmo.

Billy só pôde dizer: — Certo.

E esperar.

— Em cada papel o ator usa uma identidade falsa.

Ivy pôs uma cereja na boca. Um instante depois, cuspiu o caroço na palma da mão e engoliu a fruta. Quer ela pretendesse dar a entender que o caroço era ou não a realidade definitiva da cereja, foi isso que ele deduziu. De novo, Ivy o encarou.

— Ele não queria o rosto porque era um rosto. Queria porque era uma máscara.

Os olhos dela eram mais lindos do que legíveis, mas Billy não achou que a idéia a houvesse arrepiado tanto quanto o arrepiara. Talvez,

quando a gente passava a vida tentando escutar as vozes dos mortos, não se arrepiasse com tanta facilidade.

— Quer dizer que, às vezes — disse ele —, quando o sujeito está sozinho e com clima para isso, ele tira o rosto do vidro e o usa? — Talvez. Ou talvez ele só quisesse o rosto porque o fazia lembrar de um drama importante de sua vida, de uma performance favorita.

Performance.

Essa palavra lhe fora enfatizada por Ralph Cottle. Ivy podia tê-la repetido sabendo, ou em toda a inocência. Não dava para saber.

Ela continuou encarando-o.

— Você acha que cada rosto é uma máscara, Billy? — Você acha? — Minha avó surda, gentil e bondosa como qualquer santa, ainda tinha seus segredos. Eram segredos inocentes, até mesmo encantadores. Sua máscara era quase tão transparente quanto o vidro, mas mesmo assim ela usava uma máscara.

Billy não sabia o que ela estava dizendo. Sua conversa era normalmente mais alusiva do que direta, não por intenção, mas por sua natureza. Tudo o que ela dizia parecia límpido como um toque de sino ao ouvido — no entanto, era às vezes quase opaco à interpretação.

Geralmente, seus silêncios pareciam dizer mais do que as palavras, o que poderia fazer sentido para uma menina criada por uma amorosa surdez. Se ele a entendia ao menos pela metade, Ivy não o estava enganando de maneira nenhuma.

Mas então por que havia sugerido que cada rosto, até mesmo o dela, era uma máscara? Se Ivy visitava Barbara apenas porque Barbara fora gentil com ela, e se levava fotos de coisas mortas ao Whispering Pines apenas porque as levava a toda parte, a foto do louva-a- deus não tinha relacionamento com a armadilha em que Billy se encontrava, e ela não possuía qualquer conhecimento do monstro.

Nesse caso, ele podia se levantar e fazer o que precisava urgentemente ser feito. No entanto, permaneceu à mesa. Os olhos dela haviam baixado de novo para os pistaches, e as mãos retornado ao trabalho silencioso e útil de descascar.

— Minha avó era surda de nascença. Nunca ouviu uma palavra falada e não sabia como formá-las.

Olhando seus dedos ágeis, Billy suspeitava que os dias de Ivy eram cheios de trabalho útil — cuidar do jardim, manter esta bela casa

no atual estado de absoluta perfeição, cozinhar — e que ela evitava a preguiça a qualquer custo.

— Ela nunca ouviu ninguém rir, também, mas sabia fazer isso, sem dúvida. Tinha um riso lindo e contagiante. Só a ouvi chorar quando fiz oito anos.

Billy entendia a atividade compulsiva de Ivy como um reflexo da sua própria, e se solidarizou. Afora a questão de saber se podia ou não confiar na jovem, gostava dela.

— Quando eu era muito mais nova — disse Ivy —, não entendia totalmente o que significava minha mãe ter morrido no parto. Costumava pensar que, de algum modo, eu a havia matado, era responsável.

Na janela, o corvo estendeu as asas de novo, tão silenciosamente quanto antes.

— Tinha oito anos quando percebi que não era culpada.

Quando sinalizei minha percepção para minha avó, vi-a chorar pela primeira vez. Parece engraçado, mas eu tinha presumido que, quando ela chorasse, seria o choro de um mudo completo, nada além de lágrimas e espasmos de silêncio.

Mas seus soluços eram tão normais quanto o riso. Com relação a esses dois sons, ela não era uma mulher diferente das que podiam ouvir e falar; fazia parte da comunidade delas.

Billy tinha pensado que Ivy hipnotizava os homens com a beleza e a sexualidade, mas o feitiço vinha de uma fonte mais profunda. Só soube o que pretendia revelar quando ouviu as palavras saindo: — Quando eu tinha 14 anos, atirei no meu pai e na minha mãe. Sem erguer os olhos, ela disse: — Eu sei.

— Eles morreram.

— Eu sei. Você já pensou que um deles pode querer falar com você através da parede? — Não. Nunca. E, meu Deus, espero que nunca façam isso.

— Ela descascava, ele observava, e, com o tempo, Ivy disse: — Você precisa ir.

Pelo tom de voz, queria dizer que ele poderia ficar, mas entendia que precisava ir embora.

— É — disse ele, e se levantou.

— Você está com problemas, não é, Billy? — Não.

— Isso é mentira.

— É.

— E é só isso que vai me dizer.

Billy ficou quieto.

— Você veio aqui procurando alguma coisa. Encontrou? — Não sei bem.

— Às vezes, a gente pode se esforçar tanto para ouvir os sons mais fracos que nem escuta os mais fortes.

Ele pensou nisso um momento, e disse: — Pode me levar até a porta? — Você sabe o caminho.

— Você deveria trancá-la quando eu sair.

— A lingueta se trava quando a gente fecha a porta.

— Isso não basta. Antes de escurecer, você deve passar as trancas. E fechar aquelas janelas.

— Não tenho medo de nada. Nunca tive.

— Eu sempre tive.

— Eu sei — disse ela. — Durante vinte anos.

Ao sair, Billy fez menos barulho no piso de madeira do que quando havia entrado. Fechou a porta da frente, testou a lingueta e seguiu o caminho sombreado pelas trepadeiras até a rua, deixando Ivy Elgin com seu chá e seus pistaches, com o corvo vigilante às costas, no silêncio da cozinha onde o relógio não tinha ponteiros.

Capítulo 44

Steve Zillis alugava uma casa de um andar, sem qualquer traço especial na arquitetura, numa rua onde a filosofia que ligava os vizinhos parecia ser a negligência das propriedades. A única residência bem cuidada ficava imediatamente ao norte da casa de Zillis. A amiga de Jackie O'Hara, Celia Reynolds, morava ali. Ela dizia ter visto Zillis enfurecido despedaçando cadeiras, melancias e manequins no quintal dos fundos.

A garagem anexa ficava no lado sul da casa, fora da linha de visão de Célia Reynolds. Tendo dirigido com frequentes olhadas pelos retrovisores, sem ver ninguém seguindo-o, Billy parou ousadamente na entrada de veículos. Entre Zillis e o vizinho do sul, crescia um muro de eucaliptos de quase seis metros de altura, sem poda, que dava privacidade.

Quando Billy saiu do Explorer, todo o seu disfarce era um boné de beisebol azul. Puxou-o sobre a testa. A caixa de ferramentas lhe dava legitimidade. Um homem com uma caixa de ferramentas, andando com propósito, supostamente vai consertar alguma coisa e não provoca suspeitas.

Como barman, Billy tinha um rosto conhecido em alguns círculos, mas não esperava ficar exposto por muito tempo.

Caminhou entre os eucaliptos perfumados e a garagem. Como esperava, encontrou uma porta lateral, do tamanho certo para um homem entrar. Combinando com a negligência da propriedade e o aluguel barato, apenas uma fechadura simples protegia a entrada. Sem tranca. Billy usou sua carteira de motorista plastificada para deslizar a lingueta. Levou a caixa de ferramentas para a garagem quente e acendeu uma lâmpada.

No caminho do Whispering Pines para a casa de Ivy Elgin, tinha passado pelo bar. O carro de Steve estava no estacionamento. Zillis morava sozinho. O caminho estava livre.

Billy abriu a garagem, dirigiu seu carro para dentro, fechou a porta. Prosseguiu casualmente, como se não tivesse nenhuma pressa de sair das vistas. As noites de quarta-feira costumavam ser movimentadas no bar. Steve só chegaria em casa depois das duas da madrugada. Mesmo assim, Billy não podia se dar ao luxo de levar sete horas para entrar na casa e revistá-la. Em outro lugar, dois cadáveres cheios de provas contra ele precisavam ser ocultados muito antes do amanhecer.

Com guirlandas de teia de aranha e poeira, a garagem não era entulhada. Em dez minutos, ele encontrou aranhas, mas nenhuma chave extra para a porta interna. Queria evitar sinais de entrada forçada; mas abrir uma fechadura com gazua não era tão fácil quanto parecia nos filmes. Assim como não é fácil seduzir uma mulher ou matar um homem, ou qualquer outra coisa.

Tendo instalado novas fechaduras em sua casa, Billy não somente aprendeu a fazer o serviço direito, mas também ficou sabendo com que frequência ele é malfeito. Esperava um trabalho tosco — e encontrou. Talvez a porta tivesse sido pendurada para abrir pelo lado errado. Em vez de pendurar de novo para combinar com a fechadura,

eles tinham instalado a tranca ao contrário, com a face interior voltada para a garagem.

Em vez de um espelho irremovível, foi-lhe oferecido um com dois parafusos. A parte central da fechadura tinha um anel de retenção. Em menos tempo do que tinha perdido procurando a chave extra, Billy abriu a porta. Antes de ir em frente, montou de novo a fechadura. Limpou todas as provas do que havia feito e todas as digitais que pudesse ter deixado no material. Recolocou as ferramentas na caixa — e tirou dela o revólver. Para facilitar uma saída rápida, pôs as ferramentas no Explorer.

Além da caixa de ferramentas, ele havia trazido uma caixa de luvas de látex descartáveis. Calçou um par. Agora, restando uma hora de luz do dia, circulou pela casa, acendendo abajures e luminárias de teto. Muitas prateleiras da copa estavam vazias. As provisões de Steve eram um clichê de vida de solteiro: sopas enlatadas, cozidos enlatados, batatas fritas, flocos de milho, salgadinhos de queijo. As panelas e os pratos sujos empilhados na pia superavam o número de itens limpos nos armários, a maioria dos quais estava vazia.

Numa gaveta, achou um conjunto de chaves extras de um carro, de cadeados e talvez da casa. Experimentou algumas na porta dos fundos e achou uma que funcionava. Guardou essa no bolso antes de recolocar as outras na gaveta.

Steve Zillis desprezava móveis. Na pequena área de jantar, na cozinha, a única cadeira não combinava com a mesa de fórmica arranhada. A sala continha apenas um sofá maltrapilho, uma poltrona de couro rachado e uma TV com aparelho de DVD num suporte com rodinhas. Havia revistas empilhadas no chão, e perto delas um par de meias sujas. A não ser pela falta de pôsteres, a decoração era a de um quarto de alojamento estudantil. A adolescência permanente era patética, mas não criminosa. Se uma mulher fizesse uma visita, não voltaria — nem ficaria para dormir. Ser capaz de dar nós em cabos de cereja com a língua não garantia uma vida de romances tórridos.

O quarto extra não continha móveis, e sim quatro manequins. Eram todos femininos, nus, sem perucas, carecas.

Três tinham sido alterados. Um estava deitado de costas no chão, no centro do cômodo. Segurava duas facas de carne.

Cada faca fora cravada na garganta, como se o manequim tivesse se esfaqueado. Um buraco fora aberto entre as pernas.

Também entre as pernas havia uma estaca com ponta, tirada de uma cerca de ferro fundido. A ponta afiada da estaca fora inserida na vagina cruelmente formada.

Em vez de pés, o manequim tinha outro par de mãos nas extremidades das pernas. As duas pernas estavam dobradas para permitir que as mãos adicionais segurassem a estaca de ferro. Um terceiro par de mãos crescia projetando-se dos seios. Segurava o ar, procurando e ansioso, como se o manequim fosse insaciável.

Capítulo 45

Num bom número de casas, se fosse possível procurar à vontade, daria para descobrir evidências de perversidade e taras secretas. Como tanto cuidado fora tomado com sua alteração, tanto tempo gasto, aqueles manequins pareciam representar mais do que isso. Não eram uma expressão de desejo, e sim de uma ânsia faminta, uma necessidade voraz que jamais poderia ser totalmente satisfeita.

Um segundo manequim estava sentado com as costas na parede, pernas abertas. Os olhos tinham sido cortados fora.

Dentes tinham sido postos no lugar. Pareciam dentes de animais, talvez de répteis e talvez reais. Presas em forma de gancho e incisivos serrilhados. Cada dente fora meticulosamente colado na borda da órbita ocular. Cada agrupamento parecia ter sido projetado com o objetivo de ser o arranjo mais temível, mais arrepiante.

A boca fora cortada e alargada. Dentes malignos, não humanos, enchiam a bocarra do manequim. Como as pétalas de uma dionéia, as bordas das orelhas eram cheias de dentes.

Dentes se projetavam dos mamilos e do umbigo. Uma vagina criada tinha mais presas do que os outros orifícios. Se aquela figura macabra representava o medo de uma feminilidade devoradora ou se, em vez disso, estava sendo devorada pela própria fome, Billy não sabia, não se importava.

Só queria sair dali. Tinha visto o bastante. No entanto, continuou a olhar. O terceiro manequim também estava sentado, encostado a uma parede. As mãos pousavam no colo, segurando uma tigela. Na verdade, a tigela era o topo do crânio da figura, que fora serrado. Fotos de genitais masculinos enchiam a tigela até transbordar. Billy não tocou nelas, mas pôde ver o bastante para suspeitar que todas as fotos fossem da mesma genitália. Um buquê de fotos semelhantes, uma enorme quantidade, brotava do topo da cabeça aberta. Outras mais brotavam da boca do manequim.

Evidentemente, Steve Zillis passara bastante tempo tirando fotos de si mesmo de vários ângulos, em vários estados de excitação.

As luvas de látex de Billy serviam a um propósito, além de impedir que deixasse impressões digitais. Sem elas, ficaria enjoado diante da

necessidade de tocar maçanetas, interruptores de luz ou qualquer coisa na casa. O quarto manequim ainda não fora mutilado. Zillis provavelmente estava doido para atacá-lo.

Durante seu turno no bar, tirando chope do barril, contando piadas, fazendo seus truques, eram esses os pensamentos por trás de seu sorriso radiante. O quarto de Steve era tão mal mobiliado quanto o resto da casa. A cama, uma mesinha-de-cabeceira, um abajur, um relógio. Sem arte nas paredes, sem bricabraques, sem suvenires. As roupas de cama estavam desarrumadas. Havia um travesseiro no chão.

Um canto do quarto evidentemente servia como cesto de roupa suja. Camisas amarrotadas, calças caqui, jeans e cuecas sujas estavam empilhadas como Steve as havia jogado.

Uma busca no quarto e no armário revelou outra descoberta perturbadora. Embaixo da cama, havia uma dúzia de fitas de vídeos pornográficos, cujas capas mostravam mulheres nuas algemadas, acorrentadas, algumas amordaçadas, algumas vendadas, mulheres encolhidas ameaçadas por homens sádicos. Não eram vídeos domésticos.

Eram embalados profissionalmente e na certa estavam disponíveis em qualquer loja de vídeos adultos ou sex shops.

Billy deixou-os onde havia encontrado, e pensou se tinha descoberto o bastante para merecer um telefonema à polícia.

Não. Nem os manequins nem a pornografia provavam que Steve Zillis já havia feito mal a um ser humano de verdade, só que alimentava uma vida de fantasia doente e vívida. Enquanto isso, um homem morto estava embrulhado para entrega e enfiado atrás do sofá da casa de Billy. Se ele se tornasse suspeito do assassinato de Giselle Winslow em Napa ou se encontrassem o corpo de Lanny Olsen e Billy fosse o suspeito desse assassinato, no mínimo seria posto sob vigilância.

Perderia a liberdade de ação. Se encontrassem o corpo de Cottle, ele seria preso. Ninguém entenderia nem acreditaria na ameaça contra Barbara. Não levariam seus avisos a sério.

Quando você era o principal suspeito, o que a polícia queria ouvir era o que esperava ouvir de você: uma confissão.

Ele sabia como era. Sabia exatamente como era. Durante as ou 48 horas — ou a semana, o mês, o ano — necessárias para estabelecer sua inocência, se é que ele conseguiria isso, Barbara estaria vulnerável,

sem guardião. Billy fora atraído para muito fundo. Ninguém poderia salvá-lo, além de si mesmo.

Se encontrasse o rosto num vidro de formol e outros suvenires macabros, talvez pudesse entregar Zillis às autoridades. Mas nada menos do que isso iria convencê-los.

Como a maioria das casas da Califórnia, esta não tinha porão, mas tinha sótão. No teto do corredor, havia um alçapão com uma corda pendurada. Quando puxou o alçapão, uma escada se desdobrou da parte de dentro. Ouviu algo atrás dele. Na mente, viu um manequim com dentes nas órbitas dos olhos, atacando-o. Girou, levando a mão à arma no cinto. Estava sozinho. Provavelmente, ouvira apenas um ruído de acomodação, uma casa velha se ajeitando por insistência da gravidade.

No topo da escada, achou um interruptor na moldura do alçapão. Duas lâmpadas nuas, enfraquecidas pela poeira, iluminaram um espaço feito por caibros, vazio de tudo a não ser pelo cheiro de madeira podre. Evidentemente, o monstro tinha inteligência suficiente para manter os suvenires incriminadores em outro lugar.

Billy suspeitou que Zillis ficava nessa casa alugada, mas não vivia ali, no sentido mais pleno. Com seu mínimo de móveis e a absoluta falta de itens de decoração, o lugar tinha um jeito de lugar de passagem. Steve Zillis não tinha raízes ali. Só estava passando. Trabalhava no bar havia cinco meses. Onde estivera entre a Universidade do Colorado em Denver, há cinco anos e meio, quando Judith Kesselman havia desaparecido, e este lugar? Na Internet, seu nome fora ligado a apenas um desaparecimento, e a nenhum assassinato. Procurado no Google, o próprio Billy não sairia tão limpo. Mas se houvesse uma lista das cidades onde Steve Zillis se estabelecera por um tempo, se fossem pesquisados os assassinatos e desaparecimentos que ocorreram nessas comunidades, a verdade poderia ser mais clara.

Os serial killers mais bem-sucedidos eram os vagabundos, os viajantes que cobriam muito terreno entre os frenesis homicidas. Quando grupos de assassinatos eram separados por centenas de quilômetros e uma quantidade de jurisdições, tinham menor probabilidade de ser conectados. Padrões de paisagem, visíveis de um avião, raramente são discerníveis para alguém que esteja a pé.

Um barman itinerante, bom nas misturas, expansivo e capaz de encantar os fregueses pode trabalhar em qualquer lugar. Caso se

candidate aos bares certos, não lhe pedirão um currículo, só o cartão do seguro social, a carteira de motorista e um relatório de nada-consta da comissão estadual de controle de bebidas. Jackie O'Hara, típico dono de bar, não telefonava para os antigos patrões de um candidato; tomava as decisões de contratar com base no instinto.

Billy apagou as luzes ao sair da casa. Usou a chave extra para trancar a porta e guardou-a de novo no bolso, porque esperava retornar.

Capítulo 46

O sol agonizante derramava uma luz feroz e sangrenta sobre o mural tridimensional que estava sendo construído na autoestrada, do lado oposto ao bar. Enquanto Billy passava a caminho de casa para pegar o corpo de Cottle, aquele objeto cintilante atraiu sua atenção. Fascinou-o tão completamente que ele foi para o acostamento e parou. Do lado de fora da grande tenda amarelo e roxa onde os artistas e artesãos do projeto costumavam se encontrar regularmente para o almoço, para reuniões sobre o andamento do trabalho e para recepções em homenagem a vários dignitários artísticos e acadêmicos, agora eles estavam reunidos para avaliar essa fugaz obra da natureza.

Parada perto da tenda, a gigantesca motor home amarela e púrpura, construída sobre um chassi de ônibus e tendo pintado o nome Valis, oferecia muito aço e cromo onde o sol podia revelar um fogo latente. As janelas de vidro fumê luziam num bronze carmesim, carrancudo e enfumaçado, no entanto incandescente.

Nem a tenda festiva nem a motor home de astro do rock, nem os glamorosos artistas e artesãos que desfrutavam os efeitos do pôr-do-sol foram o que fez Billy parar. A princípio, ele teria dito que o brilho escarlate e dourado do espetáculo era a principal coisa que o atraía. Mas essa análise simplista deixava escapar a verdade. A construção era cinza clara, mas os reflexos da fúria solar chamejavam no esmalte brilhante. Essa camada brilhante e o calor tremeluzindo no ar que subia das quentes superfícies pintadas se combinavam para criar a ilusão de que o mural estava pegando fogo.

E, por um breve instante, isso parecia ser o que levou Billy para o acostamento da estrada: essa visão clarividente da construção em chamas, que de fato seria incendiada depois de ficar pronta. Ali estava

uma previsão fantasmagórica feita pelo acaso da luz sazonal e das condições atmosféricas. O incêndio que viria. E até mesmo as cinzas definitivas podiam ser vislumbradas como um tom cinza por baixo das chamas fantasmas.

À medida que a intensidade dessa pirotecnia aumentava simultaneamente à destilação da última luz do sol, um motivo mais verdadeiro para o poder hipnótico da cena ficou mais claro para Billy. O que o fascinava era a grande figura apanhada na máquina estilizada, o homem lutando para sobreviver em meio às gigantescas rodas que esmagavam, às engrenagens que rasgavam, aos pistões martelando.

Durante as semanas de construção, à medida que o mural era criado e refinado, o homem na máquina sempre parecera preso por ela, como o artista pretendia. Era uma vítima de forças maiores do que ele. Agora, pela graça peculiar do sol poente, o homem não parecia queimando como as formas mecânicas ao redor. Estava luminoso, sim, mas de um modo especial, luminoso, sólido e forte, sem ser consumido pelas chamas, inacessível a elas.

Nada na máquina fantasmagórica fazia sentido em termos de engenharia. Mera colagem de símbolos de máquinas, não tinha objetivo funcional. Uma máquina sem função produtiva não tem significado. Não pode servir nem mesmo como prisão. O homem poderia sair da máquina quando quisesse.

Não estava preso. Só se acreditava preso, crença nascida do desespero autoindulgente e agora revelado como enganoso. O homem devia se afastar da insignificância, encontrando significado, e a partir do significado finalmente encontrar um objetivo que valesse a pena.

Billy Wiles não era um homem dado a epifanias. Tinha passado a vida fugindo delas. Revelação e dor, para ele, eram apenas sinônimos. Mas reconheceu aquilo como uma epifania, e não fugiu dela. Em vez disso, enquanto voltava para a autoestrada e continuava para casa através do crepúsculo cada vez mais escuro, subiu uma escada mental feita de implicações ascendentes, chegando a uma virada na escadaria. E subiu, e chegou a outra virada. Não podia prever o que faria desta súbita percepção intuitiva. Talvez não fosse homem o bastante para fazer dela qualquer coisa que valesse a pena, mas sabia que faria alguma coisa.

Quando chegou em casa, sob um céu índigo com uma leve mancha de evidência do sol permanecendo no oeste, dirigiu o carro para fora da entrada de veículos, indo para o gramado dos fundos. Parou com a traseira perto dos degraus da varanda, para facilitar o carregamento de Ralph Cottle. Não podia ser visto da estradinha do condado nem da propriedade do vizinho mais próximo. Ao sair do utilitário, ouviu o primeiro pio de uma coruja noturna. Só a coruja iria vê-lo, e as estrelas.

Dentro, pegou a escada dobrável na copa e verificou o gravador de DVD no armário acima do micro-ondas. Passou a gravação em alta na tela de revisão, e ficou sabendo que ninguém tinha entrado na casa em sua ausência, ao menos pela cozinha. Não tinha esperado ver ninguém. Steve Zillis estava trabalhando no bar.

Depois de pôr a escada de lado, arrastou Cottle pela casa, até a varanda dos fundos e escada abaixo, usando a alça de corda que tinha amarrado no cadáver envolto em lona plástica. Colocar Cottle na parte de trás do Explorer exigiu mais paciência e músculos do que Billy esperava.

Olhou a floresta preta do outro lado do quintal escuro, as fileiras arrumadas de árvores de sentinela. Não teve a sensação de ser observado. Sentia-se profundamente sozinho. Mesmo parecendo não haver sentido em trancar a casa, trancou-a e dirigiu o Explorer até a garagem. À visão de sua mesa de bancada, do torno e das ferramentas, irracionalmente Billy quis dar as costas à crise latente. Queria sentir cheiro de madeira recém-cortada, experimentar a sensação de um encaixe macho-fêmea bem-feito.

Nos últimos anos, tinha construído muita coisa para a casa, para si mesmo, tudo para si mesmo. Se agora fosse construir para os outros, com o que começaria, a não ser o necessário: caixões? Tinha construído para si mesmo uma carreira como fabricante de caixões. Sério, pôs no Explorer outra lona plástica, um rolo de corda forte, fita adesiva, uma lanterna e outros itens necessários. Acrescentou alguns cobertores para mudança e algumas caixas de papelão vazias em cima e ao redor do corpo embrulhado, para disfarçar a forma reveladora.

Diante de Billy, estava uma longa noite de morte e trabalho de coveiro, e ele tinha medo não somente do monstro homicida, mas de muitas coisas na escuridão adiante. A escuridão inspira terrores infinitos

na mente, mas é verdade — e ele sentia uma esperança com isso —, é verdade que a escuridão também nos faz lembrar da luz. A luz.

Independentemente do que esperava nas horas adiante, acreditava que viveria na luz outra vez.

Capítulo 47

Quatro horas de sono facilitadas por Vicodin e cerveja Elephant não tinham sido descanso suficiente. Mais de 12 horas de atividade haviam se passado desde que Billy rolara para fora da cama. Ainda tinha recursos físicos, mas as engrenagens da mente, correndo há tanto tempo, não giravam tão depressa como antes, tão depressa quanto ele precisava.

Confiante em que o Explorer não parecia o rabecão que era, parou numa loja de conveniências. Comprou Anacin para a dor de cabeça que aumentava e uma embalagem de tabletes de cafeína, contra o sono. Tinha comido dois bolinhos ingleses no café da manhã, e mais tarde um sanduíche de presunto. Estava trêmulo, precisando de comida.

A loja oferecia sanduíches industrializados e um micro-ondas onde esquentá-los. Por algum motivo, só de pensar em carne sentiu o estômago revirar. Comprou seis barras de chocolate Hershey's por causa do açúcar, seis barras de cereal por causa das proteínas e uma garrafa de Pepsi para ajudar a engolir os tabletes contra o sono.

Vendo tantos doces, o caixa perguntou: — É o Dia dos Namorados em julho ou alguma coisa do tipo?

— É o Dia das Bruxas — respondeu Billy.

Sentado no carro, tomou o Anacin e os tabletes contra o sono. No banco do carona, estava o jornal comprado em Napa. Ainda não tinha arranjado tempo para ler a matéria sobre o assassinato de Giselle Winslow. Com o jornal, estavam alguns artigos do Denver Post baixados no computador da biblioteca. Judith Kesselman, desaparecida para sempre.

Enquanto comia uma barra de Hershey's e outra de cereal, leu os impressos. Autoridades públicas da universidade e policiais eram citadas. Todo mundo, menos a polícia, confiava que Judith seria encontrada em segurança. Os policiais eram discretos nas declarações. Diferentemente dos acadêmicos, burocratas e políticos, evitavam papo

furado. Eram os únicos que pareciam realmente se importar com a jovem.

O policial encarregado da investigação era o detetive Ramsey Ozgard. Alguns colegas o chamavam de Oz. Na época do desaparecimento, Ozgard tinha 44 anos. Naquele ponto da carreira, havia recebido três recomendações por bravura. Aos cinquenta, provavelmente continuava na polícia, probabilidade sustentada pela única outra informação pessoal sobre ele nos artigos. Aos 38 anos, Ramsey Ozgard levara um tiro na perna esquerda. Fora aprovado para aposentadoria por invalidez. Recusou-a. Ele não mancava.

Billy queria falar com Ozgard. Mas para isso não poderia usar seu nome verdadeiro nem seu telefone. Enquanto os doces, a Pepsi e o tablete contra o sono começavam a lubrificar as rodas de sua mente, Billy foi para a casa de Lanny Olsen. Não parou na igreja para prosseguir a pé, como tinha feito antes. Quando chegou à casa isolada no fim da estradinha, dirigiu atravessando a encosta do quintal dos fundos, passou pela área de tiro com o fardo de feno e o barranco para conter as balas. O gramado deu lugar a capim, mato baixo e alguns arbustos. O terreno ficou pedregoso e esburacado.

Parou a dois terços do caminho e puxou o freio de mão do Explorer. Poderia ter se beneficiado dos faróis. Mas, tão alto na colina, eles poderiam ser vistos pelos moradores na estrada rural. Preocupado em não atrair atenção e inspirar curiosidade, desligou as luzes e o motor. A pé, usando uma lanterna, rapidamente achou o buraco, a seis metros do veículo.

Antes dos vinhedos, antes da chegada dos europeus, antes que os ancestrais dos índios americanos tivessem atravessado uma ponte de gelo vindo da Ásia, vulcões haviam moldado este vale. Definido seu futuro. A antiga vinícola Rossi, as velhas adegas da Heitz e outras construções do vale eram construídas de riólito, a forma vulcânica do granito, tirado de pedreiras locais. O outeiro onde a casa de Olsen ficava era composto principalmente de basalto, outra pedra vulcânica, escura e densa. Quando uma erupção passa, algumas vezes deixa tubos de lava, longos túneis através da pedra ao redor. Billy não sabia o bastante de vulcanologia para concluir se o buraco naquele outeiro era um tubo assim ou um cano que havia expelido gases ferozes.

Mas sabia que o buraco tinha quase um metro e meio de diâmetro na boca — e tinha uma profundidade imensurável. O terreno era intimamente familiar para Billy, porque quando tinha 14 anos e ficou sozinho, Pearl Olsen lhe dera um lar. Ela nunca teve medo dele, como outras pessoas. Sabia quando estava escutando uma verdade. Seu bom coração se abriu para ele e, apesar do câncer recorrente, criou-o como se fosse seu filho.

Os 12 anos de diferença entre Billy e Lanny significavam que nunca foram como irmãos, mesmo vivendo na mesma casa. Além disso, Lanny sempre fora isolado, e quando não estava de serviço no departamento policial perdia-se com os desenhos. Os dois tinham sido muito amigos. E, ocasionalmente, Lanny podia ser um interessante tio por consideração.

Num dia assim, Lanny envolvera Billy numa tentativa de determinar a profundidade do buraco. Ainda que nenhuma criança pequena brincasse no outeiro cheio de mato espinhento, Pearl se preocupava com a segurança até mesmo de vira-latas imaginários. Anos antes, mandara aparafusar uma tampa de sequóia na borda de pedra do buraco.

Depois de retirar a tampa, Lanny e Billy começaram a pesquisa com um farol manual da polícia alimentado por um motor de picape. O facho iluminou as paredes até cerca de cem metros, mas não pôde achar o fundo. Para além da boca, o buraco se alargava até um diâmetro entre dois metros e meio e três metros. As paredes eram onduladas, com redemoinhos, e estranhas. Os dois amarraram meio quilo de arruelas de latão na ponta de um pedaço de barbante e baixaram no centro do buraco, tentando ouvir o som característico dos discos batendo no fundo do poço. Só tinham trezentos metros de barbante, que se mostraram insuficientes. Por fim, largaram bilhas de aço no abismo, contando o tempo da queda até um primeiro impacto, usando fórmulas de livros didáticos para calcular a distância.

Nenhuma bilha acertou a menos de quatrocentos e vinte metros. O fundo não estava a quatrocentos e vinte metros.

Depois da longa queda vertical, o buraco aparentemente descia mais, em ângulo, talvez mudando de direção mais de uma vez. Depois do clac duro do primeiro choque, cada bilha ricocheteava de parede em parede, chacoalhando, e o ruído jamais parava de súbito. Ia diminuindo,

diminuindo, até desaparecer no silêncio. Billy achava que o tubo de lava teria quilômetros de comprimento e descia pelo menos alguns milhares de metros abaixo do fundo do vale.

Agora, à luz da lanterna, usou uma parafusadeira a bateria para extrair os 12 parafusos de cabeça Phillips que prendiam a tampa de sequóia — uma tampa mais nova do que a que eles haviam retirado fazia quase vinte anos. Empurrou a tampa de lado. Nenhuma corrente de ar subiu do buraco. Billy não conseguia sentir cheiro de nada além de um leve toque de cinza, e sob isso uma vaga sugestão de sal, um leve sopro de lima.

Grunhindo pelo esforço, tirou o defunto do carro e o arrastou até o buraco. Não estava preocupado com a trilha que deixava nos arbustos ou com a trilha do Explorer. A natureza tinha capacidade de recuperação. Em alguns dias, a alteração não seria óbvia.

Ainda que o morto talvez não aprovasse, dado seu status de ex-membro da Sociedade dos Céticos, Billy murmurou uma breve oração antes de jogar seu corpo no buraco. Ralph Cottle fez muito mais barulho ao descer do que qualquer uma das bilhas. Os primeiros impactos pareceram despedaçar ossos.

Então, o plástico escorregadio produziu um assobio fantasmagórico enquanto o túnel formava um ângulo com relação à vertical e a múmia enrolada em plástico escorregava numa crescente para as profundezas, talvez espiralando nas paredes do tubo de lava como uma bala vai espiralando ao longo do cano estriado de uma arma.

Capítulo 48

Billy parou o Explorer no gramado atrás da garagem, onde não poderia ser visto por nenhum motorista que pudesse usar a rua sem saída para fazer o retorno. Calçou as luvas de látex.

Com a chave extra que havia tirado do buraco no toco de carvalho havia pouco mais de 19 horas, entrou na casa pela porta dos fundos. Levava a lona de plástico, a fita adesiva, a corda, e, claro, o 38. Enquanto seguia pelo térreo, acendeu as luzes.

Quarta e quinta-feira eram os dias de folga de Lanny, por isso ele não seria considerado desaparecido nas próximas 36 horas. Mas se um amigo surgisse sem se anunciar para uma visita, visse luz na casa, mas

não recebesse resposta à campainha, haveria problemas. Billy pretendia fazer o que era necessário o mais rapidamente possível e sair, apagando as luzes.

As mãos de personagem de desenho animado, apontando o caminho para o cadáver, ainda estavam coladas nas paredes.

Ele iria retirá-las mais tarde, quando fizesse a limpeza. Se o corpo de Lanny tivesse sido batizado com provas que apontassem para Billy, como Cottle disse que acontecera ao de Giselle Winslow, nada disso poderia ser usado num tribunal se Lanny descansasse para sempre a mais de um quilômetro embaixo da terra.

Billy percebeu que, enquanto eliminasse provas incriminando-o, também estaria destruindo qualquer evidência da culpa do assassino, que o monstro pudesse ter deixado sem intenção. Estava fazendo uma limpeza pelos dois.

A inteligência com que a armadilha fora projetada e as primeiras escolhas feitas por Billy à medida que a performance se desenrolava, praticamente haviam garantido que ele chegaria a esse ponto e teria de fazer o que fazia agora. Não se importava. Nada tinha importância, além de Barbara. Precisava ficar livre para protegê-la, porque ninguém mais faria isso.

Se passasse a ser suspeito de um assassinato, John Palmer iria trancafiá-lo rapidamente. O xerife buscaria vingança na condenação de Billy por assassinato, e se conseguisse essa condenação também iria usá-la para reescrever a história. A polícia poderia prendê-lo apenas por suspeita. Billy não sabia por quanto tempo. Certamente 48 horas. Até lá. Barbara estaria morta. Ou desaparecida, sumida, como Judith Kesselman, estudante de música que gostava de cães e de caminhar na praia. A performance estaria concluída. Talvez o monstro tivesse outro rosto num vidro. Passado, presente, futuro, todo o tempo eternamente presente no aqui e agora, e correndo — ele jurava que podia ouvir os ponteiros de seu relógio zumbindo —, por isso, correu até a escada e subiu.

Mesmo antes de chegar a esta casa, tinha temido não encontrar o corpo de Lanny na poltrona do quarto onde o vira pela última vez. Outra jogada, mais uma reviravolta na performance. Quando chegou ao topo da escada, hesitou, parado pelo mesmo medo. Hesitou de novo à porta do quarto principal. Depois, atravessou a soleira e acendeu a luz.

Lanny estava sentado na poltrona com o livro no colo, a foto de Giselle Winslow enfiada no livro. O cadáver não estava com boa aparência. Talvez um tanto adiada pelo ar- condicionado, a decomposição visível ainda não ocorrera, mas os vasos sanguíneos no rosto tinham começado a se revelar como fracos veios verdes de mármore. Os olhos de Lanny se mexeram para acompanhar Billy pelo quarto, mas isso era apenas um truque da luz.

Capítulo 49

Depois de abrir a lona de poliuretano no chão, mas antes de ir em frente, Billy sentou-se na beira da cama e pegou o telefone. Tendo o cuidado de não cometer o erro que afirmara ter cometido mais cedo, digitou 411. Com o serviço de informações, obteve o código de área de Denver. Mesmo que Ramsey Ozgard continuasse a trabalhar como detetive do departamento policial em Denver, talvez não vivesse na cidade. Poderia morar num dos vários subúrbios, caso em que localizá-lo seria difícil demais. Além disso, seu nome poderia não constar da lista telefônica.

Quando ligou para o serviço de auxílio à lista em Denver, Billy teve sorte. Já estava na hora de ter alguma. Havia um número de Ozgard, Ramsey G., na cidade. Eram 22h54 no Colorado, mas a hora podia fazer com que o telefonema parecesse mais urgente e portanto mais digno de crédito. Um homem atendeu ao segundo toque, e Billy disse: — Detetive Ozgard? — Sou eu.

— Senhor, aqui é o policial Lanny Olsen, do Departamento Policial do Condado de Napa, na Califórnia. Primeiro, quero pedir desculpas por incomodá-lo a esta hora.

— Sou um insone a vida inteira, policial, e agora tenho seiscentos canais na TV, portanto, vou assistir a reprises de A ilha dos birutas ou a alguma outra coisa até as três da madrugada. De que se trata? — Estou ligando da minha casa para falar sobre um caso que o senhor investigou há vários anos. Talvez o senhor queira ligar para o comandante do plantão na nossa subdelegacia no norte do condado, para confirmar que sou do departamento, e pegar o número da minha casa com eles, para ligar de volta.

— Eu tenho identificador de chamadas. Posso ver agora mesmo quem você é. Se o que você quiser de mim parecer esquisito, farei o que você disse. Mas, por enquanto, vamos em frente.

— Obrigado, senhor. Há um caso seu de pessoa desaparecida que talvez tenha alguma relação com uma situação aqui. Há uns cinco anos e meio...

— Judith Kesselman — disse Ozgard.

— O senhor foi direto ao ponto.

— Policial, não me diga que a encontrou. Pelo menos, não diga que a encontrou morta.

— Não, senhor. Nem morta nem viva.

— Que Deus a ajude, eu não espero viva — disse Ramsey.

— Mas vai ser um dia horrível quando eu tiver certeza de que ela morreu. Eu adoro aquela garota.

Surpreso, Billy disse: — Senhor? — Não a conheci, mas adoro. Como uma filha. Aprendi tanto sobre Judi Kesselman que a conheço melhor do que conheço muita gente que faz parte da minha vida.

— Sei.

— Era uma jovem maravilhosa.

— Foi o que eu soube.

— Conversei com muitos amigos e parentes. Ninguém jamais disse uma palavra ruim sobre ela. As histórias das coisas que ela fazia pelos outros, sua gentileza... Sabe como às vezes uma vítima assombra a gente e não dá para ser totalmente objetivo? — Claro — disse Billy.

— Eu sou assombrado por essa. Ela era uma grande escritora de cartas. Assim que alguém entrava em sua vida, ela segurava firme, não se esquecia dos outros, mantinha contato.

Li centenas das cartas de Judi, policial Olsen, centenas.

— Então, o senhor deixou que ela entrasse.

— Não dá para evitar, ela entra sem pedir licença. Eram as cartas de uma mulher que abraçava os outros, que dava o coração a todo mundo. Cartas luminosas.

Billy se pegou olhando o buraco de bala na testa de Lanny Olsen. Olhou a porta aberta para o corredor.

— Estamos com um problema — disse ele. — Não posso dar detalhes no momento porque ainda estamos trabalhando nas provas e não estamos prontos para fazer acusações.

— Entendo.

— Mas há um nome que eu queria dizer ao senhor, ver se faz lembrar alguma coisa.

— Os pelos da minha nuca estão de pé — disse Ozgard. — Para ver como quero que isto seja alguma coisa.

— Pesquisei o nosso cara no Google, e a única coisa que encontrei foi uma informação sobre o desaparecimento de Kesselman, e mesmo isso foi menos do que nada. — Então pesquise comigo.

— Steven Zillis.

Em Denver, Ramsey Ozgard soltou a respiração presa, com um som sibilante.

— O senhor se lembra dele — disse Billy.

— Ah, sim.

— Ele era suspeito? — Não oficialmente.

— Mas o senhor pessoalmente sentiu...

— Ele me deixava inquieto.

— Por quê? Ozgard ficou em silêncio. Depois: — Mesmo um homem com quem a gente não quer dividir uma cerveja, que a gente não quer cumprimentar... não deve ter a reputação desrespeitada.

— Isso é só pesquisa, é extraoficial — garantiu Billy. — Diga o quanto se sentir confortável para dizer e qual é a conclusão que eu devo tirar disso.

— O negócio é que, durante todo o dia em que Judi teria sido sequestrada, se é que foi sequestrada, e acredito que foi, durante todo aquele dia, durante todo o período de 24 horas e mais um pouco, Zillis tinha um álibi que não daria para quebrar nem com uma bomba atômica.

— O senhor tentou.

— Pode acreditar. Mas, mesmo que ele não tivesse álibi, não havia nenhuma prova apontando para ele.

— Então, por que o senhor ficou inquieto? — Ele era direto demais.

Billy não disse nada, mas ficou desapontado. Estava tentando comprar certeza, e Ozgard não tinha nenhuma para vender. Sentindo esse desapontamento, o detetive expandiu o que tinha dito.

— Ele me procurou mesmo antes de estar na minha mira.

O fato é que ele talvez nunca estivesse na minha mira se não tivesse me procurado. Queria muito ajudar. Falava e falava.

Preocupava-se demais com ela, como se fosse uma irmã adorada, mas ele só a conhecia havia um mês.

— O senhor disse que ela era excepcional nos relacionamentos, que envolvia as pessoas, que elas ficavam ligadas.

— Segundo seus melhores amigos, ela nem conhecia Zillis tão bem. Só casualmente.

Com relutância, bancando o advogado do diabo, Billy disse: — Ele poderia se sentir mais próximo dela do que ela dele.

Quero dizer, se ela possuía esse tipo de magnetismo, esse apelo...

— Você teria de ver, ver o modo como ele era comigo. É como se quisesse que eu desconfiasse dele, que verificasse e descobrisse o álibi perfeito. E depois de eu fazer isso, ele adquiriu um jeito presunçoso.

Observando a silenciosa repulsa na voz de Ozgard, Billy disse: — O senhor ainda está com a cabeça fervendo.

— Eu estou com a cabeça fervendo. Zillis... fica voltando para mim, como antes. Durante um tempo, antes de finalmente sumir, ele ficava tentando ajudar, ligando, fazendo visitas, oferecendo ideias, e eu tinha a sensação de que era tudo zombaria, de que ele só estava desempenhando um papel, como um ator.

— Uma performance. Também tenho essa sensação. Mas, realmente, preciso de mais.

— Ele é um escroto. O que não significa que seja nada pior do que isso, mas é um escroto satisfeito consigo mesmo. O escrotinho até começou a agir como se fôssemos amigos. Os suspeitos potenciais nunca fazem isso. Não é natural. Diabos, você sabe. Mas ele tinha um jeito fácil, brincalhão.

— Como vão as coisas. Gafanhoto? — Merda, ele ainda diz isso? — Ainda.

— Ele é um escroto. Encobre isso com esse charme de pateta, mas é um escroto, sem dúvida.

— Então ele ficou em cima do senhor e depois simplesmente sumiu? — Toda a investigação foi definhando. Judi sumiu como se nunca tivesse existido. Zillis saiu da faculdade no fim daquele ano, seu segundo ano. Nunca mais o vi.

— Bem, agora ele está aqui.

— Imagino onde esteve nesse meio tempo.

— Talvez a gente descubra.

— Espero que você descubra.

— Volto a fazer contato com o senhor.

— A qualquer hora, neste número. Você tem estanho no sangue, policial? Por um momento, Billy não entendeu, depois quase se esqueceu de quem supostamente ele era, mas voltou com a resposta certa: — Sim. Meu pai era policial. Foi enterrado de uniforme.

— Meu pai e meu avô — disse Ozgard. — Tenho tanto estanho no sangue que chacoalha nas veias, nem preciso de distintivo para as pessoas saberem quem sou. Mas Judith Kesselman está no meu sangue tanto quanto o estanho. Quero que ela descanse com algum respeito, não somente... não somente jogada por aí. Deus sabe que não existe muita justiça, mas tem de haver alguma neste caso.

Depois de desligar, por um momento Billy não conseguiu se mover da beira da cama. Ficou olhando para Lanny, e Lanny parecia olhá-lo. Ramsey Ozgard estava na vida, na maré, nadando, e não pisando cuidadosamente na margem. Imerso na vida de sua comunidade, comprometido com ela.

Billy tinha ouvido o comprometimento do detetive chegando pela linha telefônica, desde Denver, tão nítido para os sentidos quanto se os dois estivessem na mesma sala.

Ouvindo-o, Billy se sentiu picado pela percepção do quanto o seu afastamento fora completo. E perigoso. Barbara tinha começado a alcançá-lo; então veio a sopa vichyssoise. A vida dava um esperto soco duplo: crueldade e absurdo.

Atualmente, ele estava na maré, mas não por escolha. Os acontecimentos tinham-no jogado na água funda e rápida. O peso de vinte anos de emoções contidas, de discrição estudada, de reclusão defensiva, obstruía-no. Agora, estava tentando aprender a nadar de novo, mas uma correnteza parecia levá-lo para mais longe de qualquer comunidade, em direção a um isolamento maior.

Capítulo 50

Como se soubesse aonde iria, através do tubo de lava sem o benefício de pessoas de luto ou serviço fúnebre, Lanny não queria ser embrulhado. O tiro não acontecera neste quarto, por isso nem sangue nem miolos manchavam as paredes nem a mobília. Como queria que Lanny desaparecesse de modo a suscitar o máximo de incerteza, e portanto não instigasse uma investigação de homicídio imediata e intensa, Billy esperava manter tudo limpo.

Do armário de roupa de cama e banho, pegou uma braçada de toalhas fofas. Lanny ainda usava o mesmo detergente e o amaciante de roupas preferidos de Pearl. Billy reconheceu o cheiro nítido, limpo. Dobrou as toalhas sobre os braços e o encosto da poltrona onde o cadáver estava deitado.

Se restasse alguma coisa para escorrer do buraco de saída da bala, na nuca, as camadas de toalha iriam conter.

Tinha trazido de casa um saco plástico usado para pequenas lixeiras de banheiro. Evitando os olhos protuberantes cobertos por uma película, passou o saco sobre a cabeça do morto e, com fita adesiva, lacrou do melhor modo possível em volta do pescoço — mais garantia contra qualquer escorrimento.

Mesmo sabendo que ninguém poderia enlouquecer devido a um trabalho abominável, sabendo que o horror vinha depois da loucura, e não antes, ele se perguntou quanto mais poderia lidar com os mortos até que cada sonho, se é que não as horas de vigília, fosse uma confusão de uivos.

Lanny saiu facilmente da poltrona para a lona plástica, mas então passou a não cooperar. Ficou no chão como se estivesse sentado numa poltrona; e as pernas não podiam ser esticadas.

Rigor cadavérico. O corpo estava duro e permaneceria assim até que a decomposição avançasse o suficiente para amaciar os tecidos que o rigor tinha deixado rígidos. Billy não fazia idéia de quanto tempo isso demoraria para acontecer. Seis horas, ? Não poderia esperar para ver. Lutou para enrolar Lanny no plástico. Às vezes, a resistência do morto parecia consciente e teimosa.

O embrulho final era incômodo, mas adequadamente lacrado. Ele esperava que a alça de corda aguentasse. As toalhas estavam imaculadas. Dobrou-as e guardou de novo no armário. Não pareciam cheirar tão bem quanto antes. Lanny se mostrou fácil até o topo da escada, mas descendo o primeiro lance foi uma coisa ruim de se ouvir. Em sua posição semifetal, o corpo chacoalhava e batia nos degraus, conseguindo soar ossudo e gelatinoso ao mesmo tempo. No patamar, Billy se lembrou de que Lanny o havia traído com a tentativa de salvar o emprego e a aposentadoria, e por isso os dois estavam ali. Essa verdade, ainda que inescapável, não tornou menos perturbadora a descida do último lance da escada.

Levar o corpo pelo corredor de baixo, pela cozinha e a varanda de trás foi bastante fácil. Depois, mais degraus, um lance curto, e estavam no quintal. Pensou em colocar o corpo no Explorer e levá-lo o mais perto possível do buraco antigo.

Mas a distância não era grande, e arrastar Lanny até seu local de último descanso parecia não exigir mais esforço do que colocá-lo no carro e tirar de novo.

Como uma fornalha, agora a terra devolvia o calor armazenado do dia, mas finalmente uma brisa leve desceu das estrelas. No caminho, o quintal inclinado e o trecho de capim alto e arbustos baixos mais adiante se mostraram mais longos do que ele tinha imaginado na base da escada da varanda.

Seus braços começaram a doer, os ombros, o pescoço. Os ferimentos dos anzóis, que recentemente não o haviam incomodado, começaram a latejar com um calor renovado. Em algum ponto do caminho, percebeu que estava chorando. Isso o apavorou. Precisava permanecer forte. Entendia a fonte das lágrimas. Quanto mais perto chegava do tubo de lava, menos Billy podia ver seu fardo como um cadáver incriminador. Sem ser ungido e sem elogios fúnebres, aquele era Lanny Olsen, filho da boa mulher que tinha aberto o coração e o lar para um garoto de 14 anos devastado emocionalmente.

Agora, à luz das estrelas, para os olhos adaptados de Billy, o calombo de rocha que abraçava o tubo parecia cada vez mais um crânio. Não importando o que houvesse adiante, quer uma montanha de crânios, quer uma vasta planície cheia deles, Billy não podia retornar, e certamente não podia trazer Lanny de volta à vida, porque era apenas

Billy Wiles, um bom barman e escritor fracassado. Não havia milagres nele, apenas uma esperança teimosa e uma capacidade para a perseverança cega.

Assim, à luz das estrelas e na brisa quente, chegou ao local do crânio. Ali, não se atrasou, nem mesmo prendeu o fôlego.

Apenas empurrou o cadáver no buraco. Apoiou-se na moldura de sequóia, olhando a escuridão sem fundo, ouvindo a longa descida do corpo, o único modo como poderia dar testemunho. Quando o silêncio veio, Billy fechou os olhos contra a escuridão abaixo e disse: —Acabou.

Claro que apenas essa tarefa havia acabado. Existiam outras adiante, talvez algumas igualmente ruins, mas certamente nenhuma pior. Tinha deixado a lanterna e a parafusadeira no chão, ao lado do tubo de lava. Recolocou a tampa no lugar, pegou os parafusos de aço no bolso e prendeu a cobertura. O suor tinha lavado as últimas lágrimas quando ele voltou à casa.

Atrás da garagem, deixou a parafusadeira e a lanterna no Explorer. As luvas de borracha estavam rasgadas. Tirou-as, enfiou-as na lixeira do carro e pegou um par novo.

Voltou à casa para inspecioná-la de cima a baixo. Não ousava deixar nada indicando que ele ou um cadáver tivessem estado ali. Na cozinha, não pôde decidir o que fazer com o rum, a Coca-Cola, a lima cortada e outros itens na mesa. Deu- se tempo para pensar. Pretendendo começar pelo andar de cima, no quarto principal, seguiu a passadeira estampada com rosas pelo corredor até a frente da casa. À medida que se aproximava do saguão, percebeu uma claridade inesperada à direita, do outro lado do arco da sala de estar. O revólver em sua mão tornou-se um fardo subitamente mais leve do que uma ferramenta essencial.

Na primeira passagem pela casa, a caminho do andar de cima para ver se o corpo de Lanny continuava na poltrona, Billy tinha acendido a luz do teto da sala de estar, mas apenas isso. Agora, todas as lâmpadas estavam acesas. Sentado num sofá, virado para a passagem em arco, testamento ao absurdo e à durabilidade das coisas de brechó, estava sentado Ralph Cottle.

Capítulo 51

Incrivelmente, Ralph Cottle havia se livrado de sua mortalha de plástico, improvavelmente subira de milhares de metros abaixo do piso do vale, impossivelmente entrara na casa de Olsen apenas quarenta minutos depois de descer assobiando pelo tubo de lava, e o tempo todo permanecendo morto e cético de carteirinha.

Tão desorientadora foi a visão de Cottle, que, por um instante, Billy acreditou que o sujeito tinha de estar vivo, que de algum modo nunca estivera morto, mas, no instante seguinte, percebeu que o primeiro corpo que havia jogado no tubo vulcânico não era de Cottle, que o recheio do croquete de cadáver fora substituído.

Ouviu-se perguntando: — Quem? E, com isso, queria perguntar quem teria estado no plástico, e começou a virar para o corredor atrás, pretendendo atirar em quem estivesse ali, sem fazer perguntas.

Um cassetete de couro, ou algo do tipo, acertou-o habilmente no ponto exato acima da nuca, na base do crânio, produzindo menos dor do que cor. Brilhantes mas breves lampejos de azul elétrico e vermelho magma se abriram em leque em sua cabeça e ofuscaram a parte de trás das pálpebras, que foram baixando. Não sentiu o piso subir ao seu encontro. Pelo que pareceram horas, tombou em queda livre por um escuro poço de lava, perguntando-se como os mortos se divertiam no frio coração de um vulcão extinto.

A escuridão parecia querê-lo mais do que a luz, porque acordou aos trancos, repetidamente puxado de volta para as profundezas enquanto flutuava até a superfície da consciência.

Por duas vezes, uma voz exigente lhe falou, ou, por duas vezes, ele ouviu. Nas duas entendeu, mas só à segunda pôde reagir. Mesmo atordoado e confuso, Billy se pôs alerta para escutar a voz, lembrar-se do tom e do timbre, para poder identificá-la mais tarde. A identificação seria difícil porque não parecia muito uma voz humana; áspera, estranha, distorcida, fazia insistentemente uma pergunta: — Preparado para o segundo ferimento? Seguindo a repetição, Billy descobriu que podia responder: — Não.

Encontrando a própria voz, preocupado ao ver que soava chiada, também encontrou a força para abrir os olhos. Ainda que sua visão estivesse turva e clareando devagar demais, pôde ver o sujeito com máscara de esquiador e roupas escuras parado acima. As mãos do

monstro estavam envolvidas em couro preto e flexível, e ele precisava das duas para segurar uma pistola futurística.

— Não — disse Billy outra vez.

Ficou deitado de costas, meio na passadeira estampada de rosas, meio no chão de madeira escura, o braço direito sobre o peito, o esquerdo caído de lado, o revólver em nenhuma das duas mãos.

Quando o último borrão saiu da vista, Billy percebeu que, afinal de contas, a arma não dava prova de um viajante do tempo ou de um visitante extraterrestre. Era apenas uma daquelas pistolas de pregos que se limitavam à extensão de uma mangueira de compressor. Sua mão esquerda estava no chão, com a palma para cima, e o sujeito mascarado pregou-a ao piso de madeira de lei.

PARTE 3

Tudo o que você tem é o modo como vive

Capítulo 52

Dor e medo enlameiam a razão, nublam a mente. A carne perfurada arrancou um grito de Billy. Uma paralítica névoa de terror diminuiu a de seus pensamentos enquanto ele percebia que estava pregado ao chão, imobilizado na presença do monstro. A dor só pode ser suportada e derrotada se for abraçada. Negada ou temida, ela cresce na percepção, mesmo que não na realidade. A melhor resposta ao terror é a ira justa, a confiança na justiça definitiva, a recusa em ser intimidado.

Agora, esses pensamentos não marchavam em ordem através de sua mente. Eram verdades mantidas em seu inconsciente adaptado, baseadas na dura experiência, e ele agia a partir delas como se fossem instintos naturais. Ao cair, tinha largado o revólver. O monstro não parecia estar com ele.

A arma devia estar ao alcance.

Billy girou a cabeça, procurando no corredor. Com a mão livre, tateou o chão à direita. O monstro jogou alguma coisa no rosto de Billy. Ele se encolheu, esperando mais dor. Era só uma foto. Não dava para ver a imagem. Meneou a cabeça para afastar a foto do rosto. Ela caiu no seu peito, onde de repente Billy pensou que o monstro iria cravá-la com um prego. Não.

Levando a pistola de pregos, o assassino se afastou pelo corredor, em direção à cozinha. Um prego fora colocado. Seu trabalho ali estava feito. Pegar uma imagem dele. Congelá-la na memória. Altura aproximada, peso. Ombros grandes ou não? Quadris largos ou estreitos? Algo especial no andar, gracioso ou não? A dor, o medo, a visão nadando, mas acima de tudo o ângulo extremo de visão — Billy caído de costas; o assassino de pé — derrotavam a tentativa de montar um perfil físico do sujeito nos poucos segundos em que fora visto. O monstro desapareceu na cozinha. Andou por lá, fazendo barulho.

Procurando alguma coisa. Fazendo alguma coisa.

Billy viu o brilho nítido de aço usinado no piso de madeira escura do saguão — o revólver. A arma estava atrás dele, fora de alcance. Tendo ido ao local do crânio, tendo consignado Lanny ao tubo de lava, Billy tinha exaurido a capacidade de pavor, ou achava que tinha, até perceber que precisava testar o prego e ver até que ponto ele o prendia ao piso. Odiava a hipótese de mexer a mão. A dor era constante, mas tolerável.

Mas não tão terrível quanto poderia ter imaginado. No entanto, tentar mexer a mão, tentar soltar o prego, seria como mastigar puxa-puxa com um dente infeccionado.

Não odiava apenas a hipótese de mexer a mão, mas também de olhá-la. Mesmo sabendo que a imagem conjurada na mente tinha de ser pior do que a realidade, seu estômago se encolheu quando ele virou a cabeça e se concentrou no ferimento.

A não ser pelo excesso de dedos, a luva de látex fazia sua mão parecer a do Mickey Mouse, como as mãos de personagens de desenho animado coladas nas paredes e apontando o caminho para a poltrona onde Lanny fora posto posando com um dos livros da mãe. O punho da luva tinha até um pequeno rolo. Algo se arrastando como uma aranha no seu pulso mostrou-se ser um fio de sangue escorrendo, o que impediu um momento ainda mais intenso de humor negro.

Esperava que o sangramento fosse muito pior. O prego obstruía o fluxo. Quando ele o extraísse...

Prendendo o fôlego, Billy prestou atenção. Nenhum barulho na cozinha. Aparentemente, o assassino tinha ido embora. Não queria que o monstro o ouvisse gritar de novo, não queria lhe dar essa satisfação. O prego. A cabeça não tinha encostado na carne. Cerca de dois centímetros de metal separavam a cabeça do prego de sua palma. Dava para ver as marcas da pistola de pregar no aço.

Não tinha como saber o tamanho do prego. A julgar pelo diâmetro, estimou que mediria pelo menos sete centímetros e meio da cabeça à ponta. Subtraindo a porção que estava acima da palma da mão e a parte que a atravessava, pelo menos três centímetros e meio deviam estar cravados no chão. Depois de penetrar a superfície do piso e do contra piso, restaria pouco do prego para se prender a uma trave.

Mas se ele tivesse dez centímetros de comprimento, poderia estar totalmente preso a uma trave. Soltar-se seria dois centímetros mais abominável. As casas eram muito bem montadas na época em que esta fora construída. Peças de madeira de cinco por dez, ou de cinco por 12, mais provavelmente separadas por trinta centímetros de centro a centro, sustentavam o contra piso. Mesmo assim, suas chances eram boas. Em cada 35 centímetros de piso, apenas dez tinham uma trave embaixo. Cravando-se dez pregos ao acaso no piso, três encontrariam traves. Os outros sete penetrariam nos espaços vazios entre os caibros.

Quando tentou fechar a mão esquerda em concha para testar a flexibilidade, conteve um involuntário uivo de dor num rosnado. Não conseguiu contê-lo totalmente. Nenhum riso veio da cozinha, o que apoiava sua suspeita de que o monstro tinha ido embora.

De repente, Billy imaginou se, antes de sair, ele havia discado para o 911.

Capítulo 53

Imóvel e atento como só um cadáver pode ficar, Ralph Cottle estava montando sentinela no sofá. O assassino tinha cruzado a perna direita do morto sobre a esquerda e arrumado as mãos no colo para lhe dar uma postura casual.

Cottle parecia esperar que o anfitrião aparecesse com uma bandeja de coquetéis — ou que surgissem os sargentos Napolitino e Sobiesky.

Ainda que Cottle não tivesse sido mutilado nem recebido adereços, Billy pensou nos manequins macabros arrumados com tanto cuidado na casa de Steve Zillis. Zillis estava trabalhando no bar. Billy tinha visto o carro dele antes, quando parou do outro lado da estrada para olhar o sol poente incendiando o mural gigantesco. Cottle mais tarde.

Zillis mais tarde. Agora, o prego. Com cuidado, Billy virou-se do lado esquerdo para encarar a mão pregada.

Com o polegar e o indicador da mão direita, segurou a cabeça do prego. Tentou gentilmente balançá-lo de um lado para o outro, esperando detectar alguma folga, mas o prego estava rígido, profundamente encravado. Se a cabeça fosse pequena, ele poderia

tentar deslizar a mão para cima e soltá- la, deixando o prego no chão. A cabeça era grande. Mesmo que Billy pudesse tolerar a dor de passá-la através da mão, causaria um dano impensável.

Quando fez mais força contra o prego, a dor tentou transformá-lo em criança. Billy trincou a dor entre os dentes, trincou com tanta força que os molares estalaram. Mas o prego não estalou na madeira, e pelo jeito Billy perderia os dentes antes de extraí-lo. Então, ele se mexeu.

Entre o polegar e o indicador apertados, o prego se afrouxou, não muito, mas perceptivelmente. Enquanto se movia na madeira do piso, também se movia na carne de sua mão. A dor era uma luz. Como uma sequência de relâmpagos, ela o acendia, relampejava e acendia.

Billy sentiu o prego roçando no osso. Se houvesse rachado ou lascado um osso, ele precisaria de cuidados médicos mais cedo ou mais tarde. Mesmo com ar-condicionado, anteriormente a casa não parecera fria. Agora, o suor parecia virar gelo na pele. Billy trabalhou mexendo o prego, e a luz de dor por dentro ficou cada vez mais clara, até que ele pensou que deveria estar translúcido, que a luz seria visível, projetando-se dele, caso houvesse alguém além de Cottle para ver.

Apesar das chances de um prego aleatório encontrar um caibro, este havia atravessado não apenas o piso e o contra piso, mas também madeira dura. A primeira verdade séria da roleta do desespero: você joga no vermelho e o resultado é preto.

O prego se soltou, e num jorro de triunfo e fúria Billy quase o jogou para longe, na sala de estar. Se tivesse feito isso, teria de ir procurá-lo, porque o sangue estava no metal.

Colocou-o no chão ao lado do buraco que ele fizera. O clarão de dor foi escurecendo até se tornar brasas latejantes, e Billy descobriu que podia ficar de pé.

A mão esquerda sangrava nos pontos de entrada e saída, mas não num jorro. Ele tinha sido furado, afinal de contas, e não rasgado. E o ferimento não era largo. Pondo a mão direita em concha sob a esquerda para evitar pingos de sangue na passadeira do corredor e no piso de madeira dos dois lados, foi depressa à cozinha.

O assassino havia deixado a porta aberta. Não estava na varanda, provavelmente não estava no quintal, também. Na pia, Billy abriu a torneira e manteve a mão esquerda embaixo da água fria até ficar meio entorpecida. Logo o fluxo de sangue diminuiu até um leve

escorrimento. Pegando toalhas de papel num suporte, enrolou várias camadas na mão. Saiu à varanda dos fundos. Prendeu o fôlego, tentando ouvir não o assassino, mas sirenes se aproximando. Depois de um minuto, decidiu que desta vez não houvera telefonema para o 911. O monstro, o ator, orgulhava-se da própria inteligência; não repetiria um truque.

Billy voltou à frente da casa. Viu a fotografia que o assassino tinha jogado em seu rosto e da qual ele havia se esquecido, e pegou-a no chão do corredor. Era uma ruiva bonita. Encarando a câmera. Aterrorizada. Devia ter tido um belo sorriso. Nunca a vira antes. Isso não importava. Era filha de alguém. Em algum lugar, pessoas a amavam. Dane-se a vaca. Essas palavras, ecoando na memória, quase fizeram Billy cair de joelhos.

Durante vinte anos, suas emoções não tinham sido simplesmente contidas. Parte delas havia sido negada. Ele se permitira sentir apenas o que parecia seguro sentir. Tinha-se permitido a raiva somente com moderação, e não cedia a nenhum ódio. Sentira medo de que, ao admitir uma gota de ódio, pudesse soltar torrentes furiosas que iriam destruí-lo.

Mas a contenção diante do mal não era virtude, e odiar aquele monstro homicida não era pecado. Era uma paixão justa, mais veemente do que a abominação, mais luminosa até do que a dor que parecera transformá-lo em uma lâmpada incandescente.

Pegou o revólver. Deixando Cottle por conta própria na sala de estar, Billy subiu a escada, imaginando se, quando voltasse, ainda encontraria o defunto no sofá.

Capítulo 54

No armário de remédios do banheiro de Lanny, Billy encontrou álcool, uma embalagem fechada de curativo líquido e uma quantidade de frascos com tampas que alertavam: CUIDADO! CRIANÇAS PODEM ABRIR. Tendo sido limpo, o prego não fora agente de infecção. Mas poderia ter levado bactérias da superfície da pele para dentro do ferimento.

Derramou álcool na mão em concha, esperando que ele penetrasse no ferimento. Depois de um instante, a ardência começou. Como tivera o cuidado de não flexionar a mão mais do que o necessário,

o sangramento quase já havia parado. O álcool não o fez recomeçar. Era uma esterilização imperfeita. Billy não tinha tempo nem recursos para um serviço melhor.

Acrescentou curativo líquido nos ferimentos de entrada e saída. Isso ajudaria a impedir que a sujeira atuasse no furo.

Mais importante, o curativo líquido — que secava formando um lacre flexível e parecido com um emborrachado — impediria mais sangramento.

Cada um dos incontáveis frascos de remédio continha alguns tabletes ou cápsulas. Evidentemente, Lanny fora um mau paciente, que jamais terminava o tratamento, mas sempre reservava uma porção para se tratar no futuro. Billy achou dois frascos de antibiótico — Cipro, 500 mg. Um continha três comprimidos, o outro, cinco. Juntou os oito num frasco só.

Tirou o rótulo e jogou na lata de lixo. Mais do que a infecção, ele se preocupava com a inflamação. Se a mão inchasse e ficasse rígida, ele estaria em desvantagem em qualquer confronto que estivesse por vir. Entre os medicamentos, encontrou um analgésico, Vicodin, que não impediria a inflamação, mas aliviaria a dor, caso ficasse pior. Restavam quatro tabletes, e Billy os acrescentou ao Cipro.

Mantendo o mesmo ritmo do pulso, uma dor latejava na mão ferida. E quando Billy olhou de novo a foto da ruiva, uma dor diferente, mais emocional do que física, apertou também.

A dor é um dom. Sem dor, o ser humano não conheceria o medo nem a misericórdia. Sem medo, não haveria humildade, e todo homem seria um monstro. O reconhecimento da dor e do medo nos outros fazia surgir em nós a misericórdia, e nossa misericórdia é nossa humanidade, nossa redenção. Nos olhos da ruiva, puro terror. No rosto dela, o reconhecimento desgraçado de seu destino. Billy não pudera salvá-la. Mas se o monstro tivesse jogado segundo suas próprias regras, ela não fora torturada.

Enquanto a atenção de Billy na foto ia do rosto da mulher para o cômodo atrás, ele reconheceu seu quarto. Ela fora mantida em cativeiro na casa dele. Tinha sido morta lá.

Capítulo 55

Sentado na borda da banheira de Lanny, segurando a foto da ruiva, Billy refez a cronologia do assassinato. O psicopata havia ligado... quando?... talvez por volta das 12h30, nesse mesmo dia, depois de os sargentos terem saído e depois de Cottle ter sido embrulhado. Para Billy, ele havia tocado a gravação que oferecia duas opções: a ruiva torturada até a morte; a ruiva assassinada com um único tiro ou golpe.

Naquela ocasião, o assassino já a tinha cativa. Quase com certeza, tinha deixado-a ouvir a fita enquanto esta tocava ao telefone.

A uma hora, Billy havia saído para Napa. Então o assassino levou a mulher para sua casa, tirou a foto e matou-a de modo limpo. Quando o monstro encontrou Ralph Cottle embrulhado no plástico e enfiado atrás do sofá, teve atiçado seu espírito de diversão. Ele os trocou, a jovem pelo bebum.

Involuntariamente, Billy tinha jogado a ruiva no tubo de lava, com isso negando à sua família o pouco consolo de ter um corpo para enterrar.

A troca de cadáveres parecia coisa de Zillis: esse humor adolescente, o jeito casual com que às vezes fazia uma piada maldosa. Steve só precisaria ir trabalhar às dezoito horas.

Estaria livre para brincar. Mas agora o escroto estava no bar.

Não poderia ter posto Cottle no sofá e disparado a pistola de pregos.

Billy olhou o relógio de pulso. Vinte e três e quarenta e um. Obrigou-se a olhar a ruiva outra vez porque cogitou juntar a foto às outras provas e jogar tudo no poço vulcânico. Queria lembrar-se dela, sentia-se obrigado a fixá-la na memória para sempre. Quando o monstro passou a mensagem gravada ao telefone, essa mulher estava presente, amarrada, amordaçada e ouvindo. Talvez também tivesse escutado a resposta de Billy: ' Dane-se a vaca." Essas palavras haviam poupado sua tortura, mas agora torturavam Billy. Não podia se desfazer da foto.

Mantê-la não era um ato prudente; era perigoso. Dobrou-a, tendo o cuidado de não amarrotar o rosto, e enfiou na carteira.

Cauteloso, foi até o Explorer. Pensou que perceberia se o monstro estivesse por perto, vigiando. A noite parecia segura e limpa. Pôs a luva

de látex furada no saco de lixo e calçou uma nova. Desconectou o celular e levou consigo. Na casa de novo, examinou todos os cômodos, de cima a baixo, juntando todas as provas num saco plástico de lixo, inclusive a foto de Giselle Winslow (que ele não guardaria), as mãos de desenho animado, o prego... Depois de terminar, pôs o saco perto da porta dos fundos. Pegou um copo limpo. Da garrafa na mesa, serviu um pouco de Coca quente. Com o exercício, a dor na mão tinha ficado pior. Tomou um comprimido de Cipro e um de Vicodin. Decidiu erradicar todas as evidências da farra alcoólica do amigo. A casa não deveria oferecer nenhuma coisa incomum para a polícia contemplar.

Quando Lanny tivesse desaparecido há tempo suficiente, eles viriam aqui, bater à porta, olhar pelas janelas. Entrariam.

Se vissem que ele estivera bebendo rum, talvez deduzissem uma depressão e a possibilidade de suicídio. Quanto mais cedo chegassem a conclusões ruins, mais cedo revistariam todos os cantos da propriedade. Quanto mais tempo os arbustos pisoteados tivessem para se recuperar, menos provável que eles ao menos se concentrassem no tubo de lava bem coberto.

Quando tudo estava limpo, o saco de lixo com provas foi amarrado e restava apenas Ralph Cottle para dar um fim, Billy usou o celular e ligou para o bar. Jackie O'Hara atendeu.

— Bar.

— Como vão os porcos com cérebro humano? — perguntou Billy.

— Bebendo em outra espelunca.

— Porque o Bar é um bar de família.

— Isso mesmo. E sempre será.

— Escute, Jackie...

— Odeio isso de "escute, Jackie". Sempre significa que vou me ferrar.

— Vou ter de tirar folga amanhã também.

— Me ferrei.

— Não, só está melodramático.

— Você não parece tão doente assim.

— Não é uma gripezinha à toa. É um negócio de estômago.

— Encoste o telefone na barriga e me deixe escutar.

— De repente, você ficou um saco.

— Não é certo o dono trabalhar demais no balcão.

— O lugar está tão movimentado que Steve não consegue cuidar de uma freguesia de meia-noite sozinho? — Steve não está aqui, só eu.

A mão de Billy apertou o celular.

— Eu passei por aí antes. O carro dele estava parado na frente.

— É o dia de folga do Steve, lembra? Billy tinha esquecido.

— Como não consegui um temporário para cobrir seu turno, Steve ficou das três às nove para salvar meu rabo. O que você estava fazendo dirigindo por aí, doente? — Fui ao médico. Steve só pôde dar seis horas? — Ele tinha coisas para fazer antes e depois.

Como matar uma ruiva antes e pregar a mão de Billy ao chão depois.

— O que o médico disse? — perguntou Jackie.

— É um vírus.

— É o que sempre dizem quando não sabem que diabo é de verdade.

— Não, acho que é um vírus de 48 horas.

— Como se um vírus soubesse o que são 48 horas. Se aparecer um terceiro olho na sua testa, eles vão dizer que é vírus.

— Desculpe, Jackie.

— Vou sobreviver. Afinal de contas, é só trabalho de bar.

Não é a guerra.

Apertando o botão no celular para encerrar a ligação, Billy Wiles sentiu-se numa guerra. Numa bancada da cozinha estavam a carteira de Lanny Olsen, as chaves do carro, alguns trocados, o celular e a pistola de serviço, de 9mm, no mesmo lugar desde a noite anterior. Billy pegou a carteira. Quando saísse, levaria também o celular, a pistola e o coldre Wilson Combat.

Dos itens na gaveta de pão, escolheu meio pão de trigo que estava num saco plástico. Do lado de fora, parado na ponta leste da varanda, jogou as fatias de pão no gramado. Os pássaros matinais iriam se refestelar. De novo na casa, forrou o saco vazio com um pano de prato. Um armário de armas, com portas de vidro, ficava no escritório. Em gavetas embaixo das portas, Lanny mantinha caixas de munição, latas de spray de pimenta e um cinto de utilidades da polícia.

No cinto, havia bolsos para pentes extras, uma bolsa com sprays de pimenta, um suporte com uma arma de choque, um bolso de algemas, um chaveiro, um bolso de canetas e um coldre. Tudo pronto

para ser usado. Do cinto, Billy tirou um pente carregado. Também pegou as algemas, uma lata de spray de pimenta e o aparelho de choque. Pôs esses itens no saco de pão.

Capítulo 56

Velozes presenças aladas, talvez morcegos se alimentando de mariposas nas primeiras horas da madrugada de quinta- feira, voavam baixo pelo quintal, passando por Billy e subindo.

Quando ele seguiu o som do que não podia ver, seu olhar se ergueu para a finíssima lasca prateada de uma lua nova. Ainda que ela devesse ter estado ali mais cedo, indo para o oeste, até agora Billy não havia notado esse delicado progresso. O que não era de surpreender. Desde o cair da noite, ele tivera pouco tempo para o céu, com a atenção sinistramente voltada para a terra.

Ralph Cottle, com membros enrijecidos em ângulos inconvenientes pela rigidez cadavérica, enrolado num cobertor porque nenhuma lona plástica pôde ser encontrada, preso num embrulho por toda a coleção de gravatas de Lanny — três —, não foi arrastado com facilidade pelo quintal íngreme até o início dos arbustos.

Cottle tinha dito que não era herói de ninguém. E certamente tivera uma morte de covarde. Quisera viver até mesmo sua existência precária porque — o que mais existe? — não podia imaginar que houvesse algo melhor por que lutar ou para aceitar. No momento em que a lâmina penetrou entre suas costelas e fez seu coração parar, ele devia ter percebido que era possível fugir da vida, mas não da morte.

Billy sentia uma certa simpatia solene até mesmo por esse sujeito, cujo desespero fora mais profundo que o seu e cujos recursos tinham sido mais escassos. E assim, quando os arbustos e espinheiros agarraram o cobertor macio e tornaram difícil demais arrastar o corpo, ele o pegou e pôs sobre o ombro, sem repulsa ou reclamação. Sob o fardo, cambaleou, mas não caiu.

Tinha retornado havia alguns minutos para retirar, de novo, a tampa de sequóia. O buraco aberto esperava. Cottle dissera que não havia um mundo, e sim um bilhão deles, que o seu era diferente do de Billy. Fosse isso verdade ou não, ali o mundo dos dois se tornava um só. O corpo embrulhado caiu. E bateu. E rolou. E caiu. No escuro, o vazio

dentro do vazio. Quando o silêncio durou, sugerindo que o cético havia chegado ao seu profundo local de descanso com o bom filho e a mulher desconhecida, Billy pôs a tampa no lugar, usou sua lanterna para ter certeza de que os buracos estavam alinhados e a aparafusou de novo.

Esperava jamais rever esse local. Mas suspeitava que não teria opção além de retornar. Afastando-se de carro da casa de Olsen, não sabia aonde ir. No final, teria que confrontar Steve Zillis, mas não agora, não por enquanto. Primeiro, precisava se preparar. Em outra era, homens na véspera da batalha iam à igreja se preparar espiritual, intelectual e emocionalmente. Ao incenso, à luz de velas, à humildade que a sombra do redentor lhes impunha. Naqueles dias, todas as igrejas ficavam abertas dia e noite, oferecendo refúgio incondicional.

Os tempos haviam mudado. Agora, algumas igrejas podiam permanecer abertas 24 horas por dia, mas muitas funcionavam segundo horários definidos e trancavam as portas muito antes da meia-noite. Algumas cancelavam o refúgio perpétuo por causa dos custos do aquecimento e da eletricidade. O orçamento atrapalha a missão. Outras eram assoladas por vândalos com latas de tinta spray e pelos infiéis que, em espírito zombeteiro, vinham copular e deixar suas camisinhas.

Em eras anteriores, quando o ódio imperava, tal intolerância fora enfrentada com decisão, ensinamento e o cultivo do remorso. Agora, o consenso clerical era que trancas e alarmes funcionavam melhor do que remédios mais antigos e mais brandos.

Em vez de ir de igreja em igreja experimentando as portas e só encontrando abrigo segundo acordo prévio, Billy foi para onde homens mais modernos que precisavam de um porto seguro e de meditação eram atraídos nas horas pós-meia- noite: uma parada de caminhoneiros. Como nenhuma rodovia interestadual atravessava o condado, o local disponível, ao longo da autoestrada estadual 29, era modesto segundo os padrões da rede Little America, que operava paradas para caminhoneiros do tamanho de pequenas cidades. Mas tinha fileiras de bombas de combustível iluminadas para rivalizar com a luz do dia, uma loja de conveniências, chuveiros grátis, acesso à Internet e um restaurante 24 horas por dia, sete dias por semana, que oferecia tudo frito e um café que fazia os cabelos ficarem em pé.

Billy não queria nem o café, nem o colesterol. Procurava apenas o movimento do comércio racional para equilibrar a irracionalidade com

que estivera lidando, e um lugar tão público que não correria risco de ataque. Parou numa vaga diante do restaurante, junto a um poste com uma lâmpada de tamanha potência que ele podia ler com a luz que atravessava o para-brisa. No porta-luvas, pegou embalagens de toalhinhas úmidas. Usou-as para limpar as mãos. Elas tinham sido inventadas para se limpar depois de um Big Mac com fritas no carro, e não para esterilizar as mãos depois de se livrar de cadáveres. Mas Billy não estava em posição — nem com cabeça — para ser exigente.

Com Pepsi quente, engoliu mais dois comprimidos de Anacin, um analgésico que juntos tinham o mesmo efeito de um anti-inflamatório. Motrin teria sido melhor, mas ele só tinha Anacin. A dose certa de cafeína poderia compensar um pouco a falta de sono, mas uma quantidade grande demais poderia esgarçar os nervos e compeli-lo à ação impensada.

Mesmo assim, tomou mais um comprimido contra o sono.

Horas movimentadas tinham se passado desde que ele comera as barras de Hershey's e Planters. Comeu mais uma de cada. Enquanto comia, pensou em Steve Zillis, seu principal suspeito. O único suspeito. Isso não significava que a hipótese fosse ruim. Mais da metade das condenações obtidas em tribunais eram baseadas em convincentes teias de provas circunstanciais, e muito menos de um por cento delas representava erros de justiça.

Os assassinos não deixavam obedientemente provas diretas no local dos crimes. Em especial, nesta era de comparação de DNA, qualquer bandido com TV poderia assistir à série CSI e se informar sobre os passos simples que deveria dar para evitar a autoincriminação. Mas tudo, desde os antibióticos até a música do sul da Louisiana, tinha seu lado ruim, e Billy conhecia bem demais os perigos da prova circunstancial.

Lembrou-se de que o problema não tinha sido a prova. O problema tinha sido John Palmer, agora xerife, na época um tenente ambicioso e jovem procurando ser promovido a capitão.

Na noite em que Billy fez de si mesmo um órfão, a verdade fora horrível, mas clara e facilmente determinada.

Capítulo 57

De um sonho erótico, Billy Wiles, de 14 anos, é acordado por vozes alteradas, gritos de raiva. A princípio, está confuso.

Parece ter rolado de um sonho ótimo para outro menos agradável. Puxa um travesseiro sobre a cabeça e enterra o rosto num segundo, tentando penetrar de novo na fantasia macia. A realidade se intromete. A realidade insiste. As vozes são de sua mãe e seu pai, vindas do andar de baixo, tão altas que o piso no meio praticamente não as abafa.

Nossos mitos são ricos de seres encantados: ninfas do mar que cantam para atrair marinheiros contra as pedras, Circe transformando homens em porcos, flautistas encantando crianças para a perdição. Metáforas da sinistra ânsia secreta de autodestruição que está conosco desde a primeira mordida na primeira maçã.

Billy é seu próprio flautista, permitindo-se ser atraído para fora da cama pelas vozes dissonantes dos pais. As discussões não são comuns nesta casa, mas também não são raras. Em geral, as discordâncias acontecem em voz baixa, intensas e breves. Se a amargura permanece, é expressa em silêncios carrancudos que com o tempo se curam, ou parecem se curar.

Billy não considera seus pais infelizes no casamento. Eles se amam. Billy sabe disso.

Descalço, sem camisa, com a calça do pijama, acordando enquanto anda, Billy Wiles segue pelo corredor, desce a escada... Não duvida que os pais o amam. Ao modo deles. Seu pai expressa um afeto sério. A mãe oscila entre a negligência inofensiva e êxtases de amor maternal tão genuínos quanto exagerados. A natureza das frustrações mútuas do pai e da mãe sempre permaneceu misteriosa para Billy e parecia não ter consequências graves. Até agora.

Quando chega à sala de jantar, à vista da porta da cozinha, Billy é imerso a contragosto — mesmo? — nas frias verdades e nos eus secretos das pessoas que ele achava que mais conhecia no mundo. Nunca tinha imaginado que o pai pudesse encerrar em si uma ira tão feroz. Não apenas o volume selvagem da voz, mas também o tom lacerante e a malignidade da linguagem revelavam um ressentimento que fervilhara há muito tempo, até se transformar num piche preto que é o combustível ideal da raiva.

O pai acusa a mãe de traição sexual, de adultério em série.

Chama-a de prostituta, chama-a de coisa pior, indo da raiva à ira. Na sala de jantar, Billy é imobilizado pela revelação, sua mente gira diante das acusações lançadas contra sua mãe. Os pais tinham lhe parecido assexuados, atraentes, mas indiferentes a esses desejos. Se já tivesse pensado na própria concepção, poderia tê-la atribuído ao dever conjugal e a um desejo de formar família, e não à paixão.

Mais chocantes do que as acusações são a admissão da verdade — e os contra-ataques da mãe, que revelam o pai como homem e também como algo menos do que um homem. Em linguagem mais fulminante do que a que lhe é dirigida, ela zomba do marido, despreza-o. A zombaria aperta o pedal da ira dele e o lança na fúria. O som de carne batendo em carne sugere mão no rosto, com força. Ela grita de dor, mas rebate imediatamente: — Você não me dá medo, você não me dá medo! Coisas se despedaçam, ressoam, ricocheteiam — e, então, vem um som mais terrível, uma ferocidade de som, uma cacetada. Ela grita de dor, de terror. Sem lembrança de ter saído da sala de jantar, Billy se pega na cozinha, gritando para o pai parar, mas o pai não parece ouvi-lo e nem mesmo reconhece sua presença.

O pai está fascinado, hipnotizado, possuído pelo poder hediondo da arma que segura. É uma chave de roda com cabo comprido. No chão, a devastada mãe de Billy se arrasta como uma barata ferida, não mais capaz de gritar, fazendo ruídos torturados. Billy vê outras armas na bancada central da cozinha. Um martelo. Uma faca de açougueiro. Um revólver.

O pai parece ter arrumado aqueles instrumentos assassinos para intimidar a mãe. Ela não devia ter se intimidado, devia ter pensado que ele era covarde, presunçoso e ineficaz. Covarde ele certamente é, atacando uma mulher indefesa com uma chave de roda, mas ela tinha feito uma péssima avaliação da capacidade dele para o mal.

Pegando o revólver, segurando-o com as duas mãos, Billy grita para o pai parar, pelo amor de Deus, e quando o alerta não é atendido, dá um tiro para o teto. O coice inesperado percorre seus ombros e Billy cambaleia surpreso. O pai se vira para Billy, mas não com espírito de submissão. A chave de roda é um avatar de trevas que controla o sujeito pelo menos tanto quanto ele a controla.

— Você é semente de quem? — pergunta o pai. — De quem é o filho que eu estive alimentando todos esses anos, você é um

bastardozinho de quem? O terror aumenta — o que parecia impossível de acontecer —, e quando percebe que deve matar ou ser morto, Billy aperta o gatilho uma vez, aperta duas, uma terceira vez, os braços pulando devido ao coice. Erra duas vezes e acerta uma no peito. O pai se sacode, cambaleia, cai para trás quando a bala abre um botão de sangue em seu peito. Largada, a chave de roda ressoa e racha o ladrilho, e depois disso não há mais gritos nem palavras furiosas, só Billy ofegando e as mudas expressões de sofrimento da mãe.

E, então, ela diz: — Papai? — Sua voz está engrolada e rachada de dor. — Papai Tom? O pai dela, um fuzileiro de carreira, fora morto em ação quando ela estava com dez anos. Papai Tom era seu padrasto.

— Me ajude. — A voz dela fica mais densa, alterada de um modo perturbador. — Me ajude, papai Tom.

Papai Tom, um homem sem energia com cabelo cor de poeira, tem olhos marrom-amarelados cor de arenito. Seus lábios são perpetuamente rachados, e o riso sufocado raspa os nervos de qualquer um que escuta. Só nas circunstâncias mais extremas alguém pediria ajuda a Papai Tom, e ninguém esperaria receber.

— Me ajude, papai Tom.

Além disso, o velho mora em Massachusetts, a um continente de distância do condado de Napa. A urgência da situação quebra o choque imobilizador de Billy, e agora uma compaixão aterrorizada o leva até a mãe. Ela parece paralisada, com o dedinho da mão direita tremendo, tremendo, mas nada mais se mexendo do pescoço para baixo. Como um vaso partido e mal consertado, a forma de seu crânio e os planos do rosto estão errados, todos errados. Seu único olho aberto, agora seu único olho, focaliza Billy, e ela diz: — Papai Tom.

Ela não reconhece o filho, o filho único, e acha que ele é o velho de Massachusetts.

— Por favor — diz ela, com a voz rachando de dor.

O rosto partido sugere danos cerebrais irreparáveis, numa extensão que arranca de Billy um soluço engasgado. Seu olhar de um olho só viaja do rosto dele para a arma em sua mão.

— Por favor, papai Tom. Por favor.

Ele tem apenas 14 anos, não passa de um garoto, há tão pouco tempo era uma criança!, e não pode escolher, não vai escolher. Mas, ah,

a dor dela. O medo. A angústia. Com a língua cada vez mais grossa, ela implora.

— Ah, Jesus, ah, Jesus, onde estou? Quem é você? Quem está aqui se arrastando, quem é aquele? Quem é você aqui, que me apavora? Me apavora! Às vezes, o coração toma decisões que a mente não pode tomar, e mesmo não sabendo como o coração é traiçoeiro acima de todas as coisas, também sabemos que em raros momentos de tensão e perda profunda ele pode ser purgado pelo sofrimento até ficar puro. Nos anos futuros, Billy jamais saberá se a confiança no próprio coração é a escolha certa.

Mas faz o que o coração manda.

— Eu te amo — diz ele, e mata a mãe com um tiro.

— * O tenente Palmer é o primeiro policial a chegar. O que inicialmente parece ser a entrada corajosa de uma autoridade confiável, mais tarde parecerá, a Billy, o salto ansioso de um urubu sobre a carniça.

Esperando pela polícia, Billy não conseguiu sair da cozinha. Não suporta deixar a mãe a sós. Sente que ela não partiu totalmente, que seu espírito se demora e sente conforto com sua presença. Ou talvez Billy não sinta nada do tipo e só deseje que isso seja verdade. Mesmo não podendo olhá-la mais, nem o que ela se tornou, fica ali perto, com os olhos desviados.

Quando o tenente Palmer entra, quando Billy não está mais sozinho e não precisa mais ser forte, sua compostura desmorona. Tremores quase fazem o garoto cair de joelhos.

O tenente Palmer pergunta: — O que aconteceu aqui, filho? Com aquelas duas mortes, Billy não é filho de ninguém, e sente isolamento nos ossos, vazio no âmago, medo do futuro.

Quando ouve a palavra filho, portanto, ela parece mais do que uma simples palavra, parece uma mão estendida, a esperança ofertada. Billy vai em direção a John Palmer. Como é calculista ou só porque é humano, afinal de contas, o tenente abre os braços.

Tremendo, Billy se encosta naqueles braços e John Palmer o abraça.

— Filho? O que aconteceu aqui? — Ele bateu nela. Eu atirei nele. Ele bateu nela com a chave.

— Você atirou nele? — Ele bateu nela com a chave de roda. Eu atirei nele. Atirei nela.

Outro homem poderia admitir o tumulto emocional daquela jovem testemunha, mas a primeira consideração do tenente é que ainda não chegou a capitão. É um homem ambicioso. E cheio de impaciência. Dois anos antes, um garoto de 17 anos no condado de Los Angeles, bem ao sul de Napa, matou os pais a tiros. Afirmou ser inocente alegando abuso sexual durante longo tempo.

Aquele julgamento, tendo sido concluído apenas duas semanas antes desta noite fundamental na vida de Billy Wiles, tinha resultado em condenação. Os sabichões previram que o garoto ficaria livre, mas o detetive encarregado do caso fora diligente, acumulando uma convincente massa de provas, pegando o criminoso em mentira após mentira.

Nas duas últimas semanas, aquele detetive infatigável foi um herói da mídia. Teve um enorme tempo de exposição na TV. Seu nome era mais conhecido do que o do prefeito de Los Angeles. Com a admissão de Billy, John Palmer não vê uma chance de perseguir a verdade, mas, em vez disso, vê uma chance.

— Em quem você atirou, filho? Nele ou nela? — Eu a... atirei nele. Atirei nela. Ele bateu tanto com a chave que eu tive de atirar nos dois.

Enquanto outras sirenes aumentam de volume a distância, o tenente Palmer leva Billy para fora da cozinha, para a sala de estar. Manda o garoto sentar-se no sofá. Sua pergunta não é mais "O que aconteceu aqui, filho?". Sua pergunta agora é: — O que você fez, filho? O que você fez? Durante tempo demais, Billy Wiles não ouve a diferença.

Assim começam sessenta horas de inferno.

Aos 14 anos, não pode ser julgado como adulto. Com a pena de morte e a prisão perpétua fora da mesa, as pressões do interrogatório devem ser menores do que com um criminoso adulto. Mas John Palmer está decidido a dobrar Billy, a arrancar a confissão de que ele próprio espancou a mãe com a chave de roda, que atirou no pai quando o pai tentou protegê-la, e que depois acabou também com ela, usando uma bala.

Como a punição para os criminosos juvenis é muito menos severa do que para os adultos, às vezes o sistema guarda os direitos deles com

menos assiduidade do que deveria. Para começar, se o suspeito não sabe que deve exigir um advogado, talvez possa não ser informado a tempo sobre esse direito, como seria ideal. Se a falta de recursos do suspeito exige um defensor público, há sempre a chance de que o defensor designado seja inábil. Ou idiota. Ou que esteja com uma tremenda ressaca.

Nem todo advogado é tão nobre quanto os que defendem os oprimidos nos programas de TV, assim como os próprios oprimidos raramente são tão nobres na vida real. Um policial experiente como John Palmer, com a cooperação de superiores selecionados, guiado pela ambição implacável e disposto a arriscar a carreira, tem a manga cheia de truques para manter um suspeito longe de aconselhamento jurídico e disponível para interrogatório irrestrito nas horas logo depois de levá-lo sob custódia.

Um dos ardis mais eficazes é transformar Billy num joguete. Um defensor público chega à cadeia em Napa e descobre que, devido ao espaço limitado nas celas ou por outro motivo fajuto, seu cliente foi levado para a subdelegacia de Calistoga. Ao chegar a Calistoga, fica sabendo que houve um equívoco lamentável: na verdade, o garoto foi transferido para Santa Helena. Em Santa Helena, eles mandam o advogado de volta a Napa.

Além disso, enquanto transporta um suspeito, às vezes um veículo tem problemas mecânicos. Uma viagem de uma hora demora três ou quatro, dependendo dos consertos necessários. Durante esses dois dias e meio, Billy passa por um borrão de escritórios precários, salas de interrogatório e celas. Sempre suas emoções estão à flor da pele e seus temores são tão constantes quanto as refeições são irregulares, mas os piores momentos ocorrem na radiopatrulha, na estrada.

Billy vai no banco traseiro, atrás da barreira de segurança.

Suas mãos estão algemadas e uma corrente prende seus tornozelos a um anel de ferro no chão. Há um motorista que nunca tem nada a dizer. Apesar dos regulamentos que proíbem esse arranjo, John Palmer divide o banco de trás com o suspeito. O tenente é um homem grande. E seu suspeito é um garoto de 14 anos. Naquele espaço apertado, a disparidade dos tamanhos, em si, é perturbadora para Billy.

Além disso, Palmer é um especialista em intimidação. A fala incessante e as perguntas só são pontuadas por silêncios acusadores. Com olhares calculados, com palavras cuidadosamente escolhidas, com ameaçadoras mudanças de humor, ele desgasta a mente com tanta eficácia quanto uma lixadeira elétrica desgasta a madeira. O pior são os toques.

Palmer se senta perto algumas vezes, outras não.

Ocasionalmente, senta-se tão perto quanto um garoto tem vontade de sentar junto de uma garota, o lado esquerdo pressionado contra o direito de Billy. Desgrenha o cabelo de Billy com afeto claramente falso. Põe a mão enorme ora no ombro de Billy, ora no joelho, ora na coxa.

— Matá-los não é crime se você tinha um bom motivo, Billy. Se seu pai molestou você por anos e sua mãe sabia, ninguém pode culpá-lo.

— Meu pai nunca tocou em mim desse jeito. Por que fica falando que ele fez isso? — Não estou falando, Billy. Estou perguntando. Você não tem do que se envergonhar se ele vinha cutucando você desde pequeno. Isso torna você uma vítima, não vê? E mesmo que você gostasse...

— Eu não gostaria disso.

— Mesmo que gostasse, não teria motivo para sentir vergonha. — A mão no ombro. — Mesmo assim, você é uma vítima.

— Não sou. Não fui. Não diga isso.

— Alguns homens fazem coisas medonhas com garotos indefesos, e alguns garotos passam a gostar disso. — A mão na coxa. — Mas isso não torna o menino menos inocente. O doce menino ainda é inocente.

Billy quase deseja que Palmer bata nele. O toque, o toque gentil e a insinuação são piores do que um soco, porque parece que o punho pode vir de qualquer modo, quando o toque fracassar. Em mais de uma ocasião, Billy quase confessa só para escapar dos ritmos enlouquecedores da voz do tenente John Palmer, para ficar livre do toque. Começa a se perguntar por que... Depois de dar fim ao sofrimento da mãe, por que tinha telefonado para a polícia em vez de enfiar o cano do revólver na boca? Finalmente, Billy é salvo pelo bom trabalho do legista e dos peritos da investigação da cena do crime, e pelas dúvidas

dos outros policiais que deixaram Palmer cuidar do caso como queria. As provas indiciam o pai; nenhuma aponta para o filho.

A única digital no revólver é de Billy, mas uma digital clara e uma parcial da palma no comprido cabo da polida chave de aço pertencem ao pai de Billy. O assassino brandiu a chave de roda com a mão esquerda. Diferentemente do pai, Billy é destro. As roupas de Billy estavam marcadas por uma pequena quantidade de sangue, mas não muito. Um jorro de sangue sujava as mangas da camisa do pai. Com unhadas, a mãe tinha tentado se defender do marido. O sangue e a pele dele, não de Billy, estavam sob as unhas dela.

Com o tempo, dois membros do departamento são forçados a se demitir e outro é expulso. Quando a fumaça se dissipa, o tenente John Palmer, de algum modo, permanece sem qualquer mácula. Billy pensa em acusar o tenente, mas tem medo de testemunhar e, acima de tudo, teme as consequências de não prevalecer no tribunal. A prudência sugere um recuo. Fique abaixado, fique quieto, mantenha a coisa simples, não espere muito, aproveite o que tem. Vá em frente. De modo espantoso, seguir em frente acaba significando ir morar com Pearl Olsen, viúva de um policial e mãe de outro.

Ela faz a oferta de resgatar Billy do limbo do serviço de custódia infantil, e, no primeiro encontro, ele sabe instintivamente que ela sempre será nada mais e nada menos do que parece ser. Mesmo tendo apenas 14 anos, Billy aprendeu que a harmonia entre a realidade e a aparência pode ser mais rara do que qualquer criança imagina, e é uma qualidade que ele espera cultivar em si mesmo.

Capítulo 58

Parado sob as luzes fortes do posto de caminhoneiros, do lado de fora do restaurante, Billy Wiles comeu barras Hershey's e Planters. E pensou em Steve Zillis. As provas contra Steve Zillis, ainda que circunstanciais, pareciam apoiar a suspeita mais do que qualquer coisa que John Palmer usara para justificar a pressão contra Billy.

Mesmo assim, ele se preocupava com a hipótese de agir contra um inocente. Os manequins, a pornografia sadomasoquista e o estado geral da casa de Steve Zillis provavam que ele era tarado e talvez até

mesmo doido, mas nada provava que tinha matado alguém. A experiência de Billy nas mãos de Palmer o deixava ansioso pela certeza.

Esperando descobrir algum fato que desse solidez à hipótese, até mesmo algo débil como o fio de lua crescente acima do restaurante, Billy pegou o jornal que havia comprado em Napa e até então não tivera tempo de ler. A matéria de primeira página era sobre o assassinato de Giselle Winslow. Loucamente, esperou que os policiais tivessem achado um cabinho de cereja amarrado num nó, perto do cadáver.

Em vez disso, o que lhe saltou da matéria, o que voou para ele tão depressa quanto um morcego para uma mariposa, foi o fato de que a mão esquerda de Winslow fora cortada. O doido tinha levado uma lembrança. Desta vez, não um rosto, mas uma mão. Lanny não tinha mencionado isso. Mas quando Lanny chegou ao estacionamento do bar no momento em que Billy pegava o segundo bilhete no para-brisa do Explorer, o corpo de Winslow só fora descoberto recentemente. Nem todos os detalhes já haviam sido repassados na rede de comunicação do departamento policial.

Inevitavelmente, Billy se lembrou do bilhete que fora colado na sua geladeira há 17 horas, e que ele tinha posto no exemplar de In Our Time. A mensagem alertava: "Um colega meu virá vê-lo às 11h. Espere por ele na varanda da frente." Na memória, podia ver as últimas duas linhas do bilhete, que na hora pareceram confusas, mas agora eram muito menos.

"Você parece tão raivoso! Eu não lhe estendi a mão da amizade? Sim, estendi.' Mesmo na primeira leitura, aquelas frases pareceram zombeteiras, provocadoras. Agora, zombavam dele, desafiavam-no a aceitar que estava lamentavelmente desclassificado. Em algum lugar de sua casa, a mão decepada esperava ser descoberta pela polícia.

Capítulo 59

Um homem e uma mulher, um casal de caminhoneiros vestidos de jeans, camiseta e bonés de beisebol — no dele, estava escrito PETERBILT; no dela, DEUSA DA ESTRADA — saíram do restaurante. O homem cutucava os incisivos com um palito de dentes, enquanto a mulher bocejava, girava os ombros e alongava os braços. Atrás do volante do Explorer, Billy se pegou olhando as mãos da mulher,

pensando em como eram pequenas, com que facilidade uma delas poderia ser escondida.

No sótão. Sob uma tábua do piso. Atrás da fornalha. Nos fundos de um armário. No espaço apertado sob uma das varandas, da frente ou de trás. Talvez na garagem, numa gaveta da oficina. Preservada em formol ou não. Se uma das mãos da vítima fora escondida em sua propriedade, por que não outra parte da vítima, também? O que o monstro havia colhido da ruiva, onde tinha posto? Sentiu-se tentado a ir embora imediatamente, a revistar a casa com meticulosidade, de cima a baixo. Talvez precisasse do resto da noite e de toda a manhã para encontrar aqueles horrores que o incriminavam. E, se não os encontrasse, será que passaria a tarde seguinte na busca, também? Como poderia não passar? Assim que a busca começasse, ele seria compelido, ficaria obcecado em continuar até encontrar o medonho graal.

Segundo seu relógio, era 1h36 da madrugada de quinta- feira. A meia-noite pertinente estava a pouco mais de 22 horas adiante.

Minha derradeira matança: meia-noite de quinta-feira.

Billy já estava funcionando à base de cafeína e chocolate, Anacin e Vicodin. Se passasse o dia numa busca frenética por pedaços de corpo, se ao crepúsculo não tivesse identificado o monstro nem conseguido qualquer descanso, estaria física, mental e emocionalmente exausto; nessa condição, não seria um guardião confiável para Barbara. Não devia perder tempo procurando a mão. Além disso, enquanto lia sobre isso no jornal pela segunda vez, lembrou-se de outra coisa além do bilhete colado na geladeira. O manequim com seis mãos. Com os punhos nas extremidades dos braços, ele segurava facas de carne cravadas na garganta. Os pés tinham sido substituídos por mãos, para melhor segurar a haste de ferro com ponta de lança com que abusava de si mesmo. Um terceiro par de mãos fora cortado de um manequim doador. Ele brotava dos seios do espécime com seis mãos como se fosse uma representação obscena da deusa hindu Kali.

Ainda que os outros três manequins naquele quarto tivessem o número comum de mãos, o que possuía seis sugeria que Zillis podia ter um fetiche por mãos. Nas fotos nas capas dos vídeos pornográficos, as mãos das mulheres frequentemente estavam presas. Com algemas. Com corda.

Com tiras de couro apertadas. O fato de uma das mãos de Giselle Winslow ter sido colhida parecia significativo, se é que não condenatório.

Billy estava chegando lá. Esticando-se. Não tinha corda suficiente para fazer uma forca legítima para Steve Zillis. Eu não lhe estendi a mão da amizade? Sim, estendi. Humor grosseiro, adolescente. Billy podia ver Zillis dando um risinho, podia ouvi-lo dizendo cada palavra. Podia ouvi-las ditas naquela voz presunçosa, brincalhona, de barman-ator. De repente, parecia que boa parte do show de Zillis no bar envolvia as mãos. Ele era de uma destreza incomum. Fazia malabarismos com as azeitonas e outras coisas. Conhecia truques de baralho, tudo prestidigitação. Podia fazer uma moeda "caminhar" sobre os nós dos dedos, podia fazê-la desaparecer. Nada disso ajudava Billy a atar um nó corrediço melhor.

Logo seriam duas horas. Se fosse atrás de Zillis, preferia fazê-lo sob a cobertura da escuridão. O curativo líquido sobre os ferimentos na mão tinha passado por um teste completo.

Abriu o frasco e passou outra camada sobre a primeira, imaginando se era significativo que o segundo ferimento prometido fosse um prego atravessando sua mão. Se fosse atrás de Zillis, primeiro teria uma conversa com ele. Nada mais. Nada pior. Só uma conversa séria. No caso de Zillis ser o monstro, a pergunta teria de ser feita por trás de um cano de arma.

Claro, se Zillis fosse apenas um tarado doente, mas não um assassino, não entenderia; ficaria puto da vida. Talvez quisesse dar parte de Billy por invasão de domicílio, ou algo assim. O único modo de mantê-lo quieto poderia ser intimidá-lo. Ele não teria probabilidade de ser intimidado a menos que Billy o machucasse a ponto de atrair sua atenção e acreditasse que seria machucado ainda mais caso chamasse a polícia.

Antes de ir atrás de Zillis, Billy precisava ter certeza de que tinha a capacidade de agredir um inocente e brutalizá-lo para mantê-lo quieto. Flexionou e abriu a mão esquerda ligeiramente rígida. Flexionou e abriu. Ali estava uma opção que não lhe era totalmente imposta: poderia se colocar na situação de ter de machucar e intimidar um inocente — ou adiar, pensar, esperar o desdobramento dos fatos, e assim talvez colocar Barbara num perigo maior.

A escolha é sua.

Sempre fora. Sempre seria. Agir ou não agir. Esperar ou ir.

Fechar ou abrir uma porta. Sair da vida ou entrar nela. Não tinha horas nem dias para analisar o dilema. De qualquer modo, se tivesse tempo, só iria se perder na análise. Procurou alguma sabedoria aprendida com a experiência dura e aplicável a esta situação, mas não encontrou. A única sabedoria é a sabedoria da humildade.

No fim, podia decidir com base em nada mais do que a pureza de sua motivação. E até mesmo a verdade total da motivação poderia não ser conhecida. Ligou o motor. Afastou- se da parada de caminhoneiros. Não conseguiu encontrar a lua, aquela fatia minúscula e pálida de lua. Devia estar às suas costas.

Capítulo 60

Às 2h09, Billy parou numa silenciosa rua residencial, a dois quarteirões e meio da casa de Steve Zillis. Os galhos mais baixos dos louros-da-índia pendiam abaixo das luzes dos postes, e nas calçadas amareladas pelas luzes, sombras de folhas se derramavam como um tesouro de moedas pretas.

Andou sem pressa, como se fosse um eterno insone que caminhava regularmente a essas horas mortas.

As janelas das casas estavam escuras, as luzes das varandas, desligadas. Não havia nenhum trânsito. Agora, a terra havia devolvido boa parte do calor armazenado no dia. A noite não estava fria nem quente. A boca torcida do saco de pão estava enrolada no cinto, e o saco, forrado com o pano de prato, pendia do lado esquerdo do corpo. Nele estavam as algemas, a latinha de spray de pimenta e a arma de choque.

Pendia do cinto em seu quadril direito o coldre Wilson Combat. A pistola carregada o preenchia. Tinha puxado a camiseta para fora dos jeans, solta. A camiseta escondia um pouco a pistola. A poucos metros de distância, à noite, ninguém reconheceria a silhueta característica de uma arma.

Quando chegou à casa de Zillis, saiu da calçada para a entrada de veículos e depois seguiu a parede de eucaliptos que passava pela garagem. Na frente, a casa estava escura por trás das venezianas fechadas; mas luzes brilhavam fracas em algumas janelas dos fundos. O quarto de Zillis, o banheiro.

Billy parou no quintal dos fundos, estudando a propriedade, alerta a cada nuance da noite. Deixou os olhos se esquecerem das luzes da rua e se adaptarem mais completamente à escuridão. Enfiou a camiseta nos jeans outra vez, para tornar acessível a pistola no coldre.

De um bolso, tirou um par de luvas de borracha, enfiou as mãos nelas. A vizinhança estava silenciosa. As casas não eram muito separadas. Ele precisaria ter cuidado com o barulho ao entrar. Gritos seriam ouvidos, bem como tiros que não fossem bem abafados por um travesseiro. Saiu do quintal para a varanda, onde havia uma única cadeira de alumínio. Sem mesa, sem churrasqueira, sem vasos de

plantas. Através dos vidros da porta dos fundos, podia ver a cozinha iluminada apenas por dois relógios digitais, um sobre o fogão e outro sobre o forno de microondas.

Soltou o saco de pão do cinto e tirou de dentro a lata de spray de pimenta. O forro de pano de prato abafou o som das algemas se mexendo. Torceu a boca do saco e o enfiou de novo no cinto. Na primeira visita, tinha roubado uma chave extra numa gaveta da cozinha. Inseriu a chave com cuidado, girou-a devagar, preocupado com a possibilidade de a fechadura fazer barulho e de esse som se propagar bem demais na casa pequena. A porta se abriu. As dobradiças sussurraram com a corrosão, mas não rangeram. Billy entrou e fechou a porta. Por um minuto, não se mexeu. Seus olhos estavam bem acostumados à escuridão, mas ainda precisava se orientar.

O coração disparava. Talvez fossem, em parte, os comprimidos de cafeína atuando. Enquanto atravessava a cozinha, as solas de borracha de seus Rockports guincharam ligeiramente no piso de vinil. Encolheu-se, mas foi em frente.

A sala era acarpetada. Deu dois passos silenciosos nela antes de parar de novo para se orientar.

O desprezo de Zillis pelos móveis era uma bênção. Não havia muitas obstruções com que se preocupar no escuro.

Billy ouviu vozes fracas. Alarmado, prestou atenção. Não podia identificar o que diziam. Tendo esperado encontrar Zillis sozinho, pensou em ir embora. Mas precisava saber mais. Uma claridade fraca marcava a entrada do corredor que saía da sala para os dois quartos e o banheiro. A luz do corredor estava apagada, mas uma luz suave aparecia na outra extremidade, vinda das portas abertas dos dois últimos cômodos.

Esses cômodos ficavam de frente um para o outro, de cada lado do corredor. Pelo que Billy recordava, o da esquerda era o banheiro, e o quarto de Zillis ficava à direita. A julgar pelo tom e o timbre, e não pelo conteúdo, achou que fossem duas vozes, uma de homem e uma de mulher. Segurou o spray de pimenta na mão direita, com o polegar sob a trava de segurança, em cima do disparador.

O instinto sussurrava que ele deveria trocar o spray pela pistola. Nem todo instinto era mais confiável que a razão. Se começasse atirando em Zillis, não teria aonde ir. Primeiro, precisaria deixá-lo fora de ação, e não feri-lo. Enquanto seguia pelo corredor, passou pelo

abatedouro de mentira onde os manequins estavam sentados em mutilação exangue.

Quanto melhor ouvia, mais as vozes tinham também uma qualidade de mentira. Eram atores compartilhando um mau desempenho. Uma qualidade vagamente minúscula sugeria que saíam dos alto-falantes de uma TV barata. De repente, a mulher gritou de dor, mas com sensualidade, como se a dor também fosse prazer.

Billy quase havia chegado ao fim do corredor quando Steve Zillis saiu do banheiro à esquerda. Descalço, sem camisa, usando calça de pijama, estava escovando os dentes, correndo para ver o que acontecia na televisão do quarto. Seus olhos se arregalaram quando viu Billy. Falou ao redor da escova de dentes.

— Que porr...

Billy espirrou o spray de pimenta. O spray de pimenta da polícia é altamente eficaz a uma distância de seis metros, ainda que quatro e meio seja o ideal. Steve Zillis estava a dois metros de Billy. O spray na boca e no nariz irá inibir um agressor.

Você só consegue pará-lo depressa se borrifar bastante nos olhos. O jato invadiu os dois olhos, à queima-roupa, e também as narinas. Zillis largou a escova de dentes, cobriu os olhos com as mãos, tarde demais, e se virou cegamente de costas para Billy. Colidiu imediatamente com a parede do fim do corredor. Soltando um chiado em desespero, curvou-se, com ânsias de vômito, e cuspiu bocados de espuma de pasta de dentes como se fosse um cão hidrófobo.

A queimação nos olhos era insuportável, as pupilas se abriram tanto que ele só conseguia ver uma feroz claridade turva, nem mesmo a forma do agressor, nem mesmo uma sombra. A garganta também queimava com a substância química que tinha descido pelo nariz, e os pulmões tentavam rejeitar cada respiração suja.

Billy se abaixou, agarrou uma perna da calça de pijama e puxou o pé esquerdo de Zillis. Gadanhando o ar à procura de uma parede, uma porta, algo que oferecesse apoio e não encontrando nada, Zillis despencou com força suficiente para fazer as tábuas do piso vibrar. Entre sons ofegantes e chiados, entre ataques de engasgos, gritou falando dos olhos, da dor, da claridade que ardia. Billy sacou a pistola 9mm e bateu com o cano no lado da cabeça do outro, com força apenas suficiente para doer.

Zillis uivou, e Billy alertou: — Quieto ou eu bato de novo, com mais força.

Quando Zillis o xingou, Billy bateu de novo com a arma, não com força como havia prometido, mas isso fez passar a idéia.

— Certo — disse Billy. — Certo. Você não vai enxergar bem durante uns vinte minutos, meia hora...

Ainda inalando em haustos curtos, exalando em tremores, Zillis interrompeu Billy: — Meu Deus, eu estou cego, eu...

— Era só spray de pimenta.

— Você ficou maluco? — Spray de pimenta. Não causa dano permanente.

— Estou cego — insistiu Zillis.

— Fique parado.

— Estou cego.

— Não está. Não se mexa.

— Merda. Isso DÓI! Um fio de sangue se desenrolou do couro cabeludo de Zillis. Billy não tinha acertado com força, mas a pele havia se rompido.

— Não se mexa, escute. Coopere e nós acabamos logo com isso, vai ficar tudo bem.

Ele percebeu que já estava consolando Zillis, como se a inocência dele fosse uma conclusão óbvia. Até agora, parecera haver um modo de fazer isso. Um modo de fazer a coisa, mesmo que Steve Zillis não fosse o monstro, e sair com consequências mínimas. Mas em sua imaginação o encontro não fora tão violento assim. Uma borrifada de pimenta. Zillis posto fora de ação no ato, obediente. Tão fácil no planejamento! Eles mal haviam começado e a situação parecia fora de controle.

Lutando para parecer confiante, Billy disse: — Você não quer se machucar, então fique aí deitado e eu digo o que você faz em seguida.

Zillis chiou.

— Está ouvindo? — perguntou Billy.

— Merda, estou, como é que não ia ouvir? — Está entendendo? — Estou cego, mas não surdo.

Billy entrou no banheiro, fechou a torneira aberta e olhou em volta. Não viu o que precisava, mas viu algo que não queria ver: seu reflexo no espelho. Talvez esperasse parecer frenético, até perigoso, e

parecia. Talvez esperasse parecer amedrontado, e parecia. Não esperaria ver o potencial para o mal, mas viu.

Capítulo 61

Na TV do quarto, um homem nu, com máscara preta, golpeava os seios de uma mulher com um chicote de tiras de couro. Billy desligou a TV.

— Estou pensando em você manuseando os limões e as limas que corta para as bebidas, e sinto vontade de vomitar.

Deitado sem ação no corredor, do outro lado da porta aberta, Zillis não ouviu, ou fingiu que não ouvia. A cama não tinha cabeceira nem guarda nos pés. O colchão e a caixa de molas ficavam numa estrutura de metal com rodinhas. Como Zillis não se incomodava com sutilezas como uma colcha, a estrutura da cama estava exposta.

Billy pegou as algemas no saco de pão. Prendeu uma das pulseiras na trave de baixo da estrutura da cama.

— Fique de quatro — disse ele. — Engatinhe em direção à minha voz.

Permanecendo no piso do corredor, respirando com mais facilidade mas ainda ruidosamente, Zillis cuspiu com vigor no carpete. As lágrimas escorrendo tinham levado o spray de pimenta para seus lábios, e o gosto amargo havia entrado em sua boca.

Billy foi até ele e apertou o cano da pistola em sua nuca.

Zillis ficou totalmente imóvel, chiando baixinho.

— Você sabe o que é isso? — perguntou Billy.

— Cara.

— Quero que você engatinhe até o quarto.

— Merda.

— É sério.

— Está bem.

— Até o pé da cama.

Ainda que a única luz no quarto viesse de um fraco abajur ao lado da cama, Zillis franziu a vista com força contra uma claridade ofuscante enquanto se arrastava até a cama. Billy teve de redirecioná-lo duas vezes. Depois: — Sente-se no chão de costas para o pé da cama. Bom.

Com a mão esquerda, tateie ao lado. Há uma algema pendurada na cama. Isso.

— Não faça isso comigo. — Os olhos de Zillis lacrimejavam copiosamente. Líquido borbulhava nas narinas. — Por quê? O que é isso? — Ponha o punho esquerdo na pulseira vazia.

— Não gosto disso.

— Não precisa gostar.

— O que você vai fazer comigo? — Depende. Ponha a algema agora.

Depois de Zillis colocar a algema, Billy se inclinou para testar o fecho duplo, que estava preso. Zillis não podia ver suficientemente bem para atacá-lo ou tentar pegar a arma.

Steve podia arrastar a cama pelo quarto, se quisesse. Podia virá-la sem esforço, tirar o colchão e a caixa de molas e pacientemente desmantelar a estrutura aparafusada até soltar a algema. Mas não podia se mover depressa.

O carpete parecia imundo. Billy não iria se sentar nem ajoelhar nele. Foi até a pequena área de jantar, na cozinha, e voltou com a única cadeira de encosto reto da casa. Colocou-a na frente de Zillis, fora de seu alcance, e sentou-se.

— Billy, eu estou morrendo aqui.

— Não está.

— Estou com medo por causa dos olhos. Ainda não consigo ver.

— Quero fazer umas perguntas.

— Perguntas? Está maluco? — Estou me sentindo meio maluco.

Zillis tossiu. A tosse única se transformou num ataque de tosses, que se transformou num engasgo temível. Não estava fingindo nada daquilo. Billy esperou. Quando Zillis pôde falar, a voz saiu rouca e tremida: — Você está me matando de medo, Billy.

— Bom. Agora quero que você diga onde guarda sua arma.

— Arma? Para que eu quero uma arma? — A arma com que você atirou nele.

— Atirei nele? Atirei em quem? Não atirei em ninguém.

Meu Deus, Billy.

— Você atirou na testa dele.

— Não. De jeito nenhum. Eu, não, cara! — Os olhos de Zillis nadavam em lágrimas induzidas pelo spray, por isso não podiam ser

lidos em busca de falsidade. Ele piscava e piscava, tentando enxergar.
— Cara, se isso é uma piada de mau gosto...

— Você é que é o piadista. Eu, não. Você é que gosta de performances.

Zillis não reagiu à palavra. Billy foi à mesinha-de-cabeceira e abriu a gaveta.

— O que você está fazendo? — perguntou Zillis.

— Procurando a arma.

— Não existe arma.

— Não havia uma antes, quando você não estava aqui, mas haverá agora. Vou mantê-la perto de você.

— Você esteve aqui antes? — Você chafurda em todo tipo de imundície, não é, Steve? Senti vontade de tomar banho com água fervente quando saí.

Billy abriu a porta embaixo da mesinha-de-cabeceira, procurou dentro.

— O que você vai fazer se não achar uma arma? — Talvez pregue sua mão no chão e corte seus dedos um por um.

Zillis parecia a ponto de começar a chorar de verdade.

— Ah, cara, não fale essas maluquices. O que eu fiz com você? Não fiz nada com você.

Abrindo a porta do armário, Billy disse: — Quando você foi à minha casa, Stevie, onde escondeu a mão decepada? Um gemido escapou de Zillis, e ele começou a balançar a cabeça: não, não, não, não. A prateleira do armário sobre as roupas penduradas ficava logo acima do nível do olho.

Enquanto tateava procurando a arma, Billy disse: — E o que mais você escondeu na minha casa? O que você cortou da ruiva? Uma orelha? Um seio? — Isso não faz sentido — disse Zillis, trêmulo.

— Não? — Você é Billy Wiles, pelo amor de Deus.

Voltando à cama, procurando a arma, Billy tateou entre o colchão e a caixa de molas, coisa para a qual não teria estômago se não estivesse usando as luvas.

— Você é Billy Wiles — repetiu Zillis.

— E isso significa o quê? Que você acha que eu não saberia cuidar de mim mesmo? — Eu não fiz nada, Billy. Não fiz.

Indo até o outro lado da cama, Billy disse: — Bem, eu sei cuidar de mim mesmo, ainda que não chegue exatamente ao máximo no medidor de zing.

Reconhecendo suas próprias palavras, Zillis disse: — Eu não quis dizer nada com isso. Você acha que foi um insulto? Não foi minha intenção.

Billy procurou de novo entre o colchão e a caixa de molas.

Nada.

— Eu digo besteiras, Billy. Você sabe como eu sou. Vivo brincando. Você me conhece. Diabo, Billy, eu sou um babaca.

Você sabe que eu sou um babaca, falando o tempo todo, metade do tempo não ouvindo a mim mesmo.

Billy voltou à cadeira e se sentou de novo.

— Está me vendo melhor, Stevie? — Não muito, não. Preciso de um lenço de papel.

— Use o lençol.

Com a mão livre, Zillis puxou o cobertor fino enfiado no pé da cama. Liberou um canto do lençol, passou no rosto e assoou o nariz.

— Você tem um machado? — perguntou Billy.

— Ah, meu Deus.

— Você tem um machado, Stevie? — Não.

— Seja sincero comigo, Stevie.

— Billy, não.

— Você tem um machado? — Não faça isso.

— Você tem um machado, Stevie? — Tenho — admitiu Zillis, e um soluço de pavor lhe escapou.

— Você é um tremendo ator ou não passa realmente de um pobre idiota, Steve Zillis — disse Billy, e foi esta última possibilidade que começou a preocupá-lo.

Capítulo 62

— Quando você está despedaçando manequins no quintal dos fundos — perguntou Billy —, sonha que são mulheres de verdade?

— São só manequins.

— Você gosta de despedaçar melancias porque são vermelhas por dentro? Gosta de ver a carne vermelha explodir, Stevie?

Zillis pareceu atônito.

— O quê? Quem lhe contou isso? O que ela contou?

— "Ela" quem, Stevie?

— A vaca velha que mora ao lado. Célia Reynolds.

— Você não tem moral para chamar ninguém de vaca velha. Não tem nenhuma.

Zillis pareceu sentir a bronca. Assentiu concordando ansioso.

— Está certo. Desculpe. Ela só é solitária. Eu sei. Mas Billy, ela é uma velha xereta. Não consegue cuidar da própria vida. Vive na janela, olhando por trás das cortinas. A gente não pode ir ao quintal que ela fica olhando.

— E há um monte de coisas que você não pode deixar os outros verem, não é, Stevie?

— Não. Não faço nada. Só quero um pouco de privacidade. Por isso, algumas vezes fiz um show para ela, com o machado. Banquei o maluco. Só para assustá-la.

— Assustá-la.

— Só para fazer que ela cuidasse da própria vida. Só fiz isso três vezes, e na terceira a fiz saber que era um show, que eu estava vendo que ela vigiava.

— Como você fez que ela soubesse?

— Não tenho orgulho disso agora.

— Tenho certeza de que você não tem orgulho de um monte de coisas, Stevie.

— Fiz um sinal obsceno com o dedo, para ela. Na terceira vez arrebentei um manequim e uma melancia, que eu não sonho que sejam nada além do que são, e fui até a cerca e levantei o dedo do meio para ela.

— Uma vez, você despedaçou uma cadeira.

— É. Despedacei uma cadeira. E daí?

— A cadeira em que estou sentado é a única que você tem.

— Tinha duas. Só precisava de uma. Era só uma cadeira.

— Você gosta de ver mulheres sendo machucadas.

— Não.

— Você só achou as fitas pornôs embaixo da cama esta noite? Foi um gremlin que pôs as fitas ali, Stevie? Será que devemos ligar para

uma firma de exterminadores de gremlins? — Não são mulheres de verdade.

— Não são manequins.

— Quero dizer, elas não estão sendo machucadas de verdade. Estão atuando.

— Mas você gosta de olhar.

Zillis ficou quieto. Deixou a cabeça pender. Em alguns sentidos, aquilo era mais fácil do que Billy tinha esperado.

Imaginara que fazer perguntas profundamente desagradáveis e ouvir outro ser humano chafurdar numa autojustificativa melancólica seria tão perturbador que ele não conseguiria fazer um interrogatório produtivo. Em vez disso, estava com uma sensação de poder que lhe dava confiança. E satisfação. A facilidade daquilo o surpreendeu. A facilidade daquilo o apavorou.

— São vídeos muito malignos, Stevie. São doentios.

— É — disse Zillis baixinho. — São. Eu sei.

— Você já fez algum vídeo com você mesmo machucando mulheres assim?

— Não. Meu Deus, não.

— Você está sussurrando, Stevie.

Zillis levantou o queixo do peito, mas não olhou para Billy.

— Nunca machuquei uma mulher assim.

— Nunca? Nunca machucou uma mulher assim?

— Não. Juro.

— Como você machucou, Stevie?

— Nunca machuquei. Não poderia.

— Você é um menininho tão inocente, não é?

— Eu gosto de... ver.

— Ver mulheres sendo machucadas?

— Gosto de ver, certo? Mas sinto vergonha.

— Não acho que você fique nem um pouco envergonhado.

— Fico. Fico envergonhado. Nem sempre durante, mas sempre depois.

— Depois do quê?

— Depois de... ver. Isso não é... Ah, cara. Não é isso que eu quero ser.

— Quem gostaria de ser o que você é, Stevie?

— Não sei.

— Diga uma pessoa. Uma pessoa que ia querer ser o que você é.

— Talvez ninguém.

— Até que ponto você sente vergonha? — insistiu Billy.

— Eu joguei os vídeos fora. Um monte de vezes. Até destruí. Mas depois, você sabe... depois de um tempo, compro outros. Preciso de ajuda para parar.

— Você já procurou ajuda, Stevie? Zillis não respondeu.

— Você já procurou ajuda?

— Não.

— Se realmente quer parar, por que não procurou ajuda?

— Achei que poderia parar sozinho. Achei que conseguiria.

Zillis começou a chorar. Seus olhos ainda estavam vítreos por causa do spray de pimenta, mas aquelas eram lágrimas de verdade.

— Por que você fez aquelas coisas com os manequins que estão no outro quarto, Stevie?

— Você não entende.

— É, não passo do velho pateta do Billy Wiles, que não tem zing, mas, mesmo assim, experimente.

— Aquilo não significa nada, o que eu fiz com eles.

— Para algo que não significa nada, você gastou um monte de tempo e energia à-toa.

— Não vou falar disso. Disso, não. — Ele não estava recusando tanto quanto implorando. — Não vou.

— Aquilo faz você ruborizar, Stevie? Ofende suas sensibilidades delicadas? Agora, Zillis chorava continuamente. Sem soluços violentos. As lágrimas firmes e escaldantes da humilhação, da vergonha.

— Fazer não é o mesmo que falar a respeito — disse ele.

— Quer dizer: o que você faz com os manequins — esclareceu Billy.

— Você pode... você pode explodir o meu cérebro, mas não vou falar daquilo. Não posso.

— Quando mutila os manequins, você fica excitado, Stevie? Fica com uma excitação gigantesca?

Zillis balançou a cabeça, baixou a cabeça.

— Fazer aquilo é tão diferente de falar daquilo?

— Billy. Billy, por favor. Não quero me ouvir, não quero me ouvir falando daquilo.

— Porque quando você está fazendo, é só uma coisa que você faz. Mas se falar a respeito, passa a ser uma coisa que você é.

A expressão de Zillis confirmou que Billy tinha acertado no alvo. Não poderia ser obtida muita coisa se fixando nos manequins. Eles eram o que eram. Esfregar a cara de Steve Zillis em sua perversão poderia ser contraproducente.

Billy ainda não tinha conseguido o que queria, o que tinha vindo provar. Estava simultaneamente cansado e ligado, precisando dormir, mas surfando em cafeína. Às vezes, a mão furada doía; o efeito do Vicodin tinha começado a passar. Por causa da exaustão afastada com substâncias químicas, talvez não estivesse conduzindo o interrogatório com inteligência suficiente. Se Zillis era o monstro, era um gênio no fingimento emocional. Mas os sociopatas eram isso: aranhas vorazes com um talento impressionante para projetar uma imagem convincente de um ser humano complexo que obscurecia a realidade aracnídea do cálculo gélido e da intenção voraz.

— Quando faz aquilo com os manequins, quando assiste àqueles vídeos nojentos, alguma vez você pensa em Judith Kesselman.

No decorrer desse encontro, Zillis fora surpreendido mais de uma vez, mas a pergunta o chocou. Injetados com o efeito residual do spray, seus olhos se arregalaram. O rosto empalideceu e ficou frouxo, como se ele tivesse levado um soco.

Capítulo 63

Zillis algemado à cama. Billy livre na cadeira, mas com um sentimento crescente de estar sendo entravado pela atitude evasiva de seu prisioneiro.

— Stevie? Eu lhe fiz uma pergunta.

— O que é isso? — perguntou Zillis com uma seriedade aparente e até mesmo com um ínfimo traço de afronta indignada.

— O que é o quê?

— Por que você veio aqui? Billy, não entendo o que você está fazendo aqui.

— Você pensa em Judith Kesselman? — insistiu Billy.

— Como você sabe sobre ela?

— Como acha que eu sei?

— Você responde a perguntas com perguntas, mas eu é que devo ter respostas de verdade para tudo.

— Pobre Stevie. O que aconteceu com Judith Kesselman?

— Alguma coisa.

— O que aconteceu com ela, Stevie?

— Eu estava na faculdade. Há cinco, cinco anos e meio.

— Você sabe o que aconteceu com ela, Stevie?

— Ninguém sabe.

— Alguém sabe — disse Billy.

— Ela desapareceu.

— Tipo num show de mágica?

— Ela simplesmente sumiu.

— Ela era uma garota adorável, não era?

— Todo mundo gostava dela.

— Uma garota tão adorável, tão inocente. As inocentes são as mais deliciosas, não é, Stevie?

Franzindo a testa, Zillis disse: — Deliciosas?

— As inocentes... são as mais suculentas, as mais satisfatórias. Eu sei o que aconteceu com ela — disse Billy, querendo dar a entender que sabia que Zillis a havia sequestrado e matado.

Um tremor tão grande atravessou Steve Zillis que as algemas chacoalharam longamente contra a cama de metal.

Satisfeito com essa reação, Billy disse: — Eu sei, Stevie.

— O quê? O que você sabe?

— Tudo.

— O que aconteceu com ela?

— É. Tudo.

Zillis estivera sentado com as costas apoiadas na cama, as pernas esparramadas no chão à frente. Agora, subitamente puxou os joelhos de encontro ao peito.

— Ah, meu Deus. — Um gemido de sofrimento abjeto escapou dele.

— Exatamente tudo.

A boca de Zillis se suavizou e sua voz ficou trêmula.

— Não me machuque.

— O que você acha que eu poderia fazer com você, Stevie?

— Não sei. Não quero pensar.

— Você é tão imaginativo, tão talentoso quando se trata de sonhar modos de machucar mulheres, mas de repente não quer pensar?

Tremendo continuamente agora, Zillis disse: — O que você quer de mim? O que eu posso fazer?

— Quero falar do que aconteceu com Judith Kesselman.

Quando Zillis começou a soluçar como um menininho, Billy se levantou da cadeira. Sentiu que estava chegando o momento da virada.

— Stevie? — Vá embora.

— Você sabe que eu não vou. Vamos falar de Judi Kesselman.

— Não quero.

— Acho que quer. — Billy não chegou mais perto de Zillis, mas se agachou diante dele. — Acho que você quer muito falar sobre isso.

Zillis balançou a cabeça violentamente.

— Não. Não quero. Se a gente falar disso, você vai me matar, com certeza.

— Por que você diz isso, Stevie?

— Você sabe.

— Por que você diz que eu vou matá-lo?

— Porque aí eu vou saber demais, não é?

Billy encarou o prisioneiro, tentando decifrá-lo.

— Você acabou com ela — disse Zillis com um gemido.

— O quê?

— Você a matou, e eu não sei por que, não entendo, mas agora vai me matar.

Billy respirou fundo e fez uma careta.

— O que você fez?

Como resposta, Zillis apenas soluçou.

— Stevie, o que você fez a si mesmo?

Zillis tinha encolhido os joelhos até o peito. Agora, estendeu as pernas de novo.

— Stevie?

A frente do pijama dele estava escura de urina. Zillis tinha se mijado.

Capítulo 64

Alguns monstros são mais patéticos do que mortais. Seus covis não são covis no sentido absoluto porque eles não ficam à espreita. Enfiam-se em buracos malcuidados, com mobília mínima e os objetos de seu equivocado senso de beleza. Só esperam ceder às fantasias mutantes e levar suas vidas monstruosas com o máximo de paz que conseguirem, o que é pouquíssimo, porque se atormentam mesmo quando o resto do mundo os deixa sem ser molestados.

Billy resistiu à conclusão de que Steve Zillis fosse dessa estirpe patética. Para admitir que Zillis não era um sociopata homicida, Billy precisava aceitar que um enorme tempo precioso demais tinha sido desperdiçado na busca de um lobo, presumivelmente feroz, e que na verdade era um cãozinho manso. Pior: se Zillis não era o monstro, Billy não tinha idéia de para onde ir. Todas as evidências pareciam levá- lo a uma única conclusão. Evidências circunstanciais.

Pior de tudo, se o assassino não estava diante de si agora, ele havia descido a essa brutalidade sem lucro algum.

Consequentemente, por um tempo, continuou a interrogar e pressionar o cativo, mas a cada minuto a disputa entre eles parecia ser menos uma disputa do que um ato de opressão.

Um toureiro não pode encontrar glória quando o touro, espetado de banderillas e ferido com a lança do picador, perde todo o espírito e passa pela capa vermelha sem dar a mínima.

E logo, escondendo o desespero crescente, Billy sentou-se de novo na cadeira e puxou o último assunto, esperando que um alçapão pudesse se abrir quando ele menos esperasse.

— Onde você esteve mais cedo esta noite, Steve? — Você sabe. Não sabe? No bar, cobrindo o seu turno.

— Só até as nove horas. Jackie disse que você trabalhou entre as três e as nove porque tinha coisas para fazer antes e depois.

— Foi. Eu tinha coisas.

— Onde esteve entre nove e meia-noite? — O que importa? — Importa — garantiu Billy. — Onde você esteve? — Você vai me

machucar... vai me matar de qualquer jeito.

— Não vou matar você, e não matei Judith Kesselman.

Tenho bastante certeza de que foi você quem a matou.

— Eu? — O espanto de Zillis pareceu mais verdadeiro do que qualquer reação que ele tivera desde que isso havia começado.

— Você é realmente bom nisso — disse Billy.

— Bom em quê? Matar pessoas? Você está doido de pedra! Nunca matei ninguém.

— Steve, você pode me convencer de que tem um álibi sólido entre nove horas e meia-noite, e então isto acaba. Eu vou embora e você estará livre.

Zillis pareceu em dúvida.

— Fácil assim? — É.

— Depois de tudo... isso acaba tão fácil? — Pode acabar. Dependendo do álibi.

Zillis pensou na resposta. Billy começou a achar que ele estava bolando tudo a partir do zero. Então, Zillis disse: — E se eu disser onde eu estava, e se por acaso é por isso que você veio aqui, porque já sabe onde eu estava, e só quer me ouvir dizer para poder me arrebentar de vez? — Não estou entendendo.

— Certo. Tudo bem. Eu estava com alguém. Em nenhum momento ela falou de você, mas se você gosta dela, o que vai fazer comigo? Billy o olhou, incrédulo.

— Você estava com uma mulher? — Não estava com ela, tipo na cama. A gente só saiu. Um jantar tarde, que teve de ser tarde porque eu cobri o seu turno. Foi o nosso segundo encontro.

— Quem? Preparando-se contra o ultraje ciumento de Billy, Zillis respondeu: — Amanda Pollard.

— Mandy Pollard? Conheço. É uma garota legal.

Cauteloso, Zillis disse: — Só isso... "É uma garota legal"? Os Pollard eram donos de um vinhedo bem-sucedido.

Cultivavam uvas sob contrato com uma das melhores vinícolas do vale. Mandy tinha uns vinte anos, era bonita, amigável.

Trabalhava na empresa da família. A julgar pelas evidências, suficientemente saudável para ter vindo de uma época melhor do que esta. Billy deixou seu olhar percorrer o quarto bagunçado, desde a

embalagem da fita pornô no chão ao lado da TV até a pilha de roupa suja num canto.

— Ela nunca esteve aqui — disse Zillis. — Só tivemos dois encontros. Estou procurando um lugar melhor, um apartamento legal. Quero me livrar dessa coisa toda. Começar de novo.

— Ela é uma garota decente.

— É mesmo. Acho que, com ela ao meu lado, posso dar uma limpeza geral, começar do zero, fazer a coisa certa pela primeira vez.

— Ela deveria ver este lugar.

— Não, não. Billy, não, pelo amor de Deus. Não é isso que eu quero ser. Quero ser melhor para ela.

— Onde vocês foram jantar? Zilis disse o nome de um restaurante. Depois: — Chegamos lá mais ou menos às 21h20. Saímos às 23h15 porque nessa hora nós éramos as únicas pessoas no restaurante.

— E depois? — Fomos andar de carro. Um belo passeio. Não quero dizer que a gente parou. Ela não é do tipo. Só ficamos passeando, conversando, ouvindo música.

— Até quando? — Deixei Mandy em casa pouco depois da uma da manhã.

— E voltou para cá.

— É.

— E pôs uma fita pornô de um cara chicoteando uma mulher.

— Certo. Eu sei o que sou, mas também sei o que posso ser.

Billy foi até a mesinha-de-cabeceira e pegou o telefone.

Tinha um fio comprido. Trouxe-o para Zillis.

— Ligue para ela.

— O quê, agora? Billy, já passa das três da madrugada.

— Ligue. Diga como você gostou da noite, como ela é especial. Ela não vai se importar se você a acordar para isso.

— Nós ainda não temos esse tipo de relacionamento — preocupou-se Zillis. — Ela vai achar esquisito.

— Ligue e deixe que eu ouça, caso contrário, enfio essa pistola no seu ouvido e estouro seu cérebro. O que acha? As mãos de Zillis tremiam tanto que ele digitou errado duas vezes. Conseguiu na terceira. Abaixado junto ao prisioneiro, com o cano da pistola encostado na lateral do corpo de Zillis para ele não ter uma idéia insensata, Billy ouviu Mandy

Pollard atender o telefone e expressar surpresa ao ter notícias do novo pretendente àquela hora.

— Não se preocupe — disse Mandy. — Você não me acordou. Eu só estava aqui deitada, olhando o teto.

A voz de Zillis tinha um tremor, mas Mandy poderia facilmente presumir que ele estava nervoso por ligar tão tarde e expressar seu afeto mais diretamente do que talvez tivesse feito antes. Durante alguns minutos, Billy os ouviu recapitular a noite — o jantar, o passeio —, e então sinalizou para Zillis encerrar.

Mandy Pollard tinha passado a noite com esse cara, e ela não era uma doida em busca de emoções, que andava voluntariamente com sujeitos barra pesada. Tendo jantado com Mandy, Steve Zillis não podia ser o monstro que havia posto o cadáver de Ralph Cottle no sofá da sala de Lanny e pregado a mão de Billy no piso do corredor.

Capítulo 65

Enquanto enfiava a pistola no coldre preso ao quadril, Billy disse: — Vou deixar você algemado à cama.

Steve Zillis pareceu aliviado com a arma sendo guardada, mas continuou cauteloso. Billy arrancou o fio do telefone e da parede, enrolou-o e enfiou no saco de pão.

— Não quero você ligando para ninguém até ter tempo para esfriar a cabeça e pensar no que vou dizer.

— Você não vai mesmo me matar?

— Pra falar a verdade, não. Vou deixar a chave da algema numa bancada da cozinha.

— Certo. Da cozinha. Mas como isso vai me ajudar? — Depois de eu ter ido embora, você pode tirar o colchão e a caixa de molas da estrutura da cama. Ela é presa por parafusos e porcas, não é? — É. Mas...

— Você pode tirar as porcas com os dedos.

— Talvez elas estejam enferrujadas...

— Você só se mudou há seis meses. Elas não enferrujaram em seis meses. Se estiverem apertadas, tente torcer as partes da estrutura, tente afrouxar as conexões. Você vai dar um jeito.

— Posso dar um jeito, claro, mas ainda não consigo deduzir por que, diabos, você fez isso. Talvez você não acredite que eu matei Judith Kesselman, como você havia falado. No fundo, sei que não acredita. Que negócio foi esse? Pondo a lata de spray de pimenta no saco de pão, Billy disse: — Não vou explicar e você não quer saber. Acredite, você não quer.

— Olhe para mim, aqui — gemeu Zillis. — Meus olhos ainda estão ardendo, estou sentado numa poça, pelo amor de Deus. Isso é humilhante. Você me acertou com essa arma, cortou meu couro cabeludo, você me machucou, Billy.

— Poderia ter sido pior. Poderia ter sido muitíssimo pior.

Optando por interpretar essas palavras como ameaça, Zillis tentou ser apaziguador.

— Certo. Tudo bem. Estou ouvindo. Estou calmo.

— Dependendo de quanto os parafusos estejam apertados, você vai precisar de pelo menos uma hora, talvez duas, para se soltar da cama. A chave das algemas estará na cozinha. Depois de usá-la, comece a fazer as malas.

Zillis piscou.

— O quê?

— Ligue para o Jackie e diga que você está indo embora.

— Eu não quero ir embora.

— Caia na real, Steve. Nós não vamos nos ver todo dia. Não com o que eu sei sobre você e não com o que você sabe sobre mim. Você vai se mudar.

— Para onde?

— Não importa. Simplesmente não vai ficar no condado de Napa.

— Eu gosto daqui. Além disso, não tenho condições de me mudar agora.

— Vá ao bar na noite de sexta-feira para pegar seu pagamento. Vou deixar um envelope para você com o Jackie. Dentro, haverá dez mil dólares em dinheiro vivo. Isso vai ajudá-lo a recomeçar em outro lugar.

— Eu não faço nada e toda a minha vida vira de cabeça para baixo? Não é justo.

— Está certo. Não é justo. Mas é assim que será. Seus móveis não valem merda nenhuma. Pode jogar no lixo. Junte os objetos pessoais e saia da cidade na sexta à noite.

— Eu poderia chamar a polícia, poderia dar parte de você.

— Verdade? Você iria querer que os policiais vissem o local do crime, que eles andassem de um lado para o outro aqui dentro, com os vídeos de sadomasoquismo e aqueles manequins no outro quarto? Mesmo que ainda estivesse apavorado, Zillis encontrou auto piedade suficiente para fazer beicinho.

— Quem morreu e transformou você em Deus?

Billy balançou a cabeça.

— Steve, você é patético. Vai pegar os dez mil, ficar feliz porque está vivo e dar o fora. E mais uma coisa: nunca mais ligue para Mandy Pollard de novo.

— Espera um minuto. Você não pode...

— Não ligue para ela, não se encontre com ela. Nunca mais.

— Billy, ela poderia fazer toda a diferença para mim.

— Ela é uma garota legal. É uma garota decente.

— É isso que eu quero dizer. Eu sei que poderia me limpar se ela...

— Uma boa mulher pode transformar um homem. Mas não um homem que se enfiou tanto no buraco como um rato. Se ligar para ela ou se encontrá-la ao menos uma vez, eu vou saber. E vou encontrá-lo. Acredita?

Zillis ficou quieto.

— E, se tocá-la — disse Billy —, que Deus me ajude, eu mato você, Steve.

— Isso não é nem um pouco certo.

— Acredita em mim? É melhor acreditar, Steve.

Quando Billy pôs a mão no cabo da pistola no coldre, Zillis disse: — Ei. Tudo certo. Já ouvi.

— Bom. Estou indo agora.

— De qualquer modo, este lugar é uma merda. Região vinícola é só outra palavra para roça. Não sou caipira.

— Não, não é — disse Billy da porta.

— Não acontece nada por aqui.

— Não tem zing — concordou Billy.

— Foda-se.

— Feliz caminhada. Gafanhoto.

Capítulo 66

Quando havia se afastado apenas oitocentos metros da casa de Zillis, Billy teve uma tremedeira tão grande que precisou ir para o meio-fio, estacionar o Explorer e retomar o controle do corpo. Sob pressão, havia se tornado a coisa que mais desprezava. Por um tempo, tinha virado John Palmer. E pagar dez mil pratas a Zillis não o tornava menos parecido com Palmer.

Quando a tremedeira diminuiu, ele não engrenou o carro porque não sabia aonde ir. Sentia que estava na beira de um precipício. Não se deve dirigir na beira do precipício. Queria ir para casa, mas nada lá iria ajudá-lo a encontrar a solução do quebra-cabeça. Queria ir para casa simplesmente para estar em casa. Reconhecia a familiar ânsia de

reclusão. Assim que chegasse, poderia sentar-se em sua bancada com os blocos de carvalho para entalhar. E o mundo poderia ir para o inferno.

Só que, desta vez, ele iria para o inferno junto. Não podia levar Barbara para casa, e se a deixasse sozinha, correndo risco, jogaria no lixo a única desculpa que tinha para viver. Os acontecimentos haviam-no impelido à ação, à torrente da vida, no entanto, sentia-se isolado e mais do que desesperado.

Durante tempo demais, não havia semeado direito, e agora não tinha colheita. Seus amigos eram todos conhecidos.

Embora a vida fosse uma comunidade, ele não possuía sua comunidade.

De fato, a situação era pior do que o isolamento. Os amigos que não passavam de conhecidos agora não eram sequer conhecidos, e sim suspeitos. Ele construíra para si mesmo uma carpintaria de solidão e elaborada paranóia.

Afastando-se do meio-fio, dirigiu sem destino em mente, pelo que percebia. Como um pássaro, percorria as correntes da noite, ligado apenas em se manter no alto e não cair no desespero absoluto antes que surgisse alguma débil luz de esperança.

Ficara sabendo mais sobre Ivy Elgin numa breve visita à sua casa do que tinha se importado em saber sobre ela durante os anos em que trabalhavam juntos. E mesmo gostando de Ivy, achava-a mais misteriosa agora do que quando sabia muito menos a seu respeito. Não achava que ela pudesse ter qualquer ligação com o monstro que cometia aqueles assassinatos. Mas sua experiência com a mãe e o pai o lembrava de que não podia ter certeza sobre ninguém.

Flarry Avarkian era um homem gentil e ótimo advogado — mas também era um dos curadores que supervisionavam sete milhões de dólares, uma tentação que não poderia ser desprezada. Antes de Barbara, Billy estivera na casa de Harry apenas uma vez. Barbara fazia com que ele socializasse.

Tinham ido à casa de Harry para jantar, meia dúzia de vezes num ano — mas, desde o coma, Billy só visitara Harry no escritório. Conhecia Harry Avarkian. Mas não o conhecia.

A mente de Billy circulou até o Dr. Ferrier. O que era loucura. Os médicos proeminentes na comunidade não saíam por aí matando pessoas. Só que o Dr. Ferrier queria que Billy cooperasse com ele na

morte de Barbara Mandell. Retirar o tubo de alimentação do estômago. Deixá-la morrer de fome durante o coma.

Se você estivesse disposto a decidir por outra pessoa — por alguém que não sente dor claramente — que a qualidade de vida dela era insuficiente para garantir o gasto de recursos em seu nome, com que facilidade poderia dar o passo entre puxar o fio de uma tomada e puxar um gatilho? Ridículo. No entanto, ele não conhecia Ferrier sequer uma fração do que conhecera o pai; e violando tudo o que Billy achava que conhecia, seu pai tinha brandido aquela chave de roda de aço polido com uma espécie de alegria maligna.

John Palmer. Era um homem cujo amor pelo poder era claro para todos verem, mas cujo interior permanecia tão enigmático quanto um outro planeta. Quanto mais Billy pensava nas pessoas conhecidas, quanto mais pensava na possibilidade de que o assassino pudesse ser um completo estranho, mais ficava agitado e sem rumo. Disse a si mesmo que se preocupasse e não se preocupasse, que ficasse imóvel.

Para possuíres o que não possuis, deves seguir pelo caminho do despojamento. E o que não sabes é apenas o que sabes.

Dirigindo e ao mesmo tempo se entregando àquela imobilidade interna, chegou em pouco tempo, sem intenção consciente, ao posto de caminhoneiros. Parou onde havia ficado antes, à frente do restaurante. Sua mão esquerda doía.

Quando a fechou e abriu, pôde sentir que tinha começado a inchar. O efeito do Vicodin havia passado. Não sabia se deveria tomar outro, mas devia conseguir algum Motrin ou outro anti- inflamatório.

Estava com fome, mas a idéia de outra barra de chocolate embrulhou seu estômago. Precisava de uma dose de cafeína, mas queria mais do que comprimidos. Depois de enfiar o revólver embaixo do banco da frente e apesar da janela quebrada que deixava o veículo inseguro, entrou no restaurante.

Às 3h40 da madrugada, podia escolher entre vários lugares. Quatro caminhoneiros estavam sentados em bancos junto ao balcão, tomando café e comendo torta. Eram atendidos por uma garçonete gorducha com pescoço de zagueiro de futebol americano e rosto de anjo. Em suas massas de cabelo tingidos de preto-graxa de sapato, usava laçarotes amarelos.

Billy sentou-se junto ao balcão.

Capítulo 67

Segundo o crachá no uniforme, o nome da garçonete era Jasmine. Ela chamou Billy de "querido" e serviu o café puro e a torta de limão que ele pediu. Jasmine e os caminhoneiros estavam numa conversa animada quando Billy se acomodou num banco perto deles. Pelas frases ditas, ficou sabendo que um dos homens se chamava Curly, outro Arvin. Ninguém se dirigiu ao terceiro com qualquer coisa além de "você", e o quarto tinha um dente superior da frente de ouro.

A princípio, estavam falando sobre o continente perdido de Atlântida. Arvin sugeriu que a destruição daquela civilização fabulosa havia acontecido porque os atlantes se envolveram com engenharia genética, e logo depois Curly mencionou o fato de que em Princeton ou Harvard, ou Yale, um desses buracos do inferno, cientistas estavam tentando criar um porco com cérebro humano.

— Não sei se isso é tão novo — disse Jasmine. — Com o passar dos anos, vou lhe contar, já encontrei um bocado de porcos humanos.

— Qual seria o propósito de um porco humanizado? — perguntou Arvin.

— É só estar lá — disse Você.

— Estar onde?

— Como uma montanha simplesmente está lá — esclareceu Você. — Por isso, algumas pessoas têm de subir nela. Outras pessoas talvez tenham de fazer um porco humanizado simplesmente porque podem fazer.

— Que trabalho ele faria? — perguntou Dente de Ouro.

— Não creio que pretendam que essa criatura tenha um trabalho — disse Curly.

— Eles pretendem que ele faça alguma coisa — disse Dente de Ouro.

— Uma coisa é certa — declarou Jasmine. — Os ativistas vão pirar de vez.

— Que ativistas? — perguntou Arvin.

— Algum tipo de ativista. Assim que existirem porcos com cérebro humano, é o fim do direito de qualquer pessoa comer presunto ou bacon.

— Não sei por quê — disse Curly. — O presunto e o bacon vão continuar vindo dos porcos que não foram humanizados.

— Vai ser um negócio de simpatia — previu Jasmine. — Como você vai justificar que come presunto e bacon quando seus filhos frequentam a escola com porcos inteligentes e os convidam para passar a noite na sua casa?

— Isso nunca vai acontecer — disse Você.

— Nunca — concordou Arvin.

— O que vai acontecer — disse Jasmine — é que esses idiotas que estão brincando com genes humanos vão fazer alguma coisa estúpida e matar a todos nós.

Nenhum dos quatro caminhoneiros discordou. Nem Billy.

Dente de Ouro ainda achava que os cientistas tinham em mente algum tipo de trabalho para um porco humanizado.

— Eles não gastam milhões de dólares numa coisa assim só para se divertir. Esse pessoal, não.

— Ah, gastam — discordou Jasmine. — O dinheiro não significa nada para eles. Não é deles.

— É dinheiro de quem paga imposto — disse Curly. — Seu e meu.

Billy fez um ou dois comentários, mas principalmente ouviu, familiarizado com os ritmos daquela conversa e curiosamente aquecido por eles. O café era forte. A torta tinha um gosto maravilhoso de limão e cobertura de merengue tostado. Ficou surpreso ao ver como se sentia calmo. Só de estar sentado junto ao balcão, só de ouvir.

— Se quer falar sobre um desperdício total de dinheiro — disse Dente de Ouro —, olhe essa monstruosidade idiota que estão construindo perto da via expressa.

— O quê? Quer dizer, na frente do bar, o negócio que vão queimar quando ficar pronto? — perguntou Arvin.

— Ah, mas aquilo é arte — lembrou Jasmine, maliciosa.

— Não vejo como aquilo é arte — disse Você. — A arte não tem de durar? — O cara vai ganhar milhões vendendo os desenhos daquilo — observou Curly. — Ele tem um monte de jogadas de merchandising.

— Alguém pode simplesmente dizer que é artista? — perguntou Dente de Ouro. — Não precisa passar num teste, ou algo assim?

— Ele diz que é um tipo especial de artista — informou Curly.

— Especial é o meu rabo — disse Arvin.

— Querido — contrapôs Jasmine —, sem querer ofender, mas seu traseiro gordo não me parece tão especial.

— O que o cara diz que é — informou Curly — é um artista performático.

— O que isso significa?

— Bom, acho que é um tipo de arte que não dura — explicou Curly. — Serve para fazer alguma coisa, e quando faz alguma coisa ela termina.

— O que vai existir nos museus daqui a cem anos? — perguntou Você.

— Espaço vazio?

— Não vai haver mais museus — disse Jasmine. — Os museus são para pessoas. Não vai haver pessoas. Só porcos humanizados.

Billy tinha ficado imóvel. Estava sentado com a xícara de café encostada nos lábios, a boca aberta, incapaz de tomar um gole.

— Querido, alguma coisa errada com o café? — perguntou Jasmine.

— Não. Não, está ótimo. Na verdade, vou querer outra xícara. Vocês têm xícara grande?

— Temos uma dose tripla em copo plástico. Chamamos de "Tiro e Queda".

— Me dá um desses.

Capítulo 68

Uma área recuada no restaurante servia como cybercafé.

Seis computadores ofereciam conexão com a rede mundial.

Havia um caminhoneiro diante de um deles, mexendo no teclado e no mouse, olhos fixos na tela. Talvez estivesse verificado as programações de transporte de sua empresa ou jogando na Internet. Ou navegando num site pornô.

O computador era aparafusado a uma mesa que oferecia espaço para pôr a comida. Um recorte na mesa abrigava o "Tiro e Queda" de

Billy. Não sabia o nome do site de Valis, por isso começou com sites sobre arte performática em geral e acabou chegando a www.valisvalisvalis. com.

O artista mantinha um site elaborado e convidativo. Billy assistiu a um vídeo colorido de uma ponte australiana à qual Valis tinha fixado vinte mil balões vermelhos. Ele os viu estourando todos ao mesmo tempo. Leu declarações do artista sobre projetos individuais. Eram exagerados e semicoerentes, cheios do estilo pouco musical da arte moderna.

Numa entrevista bombástica, Valis dizia que todo grande artista era um "pescador de homens", porque queria "tocar as almas, até mesmo capturar as almas" dos que viam sua obra.

Valis ajudava os aficionados a entenderem melhor a intenção de seus projetos dando três frases de "orientação espiritual" para cada obra. Cada frase continha três palavras. Billy leu várias.

Da carteira, tirou o papel em que estavam impressas as seis linhas contidas nos três documentos do disquete vermelho que havia encontrado nas mãos fechadas de Ralph Cottle.

Desdobrou-o e alisou sobre a mesa. A primeira linha: Porque eu também sou pescador de homens. A quinta linha: Minha derradeira matança: meia-noite de quinta-feira. A sexta linha: Seu suicídio: logo depois. A segunda, a terceira e a quarta linhas eram assustadoramente semelhantes à "orientação espiritual" que Valis oferecia para ajudar seus admiradores a alcançar uma apreciação mais completa de suas obras.

A primeira linha daquelas orientações sempre se referia ao estilo do projeto, da performance. Nesse caso, o estilo era Crueldade, violência, morte. A segunda linha resumia as técnicas pelas quais o artista pretendia executar a obra de arte.

Com Billy, as técnicas eram Movimento, velocidade, impacto.

A terceira linha descrevia o meio ou a mídia em que Valis pretendia criar. Nesta performance, o meio era Carne, sangue, osso.

Às vezes, os assassinos em série mais bem-sucedidos são nômades, gente sem raízes que cobre muito chão entre suas atividades homicidas. O monstro não via a matança como um jogo. Apenas em parte, ele a via como uma performance. Para ele, a essência era a arte.

Com os sites de arte performática na web, Billy ficara sabendo que esse artista da morte sempre fora esquivo às câmeras. Valis

afirmava acreditar que a arte deveria ser mais importante que o artista. Raramente fora fotografado. Essa filosofia lhe garantia celebridade e riqueza — e, ao mesmo tempo, um certo grau de anonimato.

O www.valisvalisvalis.com oferecia um retrato oficial. Não era uma foto, e sim um desenho realista e detalhado que o próprio artista fizera. Talvez intencionalmente, o retrato não era de todo fiel à aparência de Valis, mas Billy o reconheceu de imediato. Era o bebedor de Heineken que, na tarde de segunda-feira, tinha ficado numa diversão paciente enquanto Ned Pearsall o regalava com a história de Henry Eriddle sendo morto por um anão de jardim.

Você é um cara interessante, Billy Barman.

Já então o monstro sabia o sobrenome de Billy, mas tinha fingido não saber. Devia saber quase tudo sobre ele. Por motivos que somente Valis poderia entender, Billy Wiles fora identificado, pesquisado e escolhido para essa performance.

Agora, além dos outros links sob o retrato, Billy notou um intitulado OLÁ, BILLY. Apesar de não ter mais muita capacidade para surpresa, ficou olhando-o por um minuto.

Finalmente, arrastou o mouse e clicou. O retrato desapareceu, e na tela surgiram instruções: ÁREA RESTRITA — DIGITE A SENHA.

Billy tomou o café. Depois, digitou WILES e apertou o ENTER. Imediatamente, recebeu uma resposta: VOCÊ MERECE ISSO. Essas quatro palavras permaneceram diante dele por dez segundos, e então a tela ficou vazia. Só isso e nada mais. O retrato a lápis voltou. Os links sob ele não incluíam mais o OLÁ, BILLY.

Capítulo 69

Nenhuma luz clareava o enorme mural dimensional. As rodas, alavancas, engrenagens, eixos, hastes de conexão, tubos e estranhas armações se fundiam à escuridão. Atormentada, sitiada, a gigantesca figura humana estava amortalhada pelo escuro em sua luta silenciosa.

A tenda amarela e roxa se ocultava em feixes de sombras, mas uma convidativa luz âmbar brilhava nas janelas da grande motor home. Billy parou no acostamento da via expressa e estudou o veículo a distância. Os 16 artistas e artesãos que estavam construindo o mural

sob orientação de Valis não viviam ali. Tinham reserva de seis meses no Vineyard Hills Inn.

Mas Valis morara ali durante todo o tempo. A motor home tinha ligação elétrica e hidráulica. Seus tanques de esgoto eram esvaziados duas vezes por dia pelo Serviço Séptico Confiável do Glen. Glen Gortner tinha orgulho de sua fama por associação, mesmo achando que o mural era "uma coisa que eu deveria esvaziar também".

Sem saber se deveria parar ou simplesmente passar direto, Billy saiu com o Explorer do acostamento e desceu uma encosta suave até a campina. Girou para o lado mais distante da motor home. A porta do compartimento do motorista estava aberta. A luz descia sobre os degraus e seu feixe formava um capacho de boas-vindas no chão. Billy parou. Por um tempo, ficou sentado, sem desligar o carro, um pé no freio, o outro sobre o acelerador.

A maioria das janelas não estava coberta. Não dava para ver ninguém nos espaços mais além. Só as janelas perto dos fundos, onde provavelmente ficavam o banheiro, tinham cortinas. Havia luzes acesas ali também, filtradas por um material cor de ouro. Inevitavelmente, Billy concluiu que era esperado. Odiava a ideia de aceitar o convite. Queria ir embora. Não tinha aonde ir.

Restavam menos de vinte horas até a meia-noite, quando, como fora previsto, aconteceria a "derradeira matança".

Barbara ainda corria risco. Por causa das provas que Valis podia ter plantado, além das que estiveram nos cadáveres, Billy continuava como suspeito potencial dos desaparecimentos que logo seriam conhecidos da polícia: Lanny, Ralph Cottle e a jovem ruiva. Em algum lugar de sua casa ou da garagem, ou enterrada em seu pátio, estava a mão de Giselle Winslow. Sem dúvida, outros suvenires também.

Puxou o freio de mão do Explorer, apagou os faróis, mas não desligou o motor. Perto da tenda escura, havia um Lincoln Navigator. Evidentemente, era o que Valis usava para circular pela região.

Você merece isso.

Billy calçou um novo par de luvas de borracha. Alguma rigidez, mas nenhuma dor, incomodava sua mão esquerda.

Queria não ter tomado um Vicodin na casa de Lanny.

Diferentemente da maioria dos analgésicos, Vicodin deixava a mente clara, mas ele temia a hipótese de que, se as percepções e os

reflexos estivessem embotados pelo menos meio por cento, essa perda pudesse significar sua morte. Talvez os comprimidos de cafeína e o café compensassem. E a torta de limão.

Desligou o motor. No primeiro instante em seguida, a noite pareceu tão silenciosa quanto qualquer casa de surdos.

Em consideração à imprevisibilidade do adversário, preparou- se para alguma ação, mortal ou não. Quanto à escolha de uma arma mortal, preferiu o revólver 38 por causa da familiaridade.

Já tinha matado com ele antes. Saiu do Explorer.

Canções de grilos e o coaxar dos sapos soaram para afastar o silêncio. Enfeites na tenda sussurravam ao menor sopro de uma brisa. Billy foi até a porta aberta da motor home. Parou à luz, mas hesitou em subir os degraus. De dentro, com todas as arestas suavizadas pelos ótimos alto-falantes do sistema de som da motor home, uma voz disse: — Barbara poderia ter permissão para viver.

Billy subiu os degraus. A cabine tinha duas elegantes poltronas giratórias para o piloto e o copiloto. Eram estofadas com o que parecia ser pele de avestruz. Operada por controle remoto, a porta se fechou atrás de Billy. Ele presumiu que também estivesse trancada. Nesse veículo altamente personalizado, uma parede separava a cabine da área de moradia. Outra porta aberta o esperava.

Billy entrou numa cozinha ofuscante. Tudo em tons de creme e mel. Piso de mármore, armários de madeira de bordo mosqueada, com os contornos sinuosos de gabinetes de navio.

As exceções eram as bancadas de granito preto e os equipamentos de aço inoxidável. Dos alto-falantes no teto, a voz macia e instigante de Valis fez uma proposta: — Eu posso preparar um café da manhã, se você quiser.

O piso de mármore continuava até uma área de jantar embutida, onde poderiam sentar-se confortavelmente seis pessoas, oito apertando. O tampo da mesa de mármore tinha sido engastado com ébano, cornalina e madeira de azevinho branca como osso, num motivo de fitas entrelaçadas — um trabalho espetacular e caro.

Através de um arco em outra parede, Billy entrou numa grande sala de estar. Nenhum tecido custava menos de quinhentos dólares o metro quadrado, e o tapete valia o dobro disso. A mobília feita sob encomenda era contemporânea, mas os numerosos objetos de bronze

japoneses eram exemplos inestimáveis do melhor trabalho do período Meiji.

Segundo alguns frequentadores do bar, que tinham lido sobre essa motor home na Internet, ela havia custado mais de um milhão e meio de dólares. Sem incluir os bronzes. Às vezes, veículos como este eram chamados de "iates terrestres".

A expressão não era uma hipérbole. Sem dúvida, a porta fechada na extremidade mais distante da sala de estar levava a um quarto e a um banheiro. Devia estar trancada. Valis devia estar naquele reduto final. Ouvindo, olhando e bem armado.

Billy girou na direção de um ruído fraco vindo de trás. Na lateral da sala, a parede da área de jantar tinha um lindo acabamento com painéis corrediços feitos de bambus finos.

Esses painéis rolaram para cima até desaparecer, revelando mostruários secretos. E agora painéis de aço inoxidável escovado desceram para cobrir todas as janelas, mas com um súbito estalo pneumático que deu um susto em Billy.

Billy não achou que aqueles painéis fossem apenas decorativos. Passar por eles e sair por uma janela seria difícil, se é que não impossível. Durante a fase de projeto e instalação, provavelmente tinham sido chamados de instrumentos de "segurança".

Enquanto os painéis de bambu continuavam a revelar mais mostruários, a voz de Valis chegou de novo pelos alto-falantes: — Você pode ver minha coleção, que poucos viram.

Diferentemente dos outros, terá a chance de sair daqui vivo depois de vê-la. Aproveite.

Capítulo 70

O interior almofadado dos armários atrás dos painéis corrediços era forrado de seda preta. Vidros transparentes, de dois tamanhos, abrigavam a coleção. A base de cada vidro se aninhava num nicho próprio. Uma trava de esmaltado preto segurava a tampa, fixando-a à parte de baixo da prateleira superior. Aqueles vidros não se mexeriam quando a motor home estivesse em movimento. Nem mesmo tilintariam.

Cada vidro era iluminado por baixo através de filamentos de fibra ótica, de modo que o conteúdo luzia contra o fundo de seda preta. Enquanto a luz das lâmpadas na sala diminuía para aumentar o efeito da exposição, Billy pensou em aquários. Cada um daqueles pequenos mundos de vidro tinha não um peixe, mas a lembrança de um assassinato. Em líquido conservante, flutuavam rostos e mãos. Cada rosto era fantasmagórico, pareciam pálidos louva-a-deus nadando perpetuamente, com feições praticamente impossíveis de ser diferenciadas umas das outras. Cada uma das mãos eram diferentes, diziam mais sobre cada vítima do que os rostos e eram menos medonhas do que Billy teria presumido, etéreas e estranhas.

— Não são lindos? — disse Valis, parecendo um pouco o HAL 9000 em 2001: Uma odisseia no espaço.

— São tristes — respondeu Billy.

— Que palavra estranha para escolher! Eles me deliciam.

— Eles me enchem de desespero.

— Desespero é bom. O desespero pode ser o ponto mais baixo de uma vida e o ponto inicial de ascensão para outra melhor.

Billy não deu as costas para a coleção com medo ou repulsa. Presumiu que estivesse sendo observado por câmeras de controle remoto. Sua reação parecia importante para Valis.

Além disso, por mais que pudesse inspirar desespero, aquela exposição tinha uma elegância medonha e exercia um certo fascínio.

O colecionador não fora grosseiro a ponto de incluir órgãos genitais ou seios. Billy suspeitou que Valis não matava por qualquer tipo de gratificação sexual, não estuprava suas vítimas mulheres, talvez porque fazer isso seria reconhecer pelo menos aquele único aspecto de humanidade compartilhada. Aparentemente, ele queria pensar em si

mesmo como uma criatura à parte. Tampouco o artista deformava sua coleção com o espalhafatoso ou o grotesco.

Não havia olhos nem órgãos internos. Rostos e mãos, rostos e mãos.

Olhando os vidros iluminados, Billy pensou em mímicos vestidos todos de preto com rostos pintados de branco e luvas brancas. Ainda que perversa, aqui atuava uma mente artística.

— Um sentido de equilíbrio — disse Billy, descrevendo a exposição vivida. — Uma harmonia de linhas, uma sensibilidade à forma. Talvez mais importante, uma contenção que é casta, mas não fastidiosa. Valis ficou quieto.

Curiosamente, parado cara a cara com a Morte e não deixando o medo assumir o controle, Billy finalmente não estava fugindo da vida de nenhuma forma, e sim abraçando-a.

— Li o seu livro de contos — disse Valis.

— Ao criticar sua obra, eu não estava convidando-o a criticar a minha.

Um riso curto e surpreso escapou de Valis, um riso caloroso, traduzido pelos alto-falantes.

— Na verdade, achei sua ficção fascinante e forte. — Billy não respondeu. — São histórias de alguém que procura — disse Valis. — Você conhece a verdade da vida, mas circula ao redor desse fruto, circula e circula, relutante em admiti-lo, em prová-lo.

Dando as costas para a coleção, Billy foi até os bronzes Meiji mais próximos, um par de peixes sinuosos, simples mas exoticamente detalhados, com acabamento meticuloso para imitar o tom e a textura de metal enferrujado.

— Poder — disse Billy. — O poder faz parte da verdade da vida.

Atrás da porta trancada, Valis esperou.

— E o vazio — continuou Billy. — O vácuo. O abismo.

Foi até outro bronze: um sábio de manto e um cervo sentados lado a lado, o sábio barbudo e sorridente, o manto bordado com incrustações de ouro.

— A escolha é o caos ou o controle — disse Billy. — Com o poder, podemos criar. Com poder e intenção pura, criamos arte. E a arte é a única resposta ao caos e ao vácuo. Depois de um silêncio, Valis disse: — Só uma coisa prende você ao passado. Eu posso libertá- lo dele.

— Com mais um assassinato? — Não. Ela pode viver e você pode passar para uma nova vida... quando souber.

— E o que você sabe que eu não sei? — Barbara vive em Dickens — disse Valis.

Billy ouviu uma inspiração forte e brusca, era a sua própria, uma expressão de surpresa e reconhecimento.

— Enquanto estava na sua casa, Billy, examinei os cadernos que você encheu com as coisas que ela disse durante o coma.

— Foi? — Certas expressões, certas construções ressoaram dentro de mim. Nas prateleiras de sua sala estava a coleção completa de Dickens, que pertencia a ela.

— É — concordou Billy.

— Ela era louca por Dickens.

— Tinha lido todos os romances, várias vezes.

— Mas você, não.

— Dois ou três. Dickens nunca se deu bem comigo.

— É cheio de vida demais, suspeito — disse Valis. — Cheio demais de fé e exuberância para você.

— Talvez.

— Ela conhece essas histórias tão bem que está vivendo-as nos sonhos. As palavras que ela fala no coma surgem sequencialmente em certos capítulos.

— Sra. Joe — disse Billy, lembrando-se da mais recente visita a Barbara. — Esse eu li. A mulher de Joe Argery, irmã de Pip, a megera encrenqueira. Pip a chama de "Sra. Joe." — Grandes esperanças — confirmou Valis. — Barbara vive todos os livros, mas com maior frequência as aventuras mais leves, raramente os horrores de Um conto de duas cidades.

— Eu não percebi...

— É mais provável que ela sonhe com Um conto de Natal do que com os momentos mais sangrentos da Revolução Francesa — garantiu Valis.

— Eu não percebi, mas você sim.

— De qualquer modo, ela não conhece dor ou medo porque cada aventura é uma estrada conhecida, um prazer e um conforto.

Billy andou pela sala, passando por outro bronze.

— Barbara não precisa de nada que você possa dar — disse Valis — e de nada mais do que ela tem. Ela vive em Dickens e não conhece o medo.

Intuindo o necessário para levar o artista adiante, Billy pôs o revólver sobre um antigo altar xintoísta à esquerda da porta do quarto. Depois, voltou até o meio da sala e se sentou numa poltrona.

Capítulo 71

Mais bonito do que no autorretrato a lápis que podia ser visto em seu web site, Valis surgiu. Sorridente, pegou o revólver no altar e o examinou. Ao lado da poltrona em que Billy estava sentado, numa mesinha, estava outro bronze japonês do período Meiji: um cão gorducho e sorridente segurando uma tartaruga numa coleira.

Valis se aproximou com o revólver. Não diferentemente de Ivy Elgin, caminhava com graça de dançarino, como se a gravidade não pudesse de fato forçar as solas de seus sapatos contra o piso. O cabelo denso e preto-fuligem era salpicado de cinza nas têmporas. O sorriso era envolvente demais. Os olhos cinzentos eram luminosos, translúcidos e diretos. Tinha a presença de um astro de cinema. A autoconfiança de um rei. A serenidade de um monge. Parado diante da poltrona, apontou o revólver para o rosto de Billy.

— Esta é a arma.

— É — respondeu Billy.

— Você atirou em seu pai com ela.

— É.

— Como foi a sensação? Olhando para o cano, Billy disse: — Aterrorizante.

— E sua mãe, Billy?

— Certo.

— Pareceu certo matá-la?

— Naquele momento, naquele instante.

— E depois? — Não tive certeza.

— O errado é certo. O certo é errado. Tudo não passa de uma questão de perspectiva, Billy.

Billy ficou quieto.

Para chegares ao que não és. Deves cruzar pelo caminho em que não és.

Espiando-o ao longo do cano da arma, Valis disse: — Quem você odeia, Billy?

— Acho que ninguém.

— Isso é bom. É saudável. Ódio e amor exaurem a mente, inibem o pensamento claro.

— Gosto muito desses bronzes.

— Não são maravilhosos? Você pode desfrutar a forma, a textura, a imensa habilidade do artista, e no entanto não dar a mínima para a filosofia que há por trás deles.

— Em especial o peixe — disse Billy.

— Por que o peixe, em particular?

— A ilusão de movimento. A aparência de velocidade. Eles parecem livres demais.

— Você leva uma vida lenta, Billy. Talvez esteja preparado para um pouco de movimento. Está pronto para a velocidade?

— Não sei.

— Acho que está.

— Estou pronto para alguma coisa.

— Você veio aqui esperando violência.

Billy ergueu as mãos dos braços da poltrona e olhou para as luvas de látex. Tirou-as.

— Isto parece estranho para você, Billy?

— Totalmente.

— Consegue imaginar o que pode acontecer em seguida?

— Não com clareza.

— Você se importa, Billy?

— Não tanto quanto imaginei que me importaria.

Valis deu um tiro. A bala furou o encosto largo da poltrona, a cinco centímetros do ombro de Billy.

Inconscientemente, ele devia saber que o tiro viria. Viu com o olho da mente o corvo na janela, o corvo imóvel, silencioso e alerta. Então veio o estrondo, e ele não fugiu nem se encolheu, apenas ficou sentado numa indiferença zen.

Valis baixou a arma. Sentou-se numa poltrona diante de Billy. Billy fechou os olhos e recostou a cabeça.

— Eu poderia ter matado você de duas maneiras, sem sair do quarto.

Certamente era verdade. Billy não perguntou como. — Você deve estar muito cansado — disse Valis.

— Muito.

— Como está a mão?

— Tudo bem. Vicodin.

— E a testa?

— Ótima.

Billy se perguntou se seus olhos estariam se movendo por baixo das pálpebras, como acontecia com Barbara às vezes, nos sonhos. Pareciam imóveis.

— Eu tinha um terceiro ferimento planejado para você — disse Valis.

— Ele pode esperar até a semana que vem? — Você é um cara divertido, Billy.

— Não me sinto tão divertido.

— Sente-se aliviado?

— Hummmmm...

— Está surpreso com isso?

— Estou. — Billy abriu os olhos. — Você está surpreso?

— Não — disse o artista. — Eu vi potencial em você.

— Quando?

— Nos seus contos. Antes mesmo de conhecê-lo. — Valis pôs o revólver numa mesa ao lado da poltrona. — Seu potencial tão explícito na página... Enquanto eu pesquisava sua vida, o potencial tornou-se mais claro.

— Por ter atirado nos meus pais.

— Não tanto por isso. Pela perda de confiança.

— Sei.

— Sem confiança, não pode haver descanso e tranquilidade da mente.

— Sem descanso — disse Billy — não há paz verdadeira.

— Sem descanso, não se pode acreditar. Não se pode acreditar na gentileza. Ou na integridade. Em nada.

— Você sabe mais sobre mim do que eu.

— Bem, eu sou mais velho. E mais experiente.

— Muito mais experiente. Há quanto tempo planejou essa performance? Não foi depois da segunda-feira no bar.

— Semanas e semanas. A grande arte exige preparação.

— Você aceitou a encomenda do mural porque eu estava aqui ou a encomenda veio primeiro?

— Tudo junto. Foi um acaso feliz. Frequentemente, as coisas são assim.

— Incrível. E aqui estamos nós.

— É, aqui estamos nós.

— "Movimento, velocidade, impacto" — disse Billy, citando o resumo de Valis para o estilo de sua produção.

— À luz de como a performance está acontecendo, acho que eu mudaria para "Movimento, velocidade, liberdade".

— Como o peixe.

— É. Como o peixe. Quer liberdade, Billy?

— Quero.

— Eu sou totalmente livre.

— Há quanto tempo você...?

— Trinta e dois anos. Desde que tinha 16. Os primeiros foram embaraçosos. Coisas grosseiras. Sem controle. Sem técnica. Sem estilo.

— Mas agora...

— Agora me tornei o que sou. Você sabe o meu nome?

Billy encarou aqueles olhos cinzentos e brilhantes.

— Sim — respondeu Valis por ele. — Vejo que sabe. Você sabe o meu nome.

Um pensamento ocorreu a Billy, e ele se inclinou levemente na poltrona, curioso.

— Outros em sua equipe de projetos são...

— São o quê?

— São... êxitos anteriores seus?

Valis sorriu.

— Ah, não. Nenhum deles jamais viu minha coleção. Homens como você e eu... são raros, Billy.

— Acho que sim.

— Você provavelmente está cheio de perguntas sobre tudo isso.

— Talvez quando eu dormir um pouco.

— Fui há pouco à casa do policial Olsen. Você a deixou limpa como uma sala de cirurgia.

Billy fez uma careta.

— Você não plantou mais alguma coisa lá, plantou?

— Não, não. Sabia que estávamos chegando perto deste momento, não precisava mais atormentá-lo. Só andei pela casa, admirando como sua mente funcionou, como você foi meticuloso.

Billy bocejou.

— Provas circunstanciais. Tenho um certo medo delas.

— Você deve estar muito cansado.

— Um caco.

— Só tenho um quarto, mas você pode dormir num sofá.

Billy balançou a cabeça.

— Isso me espanta.

— O fato de eu ser hospitaleiro?

— Não. Eu estar aqui.

— A arte transforma, Billy.

— Vou me sentir diferente quando acordar?

— Não. Você fez sua escolha.

— Aquelas escolhas foram incríveis.

— Elas lhe deram a oportunidade de entender seu potencial.

— Esses sofás estão tão limpos, e eu estou uma sujeira só.

— Você está ótimo, Billy. Eles têm impermeabilizante.

Enquanto se levantavam ao mesmo tempo das poltronas, Billy tirou o spray de pimenta de baixo da camiseta.

Aparentemente surpreso, Valis tentou virar o rosto. Estavam a apenas três metros de distância, e Billy o borrifou nos olhos dele. Cego, Valis tentou pegar o revólver na mesa, mas o derrubou no chão. Billy se abaixou e passou por ele, pegou a arma e Valis tateou o ar, tentando encontrá-lo. Vindo por trás do monstro, Billy acertou sua nuca com o cabo do revólver, depois o acertou de novo. Sem nada de sua graça usual, Valis caiu de cara no chão. Billy se ajoelhou para se certificar de que o monstro estava apagado. Estava.

Valis usava a camisa enfiada na calça. Billy soltou-a e puxou-a sobre a cabeça do sujeito, formando um capuz apertado ao amarrar as pontas. Seu objetivo não era vendar Valis, e sim criar uma bandagem

para o caso de o couro cabeludo começar a sangrar onde fora acertado pela arma.

Billy queria evitar manchas de sangue no tapete.

Capítulo 72

Billy esticou as mãos dentro das luvas de borracha.

Começou a trabalhar. O quarto era ainda mais suntuoso do que o resto da motor home. O banheiro luzia e brilhava, um porta-joias feito de mármore, espelhos bisotados e detalhes folheados a ouro.

Engastada na parte inclinada de uma escrivaninha com tampo de bordo cheio de veios ondulados, uma tela sensível ao toque controlava os sistemas eletrônicos, desde a música até a segurança. Aparentemente, os controles tinham de ser acessados através de um código. Felizmente, Valis deixara o sistema ligado depois de usá-lo para abrir os painéis corrediços e baixar as chapas de aço das janelas. Todos os controles tinham rótulos "à prova de idiota". Billy destrancou a porta da frente. Na sala de estar, Valis ainda estava frouxo e inconsciente, a cabeça coberta pelo capuz.

Billy arrastou Valis para fora da sala, passando pela área de jantar e a cozinha, chegando à cabine. Arrastou-o escada abaixo e saiu da motor home. Não restava mais de uma hora de escuridão. Agora, a fina foice da lua ceifava estrelas para além do horizonte oeste. Tinha parado o Explorer entre a tenda e a motor home, fora das vistas da estrada. Não passava nenhum veículo. Arrastou Valis até o carro. Ninguém morava perto. O bar do outro lado da estrada ficaria deserto pelas próximas horas.

Quando Valis disparou o tiro na poltrona, não havia ninguém para escutar. Billy abriu o compartimento traseiro.

Desdobrou uma das colchas de retalhos com que tinha disfarçado o corpo de Ralph Cottle enrolado em plástico.

Esticou-a no piso da área de carga. No chão, Valis se remexeu.

Começou a gemer. De repente, Billy se sentiu fraco, menos com fadiga física do que com uma exaustão da mente e do coração.

O mundo gira e o mundo se transmuda, Mas há uma coisa que jamais se transfigura.

Em todos os meus anos algo existe que não muda.

Todavia a ocultais, esta coisa que perdura: A eterna luta entre o Bem e o Mal.

Com outra colcha, Billy se ajoelhou junto ao artista renomado. Enfiando o revólver nas dobras feitas de retalhos, usando-as para abafar o som, gastou as últimas cinco balas no peito do monstro. Não ousou esperar para ver se desta vez a arma tinha sido ouvida. Imediatamente, desdobrou o cobertor fumegante no chão e enrolou o morto nele. Colocar o cadáver no Explorer se mostrou mais difícil do que Billy esperava. Valis era mais pesado do que o magricelo Ralph Cottle.

Se alguém estivesse filmando Billy, teria na câmera uma cena clássica de comédia macabra. Era um daqueles momentos em que ele se perguntava sobre Deus; não duvidava de Sua existência, apenas se perguntava sobre Ele.

Com Valis embrulhado e posto no carro, Billy bateu a porta traseira e voltou à motor home.

A bala disparada por Valis tinha atravessado a poltrona e saído pelas costas. Ao ricochetear, havia danificado o forro da parede. Billy tentou encontrá-la a partir dali. Como seu pai e sua mãe tinham sido mortos com o 38, existiam perfis forenses do revólver. Ele sabia que não era grande a probabilidade de compararem as marcas, mas não pretendia se arriscar.

Em alguns minutos, encontrou a bala sob uma mesinha de centro. Guardou-a no bolso. A polícia reconheceria o buraco na poltrona como dano causado por arma de fogo. Saberia que uma arma fora disparada; e nada poderia ser feito a respeito. Mas não saberia se fora disparada contra Valis ou por ele. Sem sangue, os policiais não poderiam deduzir contra quem a violência fora cometida, se é que fora.

Fazendo um círculo vagaroso, levando a mente de volta ao momento, Billy tentou se lembrar se, durante o curto tempo em que estivera sem luvas, tinha tocado qualquer superfície que pudesse reter digitais. Não. O local estava limpo. Deixou as chapas de aço fechadas. Deixou os painéis corrediços de bambu abertos para expor a coleção de rostos e mãos. Não fechou a porta quando saiu da motor home. Aberta, ela convidava. Com uma surpresa para a glamourosa equipe de artistas e artesãos.

Nenhum veículo apareceu na estrada durante o tempo em que ele se afastou da motor home em seu carro, seguiu pela campina e chegou

ao asfalto. Qualquer marca que os pneus tivessem deixado na poeira, se tivessem deixado, seria apagada quando a equipe chegasse, dali a algumas horas.

Capítulo 73

De volta ao tubo de lava, desta vez por um caminho diferente para não amassar os mesmos arbustos de antes.

Enquanto Billy removia a tampa de sequóia, o ferimento estreito e serrilhado de uma alvorada apropriadamente sangrenta se abriu ao longo dos contornos das montanhas no leste. Uma oração não parecia adequada.

Como se a gravidade em relação a ele fosse maior do que para os outros três cadáveres, Valis pareceu cair mais depressa no poço faminto do que os mortos que o haviam precedido.

Quando os sons da queda do corpo se transformaram em silêncio, Billy disse: — Mais velho e mais experiente é o cacete! — Depois se lembrou de jogar a carteira de Lanny no buraco e recolocou a tampa.

Enquanto a noite resistia inutilmente à luz púrpura, Billy parou o Explorer no quintal atrás da garagem de Lanny.

Entrou na casa. Era quinta-feira, apenas o segundo dos dois dias de folga do policial. Ninguém iria se preocupar com ele nem viria procurá-lo até algum momento da sexta-feira.

Mesmo que Valis tivesse negado que deixara qualquer prova adicional depois da visita anterior de Billy, este decidiu revistar a casa mais uma vez. Em algumas pessoas, não dá para confiar.

Começou pelo andar de cima, movendo-se com vagarosidade devido à fadiga extrema, e quando voltou à cozinha não tinha encontrado qualquer coisa incriminatória.

Com sede, pegou um copo num armário e bebeu água fria da torneira. Ainda usando luvas, não se preocupou com a hipótese de deixar digitais. Tendo aplacado a sede, lavou o copo, enxugou-o com um pano de prato e o recolocou no armário de onde o havia tirado.

Alguma coisa estava errada. Suspeitava que tivesse deixado passar um detalhe que teria o poder de acabar com ele.

Entorpecido pela exaustão, seu olhar tinha passado por alguma prova condenatória sem reconhecer sua importância.

De novo na sala de estar, circundou o sofá em que Valis tinha posto o cadáver de Ralph Cottle. Nenhuma mancha no móvel nem no tapete ao redor. Tirou as almofadas para ver se alguma coisa dos bolsos de Cottle teria caído entre elas. Como não encontrou nada, recolocou-as no lugar. Ainda assolado por uma sensação inquietante de que havia deixado passar alguma coisa, parou para pensar. Como estava imundo, não se arriscou a sujar uma poltrona, e com um suspiro de cansaço sentou-se de pernas cruzadas no chão.

Tinha acabado de matar um homem, ou algo parecido com um homem, mas ainda conseguia estar preocupado com o estofamento da sala. Continuava sendo um menino educado.

Um pequeno selvagem cheio de consideração. A contradição lhe pareceu engraçada, e ele riu alto. Quanto mais ria, mais engraçada parecia ser sua preocupação com os estofados, e então estava rindo de seu próprio riso, divertido com a leviandade inadequada. Sabia que era um riso perigoso, que poderia desenrolar o nó de equilíbrio cuidadosamente atado.

Esticou-se no tapete, de costas, e respirou em haustos longos e profundos para se acalmar.

O riso passou, ele respirou menos profundamente, e de algum modo se permitiu cair no sono.

Capítulo 74

Acordou desorientado. Por um momento, piscando para as pernas das poltronas e sofás ao redor, pensou que tinha caído no sono num saguão de hotel, e se maravilhou com a consideração da gerência em deixá-lo dormir sem ser perturbado. A memória o cutucou, acordando-o totalmente.

Levantando-se, segurou o braço do sofá com a mão esquerda. Foi um erro. O ferimento do prego estava inflamado. Billy gritou e quase caiu, mas conseguiu evitar a queda. O dia do outro lado das cortinas parecia ter um brilho feroz e bem avançado. Quando consultou o relógio de pulso, viu que eram 17h02. Tinha dormido quase dez horas. O pânico explodiu e seu coração bateu como se tivesse asas frenéticas. Pensou

que a ausência sem explicação devia tê-lo tornado o principal suspeito do desaparecimento de Valis.

Então, lembrou-se de que tinha tirado folga pelo segundo dia.

Ninguém esperava que ele estivesse em lugar algum. E ninguém sabia que ele tinha qualquer ligação com o artista morto.

Se a polícia estivesse ansiosa por encontrar alguém, estaria procurando o próprio Valis, para fazer perguntas objetivas sobre o conteúdo dos vidros em sua sala. Na cozinha, Billy pegou um copo no armário. Encheu-o com água da torneira.

Nos bolsos dos jeans, achou dois Anacins e os tomou com um gole comprido. Também engoliu um comprimido de Cipro e um Vicodin. Por um momento, sentiu-se enjoado, mas a sensação passou. Talvez todos aqueles medicamentos interagissem de modo letal e o fizessem cair morto entre um degrau e outro, mas pelo menos não ia vomitar.

Não estava mais perturbado com a sensação de que poderia ter deixado alguma prova incriminatória nesta casa.

Esse medo fora sintoma de exaustão. Descansado, revendo as precauções, soube que não tinha deixado passar nada. Depois de trancar a casa, recolocou a chave extra no buraco do toco de árvore.

Com a vantagem da luz do dia, abriu a porta do compartimento de carga do Explorer e verificou o espaço em busca de sangue de Valis. Nada havia passado pelos cobertores, e eles tinham ido para o tubo de lava com o cadáver. Afastou-se da casa de Olsen com alívio, um otimismo cauteloso, um sentimento crescente de triunfo.

O local do projeto de Valis parecia uma revenda de veículos que só negociava carros de polícia. Um monte de uniformes rodeava a motor home, a tenda, o mural. O xerife John Palmer seria um deles, porque também havia furgões de TV parados lado a lado, no acostamento da estrada. Billy percebeu que ainda estava usando luvas de borracha. Certo.

Sem problema. Ninguém poderia ver e ficar pensando no motivo. Não havia nenhuma vaga disponível no estacionamento do bar. A notícia sobre Valis e sua coleção macabra traria todos os frequentadores comuns e novos fregueses, com algo mais para falar além de porcos com cérebro humano. Bom para Jackie.

Quando a casa de Billy surgiu, a visão o acalentou. Lar.

Com o artista morto, as fechaduras não precisariam ser trocadas. A segurança era sua de novo, e a privacidade. Na garagem, limpou o Explorer, ensacou o lixo, guardou a parafusadeira elétrica e as outras ferramentas. Em algum lugar nesta propriedade, havia suvenires incriminatórios, uma última limpeza a ser feita.

Quando passou pela soleira da cozinha, permitiu que o instinto o guiasse. Valis não teria trazido a mão de Giselle Winslow para cá num vidro cheio de formol. Um frasco assim seria incômodo e frágil demais para permitir um trabalho rápido e furtivo. Seu instinto sugeria uma solução mais simples.

Foi à geladeira e abriu a gaveta do congelador, embaixo.

Entre as embalagens de sorvete e pacotes de sobras de comida havia dois objetos embrulhados em filme PVC, que ele não reconheceu. Abriu-os no chão. Duas mãos, cada qual de uma mulher diferente. Uma provavelmente pertencera à ruiva. Valis tinha usado um novo tipo de filme PVC que não grudava. O fabricante ficaria satisfeito em saber que funcionava perfeitamente.

Billy não conseguiu parar de tremer enquanto embrulhava de novo as mãos. Por um tempo, havia pensado que ficara imune ao horror. Não era verdade. Antes que o dia terminasse, ele teria de jogar fora todo o conteúdo do congelador.

Nenhuma contaminação poderia ter acontecido, mas a idéia de contaminação o enjoava. Talvez tivesse de jogar fora a própria geladeira. Queria aquelas mãos fora de casa. Não esperava que a polícia batesse à porta com um mandado de busca, mas queria as mãos longe, de qualquer modo. Enterrá- las em algum lugar da propriedade parecia má idéia. No mínimo, teria sonhos com elas se arrastando para fora das pequenas sepulturas e esgueirando-se até a casa, à noite.

Até decidir o que faria, colocou as mãos congeladas num pequeno isopor de piquenique. Pensou em tirar da carteira a foto dobrada de Ralph Cottle na juventude, a carteira de sócio de Cottle na Sociedade Americana dos Céticos e a foto a ruiva.

Tinha guardado essas coisas com a vaga idéia de virar o jogo para cima do monstro e plantar provas nele. Jogou tudo no isopor junto com as mãos. Estava com o celular de Lanny, que hesitou em colocar no isopor. Como se as mãos fossem se despir da mortalha de filme PVC e ligar para o 911. Pôs o celular na mesa da cozinha. Para tirar as mãos

da casa, levou o isopor até a garagem e o colocou no Explorer, no assoalho diante do banco do carona. Saiu e trancou a garagem.

A tarde quente havia se desvanecido. Seis e trinta e seis. Lá no alto, um falcão fazia a última caçada do dia. Billy ficou olhando o pássaro descrever um círculo cada vez mais amplo.

Então entrou, ansioso para tomar um banho longo e o mais quente que pudesse tolerar. O negócio com as mãos das mulheres tinha acabado com o seu apetite. Não achava que iria se sentir confortável comendo em casa. Talvez retornasse à parada de caminhoneiros para jantar. Sentia-se como se devesse à garçonete, Jasmine, uma gorjeta ainda maior do que a que havia deixado anteriormente.

No corredor, indo para o banheiro, viu uma luz em seu escritório. Quando olhou pela porta, encontrou as cortinas fechadas, como havia deixado. Não se lembrava de ter deixado a luminária acesa, mas tinha saído depressa, ansioso para se livrar de Cottle. Sem rodear a mesa, desligou a lâmpada. Ainda que Cottle não estivesse mais sentado no vaso sanitário, Billy podia se lembrar dele muito facilmente ali. Mas este era seu único banheiro, e seu desejo de tomar um banho de chuveiro era maior do que seus escrúpulos.

A água quente gradualmente dissolveu a dor dos músculos.

O sabonete tinha um cheiro magnífico. Por duas vezes, sentiu claustrofobia atrás da cortina do chuveiro e teve a impressão de que estava no papel de Janet Leigh numa versão de Psicose com o sexo trocado. Felizmente, conseguiu não se envergonhar abrindo a cortina de forma violenta. Concluiu o banho sem ser esfaqueado. Imaginou quanto tempo iria se passar antes que superasse o nervosismo. Provavelmente, o resto da vida.

Depois de se enxugar e se vestir, pôs um curativo novo nos ferimentos de anzóis na testa. Foi à cozinha, abriu uma cerveja Elephant e a usou para engolir dois comprimidos de Motrin. A inflamação na mão esquerda o preocupava um pouco. À mesa com a cerveja e alguns itens de primeiros socorros, tentou enfiar iodo no ferimento do prego, depois aplicou mais curativo líquido. Do outro lado das janelas, o crepúsculo se aproximava. Pretendia ir ao Whispering Pines e ficar algumas horas lá. Tinha planejado passar a noite numa vigília de orações, mas apesar das dez horas de sono, não achava que seria capaz de ficar tanto tempo. Com Valis morto, a meia- noite não tinha significado.

Depois de cuidar do ferimento do prego, sentado à mesa terminando a cerveja, sua atenção pousou no microondas. O vídeo de segurança. Durante todo esse tempo, estivera gravando a si mesmo à mesa. Depois, percebeu que havia se filmado tirando as mãos do congelador. A câmera tinha lente grande angular, mas ele não acreditava que ela tivesse capturado seu trabalho macabro suficientemente bem para servir como prova. Mesmo assim...

Pegou a escada na despensa. Subiu nela e abriu o armário acima do microondas. Usando o botão de rebobinar, examinou a pequena tela, vendo-se andar de trás para a frente pela cozinha. O ângulo não havia revelado as mãos decepadas.

De repente, imaginando se Valis teria visitado a casa, por alguma razão, entre a hora em que ele havia saído no dia anterior e o encontro dos dois na motor home antes do alvorecer, Billy continuou analisando as imagens para além de sua entrada pouco depois das seis horas.

Não precisou ir até o dia anterior. Às 15h07 deste mesmo dia, enquanto Billy ainda estava dormindo na casa de Olsen, um homem andou de costas vindo da sala de estar, atravessou a cozinha até a porta e saiu da casa. O intruso não era Valis, claro, porque Valis estava morto.

Capítulo 75

Billy não conseguia se lembrar do número. Usando o celular de Lanny, ligou para o auxílio à lista em Denver, e eles o puseram em contato com o detetive Ramsey Ozgard. Ficou andando de um lado para o outro enquanto o telefone tocava à sombra das Montanhas Rochosas.

Talvez Valis tivesse se mostrado confiante na conversão de Billy porque anteriormente havia dobrado alguém, em vez de destruí-lo. Nenhum dos membros da equipe era como ele, mas isso não significava que o artista fosse um caçador solitário.

Ramsey Ozgard atendeu ao quinto toque e Billy se identificou como Lanny Olsen, e Ozgard disse: — Estou ouvindo sangue em sua voz, policial. Diga que pegou seu homem.

— Acho que pegaremos logo. Tenho uma situação urgente aqui. Preciso saber: no ano em que Judith Kesselman desapareceu havia um professor na universidade chamado Valis?

— Não era professor. Foi artista residente durante seis meses. No fim desse tempo, fez uma coisa ridícula chamada arte performática, embrulhou dois prédios do campus em mil metros de seda azul e pendurou neles...

Billy interrompeu: — Steve Zillis tinha um álibi perfeito.

— Completamente — garantiu Ozgard. — Posso contar tudo, se você tiver dez minutos.

— Não tenho. Mas diga, o senhor se lembra, na universidade, qual era o curso de Zillis?

— Arte.

— Filho-da-puta.

Não era de espantar que Zillis não quisesse falar sobre os manequins. Eles não eram simplesmente expressões doentias de um assassino sociopata — eram sua arte.

Nesse ponto, Billy ainda não tinha descoberto as palavras- chave que revelariam a identidade do monstro — arte performática. Tinha apenas performance e, instintivamente, Zillis não queria lhe dar o resto, não quando estava bancando tão bem um pervertido inofensivo apanhado com a mão na massa.

— O filho-da-puta merece um Oscar — disse Billy. — Deixei a casa dele me sentindo o pior merda do mundo, pelo modo como o tratei.

— Policial?

— O famoso e respeitado Valis testemunhou a favor de Steve Zillis, não foi? Disse que Steve estava com ele num retiro ou algo do tipo no dia em que Judith Kesselman desapareceu.

— Certo. Mas você só chegaria a essa conclusão se...

— Assista ao noticiário noturno, detetive Ozgard. Quando Judi Kesselman desapareceu, Steve e Valis estavam trabalhando juntos. Um era o álibi do outro. Preciso desligar.

Billy lembrou-se de apertar o END antes de largar o telefone de Lanny. Ainda estava com a arma de choques e a pistola de Lanny. Prendeu o coldre Wilson Combat no cinto.

No armário do quarto, pegou um paletó esporte e vestiu-o para esconder a pistola do melhor modo possível. Pôs a arma de choque elétrico no bolso interno do paletó.

O que Steve estivera fazendo aqui à tarde? Naquela hora, já saberia que seu mentor fora posto fora do caminho, que a coleção de mãos e rostos fora descoberta. Podia até suspeitar que Valis estava morto. Billy se lembrou de ter encontrado a luz acesa no escritório. Foi até lá. Dessa vez, examinou atrás da mesa e encontrou o computador em modo de espera. Não o deixara ligado. Quando moveu o mouse, surgiu um documento.

A tortura pode acordar alguém em coma? O sangue dela, a mutilação, será seu terceiro ferimento.

Billy voou pela casa. Pulou os degraus da varanda dos fundos, cambaleou ao pousar e correu. A noite havia caído.

Uma coruja piou. Asas contra as estrelas.

Capítulo 76

Às 21h06, o estacionamento de visitantes diante do Whispering Pines tinha apenas um carro. O horário de visitas acabava às nove. Ainda não haviam trancado a porta da frente.

Billy entrou, atravessou o principal posto de enfermagem.

Havia duas enfermeiras atrás do balcão. Ele conhecia as duas. Disse: — Eu combinei para passar...

As luzes do teto se apagaram. As luzes do estacionamento também. O corredor principal estava quase tão escuro quanto o poço de lava. Deixou as enfermeiras confusas e seguiu pelo corredor até a ala oeste. A princípio, foi depressa, mas depois de 12 passos, no escuro, colidiu com uma cadeira de rodas, segurou-a, sentiu sua forma. Na cadeira, uma velha apavorada disse: — O que está acontecendo, o que você está fazendo?

— Tudo bem, a senhora vai ficar bem — garantiu ele, e foi em frente.

Agora, não se movia tão depressa, andava com os braços diante do corpo como um cego tateando obstáculos. Luzes de emergência nas paredes se acenderam, depois se apagaram, piscaram de novo e pifaram. Uma autoritária voz masculina gritou: — Por favor, fiquem em seus quartos. Nós vamos até vocês. Por favor, fiquem nos quartos.

As luzes de emergência tentaram funcionar de novo. Mas pulsavam com um terço da luminosidade e irregularmente.

Esses clarões e as sombras saltando eram desorientadores, mas Billy conseguia enxergar o suficiente para evitar as pessoas nos corredores. Outra enfermeira, um auxiliar, um velho de pijama, parecendo perplexos...

Um alarme de incêndio soltou uma ululação eletrônica.

Uma voz gravada começou as instruções de evacuação. Uma mulher com andador interceptou Billy e agarrou sua manga pedindo informações.

— Eles estão com tudo sob controle — garantiu Billy, enquanto passava depressa.

Virou o corredor para a ala oeste. Era logo adiante, à direita. A porta aberta. O quarto estava escuro. Aqui não havia luminária de emergência. Seu corpo bloqueava a pouca luz pulsante que vinha do corredor oeste. Portas batendo, uma cacofonia de portas batendo, que não eram portas e sim seu coração.

Tateou o caminho até a cama. Deveria ter chegado lá. Deu mais dois passos. A cama não estava ali. Deu piruetas às cegas, girando os braços no ar. Só encontrou o banco de bar. A cama tinha rodas. Alguém a havia transportado. No corredor de novo, olhou à esquerda, olhou à direita. Alguns pacientes de ambulatório tinham deixado os quartos. Uma enfermeira os guiava para sair em ordem.

Através da dança de luz e sombras, Billy viu um homem empurrando uma cama na outra extremidade do corredor, indo depressa para um sinal de SAÍDA que piscava em vermelho. Desviando-se de pacientes, enfermeiras, fantasmas de sombras, Billy correu. A porta no fim do corredor se abriu com um estrondo quando o homem bateu a cama contra ela.

Uma enfermeira agarrou Billy pelo braço, fazendo-o parar. Ele tentou se soltar, mas ela era forte.

— Ajude-me a empurrar alguns dos que estão na cama para fora daqui — disse ela.

— Não há incêndio.

— Deve haver. Precisamos evacuá-los.

— Minha mulher... — declarou ele, apesar de nunca ter se casado com Barbara— minha mulher precisa de ajuda.

Soltou-se da enfermeira quase derrubando-a e correu para o sinal piscante de SAÍDA. Empurrou a porta e saiu para a noite. Latas de lixo, carros e caminhonetes num estacionamento de funcionários. Por um momento, não viu o homem e a cama. Ali. Uma ambulância esperava a dez metros de distância, à esquerda, com o motor ligado. A porta traseira estava aberta. O cara com a cama estava quase chegando lá.

Billy sacou a pistola 9mm, mas não ousou disparar. Poderia acertar em Barbara.

Atravessando o asfalto, pôs a pistola no coldre e tirou a arma de choques do bolso interno do paletó. No último instante, Steve escutou Billy chegando. O monstro estava com uma pistola. Disparou duas vezes enquanto se virava. Billy já ia chegando por baixo do braço de Steve. A arma fez um estrondo acima de sua cabeça. Enfiou a ponta da arma de choque elétrico na barriga de Steve e apertou o gatilho. Sabia que a arma funcionaria através da roupa fina, uma camisa, mas não tinha verificado se ela estava com baterias novas.

Zillis entrou em espasmos quando a carga elétrica criou uma confusão nos fios de seu sistema nervoso. Ele não largou meramente a arma, jogou-a longe. Seus joelhos se dobraram.

Ele bateu a cabeça no para-choque da ambulância enquanto caía.

Billy chutou-o. Tentou chutá-lo na cabeça. Chutou-o de novo. Os bombeiros chegariam. A polícia. O xerife John Palmer, cedo ou tarde. Pôs a mão no rosto de Barbara. A respiração roçou sua palma como

uma pluma. Ela parecia bem. Dava para sentir seus olhos se movendo sob as pálpebras, sonhando Dickens. Olhando de volta para o Whispering Pines, viu que ninguém ainda havia sido evacuado pela saída da ala oeste. Empurrou a cama de Barbara para o lado. No chão, Steve se retorcia, dizendo: — Ahnnn, ahnnnn, ahnnn — numa imitação ruim de um ataque epilético.

Billy deu-lhe outro choque, depois guardou a arma no bolso. Pegou o monstro pelo cinto, pela gola da camisa, puxou-o para fora do asfalto. Não achava que tivesse força para levantar Zillis e jogá-lo na parte de trás da ambulância, mas o pânico o encheu de adrenalina. Os nós dos dedos da mão direita do monstro se chocavam incontrolavelmente contra o piso da ambulância, assim como sua nuca. Billy bateu a porta, segurou a barra do pé da cama de Barbara e a empurrou na direção do Whispering Pines. Quando estava a menos de três metros, a porta se abriu e um auxiliar apareceu, guiando um paciente com andador.

— Esta é minha mulher — disse Billy. — Eu a tirei daí.

Pode cuidar dela enquanto ajudo outros pacientes? — Tudo certo — garantiu o auxiliar. — É melhor eu colocá-la a uma distância segura, para o caso de haver incêndio.

Insistindo para que o homem do andador o acompanhasse, o auxiliar empurrou Barbara para longe do prédio, mas também para longe da ambulância que a esperava.

Quando sentou de frente para o volante e fechou a porta do motorista, Billy ouviu o monstro batendo os calcanhares contra alguma coisa e fazendo ruídos engasgados que poderiam ser palavrões quebrados. Billy não sabia quanto tempo durava o efeito de um choque daqueles. Talvez estivesse errado em rezar pedindo convulsões, mas rezou.

Encontrou o freio de mão, a alavanca de câmbio e rodeou a frente do prédio. Parou ao lado de seu Explorer.

Havia pessoas saindo do prédio para o estacionamento.

Estavam ocupadas demais para se incomodar com ele.

Transferiu para a ambulância o isopor onde estavam as mãos decepadas e depois saiu dali. Dirigiu por dois quarteirões antes de encontrar o interruptor das luzes de emergência e da sirene. Quando

passou pelos caminhões de incêndio vindos de Vineyard Hills, a ambulância estava cheia de clarões e som.

Achou que, quanto mais atenção chamasse para si mesmo, menos suspeito pareceria. Violou todos os limites de atravessando a parte nordeste de Vineyard e virou para o leste na rodovia estadual que levava à casa de Olsen.

Quando estava a três quilômetros da cidade, com vinhedos dos dois lados da estrada, ouviu o monstro murmurando com mais coerência e batendo lá atrás, evidentemente tentando sair. Foi para o acostamento, parou, mas deixou as luzes piscando. Passou entre os bancos e foi para a traseira.

De joelhos, segurando-se no cilindro de oxigênio, Zillis queria tremendamente ficar de pé. Seus olhos estavam luminosos, como os de um coiote à noite. Billy deu-lhe outro choque e Zillis desmontou, estremeceu, mas aquela não era uma arma mortal. Se atirasse no monstro, o sangue poderia espirrar em todo o equipamento de suporte de vida, fazendo uma sujeira completa. E deixando provas.

Na maca com rodas, havia dois finos travesseiros de espuma. Billy pegou-os. Deitado de costas, rolando a cabeça de um lado para o outro, Zillis não tinha qualquer controle muscular. Billy se deixou cair sobre o peito dele com os dois joelhos, fazendo-o perder o fôlego, quebrando mais de uma costela, e empurrou os travesseiros no rosto de Zillis.

Apesar de o monstro lutar pela vida, era uma luta ineficaz.

Billy quase não conseguiu terminar aquilo. Obrigou-se a pensar em Judith Kesselman, em seus olhos animados, seu sorriso de elfo, e se perguntou se Zillis teria cravado uma haste com ponta de lança nela, se tinha cortado o topo de seu crânio enquanto ela estava viva e lhe oferecido como uma taça de bebida. Então, acabou.

Soluçando, mas não por Zillis, subiu de novo de frente para o volante. Saiu pela estrada. A três quilômetros da entrada para a casa de Olsen, desligou as luzes de emergência e a sirene. Diminuiu até estar abaixo do limite de velocidade.

Como o alarme no Whispering Pines fora falso, a equipe do corpo de bombeiros não iria demorar. Quando devolvesse a ambulância, o estacionamento dos funcionários estaria deserto outra vez. Havia deixado a parafusadeira elétrica em casa.

Tinha quase certeza de que Lanny possuía uma. Iria pegá-la emprestada. Lanny não se importaria.

Quando chegou à casa, viu a lua em forma de foice, um pouco mais grossa do que na noite anterior, a lâmina de prata talvez mais afiada.

Capítulo 77

Durante todo o ano, o vale é lar de pombos-da-rocha e de pombos de rabo listrado, do pardal cantor e do ainda mais musical junco de olhos escuros. Os falcões de asas e rabos compridos conhecidos como francelhos americanos também ficam o ano todo. Sua plumagem distinta é luminosa e alegre.

Seus chamados agudos e claros soam como cráá-crâá-cráá, o que não deveria ser agradável aos ouvidos, mas é.

Billy comprou uma geladeira nova. E um micro-ondas.

Derrubou uma parede, combinando o escritório com a sala de jantar porque tinha planos de usar o espaço de modo diferente. Depois de escolher uma alegre cor amarelo- manteiga, repintou cada cômodo. Jogou fora os tapetes e os móveis e comprou tudo novo, porque não sabia onde a ruiva estivera sentada ou deitada quando a estrangularam ou despacharam de qualquer outro modo.

Pensou em demolir a casa e construir tudo de novo, mas percebeu que as casas não são assombradas. Nós somos assombrados, e independentemente da arquitetura com que nos rodeamos, nossos fantasmas ficam conosco até também virarmos fantasmas. Quando não estava trabalhando na casa ou atrás do balcão do bar, ficava sentado no quarto do Whispering Pines ou na varanda da frente, lendo os romances de Charles Dickens para saber melhor onde Barbara vivia.

Com a chegada do outono, os bem-te-vis do oeste se mudam do vale, e seu bem-te-vi, bem-te-vi só é ouvido de novo na primavera. A maioria dos papa-moscas também migra, ainda que alguns se adaptem e se demorem. No outono, Valis continuava sendo notícia, em especial nos tabloides e nos programas de TV que faziam estardalhaço com atrocidades fingindo ser jornalismo investigativo. Iriam se alimentar dele por pelo menos um ano, como os pica-paus se alimentam das larvas nas

glandes barulhentas, ainda que a natureza não tenha dado aos dois o imperativo que dera aos pica-paus.

Steve Zillis fora ligado a Valis. Os dois tinham sido vistos — disfarçados, mas reconhecíveis — na América do Sul, na Ásia, nas regiões mais sinistras da ex-União Soviética. Lanny Olsen supostamente estava morto, mas, de algum modo misterioso, também era um herói. Não tinha sido detetive, era apenas um policial, e antes jamais havia sido um policial motivado; no entanto, seus telefonemas para Ramsey Ozgard, do departamento de polícia de Denver, indicavam que ele possuía motivos para suspeitar de Zillis e, no fim, do próprio Valis.

Ninguém podia explicar por que Lanny não levara suas suspeitas a um superior. O xerife Palmer disse apenas que Lanny sempre fora "um lobo solitário que fazia seus melhores trabalhos fora dos canais oficiais", e, por algum motivo, ninguém riu nem perguntou ao xerife que diabo ele estava falando.

Uma teoria — popular no bar — dizia que Lanny tinha ferido Valis a tiros, mas que Steve Zillis havia chegado ao local e assassinado Lanny. Então, Steve tinha ido embora com o corpo de Lanny para se livrar dele, e também levou o artista ferido, para cuidar de sua saúde em algum esconderijo, já que todos os médicos têm a obrigação de informar sobre ferimentos a bala. Ninguém sabia em que veículo Steve tinha fugido, já que seu carro estava na garagem da casa, então, obviamente havia roubado o carro de alguém. Não tinha levado a motor home porque nunca a havia dirigido, e sem dúvida porque temia atrair atenção demais assim que o desaparecimento de Valis fosse noticiado.

Psicólogos e criminalistas que conheciam o comportamento sociopata argumentaram contra a idéia de que um psicopata homicida se inclinaria de modo altruísta a cuidar de outro sociopata homicida. Mas a idéia desses dois monstros se comportando com preocupação terna um para com o outro atraía a imprensa e o público. Se o Conde Drácula e o Frankenstein podiam ser bons companheiros, como acontecera em alguns filmes antigos, Zillis poderia ser levado a cuidar do mentor artístico ferido.

Ninguém jamais notou que Ralph Cottle havia desaparecido. Sem dúvida, alguém sentia falta da jovem ruiva, mas talvez ela viesse de uma parte distante do país e tivesse sido sequestrada na rodovia enquanto passava pela região vinícola. Se havia histórias sobre seu

desaparecimento em algum outro estado, ela jamais foi ligada ao caso Valis, e Billy jamais ficou sabendo seu nome.

Pessoas desaparecem todo dia. A mídia de alcance nacional não tem espaço nem tempo suficientes para informar cada caso. Ainda que os bem-te-vis do oeste e a maioria dos papa- moscas partam com o verão, a narceja aparece quando o outono aproxima-se do inverno, bem como o reizinho de crista rubi, que tem um canto agudo, claro e animado, com muitas frases.

Naqueles círculos rarefeitos em que os pensamentos mais simples são profundos e até mesmo o cinza tem gradações, surgiu um movimento para completar o mural inacabado. E queimá-lo, segundo o planejamento. Valis podia ser insano, argumentavam, mas arte é arte, e deve ser respeitada. O incêndio atraiu tamanha multidão entusiasmada de Hell's Angels, anarquistas organizados e niilistas sinceros, que Jackie O'Hara fechou as portas naquele fim de semana. Não queria gente assim num bar de família.

No fim do outono, Billy abandonou o trabalho de barman e trouxe Barbara para casa. Uma das extremidades da sala ampliada servia como quarto dela e escritório dele. Com sua companhia silenciosa, ele descobriu que podia escrever de novo. Ainda que Barbara não exigisse máquinas de suporte de vida — apenas uma bomba para fornecer um fluxo contínuo de comida pelo tubo até o estômago —, inicialmente Billy dependia da ajuda constante de enfermeiras profissionais. Mas aprendeu a cuidar dela, e, depois de várias semanas, raramente precisava de enfermeira, a não ser à noite, quando estava dormindo.

Esvaziava a bolsa do cateter de Barbara, trocava a fralda, limpava-a, dava banho e jamais sentia repulsa. Sentia-se melhor fazendo essas coisas para ela do que deixando estranhos fazerem. Na verdade, não esperava que cuidar dela desse modo fosse torná-la mais bonita para ele, mas foi o que aconteceu. Barbara o havia salvado uma vez, antes de lhe ser tirada, e agora o salvou de novo. Depois do terror, da violência brutal, do assassinato, dava-lhe a oportunidade de refazer o contato com a compaixão e de encontrar em si mesmo uma gentileza que, de outro modo, poderia ter perdido para sempre.

Estranho como os amigos começaram a fazer visitas. Jackie, Ivy, os cozinheiros Ramon e Ben, Shirley Trueblood. Harry Avarkian costumava vir de Napa. Às vezes traziam parentes, além de amigos, que

se tornavam amigos de Billy. Cada vez mais, as pessoas gostavam de ficar na casa dos Wiles. No Natal, havia uma multidão. Na primavera, quando os bem-te-vis do oeste e os papa-moscas retornaram aos montes, Billy tinha alargado a porta da frente e tirado a soleira para acomodar a cama de Barbara na varanda. Com uma extensão elétrica para manter a bomba de alimentação funcionando e permitir o ajuste do colchão, ela podia ficar em posição elevada, com o rosto virado para as quentes brisas do verão.

Na varanda, ele lia, às vezes em voz alta. E ouvia a música dos pássaros. E a olhava sonhando com Um conto de Natal.

Foi uma boa primavera, um verão ainda melhor, um belo outono, um inverno adorável. Esse foi o ano em que as pessoas começaram a chamá-lo de Bill, em vez de Billy, e ele não notou até que o novo nome passou a ser de uso comum.

Na primavera do ano seguinte, num dia em que ele e Barbara estavam juntos na varanda, Bill estava lendo para si mesmo quando ela disse: — Andorinhas de celeiro.

Ele não mantinha mais um caderno com as coisas que Barbara dizia, porque não se preocupava mais com a hipótese de ela estar com medo, perdida e sofrendo. Não estava perdida. Quando ergueu o olhar do livro, Bill descobriu um bando daqueles pássaros, movendo-se como um só, descrevendo padrões graciosos sobre o quintal diante da varanda. Olhou-a e viu que os olhos dela estavam abertos, que parecia espiar as andorinhas.

— São mais graciosas do que as outras andorinhas — disse Bill.

— Gosto delas.

Os pássaros eram elegantes, com as asas compridas, esguias, pontudas e as caudas longas e bifurcadas. As costas eram de um azul-escuro, os peitos, laranja.

— Gosto muito delas — disse Barbara, e fechou os olhos.

Depois de prender o fôlego por um tempo, Bill disse: — Barbara?

Ela não respondeu.

Eu disse à minh'alma, fica tranquila, e espera sem esperança
Pois a esperança seria esperar pelo equívoco.
Esperança, amor e fé estão todos à espera.
O poder não é a verdade da vida.
O amor pelo poder é o amor pela morte.

As andorinhas de celeiro voaram para outro lugar. Bill voltou ao livro que estivera lendo. O que tiver de ser, será. Há tempo para milagres até não haver mais tempo, e o tempo não tem fim.



Notas

Em momentos de tensão e indecisão, frases de sabedoria aparecem na mente de Billy Wiles, que é guiado por elas.

Ainda que Billy não faça qualquer referência, essas palavras são da obra de T.S. Eliot.

Capítulo 9: Preservai-me do inimigo que tem algo a conquistar; e do amigo que ainda tem o que perder. Também nesse capítulo: Ensinai-nos o desvelo e o menosprezo | Ensinai-nos a estar postos em sossego.

Capítulo 13: A única sabedoria a que podemos aspirar é a sabedoria da humildade: a humildade é infinita.

Capítulo 17: É que a sentença por demais não pese sobre nós.

Capítulo 33: Um dentre vós se recorda de como alcançar- lhe a porta. | Podeis iludir a Vida, mas da Morte sois vassalos.

Capítulo 66: Para possuíres o que não possuis | Deves seguir pelo caminho do despojamento. | (...) E o que não sabes é apenas o que sabes.

Capítulo 71: Para chegares ao que não és | Deves cruzar pelo caminho em que não és.

Capítulo 72: O mundo gira e o mundo se transmuda, | Mas há uma coisa que jamais se transfigura. | Em todos os meus anos algo existe que não muda. | Todavia a ocultais, esta coisa que perdura: | A eterna luta entre o Bem e o Mal.

Capítulo 77: Eu disse à minh'alma, fica tranquila, e espera sem esperança | Pois a esperança seria esperar pelo equívoco.

Nota do Autor

O departamento policial do condado de Napa nesta obra de ficção não guarda qualquer semelhança com a superlativa agência da lei que tem o mesmo nome no mundo real, e nenhuma pessoa desta história é baseada de algum modo em qualquer pessoa real do condado de Napa, Califórnia.

A declaração mais misteriosa de Barbara — Quero saber o que diz, o mar. O que ele fica dizendo — foi extraída de Dombey & Son.